

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*

DANIEL
SILVA

A garota
inglesa



*O destino de uma única jovem pode
fazer ruir o governo de todo um país*

Uma história de **Gabriel Allon**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*

DANIEL
SILVA

A garota inglesa

*O destino de uma única jovem pode
fazer ruir o governo de todo um país*

Uma história de **Gabriel Allon**



DANIEL
SILVA

*A
Garota
Inglesa*

THE ENGLISH GIRL
2013

Ficção Policial

Lançamento: 03/09/2015

Título Original: The English Girl

Copyright Daniel Silva 2013

TRADUÇÃO: CLAUDIO

CARINA

ISBN: 9788580414561

EAN: 9788580414561

EDITORA ARQUEIRO

2015

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila

Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail:

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sinopse

Advogado sem importância, Jonathan Lancaster não parecia nem um pouco apto a entrar na política. Mas ele sabia como trilhar seu caminho com base em contatos. Seus dois pilares foram Jeremy Fallon, o brilhante publicitário que procurava um garoto-propaganda para seu partido, e Simon Hewitt, o colunista que ditava o sucesso de qualquer aspirante a altos cargos. Assim, Lancaster se tornou o primeiro-ministro do Reino Unido, levando os amigos junto para o poder.

Passados quatro anos, o governo britânico está imerso em uma crise. Sem poder suportar mais nenhum problema em sua gestão, Lancaster recebe um bilhete de ameaça: “Em sete dias a garota morre.” Acompanhando o papel, vem um vídeo de Madeline Hart, funcionária do partido, confessando ser amante do primeiro-ministro.

Para a negociação, Lancaster pede a ajuda de Gabriel Allon, um espião israelense em dívida com o governo britânico. Porém, nem com toda a sua experiência o agente conseguirá prever as consequências do surpreendente caso.

Mescla de política, história e arte, A garota inglesa é um thriller que mergulha na descrição de cenários e na personalidade complexa dos personagens, fazendo o leitor se sentir um verdadeiro espião.

Mais uma vez, para minha mulher, Jamie, e meus filhos, Lily e Nicholas.

Quem leva uma vida imoral tem uma morte imoral.

PROVÉRBIO CORSO

Parte 1

A REFÉM

PIANA, CÔRSEGA

Foram atrás dela no final de agosto, na Córsega. A hora exata nunca seria determinada — algum momento entre o entardecer e o meio-dia do dia seguinte foi o máximo que os funcionários da casa conseguiram determinar. Eles a viram pela última vez durante o pôr do sol, descendo a entrada da casa de campo numa lambreta vermelha, com a saia de algodão transparente esvoaçando ao redor das coxas bronzeadas. Só ao meio-dia perceberam que não estava no quarto. A cama tinha apenas um livro, lido pela metade e com cheiro de óleo de coco e um vago traço de rum. Mais 24 horas se passaram antes de ligarem para os gendarmes. Era um verão agitado e Madeline era aquele tipo de garota.

Tinham chegado à ilha duas semanas antes: quatro garotas bonitas e dois rapazes zelosos, todos funcionários fiéis do governo britânico ou do partido da situação. Traziam um único carro — um Renault hatch compartilhado, grande o bastante para acomodar cinco pessoas, ainda que sem conforto — e a lambreta vermelha, usada apenas por Madeline, que a conduzia com uma imprudência quase suicida. A casa ocre ficava nos limites do vilarejo, a oeste, num penhasco com vista para o mar. Era arrumada e compacta, o tipo de lugar que corretores sempre descrevem como “charmoso”, com piscina e um jardim murado repleto de arbustos de alecrim e aroeiras. Poucas horas depois de chegarem, eles já tinham se acomodado naquele estado feliz de seminudez bronzada a que os turistas britânicos aspiram, independentemente do destino de suas viagens.

Embora fosse a mais jovem do grupo, informalmente Madeline era a líder, um fardo que aceitava sem problemas. Era ela que cuidava do aluguel da casa e providenciava os longos almoços, os jantares tardios e os passeios para o interior da ilha, sempre seguindo à frente na lambreta pelas ruas traiçoeiras. Ela nem se dava o trabalho de consultar um mapa. Seu conhecimento enciclopédico da geografia, história, cultura e cozinha da Córsega fora adquirido durante o longo período de estudo e preparações intensas nas semanas anteriores à viagem. Pelo visto, Madeline não queria deixar nada ao acaso. Raramente deixava.

Ela havia entrado para o Partido em Millbank fazia dois anos, depois de se formar em Economia e Políticas Públicas na Universidade de Edimburgo. Apesar de ter cursado uma instituição de segunda

categoria — a maior parte de seu;

colegas vinha de escolas públicas de elite e de Oxbridge transitou rapidamente por uma série de cargos administrativos antes de ser promovida a diretora de Envolvimento com a Comunidade. Seu emprego, como ela frequentemente o descrevia, consistia em conseguir votos junto a classes de britânicos que não tinham nenhuma razão para apoiar o Partido, sua plataforma ou seus candidatos. Todos concordavam que não passava de um posto temporário em sua jornada para um status melhor. O futuro de Madeline era brilhante — “brilhante como uma erupção solar”, nas palavras de Pauline, que observava a ascensão da colega mais jovem com uma boa dose de inveja. Rumores insinuavam que ela era beneficiada pela influência de alguém importante no Partido. Alguém próximo ao primeiro-ministro. Talvez até mesmo o próprio. Com uma aparência de estrela de cinema, intelecto aguçado e energia inesgotável, Madeline estava sendo preparada para uma vaga no Parlamento e um ministério. Tratava-se de uma questão de tempo. Pelo menos era o que diziam.

Por tudo isso, era muito estranho que Madeline Hart fosse solteira aos 27 anos. Quando lhe perguntavam sobre sua parca vida amorosa, ela declarava que estava ocupada demais para se dedicar a um homem. Fiona, uma linda mulher com cabelos escuros e um lado ligeiramente perverso, achava a explicação duvidosa. Na verdade, até acreditava que Madeline estava sendo desonesta — sendo que desonestidade era a melhor qualidade de Fiona, por isso seu interesse pelas políticas do Partido. Para sustentar sua teoria, ressaltava que, embora se estendesse em conversas sobre qualquer assunto imaginável, a moça era excepcionalmente reservada quando se tratava da vida pessoal. Madeline se dispunha a oferecer boatos ocasionais e inofensivos sobre a infância problemática — a sombria moradia popular em Essex, o pai de quem mal se lembrava, o irmão alcoólatra que não trabalhou um dia sequer na vida —, mas todo o resto ela mantinha oculto atrás de paredes de pedra cercadas por um fosso.

— Nossa Madeline poderia ser uma assassina psicopata ou acompanhante de luxo — sugeriu Fiona —, e ninguém saberia.

Mas Alison, uma auxiliar do Ministério do Interior que sofrera diversas decepções amorosas, tinha outra teoria.

— A pobrezinha está apaixonada — declarou ela uma tarde, ao observar Madeline saindo como uma deusa do mar da pequena enseada perto da casa. — O problema é que o seu amor não é correspondido.

— E por que não? — questionou Fiona com voz sonolenta, usando uma enorme viseira.

— Talvez ele não possa corresponder.

— Casado?

- Mas é claro.
- Maldito.
- Você nunca?
- O quê, se eu já tive caso com homem casado?
- Sim.
- Só duas vezes, mas estou considerando uma terceira.
- Você vai queimar no inferno, Fi.
- Estou contando com isso.

Foi naquele momento, na tarde do sétimo dia, que, confrontados com a menor das evidências, as três garotas e os dois rapazes hospedados com Madeline Hart na casa alugada em Piana assumiram a tarefa de encontrar um namorado para ela. E não qualquer um, disse Pauline. Ele precisaria ter a idade adequada, boa aparência e estabilidade financeira e mental, ser de boa família, sem podres e outras mulheres na cama. Fiona, a mais experiente nas questões do coração, disse que era uma missão impossível.

— Esse tipo de homem não existe — explicou, com o cansaço de uma mulher que passou muito tempo buscando alguém que cumprisse esses requisitos. — E, se existir, ou está casado ou tão apaixonado por si mesmo que não vai ter tempo para a pobre Madeline.

Apesar de suas dúvidas, Fiona mergulhou de cabeça no desafio, mesmo que fosse apenas para acrescentar um pouco de fofoca ao feriado. Felizmente, não faltavam alvos potenciais, pois parecia que metade da população do sudeste da Inglaterra tinha abandonado sua ilha úmida em busca do sol da Córsega. Havia uma colônia de financistas do centro de Londres que alugavam casas luxuosas na ponta norte do golfo do Porto. E o grupo de artistas vivendo como ciganos num povoado nas colinas da Castagniccia. E a trupe de atores na beira da praia em Campomoro. E a delegação de políticos da oposição que tramavam sua volta ao poder em uma mansão no topo dos penhascos de Bonifácio. Usando o Gabinete da Grã-Bretanha como cartão de visitas, Fiona logo arranhou uma série de encontros improvisados. Em todas as ocasiões — um jantar, uma caminhada pelas montanhas ou uma tarde regada a álcool na praia —, ela enlaçava o homem que achava mais interessante e o colocava ao lado de Madeline. Mas nenhum deles conseguiu escalar seus muros, nem mesmo o jovem ator que tinha acabado de fazer uma turnê bem-sucedida como protagonista do musical mais popular da temporada do West End.

— Realmente é um caso perdido — resignou-se Fiona ao voltar para casa uma noite com todo o grupo, sempre guiado por Madeline em sua lambreta vermelha.

— Quem você acha que é? — perguntou Alison.

— Não sei — respondeu Fiona com voz arrastada, deixando transparecer inveja. — Mas deve ser alguém muito especial.

Foi naquela época, faltando pouco mais de uma semana para o retorno a Londres, que Madeline começou a passar um bom tempo sozinha. Ela saía da casa de manhã cedo, normalmente antes de os outros terem acordado, e voltava no fim da tarde. Quando lhe perguntavam sobre seu paradeiro, ela dava respostas vagas, e durante o jantar se mostrava taciturna ou inquieta. Alison temeu pelo pior: achou que o suposto amante de Madeline tivesse informado que os seus serviços não seriam mais requisitados. Mas, no dia seguinte, depois de voltarem para casa após um passeio ao shopping, Fiona e Pauline anunciaram com alegria que Alison estava enganada. Parecia que o amante de Madeline viera para a Córsega. E Fiona tinha as fotos para provar.

Ele fora visto às 13h50 no Les Palmiers, no cais Adolphe Landry, em Calvi. Madeline estava numa mesa na beira do porto e tinha a cabeça um pouco voltada para o mar, como se não estivesse ciente do homem sentado à sua frente. Usava óculos escuros grandes e um chapéu de palha para se proteger sol, com um laço preto elaborado, que projetava uma sombra sobre sua face impecável. Pauline tentou se aproximar da mesa, mas Fiona, captando a intimidade tensa da cena, sugeriu uma retirada brusca. Ela se deteve o suficiente para, disfarçadamente, tirar a primeira fotografia incriminadora com o celular. Madeline pareceu alheia à intrusão, mas o homem, não. No instante em que Fiona apertou o botão, ele virou a cabeça bruscamente, como se um instinto animal o tivesse alertado de que sua imagem estava sendo capturada eletronicamente.

Depois de fugirem para uma brasserie próxima, Fiona e Pauline examinaram com cuidado o homem na foto. Seu cabelo, louro-cinza, estava desgrenhado pelo vento e o volume exagerado lhe dava um ar quase infantil. Caindo sobre a testa, emoldurava um rosto anguloso, dominado por uma boca pequena e cruel. O traje era vagamente marítimo: calças brancas, uma camisa em tecido oxford com listras azuis, um relógio grande de mergulhador, mocassins de lona com solas que não deixariam marcas no convés de um navio. Ele era um homem desse tipo: nunca deixava marcas.

Partiram do princípio de que ele fosse inglês, embora pudesse ser alemão, escandinavo ou, talvez, especulou Pauline, um descendente de nobres poloneses. Dinheiro claramente não era problema, considerando-se a garrafa de champanhe cara que suava no balde de gelo no canto da mesa. Imaginaram que sua

fortuna fora conquistada, e não herdada, mas que não seria totalmente legal seria um apostador. Teria contas bancárias na Suíça. Viajava para lugares perigosos. Procurava ser discreto. Seus afazeres,

assim como os mocassins de . não deixavam nenhuma marca.

Mas foi Madeline que mais as intrigou. Ela já não era a garota que conheciam de Londres, nem mesmo a garota com quem estavam compartilhando uma villa nas últimas duas semanas. Parecia ter adotado uma postura completamente diferente. Era uma atriz em outro filme. Reclinadas sobre o celular como uma dupla de adolescentes, Fiona e Pauline escreveram o diálogo e acrescentaram carne e osso aos seus personagens. Na versão delas, o romance tinha começado de maneira inocente, com um encontro por acaso numa loja exclusiva na Bond Street. O flerte havia sido longo, e a consumação, planejada com minúcias. Mas, por enquanto, o final da história era desconhecido, pois a vida real ainda estava por escrevê-lo. Ambas concordaram que seria trágico.

— É assim que histórias desse tipo sempre acabam — afirmou Fiona, por experiência própria. — A garota conhece o garoto. A garota se apaixona pelo garoto.

A garota tem os seus sentimentos feridos e faz o possível para destruir o garoto.

Fiona tirou mais duas fotos de Madeline e seu amante naquela tarde. Uma mostrava os dois caminhando pelo cais sob o sol forte, com as mãos se tocando de leve, meio furtivas. Na outra, o casal se separava sem um beijo sequer. Naquela cena, o homem subiu num bote Zodiac e partiu em direção ao por Madeline montou em sua lambreta vermelha e voltou para casa. Ao chegar, não estava mais carregando o chapéu de sol com o laço preto elaborado.

Naquela noite, ao relatar os eventos do dia, ela não mencionou a ida a Calvi nem o almoço com o homem de aparência próspera no Les Palmiers.

Fiona achou a performance impressionante.

— Nossa Madeline tem uma habilidade extraordinária para mentiras — disse ela a Pauline. — Talvez seu futuro seja tão brilhante quanto dizem. Quem sabe Talvez ela seja primeira-ministra algum dia.

As quatro garotas bonitas e os dois rapazes zelosos da casa alugada planeja:a— um almoço em Porto, uma cidade próxima. Madeline fez as reservas em France e até mesmo instou o proprietário a guardar sua melhor mesa, que fica . no terraço com vista para a parte rochosa da enseada. Imaginaram que iriam para o restaurante na caravana de sempre, mas, pouco antes das sete, Madeline declarou que estava indo a Calvi para tomar um drinque com um velho amigo de Edimburgo.

— Encontro vocês no restaurante! — gritou ela por cima do ombro, descendo a rampa. — E, pelo amor de Deus, tentem chegar na hora para variar!

Então ela se foi. Ninguém achou estranho ela não aparecer

para o jantar. Nem ficaram alarmados ao acordarem e verem sua cama vazia. Era um verão agitado e Madeline era aquele tipo de garota.

A polícia nacional francesa declarou oficialmente que Madeline Hart estava desaparecida às 14 horas da última sexta-feira de agosto. Depois de três dias de buscas, não descobriram nenhum vestígio dela além da lambreta vermelha, que acharam numa ravina isolada próxima ao monte Cinto, com a lanterna quebrada. No fim da semana, a polícia já tinha praticamente perdido qualquer esperança de encontrá-la com vida. Em público, insistiram que o caso consistia numa busca por uma turista britânica desaparecida. Em particular, no entanto, já procuravam seu assassino.

Não havia suspeitos além do homem com quem ela almoçara no Les Palmiers no dia de seu desaparecimento. Mas, assim como Madeline, ele parecia ter sumido da face da terra. Era um amante secreto, como Fiona e os outros desconfiavam, ou os dois teriam se conhecido havia pouco tempo, na Córsega? Ele seria inglês? Francês? Ou, nas palavras de um detetive frustrado, um alienígena de outra galáxia que tinha se desfeito em partículas e voltado para a nave espacial? A garçonete do Les Palmiers não foi de muita ajuda. Lembrava que ele conversara em inglês com a garota de chapéu, mas que fizera seu pedido num francês perfeito. O homem havia pagado a conta em dinheiro — notas novas e limpas que ele colocara na mesa como um jogador de pôquer — e dera uma generosa gorjeta, algo raro naqueles dias de crise econômica na Europa. O que mais marcara a garçonete foram as mãos dele: muito pouco pelo, nenhuma marca de sol ou cicatriz, unhas limpas. O desconhecido cuidava muito bem das unhas. Ela gostava disso num homem.

Sua fotografia foi mostrada com discrição nos bares e restaurantes mais finos da ilha, mas gerou apenas reações apáticas. Ao que tudo indicava, ninguém tinha posto os olhos nele. E, se alguém tivesse, não conseguia se recordar de seu rosto. Era um tipo comum nas praias da Córsega no verão: bem bronzado, óculos de sol caros e um relógio suíço de puro ouro para aumentar seu ego. Era um nada com um cartão de crédito e uma garota bonita do outro lado da mesa. Era um homem esquecido.

Talvez para os donos de lojas e restaurantes da Córsega, mas não para a polícia francesa. A imagem foi passada por todos os bancos de dados de criminosos em seu arsenal e por mais alguns. Como nenhuma busca deu frutos, os policiais debateram a possibilidade de revelar a foto para a imprensa. Algumas pessoas, especialmente nos

cargos mais altos, argumentaram contra. Afinal, era possível que o pobre coitado não tivesse culpa de nada, talvez apenas de infidelidade, algo longe de ser crime na França. Mas, quando se passaram mais 72 horas sem nenhum progresso, concluíram que não havia escolha: precisariam pedir ajuda à população. Duas fotografias editadas com cuidado foram liberadas para a imprensa — uma do homem sentado no Les Palmiers; outra dele andando ao longo do cais — e, ao anoitecer, os investigadores já estavam sendo bombardeados por centenas de pistas. Rapidamente eliminaram os farsantes e os trotes e focaram recursos apenas nas que pareciam mais plausíveis. Porém, nada deu resultado. Uma semana depois do desaparecimento, o único suspeito ainda era um homem sem nome nem nacionalidade.

Apesar de a polícia não ter nada promissor, não faltavam teorias. Um grupo de detetives acreditava que o homem do Les Palmiers era um psicopata que tinha atraído Madeline para uma armadilha. Outro grupo achava que era apenas alguém no lugar errado e na hora errada. De acordo com essa hipótese, ele era casado, portanto não poderia se revelar e cooperar com a polícia. Já Madeline provavelmente teria sido vítima de um assalto que acabara mal — uma jovem andando de moto sozinha era um alvo tentador. Em algum momento o corpo apareceria. O mar o cuspiria, um alpinista o encontraria nas colinas ou um fazendeiro o desenterraria ao arar o campo. Assim eram as coisas na ilha: a Córsega sempre devolvia os seus mortos.

As falhas da polícia foram uma ocasião propícia para os ingleses criticarem os franceses. Mas, de forma geral, até mesmo os jornais simpáticos à oposição trataram o desaparecimento de Madeline como uma tragédia nacional. Sua ascensão notável, desde a moradia popular em Essex, foi narrada em detalhes, e diversos membros do Partido emitiram declarações sobre uma carreira promissora abreviada precocemente. Sua mãe chorosa e seu irmão desajeitado deram uma única entrevista para a televisão e, em seguida, desapareceram das vistas do público. O mesmo aconteceu com seus companheiros de férias na Córsega. Ao voltarem para a Inglaterra, apareceram juntos numa coletiva de imprensa no aeroporto de Heathrow, observados por uma equipe de assessores do Partido. Posteriormente, recusaram todos os outros pedidos de entrevistas, incluindo aqueles que ofereciam pagamentos lucrativos. A cobertura não incluiu nenhum traço de escândalo. Não houve histórias sobre bebedeiras festivas, jogos sexuais ou perturbação da ordem pública, apenas a baboseira de sempre sobre os perigos enfrentados por mulheres jovens viajando em países estrangeiros. Na sede do Partido, a assessoria de imprensa se parabenizou em particular pela hábil manipulação do caso, enquanto a equipe política percebeu uma leve melhoria na aprovação ao

primeiro-ministro. Por trás de portas fechadas, chamaram o fenômeno de “o efeito Madeline”.

Gradualmente, as matérias sobre o destino de Madeline saíram das primeiras páginas e foram para as seções internas e, ao final de setembro, ela já tinha desaparecido dos jornais. Era outono, hora de voltar ao negócio de governar. Os desafios que a Inglaterra enfrentava eram imensos: uma economia em recessão, a zona do euro na UTI, uma lista interminável de males sociais não resolvidos que estavam destruindo a qualidade de vida no Reino Unido. Pairando sobre tudo, a perspectiva de uma eleição. O primeiro-ministro tinha dado inúmeras pistas de que haveria uma antes do fim do ano. Ele estava ciente dos riscos políticos de voltar atrás agora. Jonathan Lancaster estava à frente do governo britânico porque seu antecessor havia deixado de convocar uma eleição após meses de flerte público com a ideia. Lancaster, então líder da oposição, dissera que ele era “o Hamlet do Número 10” — em referência ao endereço da residência do primeiro-ministro — e a ferida mortal se abriu.

Isso tudo explicava por que Simon Hewitt, o diretor de comunicação do primeiro-ministro, não andava dormindo bem nos últimos tempos. O padrão de sua insônia nunca variava. Exausto pela rotina esmagadora de trabalho, adormecia rapidamente, em geral com uma pasta de arquivos sobre o peito, mas acordava duas ou três horas depois. Uma vez desperta, sua mente se acelerava. Após quatro anos no governo, ele parecia incapaz de focar nada além do negativo. Esse era o preço de ser assessor de imprensa na Downing Street. No mundo de Simon Hewitt não havia triunfos, apenas desastres e quase desastres. Como os terremotos, sua intensidade variava de pequenos tremores que mal eram sentidos a convulsões sísmicas capazes de derrubar prédios e desfazer vidas. Todos esperavam que Hewitt previsse a calamidade vindoura e, se possível, contivesse os danos. Nos últimos tempos, ele tinha chegado à conclusão de que seu trabalho era impossível. Nos momentos mais sombrios, essa constatação lhe dava um pouquinho de consolo.

Ele já fora um homem de reputação. Como colunista-chefe de política do

Times, Hewitt havia sido uma das pessoas mais influentes do gabinete, no Palácio de Whitehall. Com poucas palavras de sua característica prosa afiada, podia condenar uma política governamental, assim como a carreira do ministro responsável por apresentá-la. O poder de Hewitt se tornou tão grande que nenhum governo tomava uma decisão importante sem consultá-lo. E nenhum político que aspirasse a um futuro melhor pensaria em concorrer a um posto de liderança em algum partido sem garantir o apoio de Hewitt. Foi o que fez Jonathan Lancaster, um ex-advogado do centro

financeiro londrino, egresso de um distrito parlamentar do subúrbio. No início, Hewitt não lhe deu muita importância: era muito polido, bem-apegoado e elitista para ser levado a sério. Mas, com o passar do tempo, ele passou a considerar Lancaster um competente homem de ideias que queria reconstruir seu partido moribundo para, então, reconstruir o país. Hewitt se surpreendeu ao perceber que realmente gostava de Lancaster, o que nunca era um bom sinal. À medida que o relacionamento progrediu, os dois passaram menos tempo fofocando sobre as manobras políticas de Whitehall e mais discutindo como consertar a sociedade britânica. Na noite da eleição, quando Lancaster conquistou a vitória com a maior margem de apoio do Parlamento daquela geração, Hewitt foi uma das primeiras pessoas para quem ele ligou.

— Simon — disse, com sua voz sedutora. — Eu preciso de você, Simon. Não posso fazer isso sozinho.

Aquela altura, Hewitt já tinha escrito com fervor sobre as perspectivas de sucesso de Lancaster, sabendo muito bem que, em alguns dias, estaria trabalhando para ele na Downing Street.

Agora, Hewitt abriu os olhos lentamente e fitou com desprezo o relógio ao lado da cama. Os dígitos brilhantes indicavam que eram 3h42, como se estivessem zombando dele. Ao lado do relógio estavam três celulares, todos com a bateria carregada para o ataque da mídia do dia seguinte. Ele gostaria de poder recarregar as próprias baterias com a mesma facilidade, mas, àquela altura, não havia sono ou sol tropical que pudesse reparar o dano que ele infligira ao seu corpo de meia-idade. Olhou para Emma. Como sempre, ela estava dormindo profundamente. Em outros tempos, Hewitt poderia ter pensado em um jeito lascivo de acordá-la, mas isso já não era mais possível; sua cama conjugal havia se tornado uma lareira apagada e congelada. Por um breve período, Emma fora seduzida pelo glamour do emprego dele, mas depois passou a se ressentir da devoção servil do marido a Lancaster. Ela encarava o primeiro-ministro quase como um rival sexual, e seu ódio atingira um fervor irracional.

— Você é duas vezes melhor que ele, Simon — comentara Emma na noite anterior antes de lhe dar um beijo frio na bochecha caída. — Ainda assim, por alguma razão, você sente a necessidade de fazer o papel de criado. Talvez algum dia possa me dizer por quê.

Hewitt sabia que o sono não voltaria, não agora; então ficou acordado na cama e escutou a sequência de sons que sinalizavam o começo de seu dia. O baque dos jornais matinais na porta. O gorgolejo da máquina de café automática. O ronronar de um sedã do governo na rua, embaixo de sua janela. Levantando-se com cuidado para não acordar Emma, vestiu o roupão e desceu até a cozinha. A cafeteira sibilava raivosamente. Hewitt preparou uma xícara sem açúcar, pelo

bem de sua cintura em expansão, e a levou para o hall. Uma rajada de vento úmido o saudou quando ele abriu a porta. A pilha de jornais estava envolta em plástico sobre o tapete de boas-vindas ao lado de uma panela de barro com gerânios mortos. Ao se curvar, viu mais uma coisa: um envelope de papel pardo bem selado, sem nada escrito. Soube na mesma hora que não tinha vindo da sede do governo, pois ninguém de sua equipe se atreveria a deixar nem o mais trivial documento ali na soleira. Portanto, deveria ser algo não solicitado. Isso não era incomum; os velhos colegas da imprensa conheciam seu endereço em Hampstead e sempre lhe deixavam encomendas. Pequenos presentes por uma informação vazada no momento certo. Discursos agressivos referentes a alguma desfeita percebida. Um rumor perverso sensível demais para ser transmitido por e-mail. Hewitt fazia questão de ficar em dia com a fofoca de Whitehall. Sendo ex-repórter, sabia que o que era dito pelas costas de um homem costumava ser muito mais importante que o que era escrito sobre ele nas primeiras páginas.

Hewitt cutucou o envelope com o dedão para ver se não continha fios ou baterias, então o colocou em cima dos jornais e voltou para a cozinha. Depois de ligar a televisão e baixar o volume até um sussurro, tirou os jornais do plástico e passou os olhos pelas primeiras páginas. Estavam dominadas pela proposta de Lancaster para tornar a indústria britânica mais competitiva com uma diminuição das taxas de juros. Como já era de esperar, o Guardian e o Independent estavam horrorizados, mas, graças aos esforços de Hewitt, a maior parte das matérias era positiva. As outras notícias de Whitehall eram misericordiosamente benignas. Nenhum terremoto. Nem mesmo tremores.

Depois de passar pelos chamados jornais de maior prestígio, Hewitt deu uma lida rápida nos tabloides, que considerava um termômetro mais confiável da opinião pública britânica do que qualquer enquete. Em seguida, servindo-se de mais café, abriu o envelope anônimo. Dentro, havia três itens: um DVD, uma única folha de papel A4 e uma fotografia.

— Merda — praguejou Hewitt, baixinho. — Merda, merda, merda.

O que aconteceu depois passaria a ser fonte de muita especulação. Para Simon Hewitt, um ex-jornalista político que deveria ter sido mais sensato, não faltaram recriminações. Em vez de contatar a polícia metropolitana londrina, como exigia a lei inglesa, ele carregou o envelope até o escritório na Downing Street, número 12. Depois de conduzir a reunião habitual das oito horas, durante a qual não mencionou os itens, Hewitt os mostrou para Jeremy Fallon, conselheiro político de Lancaster e o chefe de gabinete mais poderoso

da história inglesa. Suas responsabilidades oficiais incluíam planejamento estratégico e coordenação de políticas dos diversos departamentos do governo, o que lhe permitia meter o nariz em qualquer questão de seu interesse. A imprensa frequentemente se referia a ele como o “cérebro de Lancaster”, um título que agradava a Fallon e gerava ressentimento em Lancaster.

A reação de Fallon diferiu apenas na escolha do palavrão. Seu primeiro instinto foi levar na mesma hora o material para Lancaster, mas, como era quarta-feira, esperou até o chefe sobreviver à batalha de gladiadores conhecida como Perguntas ao Primeiro-Ministro. Em nenhum momento da reunião, Lancaster, Hewitt ou Jeremy Fallon sugeriram passar o material para as autoridades competentes. Os três concordaram que precisavam de uma pessoa discreta e habilidosa, à qual, acima de tudo, poderiam confiar a proteção dos interesses do primeiro-ministro. Fallon e Hewitt pediram uma lista de candidatos a Lancaster, que deu apenas um nome. Havia uma relação familiar e, o mais importante, uma dívida não paga. Lealdade contava muito em tempos assim, disse o primeiro-ministro, mas influência era algo muito mais eficiente.

Isso explica o convite sutil feito por Downing Street a Graham Seymour, o vice-diretor de longa data do Serviço de Segurança britânico, também conhecido como MI5. Muito tempo depois, Seymour descreveria o encontro — realizado na sala de reuniões diante de um retrato carrancudo da baronesa Thatcher — como o mais difícil da carreira. Concordou em ajudar o primeiro-ministro sem hesitação, pois era isso que um homem como ele fazia em circunstâncias daquele tipo. Ainda assim, deixou claro que, caso seu envolvimento algum dia se tornasse público, destruiria o responsável.

Ficou em aberto apenas a identidade do agente que conduziria a busca. Assim como Lancaster, Graham tinha apenas um candidato. Ele não compartilhou o nome com o primeiro-ministro. Em vez disso, usando fundos de uma das várias contas operacionais secretas do MI5, reservou um assento num voo da

Brites Airways daquela tarde com destino a Tel Aviv. Enquanto o avião decolava, Graham ponderou a melhor abordagem. Lealdade contava muito em tempos assim, mas influência era algo bem mais eficiente.

JERUSALÉM

O coração de Jerusalém, não. muito longe do Ben Yehuda Mall, ficava a silenciosa e arborizada rua Narkiss. O prédio no número 16 era pequeno, com apenas três andares, parcialmente oculto por um robusto muro de pedra calcária e um imenso eucalipto crescendo no jardim da frente. O apartamento no terceiro andar era igual aos outros, exceto pelo fato de já ter pertencido ao serviço secreto de inteligência do Estado de Israel. Tinha uma sala de estar espaçosa, uma cozinha bem-arranjada cheia de eletrodomésticos modernos, uma sala de jantar formal e dois quartos. O quarto menor, reservado para uma criança, fora penosamente convertido num estúdio artístico. Mas Gabriel ainda preferia trabalhar na sala de estar, onde a brisa fresca que vinha da varanda ajudava a dissipar o cheiro forte dos solventes.

No momento, ele estava usando uma solução, preparada com cuidado, de acetona, álcool e água destilada, que aprendera a fazer em Veneza com o mestre restaurador de arte Umberto Conti. A mistura era forte o bastante para dissolver contaminações na superfície e o verniz velho, mas não chegava a prejudicar as pinceladas originais do artista. Gabriel umedeceu um cotonete feito à mão na solução e o girou delicadamente sobre o peito empinado de Suzana. Ela olhava em outra direção, banhando-se, e mal parecia ciente dos dois anciãos lascivos da aldeia que a espiavam de trás do muro do jardim. Gabriel tinha uma atitude protetora em relação a mulheres e desejava poder intervir, poupando-a do trauma por vir: as falsas acusações, o julgamento, a sentença de morte. Em vez disso, continuou o serviço e observou a pele amarelada dela adquirir um tom branco luminoso.

Quando o cotonete já estava imundo, Gabriel o colocou num frasco hermético para reter os vapores. Enquanto preparava outro, seus olhos se moveram lentamente pela superfície da pintura. Até aquele momento, a obra era atribuída apenas a um discípulo de Ticiano. Mas o proprietário atual da tela, o renomado negociante de arte Julian Isherwood, acreditava que a tela tinha vindo do estúdio de Jacopo Bassano. Gabriel concordava — na verdade, agora que expusera um pouco da pincelada, viu evidências do próprio mestre, especialmente na imagem de Suzana. Ele conhecia bem o estilo do pintor, pois havia estudado bastante suas pinturas e passara vários meses em Zurique restaurando uma tela importante de Bassano para

um colecionador particular. Na última noite de sua estadia, matara um homem chamado Ali Abdel Hamidi num beco úmido perto do rio, um líder terrorista palestino com um bocado de sangue israelense nas mãos, que estava se passando por dramaturgo. Gabriel lhe dera uma morte digna de suas pretensões literárias.

Ele umedeceu o novo cotonete no solvente, mas, antes de dar continuidade ao trabalho, escutou o ronco familiar do motor de um carro pesado na rua. Foi à varanda para confirmar suas suspeitas e, então, abriu a porta da frente uns 2 centímetros. Um instante depois, Ari Shamron já estava empoleirado num banquinho de madeira ao lado de Gabriel. Vestia calça cáqui, camisa de oxford branca e uma jaqueta de couro com um rasgo no ombro esquerdo. Seus óculos feios refletiam a luz das lâmpadas de halogênio que Gabriel usava para trabalhar. Seu rosto, com rugas e sulcos profundos, estava travado numa expressão de puro desgosto.

— Eu senti o cheiro desses produtos químicos assim que saí do carro. Imagino o estrago que eles provocaram ao seu corpo depois de todos esses anos.

— Tenho certeza que não é nada comparado ao dano que você provocou — retrucou Gabriel. — Estou surpreso por eu ainda ser capaz de segurar um pincel.

Gabriel tocou o cotonete umedecido na pele de Suzana e o girou devagar. Shamron consultou seu relógio de aço inoxidável e franziu a testa, como se houvesse algo errado.

— O que foi? — perguntou Gabriel.

— Estou só imaginando quanto tempo vai levar até você me oferecer uma xícara de café.

— Você sabe onde fica tudo. Agora você praticamente mora aqui.

Shamron resmungou alguma coisa em polonês sobre a ingratidão das crianças. Em seguida, ergueu-se do banco com um impulso e, apoiando-se pesada— mente na bengala, foi até a cozinha. Conseguiu encher a chaleira com água da torneira, mas pareceu perplexo com os diversos botões do fogão. Por duas vezes, Ari Shamron havia sido diretor do serviço secreto de inteligência de Israel e, antes disso, fora um dos oficiais mais condecorados do mesmo serviço. Agora, contudo, já velho, parecia incapaz de realizar as tarefas caseiras mais básicas. Cafeteiras, liquidificadores, torradeiras, todos esses utensílios eram um mistério para ele. Gilah, sua esposa resignada, costumava brincar que, se o grande Ari Shamron fosse deixado sozinho, seria capaz de morrer de fome numa cozinha cheia de comida.

Gabriel acendeu o fogão e voltou ao trabalho. Shamron ficou parado no vão das portas da varanda, fumando. O fedor do tabaco

turco logo prevaleceu sobre o odor do solvente.

— Isso é mesmo necessário? — questionou Gabriel.

— É.

— O que está fazendo em Jerusalém?

— O primeiro-ministro queria dar uma palavra.

— Sério?

Shamron olhou para Gabriel de cara fechada através da cortina de fumaça cinza-azulada.

— Por que um pedido do primeiro-ministro para me ver surpreenderia você?

— Porque...

— Eu sou velho e irrelevante? — completou Shamron.

— Você é exagerado, impaciente e às vezes irracional. Mas você nunca foi irrelevante.

Shamron assentiu. A idade havia lhe dado a habilidade de, pelo menos, perceber suas falhas, apesar de ter roubado o tempo necessário para que ele pudesse remediá-las.

— Como ele está? — perguntou Gabriel.

— Como você pode imaginar.

— Sobre o que vocês conversaram?

— Nossa conversa foi abrangente e franca.

— Isso quer dizer que vocês gritaram um com o outro?

— Eu só gritei com um primeiro-ministro.

— Qual? — indagou Gabriel, realmente curioso.

— Golda. Foi depois de Munique. Eu lhe disse que precisávamos mudar as nossas táticas, aterrorizar os terroristas. Dei a ela uma lista de nomes de homens que deviam morrer. Golda não queria saber daquilo.

— Então você gritou com ela?

— Não foi meu melhor momento.

— O que ela fez?

— Gritou também, claro. Mas, no fim das contas, compreendeu meu raciocínio. Então, montei outra lista de nomes, dos jovens de quem eu precisava para realizar a operação. Todos concordaram sem hesitar. — Shamron fez uma pausa, em seguida acrescentou: — Todos menos um.

Em silêncio, Gabriel guardou o cotonete sujo no frasco hermético, que reteve os gases tóxicos do solvente, mas não a memória de seu primeiro encontro com o homem que eles chamavam de Memuneh, a pessoa encarregada. Ocorrera a poucas centenas de metros de onde ele estava agora, no campus da Academia Bezalel de Artes e Design. Gabriel tinha acabado de assistir a uma palestra sobre as pinturas de Viktor Frankel, o renomado expressionista alemão que também era seu avô materno. Shamron esperava por ele na beira de

um pátio ensolarado, um homem baixo e esguio, com óculos escuros tenebrosos e dentes afiados, que lembravam uma armadilha de aço. Como sempre, estava bem preparado. Sabia que a mãe de Gabriel, uma artista talentosa, tinha sobrevivido ao campo de concentração em Birkenau, mas que não conseguira derrotar o câncer que devastara seu corpo. Também sabia que a língua materna de Gabriel era o alemão e que esse ainda era o idioma no qual ele sonhava. Todas as informações estavam na pasta que Shamron segurava com dedos manchados de nicotina.

— A operação será chamada Ira de Deus — explicara ele. — Não se trata de justiça. Trata-se de vingança, pura e simplesmente. Queremos vingar as onze vidas inocentes perdidas em Munique.

Gabriel disse a Shamron para procurar outra pessoa.

— Eu não quero outra pessoa. Eu quero você.

Pelos três anos seguintes, Gabriel e os outros agentes da Ira de Deus seguiram suas presas pela Europa e pelo Oriente Médio. Carregando uma Beretta calibre 22, uma arma discreta, adequada para matar de perto, Gabriel assassinou seis membros do Setembro Negro. Sempre que possível, atirava onze vezes, uma bala para cada israelense massacrado em Munique. Quando finalmente voltou para casa, o cabelo ao redor de suas têmporas estava grisalho e seu rosto era o de um homem vinte anos mais velho. Incapaz de produzir trabalhos de arte originais, ele foi a Veneza para estudar restauração. Então, depois de repousar, voltou a trabalhar para Shamron. Nos anos que se seguiram, desempenhou algumas das operações mais fabulosas na história da inteligência israelense. Agora, após muitos anos peregrinando incansavelmente, voltara para Jerusalém. Ninguém ficou mais satisfeito do que Shamron, que amava Gabriel como um filho e tratava o apartamento na rua Narkiss como se fosse o seu próprio. Em outros tempos, talvez Gabriel tivesse se irritado com a presença constante de Shamron, mas agora isso não o incomodava. O Velho era eterno, mas o corpo em que seu espírito residia não duraria para sempre.

Nada havia prejudicado mais a saúde de Shamron do que o implacável tabagismo. Fora um hábito adquirido na juventude, no leste da Polônia, e que piorara depois de sua ida à Palestina, onde lutou na guerra que levou à independência de Israel. Agora, enquanto descrevia a reunião com o primeiro— -ministro, ele abriu seu velho isqueiro Zippo e o usou para acender mais um cigarro fétido.

— O primeiro-ministro está inquieto, mais do que o normal. Imagino que ele tenha esse direito. O grande Despertar Árabe levou a região toda ao caos. E os iranianos estão cada vez mais perto de realizarem seus sonhos nucleares. Em breve, vão entrar numa zona de imunidade, impossibilitando uma ação militar nossa sem a ajuda dos

americanos. — Shamron fechou o isqueiro com um estalo e olhou para Gabriel, que tinha voltado a trabalhar na pintura. — Você está me ouvindo?

— Cada palavra.

— Prove.

Gabriel repetiu a última declaração de Shamron palavra por palavra. Shamron sorriu. Ele considerava a memória impecável de Gabriel uma de suas melhores virtudes. Girou o Zippo entre os dedos. Duas voltas para a direita, duas para a esquerda.

— O problema é que o presidente americano não quer demarcar um limite inflexível. Ele diz que não vai permitir que os iranianos construam armas nucleares. Mas não faz diferença nenhuma dizer isso se os iranianos têm a capacidade de construí-las num curto período de tempo.

— Como os japoneses.

— Os japoneses não são governados por xiitas apocalípticos. Se o presidente americano não tomar cuidado, suas duas conquistas mais relevantes na política externa serão um Irã nuclear e a restauração do califado islâmico.

— Bem-vindo ao mundo pós-americano, Ari.

— E é por isso que eu acho uma estupidez deixar nossa segurança nas mãos deles. Mas esse não é o único problema do primeiro-ministro. Os generais não têm certeza se podem destruir o suficiente do programa para fazer com que um ataque militar seja eficiente. E o King Saul Boulevard, liderado por seu amigo Uzi Navot, está dizendo ao primeiro-ministro que uma guerra unilateral contra os persas seria uma catástrofe de proporções bíblicas.

O King Saul Boulevard era o endereço do serviço secreto de inteligência israelense no exterior. O nome longo e propositalmente enganoso tinha muito pouco a ver com a verdadeira natureza de suas atividades. Até mesmo agentes aposentados como Gabriel e Shamron se referiam à instalação apenas como “o Escritório”.

— Uzi é que vê a realidade nua e crua todos os dias — falou Gabriel.

— Eu vejo também... Não tudo — acrescentou Shamron às pressas mas o bastante para me convencer de que os cálculos de Uzi sobre quanto tempo nós temos podem estar errados.

— Matemática nunca foi o ponto forte de Uzi. Mas, quando estava em campo, ele nunca errava.

— Isso porque ele raramente se colocava numa posição em que fosse possível cometer um erro. — Shamron parou de falar, observando o vento mover o eucalipto além do parapeito da varanda de Gabriel. — Eu sempre disse que uma carreira sem controvérsias não é uma carreira de verdade. Tive o meu quinhão, e você também.

— E tenho as cicatrizes para provar.

— E os louros também — completou Shamron. — O primeiro-ministro está preocupado com a possibilidade de o Escritório ser cauteloso demais quando se trata do Irã. Sim, nós inserimos vírus em seus computadores e eliminamos um punhado de cientistas, mas faz um tempinho que nada explode. O primeiro-ministro gostaria que Uzi orquestrasse outra Operação Obra-Prima.

Obra-Prima era o codinome de uma operação conjunta israelense, americana e britânica que resultara na destruição de quatro instalações iranianas secretas de enriquecimento de urânio. Tinha ocorrido durante o comando de Uzi Navot, mas dentro dos corredores do King Saul Boulevard era considerada uma das maiores conquistas de Gabriel.

— Oportunidades como a Obra-Prima não aparecem todo dia, Ari.

— Isso é verdade — admitiu Shamron. — Mas sempre acreditei que a maioria das oportunidades são conquistadas, e não ganhas. O primeiro-ministro compartilha dessa opinião.

— Ele perdeu a confiança em Uzi?

— Ainda não. Mas queria saber se eu tinha perdido.

— O que você disse?

— Que escolha eu tinha? Fui eu que o recomendei para o cargo.

— Então você o apoiou?

— Com um porém.

— Qual?

— Eu lembrei ao primeiro-ministro que a pessoa que eu realmente queria

para o trabalho não estava interessada. — Shamron balançou a cabeça devagar.

— Você é o único homem na história do Escritório que recusou uma chance de ser diretor.

— Sempre há uma primeira vez, Ari.

— Isso significa que você poderia reconsiderar?

— É por isso que você está aqui?

— Pensei que você fosse apreciar minha companhia. Eu e o primeiro-ministro estávamos nos perguntando se você estaria disposto a ajudar um dos nossos aliados mais próximos.

— Qual?

— Graham Seymour veio para a cidade sem aviso prévio. Ele gostaria de uma conversa.

Gabriel se virou para encarar Shamron.

— Sobre o quê? — perguntou depois de um instante.

— Ele não disse, mas acho que é urgente. — Shamron foi até o

cavalete e observou o pedaço límpido de tela no qual Gabriel estava trabalhando. — Parece até que a pintura é recente.

— Esse é o objetivo.

— Alguma chance de você fazer o mesmo por mim?

— Desculpe, Ari — respondeu Gabriel, tocando a bochecha enrugada de Shamron —, mas temo que você esteja além de qualquer restauração.

KING DAVID HOTEL, JERUSALÉM

Na tarde de 22 de julho de 1946, o grupo sionista extremista conhecido como Irgun detonou uma grande bomba no King David Hotel, sede de todas as forças militares e civis da Inglaterra na Palestina. O ataque era uma retaliação pela prisão de centenas de combatentes judeus e matou 91 pessoas, incluindo 28 ingleses que ignoraram um telefonema alertando-os para evacuar o hotel. Embora condenado universalmente, o bombardeio logo se provou um dos atos de violência política mais eficientes já cometidos. Passados dois anos, os ingleses saíram da Palestina, e o Estado moderno de Israel, outrora um sonho sionista quase inimaginável, tornou-se realidade.

Entre os afortunados que sobreviveram ao bombardeio estava um jovem agente da inteligência britânica chamado Arthur Seymour, um veterano do programa de guerra Double Cross que tinha sido transferido recentemente para a Palestina com a função de espionar os movimentos de resistência judeus. Era para Seymour estar em seu escritório no momento do ataque, mas ele atrasou alguns minutos depois de uma reunião com um informante na Cidade Antiga. Ouviu a detonação enquanto passava pelo Portão de Jaffa e, horrorizado, contemplou parte do hotel desmoronar. A imagem assombraria Seymour pelo resto da vida e moldaria os rumos de sua carreira. Anti-israelense virulento e fluente em árabe, ele forjou laços desconfortavelmente próximos com muitos inimigos de Israel. Com frequência, era convidado do presidente do Egito, Gamai Abdel Nasser, e admirador precoce de um jovem revolucionário palestino chamado Yasser Arafat.

Apesar de suas tendências pró-árabes, o Escritório considerou Arthur Seymour um dos oficiais mais competentes do MI6 no Oriente Médio. Por isso, houve certa surpresa quando o único filho de Arthur, Graham, optou por uma carreira no MI5 em vez do mais glamoroso Serviço Secreto de Inteligência. Seymour, o Jovem — como era conhecido no início da carreira —, serviu primeiro na contrainteligência, operando contra a KGB em Londres. Então, após a queda do Muro de Berlim e com a ascensão do fanatismo islâmico, foi promovido a chefe de contraterrorismo. Agora, como vice-diretor do MI5, era forçado a aplicar sua experiência em ambas as disciplinas. Atualmente, havia mais espões russos operando em Londres do que

no auge da Guerra Fria. E, graças aos erros de sucessivos governos britânicos, o Reino Unido abrigava milhares de militantes muçulmanos do mundo árabe e da Ásia. Seymour chamava Londres de “Kandahar no Tâmis”. Intimamente, temia que seu país estivesse escorregando cada vez mais na direção de um abismo civilizacional.

Embora tivesse herdado a paixão do pai pela espionagem, Graham Seymour não compartilhava de forma alguma seu desdém por Israel. De fato, sob sua condução, o MI5 havia se aproximado do Escritório e, em especial, de Gabriel Allon. Os dois se consideravam membros de uma irmandade secreta que fazia as tarefas desagradáveis que ninguém mais estava disposto a fazer, deixando para se preocupar com as consequências depois. Tinham lutado um pelo outro, sangrado um pelo outro e, em alguns casos, matado um pelo outro. Eram tão próximos quanto dois espões de serviços opostos poderiam ser, o que significava que tinham uma leve desconfiança mútua.

— Alguém no hotel não sabe quem você é? — perguntou Seymour, dando um aperto de mão em Gabriel como se o estivesse encontrando pela primeira vez.

— A garota na recepção perguntou se eu estava aqui para o bar mitzvah dos Greenbergs.

Seymour abriu um sorriso discreto. Com sua aparência vigorosa e queixo robusto, parecia o arquétipo de um barão colonial britânico, um homem que decidia questões importantes e nunca servia o próprio chá.

— Dentro ou fora? — perguntou Gabriel.

— Fora — respondeu Seymour.

Eles ocuparam uma mesa no terraço, Gabriel voltado para o hotel e Seymour de frente para os muros da Cidade Antiga. Agora era a calma entre o café da manhã e o almoço; haviam passado poucos minutos das onze horas. Gabriel só tomou café, mas Seymour pediu bastante comida. Sua esposa era uma cozinheira entusiástica, mas pavorosa. Para Seymour, comida de avião era um mimo, e um brunch de hotel, mesmo feito na cozinha do King David, era uma ocasião a ser apreciada. O mesmo valia, pelo visto, para a vista da Cidade Antiga.

— Talvez você ache difícil de acreditar — disse ele entre as mordidas na omelete —, mas esta é a minha primeira visita ao seu país.

— Eu sei. Está tudo no seu arquivo.

— É uma leitura interessante?

— Tenho certeza de que não deve ser nada em comparação com o que seu serviço tem sobre mim.

— Como poderia se comparar? Não passo de um humilde laçao do Serviço Secreto de Sua Majestade. Você, por outro lado, é uma lenda. Afinal — acrescentou Seymour, falando mais baixo

quantos agentes de inteligência podem dizer que pouparam o mundo de um apocalipse?

Gabriel olhou por cima do ombro e fitou o Domo da Rocha, o terceiro lugar mais sagrado do Islã, resplandecente sob a luz cristalina do sol de Jerusalém. Cinco meses antes, numa câmara secreta 50 metros abaixo da superfície do Monte do Templo, ele havia descoberto uma bomba que, caso fosse detonada, derrubaria todo o platô. Também encontrara 22 pilares do Templo de Jerusalém do rei Salomão, provando que o antigo santuário judeu descrito no Livro de Reis e de Crônicas tinha de fato existido. Embora o nome de Gabriel não tivesse aparecido na cobertura de imprensa da monumental revelação, seu envolvimento era bem conhecido em certos círculos da comunidade ocidental de inteligência. Também se sabia que seu amigo mais próximo, Eli Lavon, renomado arqueólogo bíblico e agente do Escritório, quase morrera tentando salvar os pilares da destruição.

— Foi uma sorte dos diabos aquela bomba não ter explodido — comentou Seymour. — Se tivesse, milhões de muçulmanos chegariam às suas fronteiras numa questão de horas. E depois... — A voz de Seymour se perdeu.

— Seria o fim do jogo para o empreendimento conhecido como Estado de Israel — completou Gabriel. — Esse era exatamente o objetivo dos iranianos e de seus amigos do Hezbollah.

— Não consigo imaginar como foi ter visto aqueles pilares pela primeira vez.

— Para ser sincero, Graham, não tive tempo para saborear o momento. Estava ocupado demais tentando manter Eli vivo.

— Como ele está?

— Passou dois meses no hospital, mas está quase cem por cento. Na verdade, até voltou a trabalhar.

— Para o Escritório?

Gabriel balançou a cabeça.

— Ele está escavando o Túnel do Muro das Lamentações de novo. Posso providenciar uma visita guiada, se você quiser. Aliás, se tiver interesse, posso mostrar a passagem secreta que leva direto ao Monte do Templo.

— Não sei se meu governo aprovaria. — Seymour ficou em silêncio enquanto um garçom enchia suas xícaras de café. Então, quando estavam a sós novamente, continuou: — Então o rumor é verdadeiro, afinal.

— Que rumor?

— De que o filho pródigo enfim voltou para casa. É engraçado — acrescentou ele, com um sorriso triste mas eu sempre imaginei que você passaria o resto da vida caminhando pelos penhascos da Cornualha.

— É um lugar lindo, Graham. Mas a Inglaterra é a sua casa, não a minha.

— Às vezes sinto que não parece mais ser a minha casa. Helen e eu compramos uma casa em Portugal há pouco tempo. Em breve vou ser um exilado, assim como você foi.

— Sério?

— Não é nada iminente. Mas, no fim, todas as coisas boas devem terminar.

— Você teve uma grande carreira, Graham.

— Tive? É difícil mensurar o sucesso no campo da segurança, não é? Somos julgados com base em coisas que não acontecem: os segredos que não são roubados, os edifícios que não explodem. Pode ser uma forma profundamente insatisfatória de se ganhar a vida.

— O que você vai fazer em Portugal?

— Helen vai tentar me envenenar com a sua culinária exótica e eu vou pintar paisagens terríveis de aquarela.

— Nunca soube que você pintava.

— Por uma boa razão. — Seymour observou a paisagem e franziu a testa, como se aquilo estivesse muito além do alcance de seu pincel e sua paleta. — Meu pai estaria se revirando no túmulo se soubesse que estou aqui.

— Então por que você está aqui?

— Estava me perguntando se você se disporia a encontrar algo para um amigo meu.

— O amigo tem um nome?

Em vez de responder, Seymour abriu a maleta e pegou uma fotografia ampliada, passando-a para Gabriel. Mostrava uma jovem atraente que olhava direto para a câmera, segurando uma edição do International Herald Tribune de três dias antes.

— Madeline Hart? — perguntou Gabriel.

Seymour assentiu. Então, passou uma folha A4 para Gabriel. Continha uma única frase, escrita em uma fonte sem serifa:

Em sete dias a garota morre.

— Merda — praguejou Gabriel baixinho.

— Receio que fique ainda melhor.

Por coincidência, a administração do King David colocou Graham Seymour, o único filho de Arthur Seymour, na mesma ala do hotel que fora destruída em 1946. Seymour ficou no mesmo corredor do quarto que seu pai tinha usado como escritório no fim do mandato britânico na Palestina. Ao chegar, eles depararam com o aviso de NÃO PERTURBE pendurado na maçaneta, além de uma embalagem plástica contendo o Jerusalém Post e o Haaretz. Seymour conduziu Gabriel para dentro. Ao verificar que ninguém havia entrado no quarto durante sua ausência, pôs um DVD para ser reproduzido no laptop.

Poucos segundos depois, Madeline Hart, cidadã britânica desaparecida e funcionária do partido da situação na Inglaterra, apareceu na tela.

“Eu tive relações sexuais com o primeiro-ministro Jonathan Lancaster pela primeira vez na conferência do Partido em Manchester, em outubro de 2012...”

KING DAVID HOTEL, JERUSALÉM

O vídeo tinha sete minutos e doze segundos de duração. O tempo todo, Madeline manteve os olhos focados num ponto ligeiramente à esquerda da câmera, como se respondesse a perguntas feitas por um entrevistador de televisão. Relutante, assustada e exausta, descreveu como tinha conhecido o primeiro-ministro durante uma de suas visitas à sede do Partido em Millbank. Lancaster havia expressado admiração pelo trabalho de Madeline e, em duas ocasiões, convidou-a para a sede do governo, a fim de receber informações diretamente dela. No fim da segunda visita, ele admitiu que seu interesse em Madeline não era apenas profissional. O primeiro encontro sexual foi bem rápido, num quarto de hotel em Manchester. Depois disso, ela passou a ser levada à Downing Street por um velho amigo do primeiro-ministro, sempre que Diana Lancaster estivesse fora de Londres.

— E agora — falou Seymour, melancólico, enquanto a tela do computador escurecia — o primeiro-ministro do Reino Unido está sendo punido por seus pecados com uma tentativa primitiva de chantagem.

— Não há nada de primitivo nisso, Graham. Quem está por trás disso sabia que o primeiro-ministro estava envolvido num caso extraconjugal. E conseguiu fazer sua amante desaparecer da Córsega sem deixar rastros. É óbvio que se trata de alguém extremamente sofisticado.

Seymour tirou o DVD do computador sem dizer nada.

— Quem mais sabe?

Seymour explicou que os três itens — a fotografia, o bilhete e o DVD — haviam sido deixados na manhã anterior em frente à porta de Simon Hewitt, que os levava até a Downing Street e os mostrara para Jeremy Fallon. Também contou que Hewitt e Fallon confrontaram Lancaster em seu escritório na sede. Gabriel, que havia residido pouco tempo antes no Reino Unido, conhecia bem os envolvidos: Hewitt, Fallon, Lancaster, a santíssima trindade da política britânica. Hewitt era especialista em usar a mídia a favor do governo, Fallon era o mestre maquinador e estrategista, e Lancaster era o talento político em pessoa.

— Por que Lancaster escolheu você? — perguntou Gabriel.

— Nossos pais trabalharam juntos no serviço de inteligência.

— Com certeza há mais alguma razão.

— De fato — admitiu Seymour. — Seu nome é Siddiq Hussein.

— Acho que não conheço.

— Por uma boa razão. Graças a mim, Siddiq desapareceu num buraco negro vários anos atrás, para nunca mais ser visto.

— Quem era ele?

— Siddiq Hussein, nascido no Paquistão, era um residente de Tower Hamlets no leste de Londres. Ele apareceu nos nossos radares depois dos bombardeios de 2007, quando finalmente tomamos juízo e começamos a tirar os muçulmanos radicais das ruas. Você se lembra daqueles dias — disse Seymour com amargura.

— Os dias em que a esquerda e a mídia insistiram que deveríamos fazer algo a respeito dos terroristas entre nós.

— Continue, Graham.

— Siddiq estava convivendo com extremistas conhecidos na grande mesquita do leste de Londres e o número do seu celular aparecia em todos os lugares errados. Eu dei uma cópia dos arquivos dele para a Scotland Yard, mas o Comando de Contraterrorismo disse que não havia evidência suficiente para agir contra ele. Então Siddiq fez algo que me deu uma oportunidade de cuidar do problema pessoalmente.

— O que ele fez?

— Agendou um voo para o Paquistão.

— Grande erro.

— Fatal, na verdade — falou Seymour, sombrio.

— O que aconteceu?

— Nós o seguimos até Heathrow e garantimos que ele subisse em seu avião para Karachi. Em seguida, fiz uma ligação discreta para um velho amigo em Langley, Virgínia. Acho que você o conhece bem.

— Adrian Carter.

Seymour assentiu. Adrian Carter era o diretor do Serviço Clandestino Nacional. Ele supervisionava a guerra global da CIA contra o terrorismo, incluindo os programas outrora secretos para deter e interrogar agentes de alto nível.

— A equipe de Carter observou Siddiq em Karachi por três dias — continuou Seymour. — Então cobriram sua cabeça com um saco e o colocaram no primeiro voo clandestino para fora do país.

— Para onde eles o levaram?

— Cabul.

— Para a prisão de Salt Pit?

Seymour aquiesceu devagar.

— Quando tempo ele durou?

— Isso depende de para quem você perguntar. De acordo com o relato da Agência, Siddiq foi encontrado morto em sua cela dez dias depois de chegar a Cabul. Sua família alegou num processo que ele

morreu durante a tortura.

— O que isso tem a ver com o primeiro-ministro?

— Quando os advogados que representavam a família de Siddiq pediram todos os documentos do MI5 referentes ao caso, o governo de Lancaster se recusou a atendê-los, alegando que isso prejudicaria a segurança nacional britânica. Ele salvou a minha carreira.

— E agora você quer quitar essa dívida tentando salvar o pescoço dele? — Como

Seymour não respondeu, Gabriel acrescentou: — Isso vai acabar mal, Graham.

E, quando acabar, seu nome vai aparecer com destaque no inevitável inquérito.

— Eu deixei claro que, se isso acontecer, vou levar todo mundo junto, incluindo Lancaster.

— Nunca tomei você por uma pessoa ingênua, Graham.

— Sou tudo menos isso.

— Então se afaste. Volte para Londres e diga ao primeiro-ministro para aparecer diante das câmeras com a esposa ao lado, fazendo um apelo público para que os sequestradores soltem a garota.

— É tarde demais para isso. Além do mais, talvez eu seja um pouco antiquado, mas não gosto quando as pessoas tentam chantagear o líder do meu país.

— O líder do seu país sabe que você está em Jerusalém?

— Você só pode estar brincando.

— Por que eu?

— Porque, se o MI5 ou qualquer serviço de inteligência tentar encontrá-la, o caso vai vazar, assim como o de Siddiq Hussein vazou. E você é bom em encontrar coisas — continuou Seymour, falando baixo. — Pilares antigos, Rembrandts roubados, instalações iranianas secretas de enriquecimento.

— Desculpe, Graham, mas...

— E porque você também deve uma a Lancaster.

— Eu?

— Quem você acha que autorizou sua estadia na Cornualha com um nome falso quando nenhum outro país o aceitaria? E quem você pensa que o deixou recrutar uma jornalista britânica quando precisava penetrar na cadeia de fornecimento iraniana?

— Não sabia que estávamos contando pontos, Graham.

— Não estamos. Mas, se estivéssemos, você certamente estaria perdendo a partida.

Os dois caíram num silêncio desconfortável, como se estivessem constrangidos pelo tom do debate. Seymour olhou para o teto, e Gabriel para o bilhete.

Em sete dias a garota morre...

— Um tanto vago, não acha?

— Mas muito eficiente — afirmou Seymour. — Atraiu a atenção de Lancaster.

— Nenhuma exigência?

Seymour balançou a cabeça.

— É óbvio que eles querem revelar seu preço no último minuto. E querem que Lancaster esteja desesperado para salvar a própria pele, pronto a concordar em pagar qualquer coisa.

— Quanto o seu primeiro-ministro vale?

— Na última vez que dei uma olhadinha em suas contas bancárias — respondeu Seymour jocosamente ele tinha mais de 100 milhões.

— De libras?

Seymour assentiu.

— Jonathan Lancaster fez milhões no centro financeiro londrino, ganhou uma herança milionária e casou-se com a igualmente milionária Diana Baldwin. Ele é um alvo perfeito, um homem com mais dinheiro do que precisa e com muito a perder. Diana e as crianças vivem na bolha de segurança da Downing Street, logo seria quase impossível sequestrá-las. Mas a amante de Lancaster... — A voz de Seymour se perdeu. — Uma amante é algo completamente diferente.

— Imagino que Lancaster não tenha comentado sobre isso com a esposa.

Seymour fez um gesto com as mãos indicando que não tinha acesso ao funcionamento interno do casamento de Lancaster.

— Você já trabalhou com um caso de sequestro, Graham?

— Nenhum desde a Irlanda do Norte. E aqueles foram todos relacionados ao IRA.

— Sequestros políticos são diferentes de sequestros criminais — explicou Gabriel. — O sequestrador político comum é um sujeito racional. Ele quer que companheiros sejam soltos ou que uma política seja modificada, então agarra um político importante ou um ônibus escolar cheio de crianças e os mantém como reféns até que suas demandas sejam cumpridas. Mas o sequestrador criminoso só quer dinheiro. E, se você paga, faz com que ele queira mais dinheiro. Então ele fica pedindo dinheiro até achar que não sobrou mais nada.

— Então acho que nos resta apenas uma opção.

— Qual?

— Encontrar a garota.

Gabriel foi até a janela e olhou para além do vale, na direção do Monte do Templo. Por um segundo, ele se viu de volta à caverna secreta 50 metros abaixo da superfície, segurando Eli Lavon enquanto

seu sangue era bombeado para o coração da montanha sagrada. Durante as longas noites que passou ao lado de Lavon no leito de hospital, Gabriel jurou que nunca poria os pés de novo no campo de batalha do serviço secreto. Mas agora um velho amigo havia surgido das profundezas de seu passado emaranhado para pedir um favor. E mais uma vez Gabriel estava se esforçando para encontrar as palavras que o mandariam embora de mãos vazias. Como filho único de sobreviventes do Holocausto, desapontar outras pessoas não estava em sua natureza. Ele fazia concessões e raramente dizia não.

— Mesmo se eu for capaz de encontrá-la — disse ele depois de um tempo os sequestradores ainda vão ter o vídeo da confissão dela.

— Mas o vídeo terá um impacto bem diferente se a rosa inglesa estiver sã e salva em solo britânico.

— A menos que a rosa inglesa decida contar a verdade.

— Ela é leal ao Partido. Não se atreveria.

— Você não tem ideia do que eles fizeram com ela — retrucou Gabriel. — A esta altura, pode ser uma pessoa completamente diferente.

— É verdade. Mas estamos nos precipitando. Esta conversa é inútil se você e seu serviço não empreenderem uma operação para encontrar Madeline Hart.

— Eu não tenho autoridade para colocar meu serviço à sua disposição, Graham. A decisão é do Uzi, não minha.

— Uzi já autorizou — respondeu Seymour sem emoção. — Assim como Shamron.

Gabriel encarou Seymour com desaprovação, mas não disse nada.

— Você realmente acha que Ari Shamron teria me deixado chegar a menos de um quilômetro de você sem saber que eu estava na cidade? — questionou Seymour. — Ele é muito protetor quando se trata de você.

— Ele tem um jeito engraçado de demonstrar isso. Mas receio que ainda exista uma pessoa em Israel mais poderosa do que Shamron, pelo menos no que diz respeito a mim.

— Sua esposa?

Gabriel assentiu.

— Em sete dias a garota morre.

— Seis dias — corrigiu Gabriel. — A garota pode estar em qualquer lugar do mundo e não temos uma única pista.

— Isso não é exatamente verdade.

Seymour enfiou a mão na maleta e pegou duas fotografias da Interpol do homem com quem Madeline Hart tinha almoçado na tarde em que desaparecera. O homem cujos sapatos não deixavam marcas. O homem esquecido.

— Quem é ele? — perguntou Gabriel.

— Boa pergunta. Mas, se você puder encontrá-lo, suspeito que encontre Madeline Hart.

MUSEU DE ISRAEL, JERUSALÉM

Gabriel pegou um único item de Graham Seymour — a fotografia de Madeline Hart — e o levou para a região oeste de Jerusalém, até o Museu de Israel. Depois de deixar o carro no estacionamento para funcionários — um privilégio que haviam lhe concedido recentemente atravessou o enorme hall de entrada feito de vidro e chegou até a sala que alojava a coleção de arte europeia. Num canto estavam penduradas nove pinturas impressionistas que antes pertenciam a um banqueiro suíço chamado Augustus Roubé. Uma plaqueta descrevia a longa jornada que as pinturas tinham feito a partir de Paris — como foram saqueadas pelos nazistas em 1940 e transferidas para Roubé em troca de serviços prestados à inteligência alemã. Mas não chegava a mencionar o fato de que Gabriel e a filha do banqueiro, a renomada violinista Anna Roubé, tinham descoberto as pinturas num cofre em Zurique, nem que um consórcio de empresários suíços havia contratado um assassino profissional corso para matar Gabriel e Anna.

Na galeria adjacente estavam pinturas de artistas israelenses. Três telas eram da mãe de Gabriel, incluindo um retrato assombroso da marcha da morte de Auschwitz em janeiro de 1945, feito com base em suas memórias. Gabriel passou um bom tempo admirando o desenho e as pinceladas antes de sair para o jardim das esculturas. Na outra extremidade, erguia-se o Santuário do Livro, uma estrutura em forma de colmeia que continha os Manuscritos do Mar Morto. Ao lado dessa ala ficava a mais nova construção do museu, com 60 côvados de comprimento, 20 de largura e 30 de altura. Por enquanto, o espaço estava coberto por uma lona opaca para construções, que escondia os 22 pilares do Templo de Salomão do resto do mundo.

Havia seguranças bem armados em ambos os lados da construção e na entrada que ficava voltada para o leste, assim como no templo original de Salomão. Esse era apenas um elemento do projeto curatorial mais controverso que o mundo já conhecera. Os haredim ultraortodoxos de Israel tinham denunciado a exposição como uma afronta a Deus que acabaria levando à destruição do Estado judeu, enquanto na parte leste de Jerusalém, que abrigava a população árabe, os mantenedores do Domo da Rocha declararam que os pilares eram um embuste elaborado.

— Nunca houve Templo no Monte do Templo — escreveu o grande mufti de Jerusalém numa carta aberta publicada pelo New

York Times — e nenhuma exposição ou museu vai mudar esse fato.

Apesar das violentas batalhas religiosas e políticas, a organização da exposição progredia de forma consideravelmente rápida. Poucas semanas após a descoberta de Gabriel, aprovaram-se os planos arquitetônicos, angariaram-se fundos e foi iniciada a construção. Boa parte do crédito pertencia à diretora e designer-chefe italiana. Em público, referiam-se a ela por seu nome de solteira, Chiara Zolli. Mas todas as pessoas associadas ao projeto sabiam que ela se chamava Chiara Allon.

Os pilares foram dispostos da mesma forma em que Gabriel os encontrara, em duas fileiras retas separadas por cerca de 6 metros. O mais alto estava enegrecido pelo fogo do incêndio provocado pelos babilônios na noite em que derrubaram o Templo — considerado pelos judeus da Antiguidade como a moradia de Deus na Terra. Fora a esse pilar que Eli Lavon se agarrara quando estava à beira da morte, e foi lá que Gabriel encontrou Chiara agora segurando uma prancheta e gesticulando na direção do teto de vidro. Ela vestia jeans desbotados, sandálias sem salto e um moletom branco sem mangas que marcava bem as curvas de seu corpo. Os braços descobertos estavam bem bronzeados pelo sol de Jerusalém. Chiara parecia incrivelmente linda, pensou Gabriel, e jovem demais para ser a esposa de um sujeito tão acabado quanto ele.

No alto da obra, dois técnicos estavam fazendo ajustes nas luzes da exposição sob a supervisão de Chiara. Ela falava com eles em hebraico, com um sotaque italiano acentuado. Filha do rabino-chefe de Veneza, havia passado a juventude no mundo provinciano de um gueto, partindo apenas por tempo suficiente para cursar o mestrado em História Romana na Universidade de Pádua. Ela voltara a Veneza depois de se graduar e aceitara um emprego num pequeno museu judaico no Campo del Ghetto Nuovo, e talvez tivesse permanecido lá para sempre se um observador de talentos do Escritório não tivesse reparado nela durante uma visita a Israel. O homem apresentara-se num café de Tel Aviv e perguntara a Chiara se ela estaria interessada em fazer mais pelo povo judeu do que trabalhando no museu de um gueto moribundo.

Após passar um ano no programa de treinamento secreto do Escritório, ela retomou sua vida antiga, já como agente secreta israelense. Uma de suas primeiras tarefas foi ficar na retaguarda de um assassino do Escritório chamado Gabriel Allon, que tinha ido a Veneza para restaurar o retábulo de San Zaccaria, de Bellini. Chiara revelou-se a ele pouco tempo depois, em Roma, após um incidente envolvendo tiroteios e a polícia italiana. A sós com Chiara em um esconderijo, Gabriel sentiu uma vontade desesperadora de tocá-la. Esperou até que o caso fosse resolvido e eles voltassem a Veneza. Lá,

numa casa à beira de um canal em Cannaregio, fizeram amor pela primeira vez, numa cama com frescos lençóis de linho. Era como fazer amor com uma figura pintada por Veronese.

Agora, ela virou a cabeça e, notando Gabriel pela primeira vez, sorriu. Seus olhos, largos e meio orientais, tinham cor de caramelo e manchas douradas, uma combinação que Gabriel nunca fora capaz de reproduzir com precisão na tela. Vários meses já haviam se passado desde que Chiara concordara em posar para ele. A exposição a deixara com pouco tempo para outros afazeres. Era uma mudança clara no padrão do casamento. Em geral era Gabriel que se via consumido por um projeto, fosse uma pintura ou uma operação, mas agora os papéis estavam invertidos. Organizadora inata e sempre meticulosa, Chiara conseguia progredir mesmo sob a pressão da exposição. Mas, secretamente, Gabriel antecipava o dia em que a teria de volta.

Ela caminhou até o pilar seguinte e observou como a luz incidia sobre ele.

— Eu liguei para o apartamento alguns minutos atrás, mas ninguém atendeu.

— Eu estava num brunch com Graham Seymour no King David.

— Que adorável — comentou ela, sarcástica. Em seguida, ainda analisando os pilares, perguntou: — O que tem no envelope?

— Uma oferta de emprego.

— Quem é o artista?

— Desconhecido.

— E o tema?

— Uma garota chamada Madeline Hart.

Gabriel voltou para o jardim de esculturas e sentou-se num banco com vista para as colinas de Jerusalém Ocidental. Alguns minutos depois, Chiara juntou-se a ele. Um suave vento outonal moveu os seus cabelos. Ela afastou uma mecha do rosto e cruzou as pernas, com a sandália pendente do pé bronzeado. De repente, a última coisa que Gabriel queria fazer era deixar Jerusalém para procurar uma garota desconhecida.

— Vamos tentar de novo... — disse ela, por fim. — O que tem no envelope?

— Uma foto.

— Que tipo de foto?

— Prova de vida.

Chiara estendeu a mão. Gabriel hesitou.

— Tem certeza?

Chiara assentiu e Gabriel lhe entregou o envelope. Ela o abriu e retirou a foto. Enquanto examinava a imagem, seu rosto ficou sombrio. Claramente vinha à sua memória um negociante de armas

russo chamado Ivan Kharkov. Gabriel tinha tirado tudo de Ivan: seus negócios, seu dinheiro, sua mulher e filhos. Em seguida, o oligarca retaliara capturando Chiara. A operação de resgate foi a mais sangrenta em toda a longa carreira de Gabriel: ele matara onze agentes inimigos. E, numa rua tranquila em Saint-Tropez, também assassinara Ivan. Mesmo morto, Ivan permaneceria como parte de suas vidas. As injeções de ketamina que seus homens haviam aplicado em Chiara fizeram-na perder o bebê. Como ela não recebera tratamento, o aborto prejudicara sua capacidade de ter filhos. Chiara quase tinha perdido qualquer esperança de ficar grávida de novo.

Ela colocou a foto no envelope e o devolveu a Gabriel. Então, escutou com atenção enquanto ele explicava como o caso tinha caído no colo de Graham Seymour, para então chegar ao seu.

— Então o primeiro-ministro britânico está forçando Graham Seymour a fazer o trabalho sujo dele — disse Chiara quando Gabriel terminou e Graham está fazendo o mesmo com você.

— Ele tem sido um bom amigo.

O rosto de Chiara não revelava nenhuma expressão. Seus olhos, normalmente uma janela confiável para seus pensamentos, estavam ocultos atrás de óculos escuros.

— O que você acha que eles querem? — perguntou ela depois de um tempo.

— Dinheiro. Eles sempre querem dinheiro.

— Quase sempre. Mas às vezes querem coisas que não dá para ceder.

Ela tirou os óculos e os pendurou na camiseta.

— Quanto tempo você tem antes de eles a matarem? — Como Gabriel ficou em silêncio, ela balançou a cabeça devagar. — É um caso impossível. Você não poderia encontrá-la a tempo.

— Olhe para a construção atrás de você. Depois me fale se ainda sente o mesmo.

Chiara não olhou para nada além do rosto de Gabriel.

— A polícia francesa está buscando Madeline Hart há mais de um mês. O que faz você pensar que pode encontrá-la?

— Talvez eles não tenham procurado no lugar certo... ou falado com as pessoas certas.

— Por onde você começaria? Eu sempre acreditei que o melhor lugar para iniciar uma investigação é na cena do crime.

Chiara pegou os óculos e limpou as lentes na calça jeans, distraída. Gabriel sabia que aquilo era um mau sinal: a esposa sempre limpava coisas quando estava aborrecida.

— Desse jeito você vai arranhar as lentes.

— Estão imundas — retrucou ela no mesmo instante.

— Talvez você devesse arrumar um estojo em vez de jogar os

óculos na bolsa.

Ela não respondeu nada.

— Você sempre me surpreende, Chiara.

— Por quê?

— Porque você sabe melhor do que qualquer pessoa que

Madeline Hart está no inferno. E ela vai ficar no inferno até que alguém a tire de lá.

— Eu só gostaria que outra pessoa fizesse o serviço.

— Não há outra pessoa.

— Ninguém como você.

Ela examinou as lentes e franziu a testa.

— O que houve?

— Estão arranhadas.

— Eu avisei.

— Você sempre tem razão, querido.

Chiara colocou os óculos e olhou na direção da cidade.

— Imagino que Shamron e Uzi já tenham dado suas bênçãos.

— Graham os procurou antes de falar comigo.

— Que esperto da parte dele. — Chiara descruzou as pernas e se levantou. — Eu preciso voltar. Não temos muito tempo antes da abertura.

— Você tem feito um trabalho magnífico, Chiara.

— Ficar me bajulando não vai ajudar.

— Achei que valia tentar.

— Quando vou vê-lo de novo?

— Só tenho sete dias para encontrá-la.

— Seis — ela o corrigiu. — Em seis dias a garota morre.

Chiara lhe deu um beijo suave. Em seguida, virou-se e atravessou o jardim ensolarado, os quadris balançando como se seguissem o ritmo de uma música que só ela conseguisse ouvir. Gabriel a observou entrar na construção coberta pela lona. Agora, a última coisa que ele queria fazer era deixar Jerusalém em busca de uma garota desconhecida.

Ele voltou ao King David Hotel para recolher o resto do dossiê de Graham Seymour: o bilhete de exigências que não continha nenhuma exigência, o DVD da confissão de Madeline e as duas fotos do homem de Les Palmiers em Calvi. Além disso, requisitou uma cópia do arquivo pessoal de Madeline no Partido, a ser entregue em um endereço em Nice.

— Como foi com Chiara? — perguntou Seymour.

— A esta altura, meu casamento pode estar pior que o de Lancaster.

— Algo que eu possa fazer?

— Saia da cidade o mais rápido possível. E não mencione meu

nome para o seu primeiro-ministro nem para qualquer outra pessoa na Downing Street.

— Como posso entrar em contato com você?

— Mando um sinal de fumaça quando tiver notícias. Até lá, eu não existo.

Com essas palavras, Gabriel partiu. Voltando para a rua Narkiss, encontrou um cinto de dinheiro na mesa de centro com 200 mil dólares. Ao lado, havia uma passagem de avião, de um voo das 16 horas para Paris. A reserva fora feita no nome de Johannes Klemp, uma de suas identidades falsas favoritas. Gabriel entrou no quarto e encheu uma pequena bolsa de viagem com as roupas modernas de Herr Klemp, separando um terno e um casaco pretos para o voo. Então, em frente ao espelho do banheiro, fez algumas alterações sutis em sua própria aparência: um pouco de grisalho no cabelo, óculos alemães sem aro, lentes de contato castanhas para esconder os característicos olhos verdes. Em poucos minutos, mal reconhecia o rosto no reflexo. Ele não era mais Gabriel Allon, o anjo vingador de Israel, mas Johannes Klemp, de Munique, um homem sempre pronto a se ressentir — pequeno, insignificante e carrancudo.

Depois de vestir o terno e passar a fragrância tenebrosa de Herr Klemp, sentou à penteadeira de Chiara e abriu sua caixa de joias. Um item pareceu estranhamente fora de lugar: um coral-vermelho em forma de mão, preso a uma tira de couro. Ele o pegou e o colocou no bolso. Então, por razões que ele mesmo não saberia explicar, pendurou o artefato no pescoço e o escondeu sob o casaco de Herr Klemp.

Diante da casa, um sedã do Escritório estava parado com o motor ligado. Gabriel jogou a bolsa no banco de trás e entrou. Em seguida, consultou o relógio, não para ver as horas, mas a data: 27 de setembro. Já tinha sido seu dia favorito do ano.

— Qual o seu nome? — perguntou ao motorista.

— Lior.

— De onde você é, Lior?

— Berseba.

— Era um bom lugar para uma criança?

— Existem lugares piores.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e cinco.

Vinte e cinco, pensou Gabriel. Por que tinha que ser aquela idade? Olhou de novo para o relógio. Não para a hora; para a data.

— Quais foram suas instruções?

— Disseram-me para levá-lo ao Ben Gurion — respondeu Lior.

— Mais alguma coisa?

— Falaram que talvez você quisesse fazer uma parada no

caminho.

— Quem falou isso? Uzi?

— Não. Foi o Velho.

Então ele lembrava, pensou Gabriel. Olhou de novo para o relógio. A data...

— Como devo proceder? — perguntou o motorista.

— Leve-me ao aeroporto.

— Nenhuma parada?

— Só uma.

Lior engrenou a marcha e se afastou suavemente da calçada, como se estivesse se juntando a um cortejo fúnebre. Não se deu o trabalho de perguntar para onde estavam indo. Era 27 de setembro. E Shamron se lembrava.

Eles foram até o jardim de Getsêmani e seguiram o caminho estreito e sinuoso que subia a encosta do monte das Oliveiras. Gabriel entrou no cemitério sozinho e passou pelo mar de lápides, até chegar ao túmulo de Daniel Allon, nascido no dia 27 de setembro de 1988, morto no dia 13 de janeiro de 1991, numa noite de neve no Primeiro Distrito de Viena, num Mercedes azul destruído por uma bomba. O artefato fora plantado por um líder terrorista palestino chamado Tariq al-Hourani, sob ordens diretas de Yasser Arafat. Gabriel não era o alvo; aquilo seria leniente demais. Tariq e Arafat queriam puni-lo forçando-o a assistir à morte de sua mulher e filho, para que pudesse passar o resto da vida de luto, assim como os palestinos. Apenas um elemento da trama falhara: Leah sobrevivera ao inferno. Agora ela vivia num hospital psiquiátrico no topo do monte Herzl, prisioneira da própria memória e de um corpo destruído pelo fogo. Tomada por uma combinação de estresse pós-traumático e depressão psicótica, revivia constantemente o atentado. De vez em quando, tinha lampejos de lucidez. Durante um desses períodos, ela concedera a Gabriel permissão para se casar com Chiara. Olhe para mim, Gabriel. Não resta nada de mim. Nada além de uma memória.

Gabriel consultou o relógio de novo. Não olhando a data, mas a hora. Havia tempo para uma última despedida. Uma última torrente de lágrimas. Um último pedido de desculpas por ter deixado de vasculhar o carro antes de Leah dar partida. Em seguida, ele se afastou cambaleante do jardim de pedra, no dia que já fora o seu favorito do ano, e subiu na traseira de um sedã do Escritório que era conduzido por um garoto de 25 anos.

Lior teve o bom senso de não falar uma palavra sequer durante o caminho até o aeroporto. Gabriel entrou no terminal como um viajante qualquer, mas então foi a uma sala reservada para a equipe do Escritório, onde esperou seu voo ser chamado. Ao se acomodar no assento de primeira classe, sentiu um impulso não profissional de ligar

para Chiara. Usando técnicas que lhe foram ensinadas na juventude por Shamron, ele a afastou de seus pensamentos. Agora não havia Chiara. Nem Daniel. Nem Leah. Havia apenas Madeline Hart, a amante sequestrada do primeiro-ministro britânico Jonathan Lancaster. Enquanto o avião decolava em direção ao céu que começava a escurecer, ela apareceu para Gabriel num retrato a óleo, como Suzana banhando-se num jardim. Espiando-a de trás de um muro estava um homem com um rosto anguloso e uma boca pequena e cruel. O homem sem nome nem país. O homem esquecido.

Os corsos dizem que, ao se aproximarem de barco de sua ilha, são capazes de sentir o cheiro da vegetação cerrada característica — chamada ali de Mac chia — muito antes de vislumbrarem o contorno acidentado da costa se erguendo do mar. Gabriel não teve essa experiência, pois chegou à Córsega de avião, no primeiro voo matinal que partiu de Orly. Só quando estava ao volante de um Peugeot alugado, saindo do aeroporto de Acácio em direção ao sul, é que sentiu pela primeira vez o aroma de carqueja, sarça, estava e alecrim vindo das colinas. Os corsos usavam as plantas para cozinhar e aquecer suas casas e nelas se refugiavam em tempos de guerra e vendeta. Segundo a lenda corsa, um homem perseguido poderia penetrar na macchia e, se quisesse, permaneceria lá para sempre sem ser encontrado. Gabriel conhecia um desses homens. Era por isso que levava no pescoço um artefato de coral-vermelho.

Depois de dirigir por meia hora, ele saiu da estrada costeira e tomou a direção do interior. À medida que o odor da macchia se intensificava, também se fortificavam os muros que cercavam as pequenas cidades de colina. A Córsega, assim como a antiga terra de Israel, fora invadida muitas vezes: após a queda do Império Romano, os vândalos pilharam a ilha de forma tão implacável que a maior parte dos habitantes fugiu do litoral e recuou para a segurança das montanhas. Mesmo atualmente, o medo de estrangeiros ainda era intenso. Num vilarejo isolado, uma idosa apontou para Gabriel com o dedo indicador e o mindinho a fim de afastar os efeitos do occhju, o mau-olhado.

Passando o vilarejo, a estrada era pouco mais do que uma via de pista única ladeada por paredes densas da macchia. Depois de um quilômetro, ele chegou à entrada de uma propriedade particular. O portão estava aberto, mas bloqueado por um veículo off-road com dois seguros. Gabriel desligou o motor e colocou as mãos sobre o volante, esperando os homens se aproximarem. Por fim, um deles saiu do veículo e caminhou devagar em sua direção. Tinha uma arma numa das mãos e a outra enfiada na cintura. Com um único movimento de suas sobrancelhas espessas, o homem questionou o propósito da visita de Gabriel.

— Desejo ver Don Orsati — disse Gabriel em francês.

— Ele é um homem muito ocupado — respondeu o segurança no dialeto corso.

Gabriel tirou o talismã do pescoço e o entregou. O corso sorriu.
— Verei o que posso fazer.

Nunca foi muito difícil desencadear uma disputa sangrenta na Córsega. Um insulto. Uma acusação de roubo no mercado. A dissolução de um noivado. A gravidez de uma mulher solteira. Após a faísca inicial, sempre vinham os distúrbios. Um touro morreria, uma oliveira premiada seria derrubada, uma casa de campo pegaria fogo. Então os assassinatos começariam. E a coisa seguia em frente, às vezes por uma geração ou mais, até que as partes injuriadas acertassem as diferenças ou desistissem da luta por exaustão.

A maior parte dos homens corsos estava mais do que disposta a cometer os próprios assassinatos. Mas alguns precisavam de outros para executarem seu trabalho sangrento: pessoas de renome que eram melindrosas demais para suarem as mãos ou que não estavam dispostas a arriscar uma prisão ou o exílio; mulheres que não conseguiam matar e não tinham parentes masculinos para assumirem a questão. Gente desse tipo dependia de assassinos profissionais conhecidos como taddunaghiu e, em geral, recorria ao clã Orsati.

Os Orsatis tinham uma bela propriedade e seu azeite era considerado o melhor de toda a Córsega. Mas faziam muito mais do que plantar oliveiras. Ninguém sabia quantos corsos haviam morrido pelas mãos de assassinos dos Orsatis, muito menos os próprios Orsatis, mas de acordo com o folclore local, o número estava na casa dos milhares. Poderia ter sido muito mais se não fosse o rigoroso processo de vetos do clã. Os Orsatis operavam com base num código rigoroso. Eles se recusavam a cometer um assassinato se não estivessem convencidos de que o requisitante havia de fato sido injustiçado e que fosse necessária uma vingança sanguinolenta.

No entanto, isso mudou com Don Anton Orsati. Quando ele tomou o controle da família, as autoridades francesas tinham conseguido erradicar as rixas e a vendeta por toda a ilha, com exceção dos bolsões mais isolados; logo, poucos corsos exigiam os serviços dos taddunaghiu. Com a demanda local em declínio acelerado, Orsati não teve escolha além de buscar por oportunidades em outros lugares, isto é, do outro lado da água, na Europa continental. Agora, ele aceitava quase todas as ofertas de trabalho que passassem por sua mesa, mesmo que fossem desagradáveis, e seus assassinos eram considerados os profissionais mais confiáveis de todo o continente. Gabriel fora uma das duas únicas pessoas que sobreviveram a um contrato da família Orsati.

Embora Anton Orsati fosse descendente de uma família de corsos ilustres, em aparência era indistinguível dos paesanu que protegiam a entrada de sua propriedade. Ao entrar no amplo escritório do don, Gabriel o encontrou sentado à mesa vestindo uma camisa

branca, calças largas de algodão claro e um par de sandálias poeirentas que pareciam ter sido compradas na feira local. Ele estava analisando um livro-razão antiquado com uma expressão carrancuda. Gabriel não podia imaginar a fonte de sua insatisfação. Muito tempo antes, Orsati tinha fundido os dois negócios numa única empresa. Seus taddunaghiu modernos eram funcionários da Orsati Olive Oil Company e os assassinatos eram registrados como encomendas de produtos.

Levantando-se, Orsati estendeu sua mão de granito para Gabriel sem qualquer traço de apreensão.

— É uma honra conhecê-lo, monsieur Allon — falou ele em francês. — Para ser sincero, achava que o veria bem antes. Você tem reputação de lidar severamente com seus inimigos.

— Meus inimigos eram os banqueiros suíços que o contrataram para me matar, Don Orsati. Além do mais, em vez de me dar um tiro na cabeça, seu assassino me deu isto.

Gabriel meneou a cabeça na direção do talismã, que estava na mesa de Orsati ao lado do livro-razão. Anton franziu a testa. Erguendo o amuleto pela tira de couro, deixou a mão de coral-vermelho balançar para trás e para a frente, como o pêndulo de um relógio.

— Aquilo foi imprudente — comentou, por fim, o don.

— Abandonar o talismã ou me deixar vivo?

Orsati deu um sorriso evasivo.

— Temos um velho ditado aqui na Córsega: I solda un vènni micca cantendu. Não dá para ganhar dinheiro cantando. Só trabalhando. E, por aqui, trabalho significa cumprir contratos, mesmo quando envolvem violinistas famosos e agentes da inteligência israelense.

— Então você devolveu o dinheiro para os homens que o contrataram?

— Eles eram banqueiros suíços. Dinheiro era a última coisa de que precisavam. — Orsati fechou o livro-razão e colocou o talismã sobre a capa. — Como pode imaginar, mantive os olhos em você no decorrer dos anos. Você tem ficado muito ocupado desde que nossos caminhos se cruzaram. Na verdade, alguns dos seus melhores trabalhos foram feitos no meu território.

— Esta é a minha primeira visita à Córsega.

— Estava me referindo ao sul da França. Você matou aquele terrorista saudita, Zizi al-Bakari, no velho porto de Cannes. E também houve aquele desentendimento com Ivan Kharkov em Saint-Tropez alguns anos atrás.

— Pelo que eu soube, Ivan foi morto por outros russos — disse Gabriel, evasivo.

— Você matou Ivan, Allon. E você o matou porque ele

capturou sua esposa.

Gabriel ficou em silêncio. O corso voltou a sorrir, dessa vez com a confiança de um homem que sabe que tem razão.

— A macchia não tem olhos, mas vê tudo.

— É por isso que estou aqui.

— Imaginei. Afinal, um homem como você certamente não precisaria de um assassino profissional. Você faz isso muito bem por conta própria.

Gabriel tirou um maço de dinheiro do bolso do casaco e o depositou sobre o livro-razão da morte, ao lado do talismã. O don o ignorou.

— Como posso ajudá-lo, Allon?

— Preciso de uma informação.

— Sobre...?

Sem dizer nada, Gabriel colocou a foto de Madeline Hart ao lado do dinheiro.

— A garota inglesa?

— Você não parece surpreso, Don Orsati.

O corso não respondeu.

— Sabe onde ela está?

— Não. Mas tenho uma boa noção de quem a capturou.

Gabriel ergueu a foto do homem de Les Palmiers. Orsati assentiu.

— Quem é ele?

— Não sei. Só o vi uma vez.

— Onde?

— Neste escritório, uma semana antes de a garota inglesa desaparecer. Ele sentou na mesma cadeira em que você está sentado agora. Mas ele tinha mais dinheiro do que você, Allon. Muito mais.

Era hora do almoço, a parte do dia predileta de Don Orsati. Eles se acomodaram na varanda adjacente ao escritório e sentaram a uma mesa repleta de pães, queijos, vegetais e salsichas da região. O sol estava forte e, por entre os pinheiros-larícios, Gabriel pôde ver o mar azul-esverdeado reluzindo à distância. O aroma da macchia estava por toda parte; no ar fresco e na comida. Até mesmo Orsati parecia irradiá-lo. Ele serviu vinho vermelho-sangue na taça de Gabriel e, a seguir, passou a cortar várias fatias da gorda salsicha corsa. Gabriel não questionou a origem da carne. Nas palavras de Shamron, às vezes é melhor não perguntar.

— Fico feliz por não termos matado você — disse Orsati, erguendo a taça uma fração de centímetro.

— Posso garantir, Don Orsati, que sinto o mesmo.

— Mais salsicha?

— Por favor.

Orsati cortou mais duas fatias grossas e as colocou no prato de Gabriel. Em seguida, pôs os óculos de leitura em formato de meia-lua e examinou a fotografia do homem de Les Palmiers.

— Ele parece diferente nesta foto — comentou após um momento. — Mas definitivamente é a mesma pessoa.

— O que está diferente?

— O penteado. Quando ele veio me ver, estava com mouse no cabelo e o penteara bem para trás. Era uma diferença sutil, mas muito eficiente.

— Ele tinha um nome?

— Apresentou-se como Paul.

— Sobrenome?

— Até onde eu sei, esse era o sobrenome.

— Que idioma nosso amigo Paul falava?

— Francês.

— Local?

— Não, tinha sotaque.

— De que tipo?

— Não consegui identificar — respondeu o don, franzindo as sobrancelhas grossas. — Dava a impressão de ter aprendido francês ouvindo os CDs de algum curso de línguas. Era perfeito, mas ao mesmo tempo havia algo de estranho ali.

— Imagino que ele não tenha encontrado seu nome numa lista

telefônica.

— Não, Allon. Ele tinha uma referência.

— Que tipo de referência?

— Um nome.

— Alguém que contratou você no passado.

— As referências costumam ser desse tipo.

— Que tipo de trabalho era?

— O tipo em que dois homens entram numa sala e só um sai. E não se dê o trabalho de me perguntar o nome da referência — acrescentou Orsati rapidamente. — Estamos falando dos meus negócios.

Com um leve movimento da cabeça, Gabriel indicou que não tinha desejo que levar a questão mais a fundo, ao menos por enquanto. Então, perguntou a Anton por que o homem tinha ido vê-lo.

— Conselho — respondeu Orsati.

— Sobre o quê?

— Ele me disse que tinha alguns produtos para mover. Falou que precisava de alguém com um barco rápido. Alguém que conhecesse as águas locais e pudesse navegar à noite. Alguém que soubesse manter a boca fechada.

— Produto?

— Você pode achar estranho, mas ele não foi específico.

— Você supôs que ele fosse um contrabandista — disse Gabriel. Era mais uma declaração de fato do que uma pergunta.

— A Córsega é uma rota intensa de tráfico de heroína do Oriente Médio para a Europa. Ah, para seu governo, os Orsatis não lidam com narcóticos, embora se saiba que, vez ou outra, nós eliminamos membros proeminentes desse mercado.

— Por uma taxa, é claro.

— Quanto mais proeminente, maior a taxa.

— Vocês foram capazes de oferecer o serviço para ele?

— Óbvio — respondeu o don. Em seguida, baixando a voz, acrescentou: — Às vezes nós mesmos movemos coisas durante a noite, Allon.

— Coisas como cadáveres?

Orsati deu de ombros.

— São um infeliz efeito colateral de nosso negócio — falou ele num tom filosófico. — Em geral, tentamos deixá-los onde caem. Mas, ocasionalmente, os clientes pagam um pouco a mais para que eles desapareçam. Nosso método favorito é colocá-los em caixões de concreto e enviá-los para o fundo do mar. Só Deus sabe quantos estão lá embaixo.

— Quanto Paul pagou?

— Cem mil.

- Como foi a divisão?
- Metade para mim, metade para o homem com o barco.
- Só metade?
- Sorte dele ter recebido tanto.
- E quando você soube que a garota inglesa tinha

desaparecido?

— É óbvio que suspeitei. Quando vi a foto de Paul nos jornais... Basta dizer que não fiquei satisfeito. A última coisa que eu preciso é de problemas. São ruins para os negócios.

— Você não aceita sequestrar mulheres jovens?

— Suspeito que nem você.

Gabriel permaneceu em silêncio.

— Não quis ofender — disse o don sinceramente.

— Não ofendeu, Don Orsati.

Anton encheu seu prato com pimentões assados e berinjela e encharcou-os com azeite de oliva do clã. Gabriel tomou um pouco de vinho, elogiou a comida e perguntou pelo nome do homem com o barco rápido que conhecia as águas locais, como se não tivesse o mínimo interesse na resposta.

— Estamos entrando em território sensível — alertou Orsati. — Eu faço negócios com essas pessoas o tempo todo. Se descobrirem que as trai, as coisas ficariam feias, Allon.

— Posso garantir, Don Orsati, que eles nunca vão saber como eu obtive a informação.

Orsati não pareceu convencido.

— Por que essa garota é tão importante a ponto de o grande Gabriel Allon procurá-la?

— Digamos que ela tem amigos poderosos.

— Amigos? — Orsati balançou a cabeça, cético. — Se você está envolvido, é mais do que isso.

— Você é muito sábio, Don Orsati.

— A macchia não tem olhos — comentou o don, misterioso.

— Eu preciso do nome dele — insistiu Gabriel, baixinho. — Ele nunca vai saber onde eu o obtive.

Orsati pegou a taça de vinho e a ergueu contra o sol.

— Se eu fosse você — disse, depois de um instante falaria com um homem chamado Marcel Lacroix. Talvez ele saiba algo sobre o lugar para onde a garota foi depois que saiu da Córsega.

— Onde eu posso encontrá-lo?

— Marselha. Ele deixa o barco no Velho Porto.

— Qual lado?

— O sul, em frente à galeria de arte.

— Qual é o nome do barco?

— Moondance.

— “Dança da Lua”? Simpático.

— Garanto que não há nada de simpático a respeito de Marcel Lacroix ou dos homens para quem ele trabalha. Você precisa ser cuidadoso em Marselha.

— Você pode achar estranho, Don Orsati, mas eu já fiz isso uma ou duas vezes.

— É verdade. Mas você deveria estar morto há muito tempo.

— Orsati passou o talismã para Gabriel. — Coloque isso no pescoço. Afasta mais do que só o mau-olhado.

— Na verdade, eu estava me perguntando se você tem algo um pouco mais poderoso.

— Como o quê?

— Uma arma.

O don sorriu.

— Eu tenho algo melhor do que uma arma.

Gabriel seguiu pela rua até ela virar uma estrada de terra e, então, foi um pouco mais além. O bode velho estava exatamente onde Don Orsati tinha dito que estaria, bem antes da curva fechada à esquerda, à sombra das três oliveiras centenárias. Quando Gabriel se aproximou, ele se ergueu e ficou no meio da passagem estreita, como se desafiasse o estranho a tentar passar. Tinha o corpo meio dourado e branco e uma barba vermelha. Assim como Allon, carregava cicatrizes de antigas batalhas.

Ele avançou o carro alguns centímetros, tentando fazer o bode entregar sua posição sem briga, mas o animal manteve-se firme. Gabriel olhou para a arma que Don Orsati tinha lhe dado. Uma Beretta 9 milímetros carregada no banco do carona. Um tiro entre os chifres desgastados do bode seria o bastante para terminar o impasse. Mas não era possível. O bode, assim como as velhas oliveiras, pertencia a Don Casabianca. Se Gabriel tocasse num pelo de sua maldita cabeça, haveria uma batalha e sangue derramado.

Gabriel deu duas buzinas, mas o bode não cedeu. Com um suspiro profundo, saiu do carro e tentou discutir com o bicho — primeiro em francês, depois italiano e por fim, exasperado, em hebraico. O bode respondeu baixando a cabeça e a mirando como um aríete na direção da barriga de Gabriel. Mas Allon, que acreditava que a melhor defesa era um bom ataque, avançou primeiro, balançando os braços e gritando como um lunático. Surpreso, o bode recuou na mesma hora e sumiu por um vão na macchia.

Gabriel voltou depressa até a porta aberta do carro, mas parou ao ouvir um som ao longe, como o gorjeio de um tordo. Ele se virou e olhou para cima, na direção da casa ocre ao lado da colina seguinte. Parado no terraço estava um homem louro todo vestido de branco. E, embora Gabriel não pudesse ter certeza, parecia que o homem estava

rindo descontroladamente.

O homem esperando por Gabriel na casa não era corso — ao menos não tinha nascido ali. Seu nome real era Christopher Keller e ele fora criado num sólido lar de classe média alta no elegante distrito londrino de Kensington. Na Córsega, no entanto, apenas Don Orsati e um punhado de seus subordinados sabiam de tudo isso. Para o resto da ilha, ele era conhecido simplesmente como “o Inglês”.

A história da jornada de Keller de Kensington à Córsega fora uma das mais intrigantes que Gabriel já escutara, o que em si já não era pouca coisa. Filho único de dois médicos da Harley Street, logo cedo deixou claro que não tinha a menor intenção de seguir os passos dos pais. Obcecado por história, especialmente história militar, queria se tornar um soldado. Seus pais o proibiram de se alistar no Exército e, por um tempo, ele se resignou. Matriculou-se em Cambridge e começou a estudar história e idiomas orientais. Era um aluno brilhante, mas no segundo ano de estudos perdeu a paciência e uma noite sumiu sem deixar rastros. Alguns dias depois, apareceu na casa do pai, em Kensington, de cabelo raspado, vestindo um uniforme verde-oliva: tinha entrado para o Exército britânico.

Após completar o treinamento básico, Keller se juntou a uma unidade de infantaria, mas seu intelecto, capacidade física e iniciativa logo chamaram a atenção do Serviço Aéreo Especial, conhecido na Inglaterra como SAS. Poucos dias depois de chegar à sede do regimento em Hereford, ficou claro que Keller tinha encontrado sua vocação. Seus resultados no “matadouro” — uma instalação abjeta onde recrutas praticavam combate e resgate de reféns — foram os melhores já registrados e os instrutores do curso de combate desarmado escreveram que nunca tinham visto alguém com um talento tão instintivo para tirar a vida humana. Seu treinamento culminou numa marcha de quase 65 quilômetros pelos pântanos ventosos conhecidos como Brecon Beacons, um teste de resistência que já tinha levado homens à morte. Com uma mochila de 25 quilos nas costas e um fuzil de 4,5 quilos nas mãos, Keller quebrou o recorde do percurso por trinta minutos, uma marca que nunca foi superada até os dias atuais.

Inicialmente, ele foi designado para um esquadrão Sabre especializado em guerra no deserto, mas sua carreira logo deu uma guinada quando um homem da inteligência militar foi procurá-lo. Ele estava atrás de uma espécie única de soldado, capaz de executar o

procedimento de observação próxima e outras tarefas especiais na Irlanda do Norte. Disse estar impressionado com suas habilidades linguísticas e sua aptidão de improvisar e pensar rápido. Keller estaria interessado? Na mesma noite, Christopher fez as malas e se mudou de Hereford para uma base secreta nas Terras Altas da Escócia.

No decorrer do treinamento, Keller demonstrou mais um talento notável. Havia anos que as forças de segurança e inteligência britânicas enfrentavam dificuldades com a miríade de sotaques na Irlanda do Norte. Em Ulster, as comunidades inimigas eram capazes de identificar umas às outras apenas pelo som de uma voz, e a maneira pela qual um homem dizia algumas frases simples poderia significar a diferença entre a vida e uma morte tenebrosa. Keller desenvolveu a habilidade de imitar as entonações com perfeição. Podia até mesmo mudar de sotaque num piscar de olhos — um católico do condado de Armagh num minuto; um protestante da Shankill Road, de Belfast, no momento seguinte; depois, um católico dos conjuntos habitacionais de Ballymurphy. Operou em Belfast por mais de um ano, rastreando membros do IRA, coletando pedaços de fofocas úteis da comunidade local. Devido à natureza de seu trabalho, ocasionalmente ele passava várias semanas sem entrar em contato com os controladores.

Sua missão na Irlanda do Norte chegou a um final abrupto num fim de noite quando foi sequestrado na zona oeste de Belfast e levado até uma fazenda remota em Armagh. Lá, Keller foi acusado de ser espião britânico. Ele sabia que a situação era desesperadora, então decidiu escapar lutando. Ao deixar a fazenda, quatro terroristas veteranos do Exército Republicano Irlandês estavam mortos; dois foram praticamente cortados em pedacinhos.

Keller retornou a Hereford, achando que teria um longo descanso trabalhando como instrutor. Mas sua estadia ali terminou em agosto de 1990, quando Saddam Hussein invadiu o Kuwait. Keller voltou depressa à sua velha unidade Sabre e, em janeiro de 1991, já estava no deserto do Iraque, à procura dos lançadores de mísseis Scud que aterrorizavam Tel Aviv. Na noite de 28 de janeiro, ele e sua equipe localizaram um lançador a 160 quilômetros a noroeste de Bagdá e transmitiram as coordenadas por rádio para os comandantes na Arábia Saudita. Noventa minutos depois, uma formação de caças-bombardeiros da Coalizão passou voando baixo sobre o deserto. Mas, num caso desastroso de fogo amigo, em vez dos Scuds, as aeronaves atacaram o esquadrão do SAS. Os oficiais britânicos concluíram que a unidade inteira fora perdida, incluindo Keller. O obituário não mencionou seu trabalho na inteligência na Irlanda do Norte nem os quatro militantes do Exército Republicano Irlandês que ele tinha matado na fazenda de Armagh.

O que os oficiais do Exército britânico não perceberam, no entanto, foi que Keller havia sobrevivido ao incidente. Seu primeiro instinto foi entrar em contato com a base por rádio e requisitar uma extração. Em vez disso, enfurecido pela incompetência dos superiores, começou a caminhar. Oculto pelas típicas vestimentas de um beduíno e altamente treinado na arte de movimentação clandestina, Keller passou pelas forças da Coalizão e entrou na Síria sem ser detectado. De lá, seguiu de carona para o oeste, passando por Turquia, Grécia e Itália, até enfim chegar à costa da Córsega, onde caiu nos braços abertos de Don Orsati. Anton lhe deu uma casa e uma mulher para ajudá-lo a cuidar de suas muitas feridas. Então, quando ele estava descansado, o don lhe deu trabalho. Com sua aparência do norte da Europa e o treinamento do SAS, Keller foi capaz de cumprir contratos que estavam muito além da capacidade dos taddunaghiu de Orsati nascidos na Córsega. Um desses contratos tinha os nomes de Anna Roube e Gabriel Allon. A consciência de Keller não permitiu que os matasse, mas o orgulho profissional o levou a deixar para trás o talismã que agora jazia na palma da mão de Gabriel.

Por uma incrível coincidência, os dois homens já haviam se encontrado numa outra ocasião, muitos anos antes, quando Keller e diversos outros agentes do SAS foram a Israel treinar técnicas de contraterrorismo. No último dia de sua estadia, Gabriel tinha concordado, com certa relutância, em dar uma palestra confidencial sobre uma de suas operações mais ousadas: o assassinato de Abu Jihad em 1988, o segundo em comando da OLP, em sua casa na Tunísia. Keller sentou na primeira fileira e prestou atenção em cada palavra de Allon. Depois, durante uma sessão de fotos do grupo, posicionou-se ao lado de Gabriel, que estava usando óculos escuros e um chapéu para ocultar sua identidade. Mas Keller olhou direto para a câmera. Foi uma das últimas fotografias tiradas dele.

Agora, enquanto Gabriel saía do carro alugado, o homem que lhe poupou a vida estava parado no vão da porta de seu refúgio na Córsega. Ele era uma cabeça mais alto que Gabriel e tinha o peito e os ombros bem mais largos. Vinte anos sob o sol corso haviam alterado bastante sua aparência. Agora a pele tinha cor de couro e os cabelos curtos estavam esbranquiçados pelo mar. Apenas os olhos azuis pareciam iguais. Eram os mesmos que haviam observado Gabriel com tanta atenção quando ele recontara a morte de Abu Jihad. Os mesmos que, certa vez, em outra época, lhe concederam clemência numa noite chuvosa em Veneza.

— Eu lhe ofereceria um almoço — disse Keller, com seu sotaque britânico claro —, mas fiquei sabendo que você comeu no Chez Orsati.

Quando Keller estendeu a mão, os músculos de seu braço se

contraíram sob o casaco branco. Gabriel hesitou por um instante antes de cumprimentá-lo. Cada aspecto de Keller, desde as mãos potentes até as pernas poderosas, parecia ter sido projetado especificamente para matar.

— O que o don disse? — perguntou Gabriel.

— O suficiente para eu saber que não deveria chegar perto de um homem como Marcel Lacroix sem reforços.

— Então você o conhece?

— Uma vez ele me deu carona.

— Antes ou depois?

— Os dois. Lacroix passou um tempo no Exército francês. E também em algumas das piores prisões do país.

— E isso deveria me impressionar?

— “Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas.”

— Sun Tzu — completou Gabriel.

— Você citou essa passagem durante sua palestra em Tel Aviv.

— Então você estava prestando atenção, afinal.

Gabriel passou por Keller e entrou na ampla sala da casa. A mobília era rústica e, assim como Keller, coberta de tecido branco. Todas as superfícies estavam revestidas por pilhas de livros e as paredes tinham várias pinturas de qualidade, incluindo trabalhos menos conhecidos de Cézanne, Matisse e Monet.

— Nenhum sistema de segurança? — perguntou Gabriel, passando os olhos pela sala.

— Não é necessário.

Gabriel se aproximou do Cézanne, uma paisagem pintada nas colinas perto de Aix-en-Provence, e passou a ponta do dedo com delicadeza pela tela.

— Você está se saindo muito bem, Keller.

— Dá para pagar as contas.

Gabriel não disse nada.

— Você desaprova a minha forma de ganhar a vida?

— Você mata pessoas por dinheiro.

— Você também.

— Eu mato pelo meu país, e só como último recurso.

— Foi por isso que você estourou os miolos de Ivan Kharkov naquela rua em Saint-Tropez? Pelo seu país?

Gabriel deu as costas para o Cézanne e olhou bem nos olhos de Keller. Qualquer outro homem teria murchado perante a intensidade do olhar de Gabriel, mas não Keller. Seu braços poderosos estavam cruzados despreocupadamente sobre o peito, e um canto da boca estava erguido num meio sorriso.

— Talvez essa não seja uma boa ideia, afinal — falou Gabriel.

— Eu conheço os jogadores e conheço o terreno. Seria tolice não me usar.

Gabriel não respondeu; Keller tinha razão. Ele era o guia perfeito para o mundo do crime na França. E suas habilidades físicas e táticas certamente se provariam valiosas para os problemas que eles enfrentariam.

— Eu não posso pagar — avisou Gabriel.

— Não preciso de dinheiro — retrucou Keller, observando a bela casa. — Mas preciso que você responda a algumas perguntas antes de partirmos.

— Se não a encontrarmos em cinco dias, ela morre.

— Cinco dias são uma eternidade para homens como nós.

— Sou todo ouvidos.

— Para quem você está trabalhando?

— Para o primeiro-ministro da Inglaterra.

— Não sabia que vocês estavam se falando.

— Alguém da inteligência britânica entrou em contato comigo.

— Em nome do primeiro-ministro?

Gabriel assentiu.

— Qual é a ligação entre o primeiro-ministro e essa garota?

— Tente adivinhar.

— Meu Deus.

— Deus tem muito pouco a ver com isso.

— Quem é o amigo do primeiro-ministro na inteligência britânica?

Gabriel hesitou, então respondeu à pergunta honestamente.

Keller sorriu.

— Você o conhece? — perguntou Gabriel.

— Trabalhei com Graham na Irlanda do Norte. Ele é um profissional de verdade. Mas, assim como todo mundo na Inglaterra, acha que estou morto. Logo, não pode saber que estou trabalhando com você.

— Você tem a minha palavra.

— Tem mais uma coisa que eu quero.

Keller estendeu a mão e Gabriel entregou o talismã.

— Estou surpreso que você o tenha guardado.

— Tem valor sentimental.

Keller pendurou-o no pescoço.

— Vamos — disse ele, sorrindo. — Eu sei onde a gente pode arrumar outro para você.

A signadora vivia numa casa torta no centro do vilarejo, não muito longe da igreja. Keller chegou sem marcar horário, mas a idosa não pareceu surpresa ao vê-lo. Ela vestia uma túnica preta, e um cachecol preto cobria os cabelos bem secos. Abrindo um sorriso

preocupado, tocou a bochecha de Keller com delicadeza. Em seguida, segurou a cruz pesada pendurada no pescoço e voltou o olhar para Gabriel. Sua tarefa era cuidar dos afligidos pelo mau-olhado. Ela temia que Keller tivesse trazido a própria encarnação do mal para seu lar.

— Quem é esse homem?

— Um amigo — respondeu Keller.

— Ele é um crente?

— Não como nós.

— Diga-me o nome dele, Christopher... seu nome real.

— Gabriel.

— Como o arcanjo?

— Sim.

Ela analisou o rosto de Gabriel com atenção.

— Ele é israelita, não é?

Keller assentiu e a velha franziu um pouco a testa em desaprovação. Pela doutrina, a signadora considerava os judeus como hereges, mas pessoalmente não tinha nada contra. Ela desabotoou a camisa de Keller e tocou no talismã dele.

— Esse não é o que você perdeu muitos anos atrás?

— Sim.

— Onde você o encontrou?

— No fundo de uma gaveta abarrotada.

A signadora balançou a cabeça.

— Você está mentindo para mim, Christopher. Você nunca vai aprender que eu sei perceber?

Keller sorriu, mas não disse nada. A velha soltou o talismã e tocou sua bochecha de novo.

— Você está deixando a ilha, Christopher?

— Esta noite.

A signadora não indagou o motivo: sabia exatamente o que Keller fazia para ganhar a vida. Na verdade, ela já tinha até mesmo contratado um jovem taddunaghiu chamado Anton Orsati para vingar o assassinato do marido.

Com um meneio de cabeça, convidou Keller e Gabriel para se sentarem à pequena mesa de madeira em sua sala. Colocou sobre o tampo um prato cheio de água e uma vasilha de azeite de oliva. Keller mergulhou o dedo indicador no azeite e, em seguida, o manteve acima do prato, para que três gotas caíssem na água. De acordo com as leis da física, elas deveriam ter-se aglomerado. Em vez disso, a substância se desfez em mil gotículas e desapareceu.

— O mal retornou, Christopher.

— Receio que seja um risco ocupacional.

— Não faça piadas, meu querido. O perigo é muito real.

— O que a senhora vê?

Ela focou toda a atenção no líquido, como se estivesse em transe. Depois, perguntou baixinho:

— Vocês estão procurando a garota inglesa?

Keller assentiu.

— Ela está viva?

— Sim — respondeu a velha. — Está viva.

— Onde ela está?

— Não está em meu poder dizer isso.

— Nós vamos encontrá-la?

— Quando ela estiver morta. Então vocês saberão a verdade.

— O que a senhora vê?

Ela fechou os olhos.

— Água... montanhas... um velho inimigo...

— Meu?

— Não. — Ela abriu os olhos e encarou Gabriel. — Dele.

A signadora pegou a mão do Inglês e rezou. Após um momento, começou a chorar, um sinal de que o mal tinha passado do corpo de Keller para o seu. Em seguida, fechou os olhos e pareceu adormecer. Ao acordar, instruiu Keller a repetir o teste do azeite e da água. Dessa vez, o azeite se aglomerou numa única gota.

— O mal saiu da sua alma, Christopher. — Voltando-se para Gabriel, a velha disse: — Agora ele.

— Eu não sou um crente — retrucou Gabriel.

— Por favor — pediu ela. — Se não por você, por Christopher.

Relutante, Gabriel mergulhou o indicador no azeite e deixou três gotas caírem na água. Quando o azeite se dividiu em mil gotículas, a mulher fechou os olhos e começou a estremecer.

— O que a senhora vê? — perguntou Keller.

— Fogo — respondeu ela, baixinho. — Eu vejo fogo.

Havia uma balsa saindo de Ajaccio às cinco horas. Às quatro e meia, Gabriel estacionou o Peugeot na embarcação e, dez minutos depois, observou Keller subir a bordo dirigindo um Renault velho. Seus compartimentos ficavam no mesmo deque, um de frente para o outro. O de Gabriel tinha o tamanho e a falta de atrativo de uma cela de prisão. Ele deixou a mala na cama minúscula e subiu as escadas para o bar. Ao chegar, encontrou Keller sentado a uma mesa perto da janela, tomando um gole de cerveja com um cigarro queimando no cinzeiro.

Gabriel balançou a cabeça devagar. Quarenta e oito horas atrás, estava diante de uma tela em Jerusalém. Agora buscava por uma mulher desconhecida, acompanhado por um homem que, no passado, aceitara um contrato para matá-lo.

Pediu um café preto ao barman e saiu para o convés de popa. A balsa já estava longe do porto e o ar da noite havia esfriado. Gabriel

levantou a gola do casaco e envolveu a xícara de café com as mãos para se aquecer. As estrelas do leste brilhavam intensamente no céu sem nuvens, e o mar, que um instante antes estava turquesa, logo se tornou nanquim. Gabriel teve a impressão de sentir o cheiro de macchia no vento. Um pouco depois, escutou a voz da signadora: “Quando ela estiver morta. Então vocês saberão a verdade.”

Quando Gabriel e Keller chegaram a Marselha no começo da manhã seguinte, o Moondance estava amarrado no ponto de sempre no Velho Porto, ostentando seus 42 pés de puro poder de contrabando. O dono, no entanto, não estava à vista. Keller montou um posto estático de observação no lado norte e Gabriel ficou a leste, na frente de uma pizzaria que, inexplicavelmente, tinha o nome de uma região chique de Manhattan. A cada hora eles mudavam de posição, mas no fim da tarde ainda não havia sinal de Lacroix. Por fim, ansioso com a perspectiva de um dia perdido, Gabriel percorreu o perímetro do porto, passou pelos vendedores de peixe em suas bancas de metal e se juntou a Keller no Renault. O tempo estava piorando: chuva pesada, um vento frio vindo das colinas. Keller ligava os limpadores em intervalos de alguns segundos para manter o para-brisa transparente. O degelador ofegava fracamente contra o vidro embaçado.

— Você tem certeza de que ele não possui apartamentos na cidade? — perguntou Gabriel.

— Ele mora no barco.

— E quanto a mulher?

— Ele tem várias, mas nenhuma consegue tolerar sua presença por muito tempo. — Keller limpou o para-brisa com o dorso da mão.

— Talvez possamos ficar num hotel.

— Não acha um pouco cedo? Afinal, acabamos de nos conhecer.

— Você sempre faz piadas cretinas durante as operações?

— É um mal cultural.

— Piadas cretinas ou operações?

— Ambos.

Keller pegou um guardanapo do porta-luvas e fez o melhor que pôde para consertar a bagunça que tinha feito no para-brisa.

— Minha avó era judia — comentou ele casualmente, como se admitisse que sua avó gostava de jogar bridge.

— Parabéns.

— Outra piada?

— O que você quer que eu diga?

— Você não acha interessante que eu tenha uma ancestral judia?

— Por minha experiência, a maior parte dos europeus tem um

parente judeu escondido em algum lugar.

— A minha estava em plena vista.

— Onde ela nasceu?

— Na Alemanha.

— Ela foi para a Inglaterra durante a guerra?

— Logo antes. Ela foi abrigada por um tio distante que não se considerava mais judeu. Ele lhe deu um nome cristão adequado e a mandou para a igreja. Minha mãe só soube que tinha um passado judeu com 30 e tantos anos.

— Odeio ser portador de más notícias — disse Gabriel —, mas, na minha opinião, você é judeu.

— Para ser sincero, sempre me senti um pouco judeu.

— Você tem aversão a mariscos e a ópera alemã?

— Quis dizer num sentido espiritual.

— Você é um assassino profissional, Keller.

— Isso não significa que eu não acredite em Deus. Na verdade, suspeito que eu saiba mais sobre a sua história e as suas escrituras do que você.

— Então por que você anda com aquela mística maluca?

— Ela não é maluca.

— Não me diga que você acredita naquela bobagem.

— Como ela sabia que estávamos procurando a garota?

— Suponho que o don lhe tenha dito.

— Não — discordou Keller, balançando a cabeça. — Ela viu.

Ela vê tudo.

— Como a água e as montanhas?

— Sim.

— Nós estamos no sul da França, Keller. Eu também vejo água e montanhas. Inclusive, parecem estar por toda parte.

— É óbvio que ela deixou você nervoso com aquela conversa sobre um velho inimigo.

— Eu não fico nervoso. Quanto a velhos inimigos, não consigo sair da porta de casa sem trombar com um.

— Então talvez você devesse mudar a porta da sua casa de lugar.

— Isso é um provérbio corso?

— Só um conselho amigável.

— Ainda não somos exatamente amigos.

Keller encolheu os ombros quadrados para demonstrar indiferença, mágoa ou algo entre um sentimento e outro.

— O que você fez com o talismã que ela lhe deu? — perguntou ele depois de um silêncio amuado.

Gabriel deu um tapinha no peito para indicar que o talismã, idêntico ao de Keller, estava pendurado no pescoço.

— Se você não acredita — indagou Keller por que o está usando?

— Eu gosto do modo como ele valoriza as minhas roupas.

— O que quer que você faça, não o tire: ele mantém o mal à distância.

— Eu gostaria de manter à distância algumas pessoas na minha vida.

— Como Ari Shamron?

— Como você sabe de Shamron? — perguntou Gabriel, ocultando sua surpresa.

— Eu o conheci quando fui treinar em Israel. Além do mais, todo mundo no negócio sabe de Shamron. E todo mundo sabe que ele queria que você fosse o chefe, em vez de Uzi Navot.

— Você não devia acreditar em tudo que lê nos jornais, Keller.

— Eu tenho boas fontes. E elas me disseram que o emprego era seu, mas você o recusou.

— Talvez você ache difícil de acreditar — disse Gabriel, com o olhar cansado voltado para o para-brisa respingado de chuva —, mas não estou a fim de ter um papo nostálgico com você.

— Eu só estava tentando matar tempo.

— Talvez pudéssemos aproveitar um silêncio confortável.

— Outra piada?

— Você entenderia se fosse judeu.

— Tecnicamente eu sou judeu.

— Quem você prefere: Puccini ou Wagner?

— Wagner, claro.

— Então não tem como você ser judeu.

Keller acendeu um cigarro e sacudiu o fósforo para apagá-lo. Uma rajada de vento jogou a chuva no para-brisa, dificultando a visão do porto. Gabriel baixou a sua janela alguns centímetros para dar vazão à fumaça de Keller.

— Talvez você esteja certo — disse ele por fim. — Talvez um quarto seja uma boa ideia.

— Não acho que seja necessário.

— Por que não?

Keller ligou os limpadores do para-brisa e apontou para além do vidro.

— Porque Marcel Lacroix está vindo em nossa direção.

Ele estava usando um agasalho preto e tênis verde-néon, e carregava no ombro uma mala esportiva Puma. Era óbvio que Lacroix havia passado a maior parte da tarde na academia. Não que ele precisasse de exercício: tinha pelo menos 1,90 metro e pesava mais de 90 quilos. Seus cabelos escuros com gel estavam presos num rabo de cavalo curto. Havia piercings nas duas orelhas e ideogramas chineses

tatuados no lado do seu grosso pescoço — evidência de que era um estudante das artes marciais asiáticas. Seus olhos não paravam de se mexer, mas ele não chegou a perceber os dois homens sentados no pequeno Renault com janelas embaçadas. Enquanto o observava, Gabriel deu um suspiro profundo. Lacroix certamente seria um oponente digno, em especial dentro do espaço apertado do Moondance. Apesar do que dizem, tamanho é documento.

— Nenhuma piadinha? — perguntou Keller.

— Estou pensando em alguma.

— Por que você não me deixa cuidar disso?

— Por alguma razão, não acho que sei a uma boa ideia.

— Por que não?

— Porque ele sabe que você trabalha para Don Orsati. Se você aparecer e começar a fazer perguntas sobre Madeline Hart, ele vai saber que foi traído, e isso seria prejudicial aos interesses do don.

— Deixe que eu me preocupo com os interesses do don.

— É por isso que você está aqui, Keller?

— Eu estou aqui para garantir que você não acabe num caixão de cimento no fundo do Mediterrâneo.

— Há lugares piores para ser enterrado.

— A lei judia não permite enterros no mar.

Keller ficou em silêncio quando Lacroix entrou na doca e começou a seguir em direção ao Moondance. Gabriel focou na região lombar do francês, prestando atenção em como pendia a roupa esportiva. Em seguida, olhou para a forma como a bolsa estava pendurada.

— O que você acha? — perguntou Keller.

— Acho que ele está carregando a arma na bolsa.

— Você também notou isso?

— Eu noto tudo.

— Como você vai fazer?

— Do jeito mais silencioso possível.

— O que você quer que eu faça?

— Espere aqui — respondeu Gabriel, abrindo a porta do carro.

— E tente não matar ninguém até eu voltar.

O Escritório tinha uma doutrina simples quanto ao uso operacional adequado de armas ocultas. Ela fora dada por Deus a Ari Shamron — pelo menos era o que dizia a história —, que por sua vez passou-a para todos os que adentravam secretamente a noite para desempenharem seus serviços. Embora não estivesse escrita em lugar algum, todo agente de campo era capaz de recitá-la com tanta facilidade quanto a bênção das velas no sabá. Um agente do Escritório saca a arma com apenas um propósito. Ele não a brande como um gângster nem faz ameaças vazias. Apenas atira — e só interrompe os

disparos quando o alvo não está mais entre os vivos. Amém.

Foi com a advertência de Shamron ecoando em seus ouvidos que Gabriel deu os passos finais na direção do Moondance. Hesitou antes de embarcar. Até mesmo um homem tão esguio quanto ele poderia fazer com que o barco se inclinasse um pouco. Portanto, velocidade e uma confiança aparente seriam essenciais.

Gabriel deu uma última olhada por cima do ombro e viu que Keller o observava com um pouco de receio pela janela do carona do Renault. Em seguida, subiu a bordo do Moondance e atravessou rapidamente o convés de popa até a cabine principal. Lacroix estava no vão da porta. No espaço apertado do barco, o francês parecia ainda maior do que na rua.

— Que porra você está fazendo no meu barco? — ele exigiu saber.

— Peço desculpas — disse Gabriel, erguendo as mãos num gesto conciliatório. — Me disseram que você estaria me esperando.

— Quem disse?

— Paul, é claro. Ele não falou que eu estava vindo?

— Paul?

— Sim, Paul — respondeu Gabriel, confiante. — O homem que o contratou para entregar o pacote da Córsega ao continente. Ele disse que você era o melhor profissional que já viu. Que, se eu precisasse de alguém para transportar bens valiosos, você era a pessoa certa.

Gabriel viu uma série de reações na expressão do francês: confusão, apreensão e, claro, cobiça. No fim, a cobiça saiu vitoriosa. Ele deu um passo para o lado e, com um movimento dos olhos, o convidou para entrar. Gabriel deu dois passos lânguidos para a frente enquanto analisava o interior da cabine, tentando encontrar a bolsa de ginástica de Lacroix. Estava em cima de uma mesa, ao lado de uma garrafa de Pernod.

— Você se incomoda? — perguntou Gabriel, meneando a cabeça em direção à porta. — Não é o tipo de coisa que você queira que os seus vizinhos ouçam.

Lacroix hesitou por um instante. Em seguida, andou até a porta e fechou-a. Gabriel se posicionou ao lado da mesa que continha a mala esportiva.

— Que tipo de trabalho é? — perguntou Lacroix, voltando-se para Gabriel.

— Muito simples. Na verdade, vai levar só alguns minutos.

— Quanto?

— O que você quer dizer? — perguntou Gabriel, fingindo confusão.

— Quanto dinheiro você está oferecendo? — indagou Lacroix, esfregando o indicador e o dedo médio no polegar.

— Estou oferecendo algo muito mais valioso do que dinheiro.
— O que seria?
— A sua vida. Marcel, você vai me dizer o que seu amigo Paul fez com a garota inglesa. E, se não disser, vou cortá-lo em pedacinhos e usá-lo como isca para peixe.

A arte marcial israelense do krav maga não é conhecida por sua elegância, mas não foi projetada mesmo para ser estética. Seu único propósito é incapacitar ou matar o adversário o mais rápido possível. Ao contrário de muitas disciplinas ocidentais, ele não hesita em usar objetos pesados para repelir um inimigo de maior tamanho e força. Na verdade, os instrutores encorajam os alunos a usarem quaisquer recursos que tenham à disposição para se defenderem. Davi não se atracou com Golias, eles gostavam de dizer, mas o atingiu com uma pedra. E só depois cortou sua cabeça.

Gabriel escolheu uma garrafa de Pernod em vez de uma pedra. Pegou-a pelo gargalo e lançou-a como uma faca na direção de Marcel Lacroix, que corria para atacá-lo. A garrafa bateu bem no centro da testa do francês, abrindo um corte horizontal profundo logo acima da densa sobrancelha. Ao contrário de Golias, que caiu no instante em que foi atingido, Lacroix conseguiu se manter de pé, embora com bastante dificuldade. Gabriel avançou e deu uma joelhada na virilha desprotegida do francês. Depois, deu-lhe um soco no estômago e quebrou seu maxilar com uma cotovelada bem aplicada. Com o outro cotovelo, acertou sua têmpora, levando-o ao chão. Gabriel se agachou e tocou o pescoço do francês para verificar se ele ainda tinha pulsação. Erguendo os olhos, viu Keller parado à porta, sorrindo.

— Impressionante. O Pernod foi um toque adorável.

PERTO DE MARSELHA

A chuva parou quando o sol se pôs, mas o vento mistral continuou soprando sem remorso muito depois do escurecer. Uivava nos cordames dos barcos amontoados no Velho Porto e redemoinhava nos deques do Moondance enquanto Keller o conduzia com habilidade mar adentro. Gabriel permaneceu a seu lado na ponte de comando até eles saírem do porto. Então, desceu as escadas para o alojamento principal, onde Marcel Lacroix jazia no chão, com o rosto voltado para baixo, amarrado, amordaçado e vendado. Gabriel rolou o francês, deixando-o de barriga para cima, e tirou a fita adesiva que lhe cobria os olhos com um único movimento ríspido. Lacroix já tinha recuperado a consciência e não havia sinal de medo em seus olhos, apenas fúria. Keller estava certo: não era fácil assustar o francês.

Gabriel voltou a vendá-lo e deu início a uma busca minuciosa na embarcação, começando pelo alojamento principal e terminando na cabine de Lacroix. Ele encontrou um esconderijo com drogas ilegais, cerca de 60 mil euros em dinheiro vivo, passaportes falsos, carteiras de motorista francesas em quatro nomes diferentes, cartões de crédito roubados, nove celulares descartáveis e uma coleção elaborada de pornografia impressa e eletrônica. Além disso, havia um recibo com um número de telefone rabiscado atrás, de um lugar chamado Bar du Haut, no Boulevard Jean Jaurès, em Rognac, uma cidade de classe operária ao norte de Marselha, não muito longe do aeroporto. Gabriel já tinha passado por ali uma vez, em outra época da vida. Era o tipo de lugar que servia apenas de parada a caminho de algum outro lugar.

Gabriel verificou a data do recibo. Em seguida, examinou os históricos de chamada dos nove celulares em busca do número escrito no verso do papel. Encontrou-o em três dos telefones. Naquela manhã, Lacroix ligara duas vezes para ele com dois celulares diferentes.

Gabriel guardou os aparelhos, o recibo e o dinheiro numa mochila de náilon e voltou para o alojamento principal. Mais uma vez tirou a fita adesiva dos olhos de Lacroix, mas também removeu a mordaça. O rosto do francês estava muito distorcido, devido ao inchaço do maxilar quebrado. Gabriel o apertou com força enquanto fitava os olhos do contrabandista.

— Vou fazer algumas perguntas, Marcel. Você tem só uma

chance para me dizer a verdade. Entendeu? — perguntou Gabriel, pressionando o maxilar dele com um pouco mais de força. — Uma chance.

A única resposta de Lacroix foi um grunhido de dor.

— Uma chance — repetiu Gabriel, erguendo o indicador para enfatizar. — Está ouvindo?

Lacroix não respondeu.

— Vou tomar isso como um sim. Agora, Marcel, quero que você me diga os nomes dos homens que estão com a garota. E depois quero saber onde posso encontrá-los.

— Não sei nada sobre essa garota.

— Você está mentindo, Marcel.

— Não, eu juro...

Antes que Lacroix pudesse continuar, Gabriel lhe colocou a mordaça de novo. Em seguida, passou bastante fita adesiva ao redor da cabeça do francês, até deixar apenas as suas narinas visíveis. Desceu até o convés inferior, pegou uma corda de náilon num armário e voltou para cima, até a ponte de comando. Keller segurava o leme com as duas mãos, estreitando os olhos para o mar turbulento.

— Como está indo lá embaixo? — perguntou ele.

— Estou surpreso: não consegui persuadi-lo a cooperar.

— Por que a corda?

— Mais persuasão.

— Algo que eu possa fazer para ajudar?

— Reduza a velocidade e ligue o piloto automático.

Keller obedeceu e seguiu Gabriel até o alojamento principal. Encontraram Lacroix bem perturbado, arfante, lutando para respirar através do capacete de fita adesiva. Gabriel o rolou, deixando-o de barriga para baixo, e passou a corda de náilon pelas amarras nos pés e calcanhares. Depois de prendê-la com um nó firme, arrastou Lacroix até o convés de popa como se ele fosse uma baleia recém-arpoada. Então, com a ajuda de Keller, aproximou o francês da beirada e o jogou para fora do barco. Lacroix bateu na água escura com um baque pesado e começou a se debater ferozmente para tentar manter a cabeça acima da superfície. Gabriel o observou por um momento e, em seguida, vasculhou o horizonte em todas as direções. Nenhuma luz visível. Era como se eles fossem os três últimos homens na terra.

— Como você vai saber quando parar? — perguntou Keller, vendo Lacroix lutar pela própria vida.

— Quando ele começar a afundar — respondeu Gabriel, calmo.

— Me lembre de nunca entrar na sua lista negra.

— Nunca entre na minha lista negra.

Depois de 45 segundos na água, de repente Lacroix parou de se mover. Gabriel e Keller o puxaram depressa de volta para o barco e

removeram a fita adesiva que lhe cobria a boca. Por vários minutos, o francês não conseguiu falar, alternando-se entre respirar sufocadamente e tossir água do mar. Quando ele pareceu cuspir tudo, Gabriel segurou o maxilar quebrado e o apertou.

— Você pode não estar se dando conta neste instante, mas hoje é seu dia de sorte, Marcel. Agora vamos tentar de novo: diga onde eu posso encontrar a garota.

— Eu não sei.

— Você está mentindo para mim, Marcel.

— Não — respondeu Lacroix, balançando a cabeça violentamente de um lado para o outro. — Estou dizendo a verdade. Não faço ideia de onde ela está.

— Mas você conhece um dos homens que está com ela. Você até tomou uns drinques com ele num bar em Rognac uma semana antes de a garota desaparecer. E, desde então, você tem se mantido em contato com ele.

Lacroix ficou em silêncio. Gabriel apertou o maxilar quebrado com mais força.

— O nome, Marcel. Diga-me o nome dele.

— Brossard — Lacroix se esforçou para dizer, tomado pela dor. — O nome dele é René Brossard.

Gabriel encarou Keller, que assentiu.

— Muito bem — falou para Lacroix, relaxando o aperto. — Agora continue falando. E nem pense em mentir para mim. Caso contrário, volta para a água. Mas, da próxima vez, vai ser para sempre.

PERTO DE MARSELHA

O convés de popa tinha duas cadeiras giratórias. Gabriel amarrou Lacroix na que estava a estibordo e sentou-se na outra, diante dele. Lacroix continuou vendado, a roupa encharcada pelo tempo que passara dentro d'água. Tremendo violentamente, implorou por uma muda de roupas ou um cobertor. Como não teve resposta, falou de uma noite quente em meados de agosto, quando um homem aparecera no Moondance sem aviso prévio, da mesma forma que Gabriel havia feito mais cedo.

— Paul? — perguntou Gabriel.

— Sim, Paul.

— Vocês se conheciam?

— Não, mas eu já o tinha visto.

— Onde?

— Em Cannes.

— Quando?

— Durante o festival de cinema.

— Este ano?

— Sim, em maio.

— Você foi ao Festival de Cannes?

— Eu não estava na lista de convidados, se é isso que você quer saber. Estava trabalhando.

— Que tipo de trabalho?

— O que você acha?

— Roubando das estrelas do cinema e dos ricos?

— É uma das nossas semanas mais ocupadas do ano, uma verdadeira dádiva para a economia local. Só tem imbecil em Hollywood. Nós os roubamos todas as vezes que o pessoal de lá vem para cá, e acho que nem percebem.

— O que Paul estava fazendo?

— Passando tempo com os ricos. Acho que até o vi entrando no salão umas duas vezes para ver os filmes.

— Acha?

— Ele sempre tem uma aparência diferente.

— Ele estava dando golpes em Cannes?

— Isso você teria que perguntar para ele. Não discutimos esse assunto quando ele veio me ver. Só falamos do serviço.

— Ele queria contratar você e o seu barco para levarem a

garota da Córsega até o continente.

— Não — negou Lacroix, balançando a cabeça com veemência.

— Ele nunca disse nenhuma palavra sobre uma garota.

— O que foi que ele disse?

— Queria que eu entregasse um pacote.

— Você não perguntou o que era?

— Não.

— Você sempre opera assim?

— Depende.

— Do quê?

— De quanto dinheiro tem na mesa.

— E quanto tinha?

— Cinquenta mil.

— Isso é bom?

— Muito bom.

— Ele chegou a mencionar onde obteve o seu nome?

— Com o don.

— Que don?

— Don Orsati, o Corso.

— Que tipo de trabalho o don faz?

— Ele tem um dedo em todo tipo de esquema, mas principalmente em assassinatos. De vez em quando, dou uma carona para um de seus homens. E às vezes eu ajudo a fazer coisas desaparecerem.

O inquérito de Gabriel tinha um propósito duplo. Permitia testar a veracidade das respostas de Lacroix, ao mesmo tempo que encobria suas próprias pegadas. Agora o francês achava que Gabriel nunca tivera o prazer de conhecer um assassino corso chamado Orsati. E, pelo menos até agora, ele estava respondendo honestamente às perguntas de Gabriel.

— Paul disse quando o serviço ia ser executado?

— Não. Ele disse que me avisaria 24 horas antes e que eu provavelmente ouviria algo dele em uma semana, dez dias no máximo.

— Como ele entraria em contato com você?

— Por telefone.

— Você ainda tem o telefone que usou?

Lacroix assentiu e recitou o número associado ao aparelho.

— Ele ligou?

— No oitavo dia.

— O que ele falou?

— Me pediu para buscá-lo na manhã seguinte, na enseada que fica bem ao sul de Capo di Feno.

— A que horas?

— Três da madrugada.
— Como ficou combinado?
— Ele queria que eu deixasse um bote na praia e o esperasse no mar.

Gabriel ergueu os olhos para a ponte de comando, de onde Keller observava o interrogatório. O Inglês aquiesceu, como se confirmando que de fato há uma enseada em Capo di Feno e que o cenário descrito por Lacroix era perfeitamente plausível.

— Quando você chegou à Córsega? — perguntou Gabriel.

— Alguns minutos após a meia-noite.

— Estava sozinho?

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim, eu juro.

— A que horas você deixou o bote na praia?

— Às duas.

— Como você voltou para o Moondance?

— Fui andando — brincou Lacroix. — Como Jesus.

Gabriel arrancou o piercing da orelha direita de Lacroix.

— Foi só uma piada — alegou o francês, arquejante, com sangue fluindo do lóbulo arruinado.

— Se eu fosse você — retrucou Gabriel não estaria fazendo piadas sobre o Senhor num momento destes. Eu faria o possível para conseguir cair nas graças Dele.

Gabriel olhou de novo para a ponte de comando e viu que Keller tentava conter um sorriso. Em seguida, mandou Lacroix descrever os eventos que se seguiram. Paul, disse o francês, chegara bem na hora, às três em ponto. Lacroix tinha visto um único veículo, um pequeno modelo com tração nas quatro rodas, descendo aos solavancos a pista íngreme do topo da colina até a enseada, só com as luzes de freio acesas. Então, ouviu o barco se aproximar pela água. Quando o escaler encostou na popa do Moondance, ele viu a garota.

— Paul estava com ela?

— Sim.

— Mais alguém?

— Não, só Paul.

— Ela estava inconsciente?

— Quase.

— O que estava usando?

— Vestido branco. E um capuz preto cobria sua cabeça.

— Você viu o rosto dela?

— Em nenhum momento.

— Alguma ferida?

— Os joelhos estavam sangrando e os braços tinham muitos

arranhões e hematomas.

— Algemas?

— Nas mãos.

— Na frente do corpo ou atrás?

— Atrás.

— De que tipo?

— Algemas plásticas, muito profissionais.

— Continue.

— Paul deitou a garota num sofá no alojamento principal e aplicou algo nela para deixá-la quieta. Depois veio para a ponte de comando e me disse para onde queria ir.

— Para onde?

— Para o estuário logo a oeste de Saintes-Maries-de-la-Mer. O lugar tem uma marina pequena, já usei antes. É um ponto excelente. Paul tinha feito a lição de casa.

Outra olhada para Keller. Outro assentimento.

— Você atravessou direto?

— Não — respondeu Lacroix. — Isso teria nos levado para a terra em plena luz do dia. Passamos o dia inteiro no mar. Avançamos em torno das onze horas daquela noite.

— Paul manteve a garota no alojamento o tempo inteiro?

— Ele a levou para a proa uma vez, mas fora isso...

— Fora isso o quê?

— Ele usou a seringa.

— Ketamina?

— Não sou médico.

— Não brinca.

— Você me fez uma pergunta, eu respondi.

— Ele a levou para a terra no escaler?

— Não. Eu fui direto para a marina. É o tipo de lugar onde dá para estacionar um carro bem ao lado do barco. Havia um esperando. Um Mercedes preto.

— Que tipo de Mercedes?

— Classe E.

— Placa?

— Francesa.

— Sem ninguém?

— Não. Havia dois homens. Um estava apoiado no capô quando nós entramos. O outro estava ao volante.

— Você conhecia o que estava apoiado no capô?

— Nunca o vi antes.

— Mas o que estava ao volante você conhecia, não é mesmo, Marcel?

— Sim. Era René Brossard.

René Brossard era o soldado raso de uma família criminosa com ligações internacionais que estava se dando bem em Marselha. Era especializado em trabalho pesado: cobrança de dívidas, coerção, segurança. No tempo livre, trabalhava como leão de chácara num clube noturno perto do Velho Porto, principalmente porque gostava das garotas que trabalhavam lá. Lacroix o conhecia da vizinhança. Também sabia seu telefone.

— Quando você ligou para ele? — perguntou Gabriel.

— Alguns dias depois de ter lido a primeira matéria sobre a garota inglesa que desapareceu durante as férias na Córsega. Somei um mais um e me dei conta de que era a garota que eu tinha deixado no porto em Saintes-Maries-de-la-Mer.

— Você é algum tipo de gênio da matemática?

— Eu sei somar — gracejou Lacroix.

— Você se deu conta de que Paul poderia receber uma bela grana de resgate de alguém e quis uma fatia do bolo.

— Ele me passou a perna quanto falou do tipo de trabalho. Eu nunca teria concordado em fazer parte do sequestro de alguém importante por meros 50 mil dólares.

— Quanto você queria?

— Eu tento não criar o hábito de negociar comigo mesmo.

— Homem sábio.

Gabriel perguntou a Lacroix quanto tempo Brossard tinha levado para retornar seu telefonema.

— Dois dias.

— Vocês entraram em detalhes pelo telefone?

— O suficiente para deixar claro o que eu queria. Brossard me ligou de volta algumas horas depois e me disse para ir ao Bar du Haut na tarde seguinte, às quatro.

— Isso foi uma burrice, Marcel.

— Por quê?

— Porque Paul poderia estar lá em vez de Brossard. E ele poderia ter metido uma bala entre os seus olhos por ter a audácia de pedir mais dinheiro.

— Eu sei cuidar de mim mesmo.

— Se isso fosse verdade — falou Gabriel —, você não estaria amarrado numa cadeira no próprio barco. Mas continue: você estava me contando sobre a sua conversa com René Brossard.

— Ele disse que Paul queria ser razoável. Depois disso, começamos a negociar.

— Negociar?

— O preço do meu acordo. Paul fez uma oferta. Eu fiz uma contraoferta. Fomos e voltamos várias vezes.

Tudo por telefone?

Lacroix assentiu.

— Qual é o papel de Brossard na operação?

— Ele fica na casa onde estão mantendo a garota.

— Paul está lá também?

— Não perguntei.

— Quantas pessoas estão lá?

— Não sei. Só sei que outra mulher vive lá, para que eles pareçam uma família.

— Brossard chegou a mencionar a garota inglesa?

— Disse que ela está viva.

— Só isso?

— É.

— Qual é o estado atual das suas negociações com Paul e Brossard?

— Chegamos a um acordo esta manhã.

— Quanto você conseguiu arrancar deles?

— Mais 100 mil.

— Quando você vai pegar o dinheiro?

— Amanhã à tarde.

— Onde?

— Em Aix.

— Onde, lá?

— Num café perto da praça Charles de Gaulle.

— Qual é o nome do lugar?

— Le Provence. Mais alguma coisa?

— Como ficou combinado?

— Brossard ficou de aparecer primeiro, às cinco e dez. Vou encontrá-lo dez minutos depois.

— Onde ele vai estar sentado?

— Numa mesa do lado de fora.

— E o dinheiro?

— Brossard disse que estaria numa maleta de metal.

— Que discreto.

— Foi escolha dele, não minha.

— Há um plano B, caso um de vocês não consiga aparecer?

— Le Cézanne, subindo um pouco a rua.

— Quanto tempo ele vai esperar lá?

— Dez minutos.

— E se você não der as caras?

— O acordo é cancelado.

— Existe mais alguma instrução?

— Mais nenhum telefonema — respondeu Lacroix. — Paul está ficando nervoso com os telefonemas.

— Aposto que está.

Gabriel olhou para a ponte de comando, mas dessa vez Keller estava imóvel, um vulto contra o céu preto com uma arma nas mãos estendidas. O tiro, suprimido por um silenciador, abriu um buraco em cima do olho esquerdo de Lacroix. Gabriel segurou os ombros do francês enquanto ele morria. Em seguida, virou-se, furioso, e apontou a sua arma para Keller.

— É melhor você guardar isso antes que alguém se machuque — disse o Inglês com calma.

— Por que diabos você fez isso?

— Ele entrou na minha lista negra. Além disso — acrescentou Keller, enquanto guardava a arma na cintura —, ele não era mais necessário.

Eles o lançaram ao fundo do mar nas águas profundas além do golfo de Leão e seguiram para Marselha. Ainda estava escuro quando chegaram ao Velho Porto. Gabriel e Keller saíram do Moondance com alguns minutos de diferença um do outro, entraram nos seus carros, e percorreram a costa a caminho de Toulon. Um pouco antes da cidade de Bandol, Gabriel parou na beira da estrada e afrouxou vários cabos do motor. Ligou para a locadora de veículos e, com a voz histérica de Herr Klemp, deixou uma mensagem dizendo onde o carro “quebrado” podia ser encontrado. Depois de limpar as digitais do volante e do painel, entrou no Renault de Keller e os dois foram para o leste, seguindo para Nice sob o sol nascente. Havia um prédio antigo na Rue Verdi, branco como um osso, onde o Escritório mantinha um de seus vários flats secretos na França. Gabriel entrou no edifício sozinho e pegou a correspondência, que incluía a cópia do arquivo pessoal de Madeline Hart no Partido, solicitada a Graham Seymour. De volta ao carro, ele leu o documento enquanto Keller dirigia rumo a Aix pela Autoroute A8.

— O que diz aí? — perguntou o Inglês depois de vários minutos de silêncio.

— Que Madeline Hart é perfeita. Mas nós já sabíamos disso.

— Eu também já fui perfeito. E olha como fiquei.

— Você sempre foi um patife, Keller. Só não percebeu até aquela noite no Iraque.

— Eu perdi oito colegas tentando proteger o seu país dos Scuds de Saddam.

— Somos eternamente gratos.

Mais calmo, Keller ligou o rádio e sintonizou numa estação sediada em Mônaco que transmitia em inglês, voltada para a grande comunidade de expatriados britânicos que viviam no sul da França.

— Com saudades de casa? — perguntou Gabriel.

— Gosto de ouvir o som do meu idioma nativo de vez em quando.

— Você nunca voltou?

— Para a Inglaterra?

Gabriel assentiu.

— Nunca — respondeu Keller. — Eu me recuso a trabalhar lá e nunca aceitei contratos envolvendo ingleses.

- Que nobre da sua parte.
- Deve-se operar de acordo com um código de conduta.
- Então os seus pais não sabem que você está vivo?
- Não.
- Você não deve mesmo ser judeu — repreendeu Gabriel. —

Nenhum garoto judeu deixaria a mãe pensar que ele está morto. Não se atreveria.

Gabriel abriu o registro mais recente do arquivo pessoal de Madeline Hart e o leu em silêncio enquanto Keller dirigia. Era a cópia de uma carta enviada por Jeremy Fallon para o presidente do Partido, recomendando que a Srta. Hart fosse promovida a um posto júnior no ministério e preparada para cargos oficiais. Fitou uma fotografia de Madeline sentada numa cafeteria a céu aberto com o homem que eles conheciam apenas pelo nome de Paul.

Observando-o, Keller perguntou:

- Em que você está pensando?
- Estou só me perguntando por que uma jovem estrela em ascensão no partido britânico da situação dividia uma garrafa de champanhe com um sujeito tão estranho como o nosso amigo Paul.

— Porque ele sabia que Madeline tinha um caso com o primeiro-ministro. E estava se preparando para sequestrá-la.

— Como ele teria descoberto?

— Eu tenho uma teoria.

— É baseada em fatos?

— Em alguns.

— Então é só uma hipótese.

— Mas pelo menos vai ajudar a passar o tempo.

Gabriel fechou a pasta para indicar que estava prestando atenção. Keller desligou o rádio.

— Homens como Jonathan Lancaster sempre cometem o mesmo erro quando têm um caso: confiam que os guarda-costas vão ficar de boca fechada — começou o Inglês. — Mas eles não ficam. Eles conversam entre si, conversam com as esposas, as namoradas, os velhos amigos que conseguiram trabalho no negócio particular de segurança da Inglaterra. E, em pouco tempo, o caso chega aos ouvidos de alguém como Paul.

— Você acha que Paul está ligado ao negócio britânico de segurança?

— Ele poderia estar. Ou então conhecer alguém que esteja. Enfim, uma informação dessas vale ouro para alguém como Paul. Ele provavelmente manteve Madeline sob observação em Londres e invadiu o celular e as contas de e-mail dela. E descobriu que a garota ia passar as férias na Córsega. Quando ela chegou, Paul a estava esperando.

— Então por que almoçar com ela? Por que correr o risco de mostrar o rosto?

— Porque, para o sequestro correr bem, precisava que ela estivesse sozinha.

— Ele a seduziu?

— Ele é um canalha charmoso.

— Essa eu não engulo — retrucou Gabriel, depois de pensar por um momento.

— Por que não?

— Porque, quando foi raptada, Madeline estava envolvida romanticamente com o primeiro-ministro britânico. Ela não teria sido seduzida por alguém como Paul.

— Madeline era a amante do primeiro-ministro, logo havia muito pouco romantismo em seu relacionamento. Ela devia ser uma garota solitária.

Gabriel olhou de novo para a foto — não para Madeline, mas para Paul.

— E quem é esse sujeito?

— Com certeza não é um amador. Só um profissional que conhece o don. E um profissional que se atreveria a bater na porta do don para pedir ajuda.

— Se ele é tão profissional, por que estava dependente do talento local para fazer o serviço?

— Você quer saber por que ele não tem equipe própria?

— Isso.

— Economia básica — respondeu Keller. — Manter uma equipe pode ser uma empreitada complicada. E, invariavelmente, as pessoas geram problemas. Quando o serviço é lento, os garotos ficam infelizes. E, se conseguem bastante grana, querem uma parte maior.

— Então ele usa freelances com contratos diretos de taxa por serviço para evitar compartilhar os lucros.

— No ambiente global competitivo da economia atual, é o que todo mundo está fazendo.

— Não o don.

— O don é diferente. Nós somos uma família, um clã. E você está certo quanto a uma coisa: Marcel Lacroix teve sorte de não ter sido morto por um assassino a mando de Paul. Se ele se atrevesse a pedir mais dinheiro a Don Orsati depois de completar um trabalho, teria acabado no fundo do Mediterrâneo dentro de um caixão de concreto.

— Que é onde ele está agora.

— Exceto pela parte do concreto, claro.

Gabriel olhou para Keller com desaprovação, mas não disse nada.

— Foi você que arrancou o brinco dele.

— Um lóbulo da orelha rasgado é um mal temporário. Uma bala no olho é um mal eterno.

— E o que a gente deveria ter feito com ele?

— Poderíamos tê-lo levado para a Córsega e o deixado com o don.

— Confie em mim, Gabriel, ele não teria durado muito. Orsati não gosta de problemas.

— E, como Stálin gostava de dizer, “a morte resolve todos os problemas”.

— “Se não há homem, não há problema” — Keller completou a citação.

— E se o homem estivesse mentindo para nós?

— O homem não tinha motivos para mentir.

— Por quê?

— Porque sabia que nunca ia sair vivo do barco — disse Keller, e acrescentou baixinho: — Ele só estava torcendo para ter uma morte indolor.

— Essa é outra de suas teorias?

— Regras de Marselha. Quando as coisas por aqui começam de forma violenta, sempre terminam com violência.

— E se René Brossard não estiver sentado no Le Provence às cinco e dez com uma maleta de metal? O que faremos?

— Ele vai estar lá.

Gabriel queria ser confiante como Keller, mas sua experiência o impedia. Consultou o relógio e calculou o tempo que tinham para salvar a garota.

— Caso Brossard apareça, talvez seja melhor não o matarmos antes de ele nos conduzir até o cativeiro de Madeline.

— E depois?

A morte resolve todos os problemas, pensou Gabriel. Se não há homem, não há problema.

A cidade antiga de Aix-en-Provence — fundada pelos romanos, conquistada pelos visigodos e embelezada por reis — pouco se parecia com Marselha, sua vizinha ao sul, que tinha drogas, crimes e um bairro árabe onde mal se falava francês. Aix tinha museus, shoppings e uma das melhores universidades do país, e seus residentes tendiam a olhar de nariz empinado para os moradores de Marselha. Eles raramente visitavam a outra cidade, em geral só para usar o aeroporto, e saíam o mais depressa possível, torcendo para conseguirem manter todas as suas valiosas posses.

A principal via pública de Aix era a Cours Mirabeau, uma avenida longa e larga repleta de cafés e sombreada por duas fileiras paralelas de plátanos frondosos. Ao norte, havia um emaranhado de ruas estreitas e pequenas praças conhecido como o Quartier Ancien. Era uma área voltada principalmente para pedestres, e só as ruas largas ficavam abertas ao trânsito de veículos motorizados. Gabriel fez uma série de manobras aprendidas no Escritório para verificar se estava sendo seguido. Depois de se certificar de que estava sozinho, dirigiu-se para uma pequena praça movimentada. No centro, ficava uma coluna antiga encimada por um capitel romano e, no canto sudeste, parcialmente obscurecido por uma frondosa árvore, o Le Provence. Havia algumas mesas na praça e outras ao longo da Rue Espariat, onde dois velhos estavam sentados com o olhar perdido e uma garrafa de pastis entre eles. Era um lugar frequentado mais por moradores do que turistas, pensou Gabriel. Um lugar onde um homem como René Brossard se sentiria à vontade.

Já no café, Gabriel foi até a seção de tabacaria e pediu um maço de Gauloises e um exemplar do Nice-Matin. Enquanto esperava o troco, analisou o interior para se certificar de que havia apenas uma entrada. Depois, saiu para escolher um posto fixo de observação que lhe possibilitasse ver as mesas de ambos os lados do exterior do restaurante. No momento em que avaliava suas opções, dois adolescentes japoneses se aproximaram e perguntaram, num francês terrível, se Gabriel poderia tirar uma foto deles. Gabriel fingiu não compreender. Ele se virou e percorreu a Rue Espariat, passando pelos dois homens da Provence e caminhando em direção à praça Charles de Gaulle.

O barulho dos carros passando pela rotatória movimentada era

irritante depois da quietude do Quartier Ancien. Brossard poderia deixar Aix por outra rota, mas Gabriel duvidava. A praça Charles de Gaulle era o mais próximo que um carro podia chegar do Le Provence. Tudo aconteceria rapidamente, pensou Gabriel, e se eles não estivessem preparados, iriam perdê-lo. Olhou para a Cours Mirabeau e para as folhas dos plátanos tremulando à brisa tênue, e calculou o número de agentes e veículos que seria necessário para fazer o trabalho da forma correta. No mínimo doze, com quatro veículos, para evitar serem detectados durante a perseguição até a propriedade isolada onde a garota era mantida presa. Balançando a cabeça devagar, andou até uma cafeteria nos limites da rotatória onde Keller estava sentado, tomando café sozinho.

— E aí? — perguntou o Inglês.

— Vamos precisar de uma moto.

— Onde está o dinheiro que você pegou de Lacroix antes de eu matá-lo? Franzindo a testa, Gabriel bateu de leve na cintura. Keller deixou alguns euros na mesa e se levantou.

Havia uma concessionária ali perto, na Boulevard de la République. Depois de passar alguns minutos examinando uma lista, Gabriel escolheu uma scooter Peugeot Satelis 500; Keller pagou com dinheiro vivo e registrou-a no nome de uma de suas identidades falsas em território corso. Enquanto o vendedor providenciava a papelada, Gabriel atravessou a rua e entrou numa loja de roupas masculinas, onde comprou uma jaqueta de couro, uma calça jeans preta e botas de couro. Ele se trocou num dos vestiários e colocou as roupas antigas no compartimento de armazenamento da scooter. Em seguida, depois de colocar um capacete preto, montou nela e seguiu Keller pela avenida até a praça Charles de Gaulle.

Já eram quase cinco horas da tarde. Gabriel deixou a scooter no começo da Rue Espariat e, com o capacete debaixo do braço, subiu a rua estreita até a pequena praça da coluna romana. Os dois velhos ainda não tinham saído da mesa no Le Provence. Gabriel entrou no pub irlandês do outro lado da rua e pediu uma lager para a garçonete, perguntando-se por um instante por que alguém frequentaria um local como aquele no sul da França. Seu raciocínio foi interrompido pela visão de um homem muito musculoso descendo a rua nas sombras, com uma maleta de metal na mão direita. O estranho entrou no Le Provence e saiu um momento depois com um café creme e uma dose de algo mais forte. Enquanto se sentava numa mesa vazia, passou o olhar pela praça lentamente, detendo-se um instante em Gabriel antes de prosseguir. Allon consultou o relógio: 17h10 em ponto. Tirou o celular do casaco e ligou para Keller.

— Eu disse que ele viria — falou o Inglês.

— Como ele chegou?

- Mercedes preto.
- Que tipo?
- Classe E.
- Placa?
- Adivinhe.
- O mesmo carro que estava esperando na marina?
- Vamos saber em breve.
- Quem estava dirigindo?
- Uma mulher, 20 e tantos anos, talvez 30 e poucos.
- Francesa?
- Talvez. Se quiser, eu pergunto para ela.
- Onde ela está agora?
- Dando voltas pela rotatória.
- Onde você está?
- Dois carros atrás dela.

Gabriel desligou e guardou o celular no casaco. De outro bolso, tirou um dos telefones que tinha pegado no barco de Marcel Lacroix. Tudo aconteceria rápido, pensou de novo, e se eles não estivessem preparados iriam perdê-lo. Doze agentes, quatro veículos — era disso que ele precisava para fazer o trabalho direito. Mas Gabriel tinha só dois veículos e o único outro membro da equipe era um assassino profissional que certa vez tentara matá-lo. Tomou um gole da cerveja, mesmo que apenas para manter o disfarce. Em seguida, fitou o celular do homem morto e viu os minutos passarem devagar.

AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA

Às 17h18, o tempo pareceu parar. O ruído distante do trânsito diminuiu, as pessoas na pequena praça congelaram, como se fossem uma pintura a óleo feita por Renoir. Gabriel, o restaurador, foi capaz de examinar a cena com todo o tempo do mundo. Um quarteto de alemães bem-vestidos examinava o cardápio num restaurante espanhol. Duas garotas escandinavas de sandálias analisavam, confusas, o último mapa de papel do mundo inteiro. Uma mulher atraente sentada na base da coluna romana com um garoto de uns 3 anos nos joelhos. E um homem no Le Provence sem nenhuma companhia além da maleta com 100 mil euros. Um dinheiro que fora fornecido por um homem sem país, chamado apenas de Paul. Gabriel olhou para a mulher e a criança e, em sua mente, viu um clarão de fogo e sangue. Em seguida, observou de novo o homem sozinho no café. Já eram 17h20. No instante em que o relógio de Gabriel mostrou 17h21, o homem se levantou, pegou a maleta e partiu.

“Há um plano B, caso um de vocês não consiga aparecer?”

“Le Cézanne, subindo um pouco a rua!”

“Quanto tempo ele vai esperar lá?”

“Dez minutos.”

“E se você não der as caras?”

“O acordo é cancelado.”

Mas por que um criminoso profissional deixaria de aparecer para um pagamento de 100 mil euros? Porque o criminoso estava, naquele instante, no fundo do Mediterrâneo, a quase 13 quilômetros a su-sueste de Marselha, com uma bala no cérebro. René Brossard não poderia saber disso, claro, e essa era a razão pela qual Gabriel estava com o telefone do homem morto à mão. Observou Brossard se mover rapidamente pela rua sombreada, com a maleta na mão. Então, olhou para os alemães e as escandinavas, para a mãe e o filho que, num dos recônditos mais escuros de sua memória, ainda estavam queimando. Eram 17h22. Em oito minutos a perseguição teria início. Bastava um erro. Um erro, e Madeline Hart morreria. Tomou mais um gole da cerveja, porém sentia agora um gosto horrível. Fitou a mulher e o garoto e observou, impotente, enquanto as chamas consumiam a carne deles.

Às 17h25, ligou de novo para Keller.

— Onde ela está?

— Continua dirigindo em círculos.
— Talvez esteja só deixando você ocupado. Talvez haja um segundo carro.

— Você é sempre tão pessimista?
— Só quando a vida de uma jovem está em jogo.

Keller não disse nada.

— Onde ela está agora?

— Se eu tivesse que adivinhar, diria que está indo na sua direção.

Gabriel desligou e pegou o outro celular. Discou o número de Brossard, pressionou bem o polegar sobre o microfone e encostou o aparelho no ouvido. Dois toques, seguidos pela voz de Brossard:

— Cadê você, porra?

Gabriel apertou o dedão com mais força contra o microfone e ficou em silêncio.

— Marcel? É você? Onde você está?

Gabriel tirou o celular do ouvido e desligou. Trinta segundos depois, discou de novo. Novamente, Gabriel cobriu o microfone com o dedão. Brossard atendeu no primeiro toque.

— Marcel? Marcel? Achei que tivesse dito para você não usar mais telefones. Você tem três minutos. Aí eu vou embora.

Dessa vez foi Brossard que desligou. Gabriel guardou o celular no bolso e telefonou para Keller mais uma vez.

— Como foi? — perguntou o Inglês.

— Ele acha que Lacroix está são e salvo em algum lugar com sinal fraco de celular.

— Muito fraco.

— Onde ela está agora?

— Chegando perto da praça Charles de Gaulle.

Gabriel desligou e verificou o horário. Em três minutos Brossard iria embora. Ele estaria agitado, cauteloso. Poderia reparar num homem perseguindo-o a pé, especialmente se o tivesse visto tomando lager no pub irlandês quando estava no Le Provence. Mas, se Brossard apenas passasse pelo homem a caminho do carro, talvez estivesse menos inclinado a considerá-lo suspeito. Era uma das regras de ouro da vigilância criadas por Shamron. Às vezes, pregava ele, era melhor seguir um homem pela frente do que de trás.

Gabriel consultou o relógio. Às 17h28, ele saiu da mesa no pub e desceu a Rue Espariat com o capacete debaixo do braço. Le Cézanne era o último estabelecimento comercial à direita, no ponto em que a rua dava na praça Charles de Gaulle. Brossard estava numa mesa no lado de fora. Quando Gabriel passou, sentiu os olhos do francês perfurando suas costas, mas se forçou a não se virar. A scooter estava onde ele a deixara, estacionada ao lado de várias outras motos,

embaixo de um plátano que começava a perder suas folhas. Três delas tinham caído no selim da scooter. Gabriel tirou-as, montou e colocou o capacete.

Pelo retrovisor, viu Brossard se levantando da mesa e entrando na rua estreita. Alguns segundos depois, o francês passou a alguns centímetros do ombro direito de Gabriel. Tão perto que sentiu o cheiro de seu perfume. Tão perto que, se quisesse, poderia ter arrancado a maleta de sua mão esquerda. Antes, Brossard a carregara com a outra mão, porém isso não era mais possível, pois estava segurando um celular, pressionado com força contra o ouvido.

Gabriel deu partida na scooter quando Brossard adentrou a esplanada junto à praça, olhando de um lado para outro, como a torre de um tanque buscando um alvo para destruir. Como era fim de tarde, o aglomerado de pessoas já aumentara e Gabriel só não o perdeu de vista porque o metal da maleta reluzia ao entardecer como uma moeda recém-cunhada. Quando Brossard alcançou a rotatória, seu celular já estava de volta no bolso e ele estendeu a mão para abrir a porta do carona de um Mercedes preto Classe E que parou junto ao meio-fio.

Entrou no carro no momento em que um Renault passou ao seu lado e entrou no Boulevard de La République. Dez segundos depois, o Mercedes fez o mesmo. Observando o golpe de sorte, Gabriel não pôde deixar de sorrir. Às vezes, pensou, era melhor seguir um homem pela frente do que de trás. Acelerou a scooter e entrou no trânsito, os olhos fixos nas luzes traseiras do Mercedes. Um erro, ele estava pensando. Um erro, e a garota morreria.

Eles pegaram o Boulevard de La République até a Route d'Avignon e, então, seguiram para o norte. Por cerca de um quilômetro, só viram lojas e semáforos, mas aos poucos surgiram prédios e casas, e logo eles percorriam rapidamente uma via com quatro faixas. Depois de mais um quilômetro, um posto de gasolina apareceu à direita. Keller reduziu a velocidade e ligou a seta, e o Mercedes o ultrapassou na mesma hora. Em seguida, de repente, a via voltou a ter apenas duas faixas. Gabriel se manteve a uns 50 metros atrás do Mercedes, tendo Keller logo atrás.

Àquela altura, o sol já tinha se posto e a noite outonal caía com a rapidez de uma cortina descendo no palco. Os ciprestes que ladeavam a rua foram do verde-escuro ao preto antes de serem consumidos pela escuridão. Conforme a região foi envolvida pelas sombras, o mundo de Gabriel diminuiu: faróis brancos, luzes de lanterna vermelhas, o rugido do motor da scooter, o zumbido do Renault de Keller a alguns metros de distância. Seus olhos estavam focados na traseira do Mercedes, mas em sua mente Gabriel examinava um mapa da França. Naquela parte da província, havia

vários vilarejos e cidades, muito grudados uns nos outros, como pérolas num colar. Mas, se continuassem seguindo naquela direção, entrariam em Vacluse. Lá, no Lubéron, os vilarejos ficariam mais esparsos e o terreno seria mais acidentado — o tipo de lugar onde manteriam a garota. Algum lugar isolado, algum lugar com uma única rua para entrar e para sair. Dessa forma, saberiam se estavam sendo observados. Ou seguidos.

Eles passaram nos limites de uma cidade de pouca importância chamada Lignane. Logo em seguida, o Mercedes entrou no estacionamento deserto de uma loja que vendia objetos de cerâmica para jardim, e Gabriel e Keller não tiveram escolha além de seguir adiante. Uns 200 metros adiante, havia uma rotatória. Uma entrada dava em Saint-Cannat e a outra, que passava por uma via menor, dava em Rognes. Gabriel gesticulou para que Keller fosse na direção da primeira comuna. Depois de desligar o farol, inclinou a scooter na direção da outra e rapidamente buscou abrigo à sombra de uma parede de concreto. Após um instante, o Mercedes passou com o motor ronronando, mas agora Brossard estava ao volante, e a mulher, que Gabriel pôde ver claramente pela primeira vez, encarava o retrovisor com atenção. Ele ligou para Keller e contou as notícias.

No caminho para Rognes, Gabriel pareceu voltar no tempo. Havia menos pavimentação, a noite ficou mais escura e o ar esfriava à medida que eles subiam em direção à base dos Alpes. Uma lua crescente aparecia e desaparecia por trás das nuvens, ora iluminando, ora toldando a paisagem. Dos dois lados da via, vinhedos acompanhavam as colinas como soldados indo para a guerra, mas, fora isso, a terra parecia desprovida de habitação humana. Mal havia iluminação elétrica e só se via o Mercedes na pista. Gabriel estava a alguma distância do veículo e Keller seguia bem atrás para não ser visto por Brossard. Sempre que possível, Allon dirigia sem o farol. Castigado pelo vento frio e sem visibilidade total, ele teve a sensação de viajar à velocidade do som.

Conforme eles se aproximavam de Rognes, alguns carros e caminhões enfim apareciam. No centro da cidade, o Mercedes parou pela segunda vez, em frente a uma charcutaria grudada numa boulangerie. Novamente Keller seguiu em frente, mas Gabriel deu um jeito de se esconder atrás de uma igreja antiga. De lá, observou a mulher sair do carro e entrar sozinha nas lojas, saindo alguns minutos depois com várias sacolas plásticas repletas de comida. Era o suficiente para alimentar uma casa cheia de pessoas, pensou Gabriel, deixando alguns restos para um refém. O fato de que eles tinham parado para comprar suprimentos sugeria que Brossard não suspeitava estar sendo seguido. Também indicava que já se aproximavam de seu destino.

A mulher colocou as compras no porta-malas, deu uma olhada na rua vazia e se acomodou no banco do carona. Brossard começou a andar antes de ela fechar a porta. Percorreram depressa as ruas do centre-ville e entraram na D543, uma estrada com duas pistas que liga Rognes a Saint-Christophe. Depois do reservatório da comuna, Brossard atravessou o rio Durance, às seis e meia, e entrou em Vaucluse.

Eles continuaram seguindo para o norte, passando pelos vilarejos pitorescos de Cadenet e Lourmarin antes de subirem a encosta sul do Lubéron. Nas planícies do vale do rio, Gabriel permaneceu um quilômetro ou mais atrás de Brossard, mas nas ruas sinuosas das montanhas, ele foi obrigado a reduzir a distância e manter Brossard sempre à vista. Passando por Bunoux, sentiu uma pontada de medo, achando que fora notado. Mas, como o Mercedes continuou em ritmo acelerado por outros 10 quilômetros sem tomar nenhuma ação evasiva, seus temores diminuíram. Gabriel seguiu dirigindo pela noite, ladeado por paredes de rocha e afloramentos graníticos que resplandeciam sob o luar num branco luminoso, com os olhos fixos nas lanternas traseiras do Mercedes e os pensamentos voltados para uma mulher que ele não conhecia.

Por fim, Brossard entrou numa fresta entre as árvores junto à estrada e desapareceu. Gabriel não se atreveu a segui-lo logo de cara, então continuou em frente por mais um quilômetro antes de dar meia-volta. O caminho que Brossard tomara estava apenas parcialmente pavimentado e mal tinha espaço para dois veículos lado a lado. Gabriel chegou a um pequeno vale com diversos campos de cultivo separados por sebes e árvores. Havia três casas, duas na ponta oeste e uma solitária, a leste, atrás de uma barreira de ciprestes. O Mercedes não estava visível, então provavelmente Brossard tinha desligado o faróis por precaução. Gabriel pensou no tempo que levaria para dar meia-volta e quanto tempo Brossard demoraria para chegar a cada uma das casas. Desmontou da scooter e correu os olhos pelo vale; Brossard precisaria parar o carro em algum momento. E quando isso acontecesse, as luzes de freio entregariam sua posição. Depois de dez segundos, Gabriel parou de olhar para as casas a oeste, mais próximas, e se focou na mais distante a leste. Então, viu a luz vermelha, como um fósforo sendo aceso. Por um instante, ela pareceu flutuar sobre um dos ciprestes, como um sinal de alerta no topo de uma torre. Em seguida, apagou-se, e o vale voltou a ser tomado pela escuridão.

O vilarejo mais próximo tinha apenas uma terrível acomodação para pernoites, então eles dirigiram até Apt e fizeram check-in num pequeno hotel dentro do perímetro do centro antigo. O salão de refeições estava vazio e | havia apenas um garçom idoso servindo. Eles comeram em mesas separadas * e andaram pelas ruas silenciosas e escuras até a velha Basílica de Santa Ana. A construção em forma de domo cheirava a fumaça de velas e incenso, com um toque de mofo. Gabriel analisou o retábulo com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, em seguida se sentou ao lado de Keller em frente a uma série de velas votivas com chamas suaves. O Inglês estava curvado e pressionava a ponte do nariz com o dedão e o indicador.

— Ela estava certa mesmo... — disse ele num sussurro penitente.

— Quem?

— A signadora.

— Talvez eu esteja enganado — falou Gabriel, erguendo os olhos para a cúpula mas não me lembro de a signadora mencionar qualquer coisa sobre uma casa num vale agrícola no Lubéron.

— Mas ela mencionou o mar e as montanhas.

— E...?

— Eles a trouxeram pelo mar e a estão escondendo nas montanhas.

— Ou talvez já a tenham levado para outro lugar. Talvez ela já esteja morta.

— Meu Deus — sussurrou Keller. — Por que você é sempre tão pessimista, porra?

— Lembre-se onde você está, Christopher.

Keller se levantou, andou até as velas votivas e acendeu uma. Ele já ia voltar para o banco, quando viu Gabriel encarando a urna de doações. Então, tirou algumas moedas do bolso e depositou-as uma a uma na fresta. O som pareceu ecoar pelo domo ainda muito depois de Keller voltar a sentar.

— Você passa muito tempo em igrejas católicas? — perguntou ele.

— Mais do que você imagina.

Keller retomou sua posição de reflexão penitente. O vidro vermelho das velas votivas projetou uma luz rósea sobre seu rosto.

— Digamos que a garota está em outro lugar... — disse ele após um momento. — Mas todas as evidências apontam o contrário, senão Brossard não estaria aqui. Ele teria voltado para a Marselha e já estaria trabalhando no próximo golpe.

— No momento, provavelmente está tentando descobrir por que Marcel Lacroix não foi a Aix coletar o dinheiro. Quando ele contar o que aconteceu, Paul vai ficar nervoso.

— Você não passa muito tempo com criminosos, passa?

— Mais do que você imagina — repetiu Gabriel.

— Brossard não vai dizer nada a Paul sobre o que aconteceu hoje em Aix. Ele vai falar que tudo correu de acordo com o combinado. E vai manter o dinheiro para si. Bom, não todo o dinheiro: imagino que precise dar uma parte para a mulher.

Gabriel assentiu lentamente, como se Keller tivesse lhe dado uma grande lição espiritual. Virou a cabeça um pouco para observar uma mulher que caminhava até o centro da basílica, de testa grande e cabelos escuros penteados para trás. Vestia um casaco impermeável de material sintético. Seus passos, assim como as moedas de Keller, ecoaram na quietude da igreja ampla. Parando diante do altar principal, fez uma genuflexão e um lento sinal da cruz, da testa até o peito, do ombro esquerdo para o direito. Depois, sentou no lado oposto da igreja e manteve o olhar fixo à frente.

— O único jeito de determinarmos se ela está lá — falou Gabriel depois de um instante — é observando a casa por um longo período. E não há como fazer isso sem um posto fixo de observação adequado.

Keller franziu a testa em desaprovação.

— Você falou como um verdadeiro espião caseiro.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que você e sua laia não conseguem funcionar no campo sem flats secretos e hotéis de cinco estrelas.

— Judeus não acampam, Keller. Na última vez que judeus resolveram acampar, passaram quarenta anos perdidos no deserto.

— Moisés teria encontrado a Terra Prometida muito mais depressa se tivesse uns dois rapazes do Regimento para orientá-lo.

Gabriel olhou para a mulher de casaco. Ela continuava com o rosto virado para a frente, inexpressiva. Em seguida, ele encarou Keller e perguntou:

— Como vamos fazer, então?

— Nós, não. Eu vou fazer sozinho, do jeito que eu fazia na Irlanda do Norte. Um homem escondido com um binóculo e uma sacola para os dejetos. Do jeito tradicional.

— E se você for visto por um fazendeiro trabalhando em um daqueles campos?

— Um fazendeiro poderia passar andando por cima de um homem do SAS escondido e não o veria. — Keller fitou as velas por um tempo. — Uma vez eu passei duas semanas num sótão em Londonderry vigiando um homem suspeito de ser terrorista do IRA, que vivia do outro lado da rua. A família católica que morava embaixo nunca soube que eu estava na casa. E, quando chegou a hora de eu partir, eles não me ouviram indo embora.

— O que aconteceu com o terrorista?

— Ele teve um acidente. Foi uma pena. Era um alicerce da comunidade.

Gabriel escutou passos e, ao se voltar, viu a mulher saindo da igreja.

— Quanto tempo você consegue ficar naquele vale?

— Com comida e água o bastante, posso passar um mês. Mas 48 horas devem ser mais do que o suficiente para eu saber se ela está lá ou não.

— São 48 horas que nunca vamos ter de volta.

— Mas serão bem gastas.

— O que posso fazer?

— Me dar uma carona. Mas, quando eu estiver em posição, pode me esquecer.

— Então você não se incomoda se eu for a Paris e me afastar por algumas horas?

— Por que é que você tem que ir a Paris?

— Já está na hora de eu dar uma palavrinha com Graham Seymour.

Keller ficou em silêncio.

— Tem algo incomodando você, Christopher?

— Estou só me perguntando por que eu tenho que ficar sentado na lama por dois dias e você vai a Paris.

— Prefere que eu fique sentado na lama enquanto você vai ver Graham?

— Não — respondeu Keller, dando um tapinha no ombro de Gabriel. — Vá para Paris. É um bom lugar para um espião caseiro.

Eles já não dormiam havia muito tempo, então voltaram para o hotel com dez minutos de intervalo entre si e se retiraram para os seus quartos. Gabriel adormeceu em poucos minutos e, ao acordar, se viu num quarto flamejante, iluminado pela agressiva aurora provençal. Quando chegou ao salão de refeições, Keller já estava lá, recém-barbeado e com cara de ter dormido bem. Eles se cumprimentaram com um meneio de cabeça, como se fossem desconhecidos, e tomaram o café da manhã em silêncio, separados por duas mesas. Depois, os dois voltaram para o centro antigo da cidade, dessa vez para fazer compras rápidas. Keller comprou um casaco pesado, um suéter escuro

de lã, uma mochila e duas lonas impermeáveis, além de água, alimentos processados e saquinhos com fecho — o suficiente para 48 horas. Em seguida, saborearam juntos um almoço generoso e Keller optou por não tomar vinho. Ele vestiu as roupas novas enquanto Gabriel dirigia pelas montanhas até os limites do pequeno vale com as três casas. Depois, desapareceu num matagal, tão ágil quando um veado alerta fugindo aos passos de um caçador. Àquela altura, o sol já estava se pondo. Gabriel ligou para Graham Seymour em Londres mencionou um ponto de referência em Paris e desligou. Naquela noite, Deus, em sua infinita sabedoria, achou por bem enviar uma tempestade outonal ao Lubéron. Gabriel ficou acordado em seu quarto de hotel, escutando a chuva bater na janela e pensando em Keller sozinho na lama. Na manhã seguinte, tomou o café da manhã do hotel tendo por companhia apenas os jornais e o garçom de cabelos brancos. Então, dirigiu até Avignon e embarcou num TGV para Paris.

— Estava começando a achar que nunca mais teria notícias. Gabriel franziu a testa.

— Foram só cinco dias, Graham.

— Cinco dias podem parecer uma eternidade quando o primeiro-ministro está fungando no seu cangote.

Eles estavam caminhando ao longo do cais de Montebello, passando pelos bouquinistes. Gabriel vestia jeans e couro, já Seymour usava um casaco Chesterfield e sapatos feitos à mão que pareciam nunca ter tocado qualquer superfície além do carpete que ia do seu escritório ao do diretor-geral. Apesar das circunstâncias, ele parecia estar se divertindo. Já fazia muito tempo que não caminhava por uma rua sem guarda-costas, em Paris ou qualquer outro lugar.

— Você está em comunicação direta com ele? — perguntou Gabriel.

— Lancaster?

Gabriel assentiu.

— Não mais. Ele pediu para Jeremy Fallon servir de intermediário.

— Como você se comunica com ele?

— Pessoalmente e com muito cuidado.

— Mais alguém sabe do seu envolvimento?

— Eu faço tudo no meu tempo livre — disse Seymour, cansado —, quando não estou tentando ficar de olho nos vinte mil jihadistas que chamam nossa ilha abençoada de lar.

— Como você está se virando?

— O diretor-geral suspeita que eu esteja vendendo segredos para os nossos inimigos, e minha esposa está convencida de que tenho um caso. Fora isso, estou me virando bastante bem.

Seymour parou num dos cavaletes dos bouquinistes e examinou os livros com certo exagero. Parado atrás dele, Gabriel vasculhou a rua em busca de evidências de vigilância — uma pose que parecesse muito artificial, um rosto que ele já tivesse visto muitas vezes. O vento provocava pequenas ondulações com espuma na superfície do rio. Ao se virar, Gabriel viu Seymour segurando um exemplar desbotado de O Conde de Monte Cristo.

— O que acha? — perguntou Seymour.

— É um romance clássico de amor, ilusão e traição.

— Quero saber se estamos sendo observados.

— Parece que nós dois conseguimos entrar em Paris sem atrair a atenção dos nossos amigos em comum nos serviços de segurança franceses.

Seymour colocou o livro de volta no cavalete e voltou a andar com Gabriel. Então, enfiou a mão no bolso interno do casaco e retirou um envelope.

— Deixaram isto colado com fita adesiva ontem à noite na parte de baixo de um banco em Hampstead Heath. — Ele passou o envelope para Gabriel. — Em dois dias a garota morre.

— Ainda não fizeram nenhuma exigência?

— Não, mas entregaram outra fotografia provando que ela está viva.

— Como informaram a localização do material?

— Fizeram uma ligação para o celular de Simon Hewitt usando um modulador de voz. Hewitt pegou o envelope durante sua corrida matinal, a primeira e única corrida matinal que ele já fez.

Obviamente, a tensão na Downing Street está um tanto alta no momento.

— Está prestes a piorar.

— Nenhum progresso?

— Na verdade — falou Gabriel —, acho que a encontrei. A questão é o que faremos a seguir.

Eles atravessaram a Petit Pont e caminharam pela esplanada em frente à Notre-Dame enquanto Gabriel contava em voz baixa o que tinha descoberto até aquele momento. Que o homem com quem Madeline Hart havia almoçado na tarde de seu desaparecimento se apresentava como Paul. Que Paul tinha contratado um contrabandista sediado em Marselha chamado Marcel Lacroix para levar Madeline da Córsega até o continente. Que Lacroix negociara um pagamento adicional de 100 mil euros, que seria entregue por um tal de René Brossard, na cidade francesa de Aix. E que Brossard, após a tentativa fracassada de transferir o dinheiro, havia imediatamente dirigido até as montanhas de Lubéron, até um vale agrícola com três casas.

— Você acha que Madeline está numa das casas?

— René Brossard é um criminoso bem conhecido em Marselha. Só há uma razão para ele estar lá. A menos que tenha começado a fabricar vinhos.

Seymour balançou a cabeça.

— A polícia francesa está procurando por ela há mais de um mês e você consegue encontrá-la em cinco dias.

— Eu sou melhor do que a polícia francesa.

— Foi por isso que o procurei.

Perto deles, vários jovens da Europa Oriental posavam para uma foto na frente da catedral. Gabriel imaginou que fossem croatas

ou eslovacos, mas não dava para ter certeza: seu ouvido não era muito bom com os idiomas eslavos. Conduziu Seymour para a esquerda e os dois passaram pelos cafés para turistas ao longo da Rue d'Arcole.

— Você se importa se eu fizer algumas perguntas? — indagou Seymour.

— Quanto menos você souber melhor, Graham.

— Me faça um agrado.

— Se você insiste...

— Como você descobriu sobre Paul?

— Não posso contar.

— Onde está Marcel Lacroix?

— Não pergunte.

— Quem está observando a casa?

— Um parceiro.

— Do Escritório?

— Não exatamente.

— Bem — falou Seymour —, isso deixa tudo muito claro.

Gabriel não disse nada.

— O que você sabe sobre Paul?

— Ele fala francês fluente com sotaque, muda de aparência de acordo com as circunstâncias e, pelo visto, gosta de cinema.

— Como assim?

Gabriel explicou que Marcel Lacroix tinha visto Paul no Festival de Cannes, embora tenha deixado de fora a parte sobre a fita adesiva, a simulação de afogamento e a bala que Christopher Keller, um renegado do SAS, havia metido na cabeça de Lacroix.

— Paul parece ser profissional.

— É, sim — confirmou Gabriel.

— Ele ficou amigo de Madeline antes de sequestrá-la? É essa a sua teoria?

— Obviamente eles se conheceram antes de ela desaparecer. Se eram amigos, amantes ou outra coisa... só vamos saber se perguntarmos a Madeline.

— Há quanto tempo a casa está sendo vigiada?

— Menos de 24 horas.

— Quanto tempo vai levar para determinar se ela está lá ou não?

— Pode ser que a gente nunca tenha certeza, Graham.

— Quanto tempo? — insistiu Seymour.

— Mais 24 horas.

— Isso nos deixaria com somente mais um dia.

— Por isso, sua única opção é passar a minha informação para os franceses.

Eles dobraram uma esquina e entraram numa rua tranquila.

— E o que eu devo dizer aos franceses quando eles perguntarem como eu consegui essa informação? — perguntou Seymour.

— Diga que um passarinho verde contou. Invente uma história convincente sobre uma fonte ou uma comunicação interceptada. Confie em mim, Graham, eles não vão pressioná-lo.

— E se eles conseguirem resgatá-la? O que fazer? — Então, Seymour respondeu à própria pergunta: — Sem dúvida vão descobrir que ela estava tendo um caso com o primeiro-ministro. E, como são franceses, vão esfregar isso na cara de Lancaster da forma mais pública possível.

— Talvez não.

— Lancaster nunca correria esse risco.

— Você me pediu para encontrá-la. E eu acho que a encontrei.

— E agora eu estou pedindo para você resgatá-la.

— Se eu entrar lá, haverá mortes.

— Os franceses vão pensar que foi uma gangue de criminosos de Marselha matando membros de outra gangue. Isso acontece o tempo todo por lá. — Seymour fez uma pausa, então acrescentou: — Especialmente quando você está na cidade.

Gabriel ignorou o comentário.

— E se eu conseguir resgatá-la? O que faço com ela?

— Traga-a de volta para a Inglaterra e deixe que nós cuidamos do resto.

— Você vai ter que inventar uma história.

— As pessoas desaparecem e reaparecem o tempo todo.

— E se o vídeo for a público?

— Se não há garota desaparecida, não há escândalo.

— Ela vai precisar de um passaporte.

— Receio que não possa ajudar.

— Por que não?

— Porque não posso gerar um passaporte falso com a imagem dela sem disparar alarmes. Além disso, você e o seu serviço são muito bons nesse tipo de trabalho.

— Temos que ser.

Caminharam em silêncio pela rua tranquila. Gabriel tinha esgotado suas

objeções e perguntas. Ele podia apenas dizer não, algo que não estava preparado para fazer.

— Ela, pode não estar em condições de viajar — falou, por fim.

— Na verdade, talvez leve um tempo até poder fazer qualquer coisa.

— O que você quer dizer com isso?

— Se ela estiver mesmo naquela casa e se conseguirmos resgatá-la, vamos ter que levá-la para uma de nossas propriedades

seguras na França para cuidar dela. Vou trazer uma equipe, um médico, algumas garotas simpáticas para ajudá-la a se sentir mais à vontade.

— E quando ela estiver pronta para ser transportada?

— Mudamos a sua aparência, tiramos uma foto e a colocamos num passaporte israelense. Então, nós a trazemos pelo canal da Mancha e ela vira problema seu.

Eles chegaram ao fim da rua, e novamente a uma lateral da Notre-Dame, Seymour ajustou o cachecol e fingiu admirar os pilares suspensos.

— Você ainda não me disse onde a casa fica — comentou ele, indiferente.

— Você vai saber em breve.

— E Marcel Lacroix?

— Está morto.

Seymour se virou e estendeu a mão.

— Alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Ande até a Gare du Nord e pegue o próximo trem para Londres.

— É mais de um quilômetro.

— O exercício vai fazer bem a você. Não me entenda mal, Graham, mas você está com uma aparência horrível.

Seymour não conseguiu se lembrar do caminho até a Gare du Nord. Ele era um homem do MI5, logo só ia a Paris para conferências, férias ou quando tentava encontrar a amante sequestrada do primeiro-ministro. Gabriel sussurrou o caminho no ouvido de Seymour e o seguiu até a entrada da estação, onde ele desapareceu em meio a um mar de mendigos, traficantes e motoristas de táxi africanos.

Sozinho novamente, Gabriel pegou o metrô até a Place de la Concorde e, de lá, andou até a embaixada israelense na Rue Rabelais, número 3. Depois de fazer uma visita de cortesia ao chefe do posto, contatou a Mesa de Operações do King Saul Boulevard para requisitar uma casa segura na França e um comitê de recepção para a refém. Cinco minutos depois, ligaram de volta para dizer que um trio chegaria nas 24 horas seguintes.

— E quanto à casa?

— Nós temos uma propriedade nova na Normandia, perto do terminal de balsas de Cherbourg.

— Como é o lugar?

— Quatro quartos, uma cozinha com espaço para refeições, vista adorável do Canal, serviço opcional de camareira.

Gabriel desligou e pegou as chaves da casa no cofre do chefe do posto. Já eram quase quatro e meia; precisava se apressar para pegar o trem das cinco horas de volta para Avignon. Ele chegou lá

quando já tinha escurecido e voltou para seu hotel em Apt. Aquela noite não teve chuva, só um vento terrível que varreu as ruas estreitas do centro antigo da cidade. Gabriel passou a noite acordado na cama, em solidariedade a Keller. Na manhã seguinte, tomou mais café do que o habitual.

— Não dormiu bem, monsieur? — perguntou o velho garçom.

— O mistral — explicou Gabriel.

— Terrível.

A placa na fachada da loja dizia L'IMMOBILIÈRE DU LUBÉRON. Adotando a postura cética de Herr Johannes Klemp, Gabriel passou um tempo analisando as fotografias de propriedades penduradas na janela antes de entrar. Foi recebido por uma mulher que devia ter 35 anos. Ela vestia uma saia bege e uma blusa branca grudadas no corpo, dando uma ilusão de umidade. Não pareceu interessada quando Herr Klemp tentou puxar assunto. Poucas mulheres se interessavam.

Ele disse à moça que estava encantado pelo Lubéron e que pretendia voltar para uma estadia mais longa. Um hotel não serviria, falou. Para vivenciar o verdadeiro Lubéron, queria alugar uma casa. E não qualquer casa. Tinha que ser algo substancial, numa área pouco frequentada por turistas. Herr Klemp não era um turista, mas um viajante.

— Há uma diferença importante — insistiu ele.

Se de fato havia, a mulher não deu sinal de ter reconhecido. Mas algo na postura de Herr Klemp a fez supor que não valeria a pena dizer isso; acabaria sendo um longo calvário. Infelizmente, ela já tinha visto muitos homens parecidos. Herr Klemp iria querer ver todas as propriedades e, no final, não acharia nenhuma satisfatória. Porém, esse foi o único emprego que ela conseguira encontrar no lugar que tanto enfeitiçava tipos como Herr Klemp. Então, lhe ofereceu um café creme da máquina automática e abriu os folhetos com todo o entusiasmo que conseguiu reunir.

Havia uma casa adorável ao norte de Apt, mas ele achou a propriedade muito prosaica. Também existia uma recém-remodelada em Ménerbes, mas o jardim era pequeno demais e a mobília, demasiado moderna. E mais a grande propriedade perto de Lacoste, que contava com uma quadra de tênis de saibro e uma piscina interna, mas isso ofendeu o senso democrático de justiça social de Herr Klemp. E assim foi, casa por casa, cidade por cidade, ambiente por ambiente, até que sobrou apenas uma propriedade ao sul de Apt, num pequeno vale agrícola com vinhedos e plantações de lavanda.

— Parece perfeito — disse Herr Klemp, esperançoso.

— É um pouco isolado.

— Para mim, isolado é bom.

Àquela altura, a mulher concordou plenamente. De fato, se pudesse, trancaria Herr Klemp na propriedade mais isolada da França e jogaria fora a chave. Abriu o folder e falou de cada cômodo na casa. Por alguma razão, ele pareceu particularmente interessado no hall de entrada. Não havia nada de incomum no espaço. Uma porta pesada de madeira com dobradiças de ferro. Uma pequena mesa decorativa. Dois lances de degraus de pedra calcária. Um lance levava ao segundo andar da casa, e o outro descia até o porão.

— Existe outra forma de descer além da escada?

— Não.

— E nenhuma entrada externa para o porão?

— Não. Se as visitas usarem o dormitório no andar de baixo, vão ter que subir pelas escadas.

— A senhorita tem fotos do andar de baixo?

— Receio que não haja muito para ver. Apenas um quarto e uma lavanderia.

— Isso é tudo?

— Também há um depósito, mas fica indisponível para locatários. O proprietário mantém o espaço fechado com um cadeado.

— A propriedade tem algum anexo?

— Tinha, muito tempo atrás, mas foram todos removidos na última renovação.

Ele sorriu, fechou o folder e o empurrou pela mesa na direção da mulher.

— Acho que finalmente encontramos o lugar.

— Quando o senhor está interessado em alugar?

— Na próxima primavera. Mas, se for possível, adoraria dar uma olhada agora.

— Receio que esteja ocupado.

— É mesmo? Até quando?

— Os locatários vão sair em três dias.

— Em três dias já vou ter saído da Provence.

— Que pena — disse a mulher.

Gabriel passou o resto da tarde fingindo passear pelo interior do Lubéron de scooter e, ao pôr do sol, tinha estacionado num ponto isolado ao longo da beira do vale das três casas. Keller ficara de aparecer às seis horas em ponto, mas, dez minutos depois do horário combinado, ainda não havia sinal dele. Então, Gabriel sentiu uma presença atrás de si. Virando-se abruptamente, viu o Inglês parado na escuridão, imóvel como uma estátua.

— Há quanto tempo você está aí? — perguntou Gabriel.

— Dez minutos.

Gabriel deu partida na moto e os dois foram embora.

Keller disse ao concierge que estava passeando pelas montanhas, por isso as manchas de sujeira nas bochechas, a mochila imunda e o cheiro de mato que emanava de suas roupas. Subindo para o quarto, barbeou-se com muito cuidado, mergulhou o corpo cansado numa banheira de água fervente e fumou o primeiro cigarro em dois dias. Em seguida, foi para o salão de refeições, onde consumiu um jantar extraordinariamente farto regado pelo bordeaux mais caro disponível, cortesia de Marcel Lacroix. Saciado, caminhou pelas ruas vazias da cidade antiga até a basílica. O interior da igreja estava escuro e deserto, exceto por Gabriel, sentado diante das velas votivas.

— Mas você tem certeza? — perguntou, quando Keller se juntou a ele.

— Sim — respondeu Keller, assentindo devagar. Ele tinha certeza.

— Você chegou a vê-la?

— Não.

— Então como sabe que ela está lá?

— Porque sei identificar uma operação criminosa — respondeu Keller, confiante. — Ou eles estão operando um laboratório de metanfetamina, ou montando uma bomba suja, ou vigiando uma garota inglesa sequestrada. Estou apostando na garota.

— Quantas pessoas na casa?

— Brossard, a mulher e mais dois garotos da Marselha, que ficam na casa durante o dia, mas à noite saem para fumar um cigarro e tomar um pouco de ar fresco.

— Algum visitante?

Keller balançou a cabeça.

— A mulher sai da casa uma vez por dia para fazer compras e cumprimentar os vizinhos, mas não percebi mais nenhuma atividade.

— Quanto tempo ela ficou fora?

— Uma hora e vinte e oito minutos no primeiro dia; duas horas e doze minutos no segundo.

— Eu admiro a sua precisão.

— Não tinha muito com que me ocupar.

Gabriel perguntou como Brossard passava os dias.

— Ele finge que está de férias — respondeu Keller. — Mas também caminha ao redor da propriedade para dar uma olhada nas coisas. Quase pisou em mim algumas vezes.

— Como é a rotina noturna?
— Alguém sempre fica acordado. Eles veem televisão na sala de estar ou ficam no jardim.
— Como você sabe que eles veem televisão?
— Dá para ver a luz dela através das persianas. A propósito, as persianas nunca são abertas. Nunca.
— Alguma outra luz fica acesa durante a noite?
— Não dentro da casa. Mas a parte externa fica mais iluminada que uma árvore de Natal.

Gabriel franziu a testa. Keller conteve um bocejo e perguntou sobre Paris.

— Fria.
— A cidade ou a reunião?
— Ambas. Especialmente quando eu sugeri deixar os franceses cuidarem do resgate.
— Por que é que faríamos isso?
— Graham teve a mesma reação.
— Que surpresa.
— Você parece conhecer a Downing Street como a palma da sua mão.

Keller ignorou o comentário. Gabriel contemplou as chamas tremeluzentes das velas votivas por um instante antes de falar do resto da reunião com Graham Seymour: a casa do Escritório em Cherbourg, o comitê de recepção, o retorno discreto à Inglaterra com um passaporte forjado. Mas tudo dependia de uma coisa: conseguir tirar Madeline da casa depressa e em silêncio. Se não há tiroteio, não há perseguição de carros.

— Tiroteios são para caubóis — retrucou Keller — e perseguições de carro só acontecem nos filmes.

— Como nós passamos pelas luzes sem sermos vistos pelos guardas?

— Não passamos.

— Explique.

Keller obedeceu.

— E se Brossard ou um dos outros aparecer no andar de baixo?

— É possível que eles se machuquem.

— Permanentemente — completou Gabriel. Ele encarou Keller por algum tempo, sério. — Você sabe o que vai acontecer quando a polícia encontrar os cadáveres? Vão começar a fazer perguntas pela cidade. E, em pouco tempo, vão ter o retrato falado de um ex-soldado do SAS que deveria ter morrido no Iraque. Além das imagens das câmeras do hotel.

— É para isso que serve a macchia.

— Como assim?

— Vou para a Córsega e espero as coisas sossegarem.

— Talvez você só possa voltar aos negócios daqui a um bom tempo. Muito tempo.

— É um sacrifício que estou disposto a fazer.

— Pela rainha e pelo país?

— Pela garota.

Por um momento, Gabriel observou Keller em silêncio.

— Imagino que você não goste de homens que machucam mulheres inocentes.

Keller assentiu lentamente.

— Algo que queira me dizer?

— Por incrível que pareça, não estou a fim de ter um papo nostálgico com você — ironizou Keller.

Gabriel sorriu.

— Ainda há esperança para você.

— Um pouco — respondeu o Inglês.

Gabriel ouviu o som de passos na igreja e, ao se voltar, viu a mesma mulher de antes, com um casaco impermeável, caminhando lentamente pelo corredor central. Mais uma vez ela parou em frente ao altar principal e fez o sinal da cruz com muito cuidado, da testa para o peito, do ombro esquerdo para o direito.

— O prazo é amanhã — lembrou Gabriel. — Logo, vamos ter que entrar hoje.

— Quanto antes melhor.

— Precisamos de mais pessoas para fazer isso direito — comentou Gabriel, soturno.

— Sim, eu sei.

— Uma centena de coisas poderia dar errado.

— Sim, eu sei.

— Talvez ela não esteja em condições de andar.

— Então a carregaremos — disse Keller. — Não seria a primeira vez que eu carregaria alguém para fora do campo de batalha.

Gabriel observou a mulher de casaco bege com o olhar perdido, depois voltou a atenção para a luz oscilante das velas.

— Quem você acha que ele é? — perguntou após um tempo.

— Quem?

— Paul.

— Não sei — respondeu Keller, levantando-se. — Mas, se aparecer na minha frente, vai morrer.

Depois de sair da igreja, Gabriel voltou para o hotel e informou ao gerente que estava de partida. Não era nada sério, afirmou, apenas uma pequena crise doméstica que só ele, o inigualável Herr Johannes Klemp, seria capaz de resolver. O gerente sorriu com pesar, mas no íntimo estava feliz em vê-lo ir-se embora. As camareiras o elegeram

unanimemente o hóspede mais irritante da temporada, e Mafuz, o carregador-chefe, secretamente desejava que ele morresse.

Mafuz, parado como um pilar em seu posto na porta da frente, levou-o para fora com bastante prazer. Gabriel andou de scooter pelas ruas da cidade por um bom tempo, para se certificar de que não estava sendo seguido. Então, com o farol encharcado, seguiu a trilha de lama e cascalho que bordejava o pequeno vale. Uma das casas, a que ficava ao leste, estava iluminada como se fosse uma ocasião especial. Gabriel encontrou Keller parado no meio de um bosque de pinheiros examinando a propriedade com atenção e se juntou a ele na observação. Em poucos minutos, uma pessoa apareceu no jardim, protegida pelas sombras, e um isqueiro foi aceso. Keller estendeu a mão e sussurrou:

— Bang, bang, você está morto.

Eles permaneceram em meio às árvores até o homem entrar na casa. Em seguida, sentaram no Renault de Keller, que estava escondido, e discutiram os detalhes finais do plano de ataque: suas posições, a visibilidade que cada um teria, as linhas de tiro e o procedimento dentro da casa. Após vinte minutos, faltava apenas decidir quem atiraria primeiro. Gabriel insistiu para que fosse ele, mas Keller ressaltou que tinha obtido a maior pontuação da história no matadouro em Hereford.

— Foi apenas um exercício — disse Gabriel com desdém.

— Um exercício com munição real.

— Ainda assim, um exercício.

— O que você quer dizer com isso?

— Uma vez eu atirei na testa de um terrorista palestino da traseira de uma moto em movimento.

— E daí?

— O terrorista estava sentado no meio de uma cafeteria lotada no Boulevard Saint-Germain, em Paris.

— É, acho que li algo sobre isso num dos meus livros de história — falou Keller, fingindo tédio.

Por fim, resolveram a questão jogando cara ou coroa.

— Não erre — disse Gabriel, guardando a moeda no bolso.

— Eu nunca erro.

Ainda nem eram dez horas, cedo demais para eles agirem. Keller dormiu enquanto Gabriel ficou sentado observando as luzes da casa a leste. Ele imaginou um quarto pequeno no andar de baixo: catre, algemas, capuz, balde para as necessidades fisiológicas, isolamento acústico para abafar os gritos, uma mulher fora de si. Por um instante, Gabriel se viu caminhando pela neve russa na direção de uma dacha à beira de uma floresta de bétulas. Ele piscou os olhos até a imagem desaparecer e, inconscientemente, tocou o talismã

pendurado no pescoço. Quando ela estiver morta, pensou. Então vocês saberão a verdade.

Quatro horas depois, Gabriel apertou o ombro de Keller, que acordou no mesmo instante, saiu do carro e tirou a mochila do porta-malas. Dentro, havia dois rolos de fita adesiva, um alicate pesado de 61 centímetros e dois silenciadores — um para a Beretta de Gabriel, outro para a HK45 compacta de Keller. Gabriel atarraxou o silenciador no cano de sua pistola e pendurou a mochila no ombro. Seguiu Keller pelos pinheiros, contornando o vale. Não havia lua nem estrelas, e o ar estava parado. Keller se moveu pelos arbustos e formações rochosas em completo silêncio, lentamente, como se estivesse debaixo d'água. Cada vez que avançava um pouco, erguia a mão direita sinalizando para Gabriel ficar imóvel, e assim seguiram sem outra comunicação. Não era necessário: tudo tinha sido planejado de antemão.

Na base da colina, os dois se separaram. Keller foi para o lado sul da casa e se acomodou num fosso de drenagem, enquanto Gabriel seguiu para o lado leste e se escondeu atrás de uma moita de urzes. Sua posição era 15 metros além do alcance das luzes externas, onde a escuridão dominava. À sua frente, havia uma fileira de portas francesas que levavam do jardim à sala de estar. Pelas persianas, Gabriel pôde ver a luz da televisão e algo que supôs ser a tênue silhueta de um homem.

Consultou o relógio: eram 2h37 da manhã. Pela frente, três horas de escuridão. Depois, não haveria mais passeios até o jardim para o homem dentro da casa. Ele certamente sairia atrás de um último sopro de ar fresco e mais uma olhada no céu, mesmo não havendo lua nem estrelas, apesar de o ar estar parado. Então, do fosso de drenagem no lado sul, viria um único tiro. E tudo teria início: catre, algemas, capuz, balde, mulher fora de si.

Ele olhou de novo para o relógio: apenas dois minutos tinham se passado. Estremeceu em meio ao frio. Talvez Keller tivesse razão, talvez ele fosse um espião caseiro, afinal. Para ajudar a passar o tempo, visualizou a si mesmo na frente de uma tela. Era a pintura que tinha deixado para trás em Jerusalém — Suzana se banhando no jardim, observada pelos anciãos da aldeia. Novamente substituiu-a por Madeline, embora dessa vez tratasse de feridas causadas pelo cativo, e não pelo tempo.

Gabriel trabalhou devagar mas com firmeza, consertando as feridas em seus pulsos, adicionando carne aos ombros atrofiados, e cor às faces encovadas. Ao mesmo tempo, ficou de olho na passagem dos minutos e na casa, que aparecia para ele como o plano de fundo da pintura. Por duas horas não ouviu qualquer movimento. Então, quando a primeira luz surgiu no céu, uma das portas francesas se abriu devagar e um homem entrou no jardim de Madeline. Alongou os

braços, olhou para a esquerda, para a direita, e para a esquerda de novo. A pedido de Madeline, Gabriel completou rapidamente a restauração. Ao ver o lampejo ao sul, levantou-se com a arma na mão e começou a correr.

Quando Gabriel alcançou a região iluminada, viu Keller atravessando o jardim a toda. O Inglês chegou primeiro à porta francesa aberta e assumiu a posição do lado esquerdo. Gabriel foi para o lado direito e deu uma olhada rápida no homem que, alguns segundos atrás, tinha surgido para pegar um pouco de ar fresco. Não havia necessidade de verificar seus batimentos: a bala calibre 45 atingira o crânio e saíra deixando um rastro de destruição. O homem nunca soube o que aconteceu, e provavelmente morreria antes de cair no chão. Era um jeito decente de partir deste mundo, pensou Gabriel. Para um criminoso. Para um soldado. Para qualquer um.

Gabriel olhou para Keller. Suas poses eram idênticas: um ombro apoiado na parede da casa, as duas mãos segurando a arma e o cano apontado para o chão. Após alguns segundos, Keller fez um aceno curto de cabeça. Erguendo a HK ao nível dos olhos, entrou em silêncio. Gabriel o seguiu e cobriu o lado direito da sala enquanto Keller vigiava a esquerda. Não havia nenhum movimento ou som além da televisão, que mostrava Jimmy Stewart tirando Kim Novak das águas da baía de São Francisco. O cômodo cheirava a comida estragada, tabaco bolorento e vinho derramado. Todas as superfícies estavam cobertas por caixas de papelão vazias. Um mês na Provence, pensou Gabriel, no estilo do submundo de Marselha.

Keller avançou lentamente através da luz projetada da TV, com os braços estendidos, fazendo um arco de 90 graus com a HK. Gabriel seguia meio passo atrás, a arma apontada para a direção oposta, efetuando o mesmo movimento de varredura. Chegaram a uma arcada que dava na sala de jantar. Gabriel se lançou para dentro, apontando a arma para todas as direções, em seguida voltou para o lado de Keller. À entrada da cozinha, repetiu o procedimento. Os dois cômodos não tinham ninguém, apenas pilhas altas de pratos e talheres. A imundície do lugar fez Gabriel ferver de raiva: em geral, sequestradores que viviam como porcos não tratavam bem os seus reféns.

Por fim, alcançaram o hall de entrada. Era o único lugar da casa que ainda tinha alguma semelhança com as fotos que Gabriel vira no escritório da L'Immobilière du Lubéron. A porta de madeira resistente com dobradiças de ferro. A pequena mesa decorativa. Dois lances de degraus de pedra calcária: um que levava ao segundo andar da casa, outro que descia para o porão. Ambos mergulhados na

escuridão.

Keller assumiu uma posição entre as duas escadas e Gabriel tirou uma lanterna do bolso, mas não a acendeu. Desceu às cegas, devagar, um degrau, dois, três, quatro. Na metade do caminho, escutou um barulho na parte de cima, passos abafados e rápidos. Em seguida, dois disparos seguidos, vindos da HK45 com silenciador.

Alguém caiu pela escada.

Alguém que tinha deparado com o homem que batera o recorde no matadouro de Hereford.

Alguém havia morrido.

Gabriel ligou a lanterna e desceu correndo de dois em dois degraus.

No final da escadaria, havia um espaço com piso de ladrilho e três portas, uma em cada parede. O depósito particular do proprietário ficava à esquerda. Iluminado pelo feixe da lanterna, o cadeado tornou-se cintilante — um sinal de que não estava lá havia muito tempo. Gabriel tirou a mochila dos ombros, pegou o alicate e partiu o cadeado, que caiu com estrépito no chão. Foi para o lado da porta e a abriu com um empurrão. O fedor o atingiu no mesmo instante. Pesado e nauseantemente doce. O cheiro de um ser humano em cativeiro. Passou o facho de luz pelo espaço. Catre. Algemas. Capuz. Balde. Isolamento acústico.

Mas Madeline não estava lá.

De cima, vieram dois disparos da HK de Keller.

E mais dois.

O primeiro cadáver estava no hall de entrada, na base da escadaria que levava ao segundo andar. Era um dos guardas que não tinha sido visto fora da casa. Agora, graças a duas balas, ele não era mais reconhecível. O mesmo valia para René Brossard, estatelado no chão a seu lado, ainda com uma arma na mão inerte. A mulher estava no patamar do segundo andar. Keller não queria atirar nela, mas não tivera escolha: ela lhe apontara uma arma e deixara claro que pretendia disparar. Mas seu rosto fora poupado; Keller a acertara duas vezes na região do peitoral. Portanto, ela era a única que ainda estava viva. Gabriel se ajoelhou ao lado da mulher e segurou-lhe a mão. Já estava fria.

— Eu vou morrer? — perguntou ela.

— Não — respondeu ele, apertando sua mão com delicadeza.

— Você não vai morrer.

— Me ajude. Por favor, me ajude.

— Eu vou ajudar, mas você também precisa me ajudar. Você tem que me dizer onde posso encontrar a garota.

— Ela não está aqui.

— Onde ela está?

A mulher tentou emitir um som, mas não conseguiu.

— Onde ela está? — repetiu Gabriel.

— Eu juro que não sei. — A mulher estremeceu. Seus olhos estavam se desfocando. — Por favor — sussurrou —, você tem que me ajudar.

— Quando ela saiu daqui?

— Dois dias atrás. Não, três.

— Dois ou três?

— Eu não me lembro. Por favor, por favor, você tem que...

— Foi antes ou depois de você e Brossard irem para Aix?

— Como você sabe que nós fomos para Aix?

— Responda — disse Gabriel, apertando sua mão novamente.

— Foi antes ou depois?

— Foi naquela noite.

— Quem a levou?

— Paul.

— Só Paul?

— Sim.

— Para onde ele a levou?

— Para o outro esconderijo.

— Foi isso que ele disse? Um esconderijo?

— Sim.

— Onde é?

— Não sei.

— Me diga — insistiu Gabriel.

— Paul nunca disse onde era. Ele a chamava de segurança operacional.

— Essas foram as palavras exatas, “segurança operacional”? Ela assentiu.

— Quantos esconderijos vocês têm?

— Não sei.

— Dois? Três?

— Paul nunca disse.

— Quanto tempo ela ficou aqui?

— Desde o começo — respondeu a mulher. E, então, ela morreu.

Eles deitaram os quatro corpos no chão do depósito e os cobriram com um lençol branco. Não havia nada a ser feito quanto ao sangue dentro da casa, mas, no lado de fora, Gabriel usou uma mangueira para lavar o jardim, apagando um pouco as evidências do que tinha acontecido. Calculou que tivessem pelo menos 48 horas até a mulher da L'Immobilière aparecer para recolher as chaves dos arrendatários e supervisionar a limpeza. Ao ver o sangue, ela ligaria imediatamente para os gendarmes, que, por sua vez, descobririam os

cadáveres no depósito particular do proprietário, que fora esvaziado e convertido numa cela para uma vítima de sequestro. Quarenta e oito horas, pensou Gabriel. Talvez um pouco mais, não muito.

O dia estava começando a raiar quando saíram do vale e voltaram para o ponto onde tinham guardado a moto e o velho Renault de Keller. Gabriel parou para dar uma última olhada: uma figura solitária, um trabalhador, passava pelos vinhedos, mas não havia mais nenhuma atividade na região. Eles guardaram as mochilas no porta-malas do carro de Keller e foram separados para Buoux, onde comeram brioches e tomaram café com leite numa cafeteria cheia de fregueses de rosto avermelhado. O cheiro de pães recém-assados fez Gabriel se sentir ligeiramente enjoado. Ele ligou para Graham Seymour em Londres e, em linguagem cifrada, relatou que a missão tinha falhado, que Madeline estivera na casa, mas fora removida havia cerca de 72 horas. A pista dera num beco sem saída, disse antes de desligar. Tudo o que podiam fazer agora era esperar pelas exigências de Paul.

— E se ele decidir que é arriscado demais fazer exigências? — indagou Keller. — E se ele resolver matá-la?

— Por que você é sempre tão pessimista?

— Acho que você está começando a me influenciar.

Eles saíram do Lubéron pela mesma rota que tinham usado na noite anterior ao seguir René Brossard e a mulher de Aix: descendo as colinas do maciço, atravessando o rio Durance, passando pelo reservatório de Saint-Christophe e, por fim, entrando em Marselha. Uma balsa partia para a Córsega ao meio-dia. Compraram uma passagem e sentaram lado a lado em mesas separadas numa cafeteria adjacente ao terminal. Gabriel tomou chá e Keller bebeu cerveja, com um humor perceptivelmente sombrio. Ele não estava acostumado a voltar à Córsega depois de fracassar numa missão.

— Não foi culpa sua — disse Gabriel.

— Eu falei que ela estava lá. Ela não estava.

— Mas parecia que estava.

— Por que havia guardas fazendo turnos à noite se Madeline já tinha ido embora?

Naquele instante, o celular de Gabriel vibrou. Ele atendeu, escutou em silêncio e, em seguida, colocou-o em cima da mesa.

— Graham? — quis saber Keller.

Gabriel assentiu.

— Alguém deixou um telefone grudado na parte de baixo de um banco no Hyde Park ontem à noite.

— Onde o telefone está agora?

— Downing Street.

— E quando ele ficou de ligar?

— Em cinco minutos.

Keller terminou a cerveja e logo pediu outra. Mais cinco minutos se passaram, e mais cinco. Do lado de fora, veio um anúncio avisando que já se podia embarcar na balsa para a Córsega. Por causa do aviso nos alto-falantes, Gabriel quase não ouviu o celular. Ele o atendeu e novamente escutou em silêncio.

— E então? — perguntou Keller enquanto Gabriel guardava o celular no bolso.

— Paul fez a exigência.

— Quanto ele quer?

— Dez milhões de euros.

— Só isso?

— Não: o primeiro-ministro quer dar uma palavrinha comigo.

Lá fora, havia uma fila de carros entrando na balsa. Keller se levantou. Gabriel o observou partir.

O voo seguinte para Heathrow era às cinco horas da tarde. Gabriel comprou roupas novas numa loja de departamentos perto do Velho Porto e deu entrada num hotel deprimente para viajantes, adjacente à estação de trem, para tomar banho e se vestir. Jogou as roupas antigas numa lixeira cheia atrás de um restaurante, deixou a moto num lugar onde, sem dúvida, seria roubada ao cair da noite e pegou um táxi para o aeroporto. O terminal principal parecia ter sido abandonado para um exército invasor. Gabriel verificou os sites franceses de notícias para verificar se a polícia já tinha encontrado os quatro cadáveres e comprou uma passagem de primeira classe para Londres usando o nome Johannes Klemp. Durante o voo, recusou todas as ofertas das aeromoças, bem como as tentativas de seu colega de assento, um banqueiro suíço careca, de entabular conversa. Preferiu ficar olhando com melancolia pela janela. Não havia muito para ver naquela noite, pois uma camada densa de nuvens cobria todo o norte da Europa. Só quando o avião chegou a alguns milhares de pés do chão é que as lâmpadas amarelas de vapor de sódio conseguiram atravessar a escuridão. Para Gabriel, a iluminação do oeste londrino pareceu um mar de velas votivas. Fechou os olhos e visualizou a mulher com uma capa impermeável em frente ao altar de uma igreja escura e antiga, fazendo o sinal da cruz como se não estivesse habituada com o gesto.

Ao sair do avião, Gabriel entrou numa fila de passageiros que seguiam para o controle de passaportes. O agente de alfândega, um sique barbudo com um turbante azul escuro, examinou seu passaporte com o ceticismo que o documento merecia e, depois de carimbá-lo com violência, lhe deu boas-vindas à Grã-Bretanha. Gabriel guardou o passaporte no bolso do casaco e andou até o saguão de desembarque, onde Nigel Whitcombe, um agente do MI5, estava em meio à multidão, segurando um pedaço de papel onde se lia Sr Baker. Ele era um assistente de Graham Seymour que costumava auxiliá-lo em tarefas sigilosas. Tinha cerca de 35 anos, mas parecia um adolescente espichado. Suas bochechas eram rosadas, sem pelos, e o sorriso inseguro que mostrou ao apertar a mão de Gabriel era tão inocente quanto o de um sacerdote. A aparência benevolente se revelara um recurso útil para o MI5. Ela ocultava uma mente tão astuta e tortuosa quanto a de qualquer terrorista ou criminoso profissional.

Devido à natureza secreta da visita de Gabriel, Whitcombe

tivera que ir a Heathrow em seu carro particular, um Vauxhall Astra. Ele o dirigiu com a velocidade e a facilidade de alguém que passa os fins de semana competindo em ralis. De fato, somente quando eles chegaram à West Cromwell Road é que o velocímetro ficou abaixo dos 120.

— Que bom que estamos perto de um hospital — comentou Gabriel.

— Por quê?

— Porque, se você não desacelerar, vamos precisar ir para um. Whitcombe diminuiu a velocidade, mas só um pouco.

— Alguma chance de pararmos na Harrods para tomar um chá?

— Eu fui instruído a levá-lo direto.

— Estava brincando, Nigel.

— Sim, eu sei.

— Você sabe por que estou aqui?

— Não, mas deve ser algo urgente. Eu não vejo Graham assim desde... — Sua voz se perdeu.

— Desde quando? — perguntou Gabriel.

— Desde o dia em que o homem-bomba da Al-Qaeda se explodiu em Covent Garden.

— Bons tempos — disse Gabriel, sombrio.

— Aquela foi uma de nossas melhores operações, você não acha?

— Com exceção do final.

— Vamos torcer para que esta não acabe do mesmo jeito, seja lá do que se trate.

— Vamos torcer.

Depois de lidar com o turbilhão de trânsito na Hyde Park Corner, Whitcombe passou pelo Palácio de Buckingham, rumando para a Birdcage Walk. Quando o quartel do Wellington Barracks ficou para trás, ele apertou um botão no celular, murmurou algo a respeito de entregar um pacote e desligou de repente. Dois minutos depois, na Old Queen Street, estacionou atrás de uma limusine Jaguar. Sentado no banco traseiro, com a aparência de alguém que tinha comido algo estragado, estava Graham Seymour.

— Suponho que você não tenha qualquer vestuário remotamente formal — arriscou ele enquanto Gabriel sentava a seu lado.

— Eu tinha, mas a British Airways perdeu a minha bagagem. Seymour franziu a testa. Em seguida, olhou para o motorista e disse:

— Número 10.

Downing Street, n2 10, possivelmente o endereço mais famoso

do mundo, costumava ser protegido por dois policiais londrinos comuns, um de vigia na parte de fora, junto à insípida porta preta, e outro sentado no hall numa cadeira confortável de couro. Isso mudara em fevereiro de 1991, quando o IRA atacara a Downing Street com morteiros. Barreiras de segurança foram erguidas na entrada de Whitehall que dava para a rua, e membros fortemente armados do Grupo de Proteção Diplomática da Scotland Yard assumiram o posto dos policiais. A Downing Street, assim como a Casa Branca, agora era uma fortificação, visível apenas entre as barras de uma cerca.

Originalmente, o número 10 daquela rua não era composto apenas por um edifício, mas por três: uma casa urbana, um chalé e uma grande mansão do século XVI chamada “a Casa dos Fundos”, que era residência dos membros da família real. Em 1732, o rei George II ofereceu a propriedade a Sir Robert Walpole, que atuou como primeiro-ministro da Inglaterra — só não tinha o título oficial. Ele decidiu unificar os três prédios, e o resultado foi descrito pelo estadista William Pitt como uma “casa ampla e esquisita”, com tendência a afundar no solo e formar rachaduras, onde poucos primeiros-ministros britânicos escolhiam viver. Ao fim do século XVIII, a construção tinha ficado em tal estado de ruína que o Tesouro recomendou derrubá-la. Após a Segunda Guerra Mundial, a estrutura se tornou tão instável que foi estabelecida uma quantidade máxima de pessoas que poderiam permanecer nos andares superiores ao mesmo tempo, por medo de que tudo viesse a desabar. Enfim, na segunda metade da década de 1950, o governo empreendeu uma reconstrução meticulosamente exata. Atrasado por greves trabalhistas e pela descoberta de artefatos medievais embaixo da fundação, o projeto levou três anos para ser concluído e custou três vezes mais do que previa o orçamento inicial. Harold Macmillan, o primeiro-ministro daquela época, residiu na Admiralty House durante a obra.

A maior parte dos visitantes da Downing Street passa pelo portão de segurança em Whitehall e entra no número 10 pela icônica porta preta. Mas, naquela noite, Graham e Gabriel atravessaram o portão da Horse Guards Road, ganhando acesso à residência por meio de uma porta francesa com vista para o jardim particular. Esperando no saguão, estava uma secretária do escritório privado de Lancaster, uma mulher empertigada com pose de bibliotecária que segurava uma pasta de couro como se fosse um escudo. Ela cumprimentou Seymour com um meneio de cabeça, mas evitou fazer contato visual com Gabriel. Girando nos calcanhares, levou os dois por um corredor largo e elegante até uma porta fechada, à qual bateu suavemente com os nós dos dedos.

— Entre — disse a segunda voz mais famosa da Grã-Bretanha, e a mulher os conduziu para dentro.

Depois de uma vida inteira servindo no mundo secreto, Gabriel tinha perdido a conta do número de vezes que entrara numa sala no meio de uma crise. A categoria e o contexto não importavam: era sempre a mesma coisa. Um homem andando sem parar pelo tapete, outro diante de uma janela com uma expressão entorpecida, e alguém tentando desesperadamente parecer calmo e estar sob controle, mesmo quando não havia controle possível. Naquele caso, o cômodo era a Sala de Estar Branca do número 10 da Downing Street. O homem inquieto era Simon Hewitt; Jeremy Fallon olhava pela janela; Jonathan Lancaster procurava aparentar calma. Ele estava sentado num dos dois sofás opostos em frente à lareira. Na mesa baixa e retangular à sua frente, havia o celular que tinha sido deixado no Hyde Park na manhã anterior. Lancaster o fitava como se o aparelho, e não Madeline Hart, fosse a fonte de seus problemas.

Ele se levantou e se aproximou de Gabriel e Seymour com a cautela de um homem que atravessasse o convés de um veleiro num mar turbulento. As câmeras de televisão cometiam uma injustiça com Lancaster: ele era mais alto do que Gabriel tinha imaginado e, apesar da tensão do momento, mais bem-apegoado.

— Eu sou Jonathan Lancaster — apresentou-se, um tanto absurdamente, enquanto apertava a mão de Gabriel. — Já era hora de nos conhecermos. Só queria que as circunstâncias fossem diferentes.

— Eu também, primeiro-ministro.

A intenção de Gabriel foi dar um tom empático ao comentário, mas Lancaster estreitou os olhos, achando que o agente estava condenando sua conduta. Ele soltou a mão de Gabriel rapidamente e gesticulou para as outras duas pessoas na sala.

— Suponho que você saiba quem são esses cavalheiros — continuou, depois de se recompor. — O que está abrindo um buraco no meu carpete é Simon Hewitt, meu porta-voz. E aquele ali é Jeremy Fallon. Segundo os jornais, é o meu cérebro.

Hewitt parou de andar por tempo suficiente para menear a cabeça vagamente na direção de Gabriel. Sem paletó, com as mangas arregaçadas até os cotovelos e a gravata afrouxada, parecia um repórter no deadline que não tinha conseguido sequer concatenar dois fatos. Fallon, ainda em seu posto na janela, mantinha o traje abotoado e a gravata bem ajustada. As más línguas diziam que ele se via como o

primeiro-ministro até o instante em que via o próprio reflexo. Com o queixo recuado, cabelo escorrido e pele amarelada, encaixava-se mais no submundo da política.

Então, restava apenas o celular. Sem uma palavra, Gabriel o pegou da mesinha de centro e verificou o registro de chamadas: havia uma única ligação, recebida enquanto Gabriel e Keller estavam no terminal de balsas em Marselha.

— Quem falou com ele?

— Eu — respondeu Fallon.

— Como era a voz?

— Não era real.

— Gerada por computador?

Fallon assentiu.

— A que horas ele ficou de retornar?

— À meia-noite.

Gabriel desligou o celular, tirou a bateria e o chip e os colocou na mesa.

— E o que iria acontecer à meia-noite?

— Ele quer uma resposta: sim ou não — explicou Lancaster. — “Sim” significa que eu concordo em pagar 10 milhões de euros em dinheiro vivo em troca de Madeline e de uma promessa de que o vídeo nunca será divulgado. Se eu disser “não”, Madeline morre e tudo vem à tona. Obviamente — acrescentou ele, suspirando fundo —, eu não tenho escolha além de aceitar as exigências.

— Esse seria o maior erro da sua vida, primeiro-ministro.

— O segundo maior.

Lancaster desabou no sofá e cobriu o rosto com as mãos. Gabriel pensou nas pessoas que tinha visto nas ruas de Londres naquela tarde, cuidando dos próprios assuntos, alheias ao fato de que o primeiro-ministro estava paralisado por um escândalo.

— Que escolha eu tenho? — perguntou Lancaster depois de um tempo.

— Você ainda pode recorrer à polícia.

— Já é tarde demais.

— Então você precisa negociar.

— Ele disse que não negociaria e que a mataria se eu não concordasse em pagar os 10 milhões.

— Eles sempre dizem isso. Mas confie em mim, primeiro-ministro: se você concordar, ele vai ficar nervoso.

— Comigo?

— Com ele mesmo. O sequestrador acha que vai estragar tudo pedindo só

10 milhões, e vai voltar atrás de mais. E, se você aceitar esse novo valor, ele vai retornar e tirar tudo o que você tem, milhão por

milhão, até não sobrar nada.

— Então o que você sugere?

— Nós esperamos o telefone tocar. Dizemos que vamos pagar um milhão... é pegar ou largar. Depois, desligamos e aguardamos ele ligar de volta.

— E se isso não acontecer? E se ele matá-la?

— Ele não vai matá-la.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque ele investiu muito tempo, esforço e dinheiro. Para ele, são negócios, nada mais. Você tem que agir da mesma forma. Precisa lidar com isso do mesmo modo que lidaria com qualquer outra negociação dura. Não existem atalhos. Você vai fazer com que ele se canse. Precisa ser paciente. É o único jeito de conseguirmos a garota de volta.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala. Fallon finalmente se movera e estava contemplando uma pintura, uma paisagem urbana de Londres feita por Turner, como se tivesse notado a obra pela primeira vez. Seymour demonstrava interesse intenso pelo carpete.

— Eu agradeço pelo conselho — disse Lancaster após um momento —, mas nós... — Ele se deteve, então se corrigiu: — Eu decidi entregar o que eles quiserem. Madeline foi sequestrada por causa do meu comportamento negligente. E eu tenho a obrigação de fazer o que for necessário para trazê-la de volta para casa com segurança. É a atitude mais digna a se tomar, pelo bem dela e pelo bem desta administração.

O discurso soou como algo escrito por Fallon — e a expressão presunçosa no rosto do chefe de gabinete corroborava essa hipótese.

— Digna, talvez — replicou Gabriel —, mas não sábia.

— Discordo — insistiu Lancaster —, e Jeremy também.

— Com todo o devido respeito — disse Gabriel, voltando-se para Fallon qual foi a última vez em que você negociou o resgate de um refém com sucesso?

— Acho que você vai concordar que esse não é um caso comum de sequestro. O alvo dos chantagistas é o primeiro-ministro do Reino Unido. E, sob nenhuma circunstância, posso permitir que ele seja incapacitado por uma negociação longa e esgotante.

Fallon fez esse discurso em voz baixa e com a suprema confiança de alguém que está habituado a sussurrar instruções nos ouvidos dos homens mais poderosos do mundo. Era uma cena que tinha sido capturada muitas vezes pela mídia britânica. Não à toa, com frequência cartunistas retratavam Fallon como um titereiro e Lancaster como a marionete.

— Como você pretende obter o dinheiro? — perguntou Gabriel.

— Amigos do primeiro-ministro concordaram em emprestar o valor até que ele esteja em condições de reembolsá-los.

— Deve ser bom ter amigos assim. — Gabriel se levantou. — Parece que vocês têm tudo sob controle. Tudo o que precisam agora é de alguém para entregar o dinheiro. Mas garantam que seja alguém bom. Caso contrário, vão voltar a esta sala em alguns dias para esperar o telefone tocar.

— Você tem algum candidato? — indagou Lancaster.

— Só um, mas receio que ele esteja indisponível.

— Por quê?

— Porque ele tem um voo para pegar.

— Quando é o próximo voo para Ben Gurion?

— Oito da manhã.

— Então imagino que não haja mal nenhum em ficar mais um tempo, certo?

Gabriel hesitou.

— Não, primeiro-ministro. Imagino que não.

Havia acabado de dar dez da noite. Gabriel não tinha a menor vontade de passar as duas horas seguintes preso com um político cuja carreira estava prestes a explodir como uma supernova, portanto desceu até a cozinha para assaltar a geladeira do primeiro-ministro. A chef noturna, uma mulher roliça de 50 anos com o rosto de um querubim, fez um prato de sanduíches e uma xícara de chá. Enquanto Gabriel comia, ela o avaliou com atenção, como se temesse que ele estivesse subnutrido. Mas era sábia o suficiente para não perguntar sobre o propósito de sua visita. Poucas pessoas iam ao número 10 da Downing Street tarde da noite vestidas com o tipo de roupa que pode ser comprada numa loja de departamentos barata em Marselha.

Às onze horas, Seymour desceu, pálido, com uma aparência muito cansada. Recusou a oferta de comida da chef, mas devorou os restos do sanduíche de ovo com endro de Gabriel. Por fim, os dois saíram para caminhar pelo jardim murado. Os arredores da propriedade estavam silenciosos, sem contar as crepitações ocasionais de rádios da polícia e o barulho de trânsito da Horse Guards Road. Seymour tirou um maço do bolso do casaco e acendeu um cigarro, melancólico.

— Eu não sabia — comentou Gabriel.

— Helen me fez parar anos atrás. Eu tentei fazê-la parar de cozinhar, mas ela se recusou.

— Ela parece uma boa negociante. Talvez devêssemos deixá-la lidar com Paul.

— Ele não teria chance. — Seymour soprou a fumaça na direção do céu sem nuvens e a observou flutuar para além dos muros. — É possível que você esteja errado, sabe? Talvez tudo ocorra

tranquilamente e Madeline esteja em casa amanhã à noite.

— Também é possível que um dia a Inglaterra recupere o controle das colônias americanas. Possível, mas improvável.

— Dez milhões de euros é muito dinheiro.

— Pagar o resgate é a parte fácil; trazer de volta o refém vivo é outra história.

A pessoa que vai entregar o dinheiro deve ser um profissional experiente. E precisa estar preparada para se afastar caso note que os sequestradores querem enganá-la. — Gabriel fez uma pausa. — Não é um trabalho para fracos.

— Existe alguma chance de você considerar fazê-lo?

— Nestas circunstâncias, absolutamente nenhuma.

— Eu tinha que perguntar.

— Quem lhe pediu?

— O que você acha?

— Lancaster?

— Na verdade, Jeremy Fallon. Você o deixou bastante impressionado.

— Não o suficiente para ele me dar ouvidos.

— Ele está desesperado.

— E é exatamente por isso que ele não deveria se aproximar daquele telefone. Seymour deixou o cigarro cair na grama molhada e o esmagou com o sapato antes de voltar para dentro com Gabriel, reconduzindo-o à sala de reunião. Nada tinha mudado: um homem andando pelo tapete, outro diante da janela, entorpecido, e um terceiro tentando desesperadamente parecer calmo. O telefone ainda estava desmontado na mesinha de centro. Gabriel inseriu a bateria e o chip e ligou o aparelho, então sentou no sofá em frente a Lancaster e esperou pela ligação.

A chamada veio precisamente à meia-noite. Fallon colocara o volume no máximo e ativara a função de vibrar, logo o telefone trepidou pela mesa como se estivesse passando por um pequeno terremoto particular. Ele estendeu a mão para o celular no mesmo instante, mas Gabriel segurou seu braço por agonizantes dez segundos antes de enfim soltá-lo. Fallon atendeu e, com os olhos fixos em Lancaster, disse: “Eu concordo com os seus termos.” Gabriel admirou a escolha de palavras. A chamada certamente estaria sendo gravada pelo Quartel-General

de Comunicações do Governo, o serviço de espionagem eletrônica da Inglaterra, e ficaria armazenada em seus bancos de dados até o fim dos tempos.

Fallon não disse nada durante os 45 segundos seguintes. Com o olhar ainda focado no primeiro-ministro, tirou uma caneta-tinteiro do bolso do paletó e rabiscou algumas linhas ilegíveis num bloquinho de

notas. Gabriel pôde escutar o som da voz de máquina, fina e sem vida, com a entonação toda errada, vazando pelo receptor.

— Não — disse Fallon finalmente, adotando o mesmo padrão —, isso não será necessário. — Após uma pergunta, respondeu: — Sim, é claro, você tem a nossa palavra. — Depois disso, houve outro silêncio durante o qual seus olhos se moveram de Lancaster para Gabriel e de volta para o primeiro-ministro. — Talvez isso não seja possível — disse, cuidadoso. — Preciso perguntar.

A ligação caiu. Fallon desligou o telefone.

— E então? — perguntou Lancaster.

— Ele quer que o dinheiro seja posto em duas malas pretas de rodinhas. Nenhum dispositivo de rastreamento, nenhuma bomba de tinta, nada de polícia. Ele vai ligar de novo amanhã ao meio-dia para nos dizer o que fazer em seguida.

— Você não solicitou provas de que ela está viva — observou Gabriel.

— Ele não me deu oportunidade.

— Houve alguma demanda adicional?

— Só uma: ele quer que você entregue o dinheiro. Se não for você, a garota não será liberada.

LONDRES

Pouco depois da uma hora da manhã, Gabriel finalmente saiu da Downing Street. Seymour lhe ofereceu uma carona, mas ele queria andar. Havia meses Gabriel não ia a Londres, e achou que o ar úmido da noite lhe faria bem. Saiu pelo portão de segurança dos fundos da Horse Guards e seguiu para oeste pelos parques vazios, chegando à Knightsbridge. Depois, percorreu a Brompton Road até South Kensington. O local para o qual se encaminhava estava guardado nas gavetas de sua extraordinária memória: Victoria Road, 59, a última residência conhecida de Christopher Keller na Inglaterra.

Era uma pequena casa sólida com um portão de ferro batido e um pequeno lance de escadas que levava à porta branca da frente. Havia flores bem cuidadas no vestíbulo e, na janela da sala de estar, brilhava uma única luz. A cortina estava aberta alguns centímetros; pelo vão, Gabriel viu um homem, o Dr. Robert Keller, sentado ereto numa poltrona — não dava para saber se lendo ou cochilando. Ele era um pouco mais jovem do que Shamron, mas ainda assim não tinha muito tempo de vida pela frente. Havia 25 anos, sofria com a crença de que o filho estava morto, uma dor que o agente israelense conhecia bem demais. A atitude de Keller era insensível, mas não cabia a Gabriel interferir. Por isso, ele ficou parado na rua vazia, torcendo para que o idoso pudesse de alguma forma sentir sua presença. Mentalmente, dizia-lhe que seu filho era um homem imperfeito que fizera crueldades por dinheiro, mas também decente, honrado, corajoso e bastante vivo.

Depois de um instante, a luz se apagou e o pai de Keller sumiu de vista. Gabriel se virou e foi para a Kensington Road. Quando estava se aproximando da Queens Gate, uma moto passou à sua direita. Ele a vira alguns minutos antes, ao atravessar a Sloane Street, e um pouco antes disso, no momento em que saía da Downing Street. Imaginou que o motociclista fosse um observador do MI5. Mas agora, ao avaliar-lhe a forma das costas e a curva generosa dos quadris, repensou sua hipótese.

Gabriel seguiu para o leste, ao longo do Hyde Park, vendo a luz traseira da moto diminuir cada vez mais, confiante de que a avistaria de novo em breve. Ele não precisou esperar muito — dois minutos, talvez menos. Foi então que vislumbrou a moto vindo rapidamente em

sua direção. Dessa vez, em vez de passar ao seu lado, ela contornou um cone e parou. Gabriel passou a perna por cima do assento e envolveu a cintura estreita com os braços. Quando a moto partiu, ele inalou o cheiro familiar de baunilha e acariciou suavemente a parte de baixo de um seio quente e redondo. Fechou os olhos, em paz pela primeira vez em sete dias.

O flat ficava num prédio feio do pós-guerra na Bayswater Road. Já tinha servido de esconderijo para o Escritório, mas em King Saul Boulevard — e no MI5 também, aliás —, o endereço era conhecido como o pied-à-terre de Gabriel Allon. Ao entrar, ele pendurou a chave no pequeno gancho na porta da cozinha e abriu a geladeira. Dentro, havia uma caixa de leite fresco, uma caixa de ovos, um pedaço de queijo parmesão, cogumelos, ervas e uma garrafa do pinot grigio predileto de Gabriel.

— Quando eu cheguei, a despensa estava vazia — informou Chiara então comprei algumas coisas naquele mercado da esquina. Estava torcendo para poder jantar com você.

— Quando você chegou?

— Uma hora depois de você, mais ou menos.

— Como?

— Eu estava na vizinhança.

Gabriel a encarou, sério.

— Que vizinhança?

— Na França — respondeu ela, sem hesitar. — Uma fazenda nos arredores de Cherbourg, para ser precisa. Quatro quartos, uma cozinha com espaço para refeições e uma ótima vista para o Canal.

— Você pediu para entrar na equipe de recepção?

— Não foi bem assim.

— Como foi, exatamente?

— Ari pediu.

— E de quem foi a ideia?

— Dele.

— Ah, é mesmo?

— Ele achou que eu era perfeita para o trabalho, e eu não pude discutir. Afinal, eu meio que faço ideia de como é ser sequestrada e mantida em cativeiro.

— E é por isso que eu não teria deixado você chegar perto dela.

— Isso foi há muito tempo, querido.

— Nem tanto.

— Parece que foi em outra vida. Na verdade, às vezes parece que nunca aconteceu.

Ela fechou a porta da geladeira e deu um beijo suave em Gabriel. Sua jaqueta de couro ainda estava fria por causa da viagem

pela noite londrina, mas os lábios estavam quentes.

— Nós ficamos o dia inteiro esperando você chegar — disse ela, beijando-o de novo. — A Mesa de Operações finalmente mandou uma mensagem dizendo que você tinha embarcado num voo da British Airways de Marselha para Londres.

— Engraçado, eu não me lembro de ter mencionado meus planos de viagem à Mesa de Operações.

— Eles ficam de olho nos seus cartões de crédito, querido... você sabe disso. Eles tinham uma equipe da base londrina esperando em Heathrow. Disseram que você saiu junto com Nigel Whitcombe. E depois viram você entrando na Downing Street pelos fundos.

— Eu fiquei meio desapontado de não ter entrado pela porta da frente, mas, dadas as circunstâncias, deve ter sido melhor.

— O que aconteceu na França?

— As coisas não saíram de acordo com os planos.

— E agora?

— O primeiro-ministro britânico está prestes a tornar alguém muito rico.

— Quanto?

— Dez milhões de euros.

— Então o crime compensa, afinal.

— Costuma compensar. É por isso que existem tantos criminosos.

Chiara se afastou de Gabriel e despiu o casaco. Ela estava vestindo um suéter preto justo com gola alta. Tinha prendido o cabelo para usar o capacete. Agora, com um olhar cauteloso fixo em Gabriel, tirou vários grampos e alfinetes, deixando as mechas caírem sobre os ombros quadrados numa nuvem castanho— avermelhada.

— Então acabou? — perguntou ela. — Podemos ir para casa agora?

— Não exatamente.

— Como assim?

— Alguém precisa entregar o dinheiro do resgate. — Ele fez uma pausa. — E depois trazê-la de volta.

Chiara estreitou os olhos, que pareceram escurecer um pouco. Aquilo nunca era um bom sinal.

— Tenho certeza de que o primeiro-ministro consegue achar outra pessoa.

— Eu também. Mas receio que ele não tenha muita escolha.

— Por quê?

— Porque os sequestradores fizeram uma última exigência hoje.

— Você?

Ele assentiu.

— Se não há Gabriel, não há garota.

Apesar de já estar tarde, Chiara queria cozinhar. Gabriel sentou à pequena mesa da cozinha, com uma taça de vinho ao lado do cotovelo, e recontou sua jornada após deixá-la em Jerusalém. Em qualquer outro casamento, a esposa certamente teria reagido com incredulidade e assombro a uma história daquelas, mas Chiara parecia ocupada com a preparação dos legumes e das ervas. Ela só ergueu os olhos da pia uma vez — quando Gabriel falou da cela vazia na casa no Lubéron e da mulher que tinha morrido em seus braços. Ao término, Chiara encheu a palma da mão com sal, despejou um pouco na pia e jogou o que sobrou numa panela de água fervente.

— E, depois de tudo isso, você decidiu fazer um passeio à meia-noite por South Kensington — disse ela.

— Eu pensei em fazer uma coisa muito tola.

— Mais tola do que concordar com uma entrega de 10 milhões de euros de resgate para os sequestradores da amante do primeiro-ministro britânico?

Gabriel ficou em silêncio.

— Quem mora na Victoria Road, 59?

— Os pais de Keller.

Chiara estava prestes a perguntar para Gabriel por que ele tinha ido até lá, mas então entendeu.

— O que diabos você teria dito para eles?

— Esse é o problema, não é?

Chiara pôs vários cogumelos no centro da tábua de corte e começou a fatiá-los com precisão.

— Talvez seja melhor eles acharem que Keller está morto — comentou ela, pensativa.

— E se fosse o seu filho? Você não gostaria de saber a verdade?

— Se você está me perguntando se eu gostaria de saber que o meu filho mata pessoas para ganhar a vida, a resposta é “não”.

O silêncio tomou a cozinha.

— Desculpe — lamentou-se Chiara depois de um tempo. — Eu não quis que soasse mal.

— Eu sei.

Chiara colocou os cogumelos fatiados numa panela sauté e os temperou com sal e pimenta.

— Ela chegou a ficar sabendo?

— Minha mãe?

Chiara assentiu.

— Não — falou Gabriel —, ela nunca soube.

— Mas ela deve ter suspeitado de algo. Você ficou longe por três anos.

— Ela sabia que eu estava envolvido em um trabalho secreto e

que tinha algo a ver com Munique. Mas nunca soube que eu cometi os assassinatos.

— Ela deve ter ficado curiosa.

— Não ficou.

— Por que não?

— O massacre de Munique foi um trauma para o país inteiro — explicou Gabriel mas foi especialmente duro para pessoas como a minha mãe. Uma judia alemã que sobreviveu aos campos. Ela mal conseguia ler os jornais ou ver os funerais pela televisão: trancava-se no estúdio e pintava.

— E quando você voltou para casa, depois da Ira de Deus?

— Ela viu a morte nos meus olhos. — Gabriel se deteve, então acrescentou: — Ela reconheceu o que estava vendo.

— Mas vocês nunca conversaram sobre aquilo?

— Nunca — respondeu Gabriel, balançando a cabeça devagar. — Minha mãe nunca me disse o que aconteceu com ela durante o Holocausto, e eu nunca falei o que fiz durante os três anos na Europa.

— Você acha que ela teria aprovado?

— O que ela teria pensado não era importante para mim.

— É claro que era, Gabriel. Você não é tão fatalista assim. Se fosse, não teria ido para a antiga casa de Keller no meio da noite para olhar o pai dele pela janela.

Gabriel não disse nada. Chiara colocou uma porção de fettuccine na água fervente e mexeu uma vez com uma colher de madeira.

— Como ele é?

— Keller?

Chiara assentiu.

— Bastante competente, completamente impiedoso, sem nenhum resquício de consciência.

— Parece a pessoa ideal para entregar 10 milhões de euros aos sequestradores de Madeline Hart.

— O governo de Sua Majestade acha que ele está morto. Além do mais, os sequestradores pediram que eu entregasse o dinheiro.

— Justamente por isso você não deveria fazer isso.

Gabriel não respondeu.

— Como eles sabiam que você estava envolvido?

— Devem ter me visto em Marselha ou em Aix.

— Por que eles querem que um profissional como você entregue o dinheiro? Por que não um lacaios da Downing Street que eles possam manipular?

— Suponho que estejam pensando em me matar. Mas isso vai ser difícil.

— Por quê?

— Porque eu vou estar com 10 milhões de euros que eles querem muito, logo nós ditamos o rumo.

— Nós?

— Você não acha que eu vou fazer isso sozinho, acha? Alguém estará na retaguarda.

— Quem?

— Alguém bastante competente, completamente impiedoso, sem nenhum resquício de consciência.

— Achei que ele tivesse voltado para a Córsega.

— Ele voltou — disse Gabriel —, mas está prestes a receber um telefonema.

— E eu?

— Volte para a casa em Cherbourg. Vou levar Madeline para lá depois de pagar o resgate. Quando ela estiver pronta para ser transportada, podemos levá-la de volta para a Inglaterra. E aí vamos para casa.

Chiara ficou em silêncio por um tempo.

— Você faz parecer tão simples... — falou ela, por fim.

— Se eles jogarem pelas minhas regras, vai ser.

Chiara colocou uma tigela de fettuccine com cogumelos no centro da mesa e sentou na frente de Gabriel.

— Mais nenhuma pergunta?

— Só uma: o que a idosa na Córsega viu quando você pingou o azeite na água?

Quando eles terminaram de lavar a louça, já eram quase quatro da madrugada, portanto na Córsega iria dar cinco horas. Mesmo assim, Keller parecia desperto e alerta ao atender. Usando um linguajar bem codificado, Gabriel explicou o que tinha se passado na Downing Street e o que aconteceria mais tarde naquele dia.

— Você consegue pegar o primeiro voo para Orly?

— Sem problema.

— Pegue um carro no aeroporto e vá para o litoral. Eu ligo quando souber de algo.

— Sem problema.

Depois de desligar, Gabriel se alongou na cama ao lado de Chiara e tentou dormir, mas em vão: cada vez que fechava os olhos, via o rosto da mulher que tinha morrido em seus braços no Lubéron, no vale com as três casas. Então, ficou deitado, imóvel, escutando a respiração de Chiara e o chiado do trânsito na Bayswater Road à medida que a luz cinzenta do amanhecer londrino invadia o quarto aos poucos.

Acordou Chiara com um café fresco às nove horas e tomou uma ducha. Quando saiu do banheiro, Jonathan Lancaster estava na TV apresentando sua nova iniciativa dispendiosa para ajudar as

famílias carentes da Inglaterra. Gabriel não pôde deixar de admirar a performance do primeiro-ministro.

Naquele momento, sua carreira estava por um fio, e ainda assim ele parecia tão assertivo e imperturbável como sempre. Inclusive, ao término do discurso, até Gabriel se convencera de que gastar mais alguns milhões de libras dos contribuintes resolveria os problemas da classe eternamente desprivilegiada de Londres.

A matéria seguinte se relacionava com uma empresa russa de energia que obtivera permissão para perfurar as águas territoriais britânicas do mar do Norte em busca de petróleo. Gabriel desligou a televisão, vestiu-se e pegou uma Beretta 9 mm no cofre escondido debaixo do assoalho do closet. Depois de beijar Chiara, desceu as escadas até a rua. Esperando no meio-fio ao volante do Vauxhall Astra estava Nigel Whitcombe. Ele dirigiu até a Downing Street em tempo recorde e deixou Gabriel na entrada dos fundos da Horse Guards.

— Vamos torcer para que essa não termine como a última — comentou ele, com um falso otimismo.

— Vamos — concordou Gabriel, e entrou.

DOWNING STREET

|Jeremy Fallon estava esperando no vestíbulo do número 10 e cumprimentou-o com sua mão quente e úmida, conduzindo-o para a Sala de Estar Branca. Dessa vez, o cômodo estava vazio e Gabriel sentou sem esperar por um convite. Ainda de pé, o chefe de gabinete colocou a mão no bolso e pegou as chaves de um carro alugado.

— É um Passat sedã, como você pediu. Se puder devolvê-lo inteiro, eu serei eternamente grato. Não tenho um padrão de rida tão bom quanto o do primeiro-ministro.

Fallon abriu um leve sorriso, achando-se muito engraçado. Ficou claro porque não sorria com mais frequência: tinha os dentes de uma braçuda. Ele deu as chaves para Gabriel, assim como um tíquete de estacionamento.

— É o estacionamento na Victoria Cation. A entrada fica...

— Na Eccleston Street.

— Desculpe — disse Fallon, um tanto desconcertado. — Às vezes me esqueço com quem estou lidando.

— Eu, não.

Fallon ficou quieto.

— Qual é a cor do carro?

— Island Gray.

— “Cinza Ilha”?! Que droga é essa?

— A ilha não deve ser muito bonita, porque o carro é bem escuro.

— E o dinheiro?

— Está na traseira, duas malas, como foi pedido.

— Está lá há quanto tempo?

— Desde hoje cedo. Eu mesmo coloquei.

— Vamos torcer para que ainda esteja no mesmo lugar.

— O dinheiro ou o carro?

— Os dois.

— Era para ser uma piada?

— Não — respondeu Gabriel.

Franzindo a testa, Fallon sentou diante de Gabriel e passou a contemplar as próprias unhas, que estavam roídas quase até o sabugo.

— Eu lhe devo desculpas por meu comportamento de ontem à noite — disse ele após um momento. — Só estava agindo de acordo

com o que pensava ser o melhor para o primeiro-ministro.

— Eu também.

Fallon pareceu surpreso. Como boa parte dos homens poderosos, não estava mais acostumado a ter conversas honestas,

— Graham Seymour me avisou que às vezes você é bem franco.

— Só quando há vidas em jogo — respondeu Gabriel. — No instante em que eu entrar naquele carro, minha vida vai estar em risco. Portanto, a partir deste momento, eu tomo todas as decisões.

— Não preciso lembrá-lo de que essa questão deve ser resolvida da forma mais discreta possível.

— Não, não precisa. Porque, se não for, o primeiro-ministro não é a única pessoa que vai pagar o preço.

Fallon apenas olhou para o próprio relógio. Eram 11h40: faltavam só vinte minutos para o telefonema agendado. Ele se levantou com o aspecto de um homem que não dormia bem havia vários dias.

— O primeiro-ministro está na Sala do Gabinete, em uma reunião com o secretário de Relações Exteriores. Vou participar dela por alguns minutos. Em seguida, vou trazê-lo aqui para a ligação.

— Qual é o assunto da reunião?

— A política britânica referente ao conflito entre israelenses e palestinos.

— Não esqueça quem vai entregar o dinheiro.

Fallon deu outro sorriso sombrio e seguiu abatido para a porta.

— Você sabia? — perguntou Gabriel.

O homem se virou lentamente.

— Sabia do quê?

— Que Lancaster e Madeline estavam tendo um caso.

Fallon hesitou antes de responder:

— Não, eu não sabia. Na verdade, nunca imaginei que ele faria algo que arriscasse tudo pelo que trabalhamos. Ironicamente, eu fui o idiota que apresentou os dois.

— Por que você fez isso?

— Porque Madeline integrava a nossa operação política. E porque era uma mulher extremamente esperta e competente com um futuro ilimitado.

Gabriel ficou abalado ao notar que Fallon se referira à colega desaparecida já conjugando os verbos no passado. O chefe de gabinete percebeu isso.

— Não foi isso que eu quis dizer — apressou-se a falar.

— Então o que você quis dizer?

— Não tenho certeza. — Eram três palavras que não costumava enunciar. — Mas não é muito provável que ela volte a ser a mesma pessoa depois de algo assim, certo?

— As pessoas são mais resilientes do que você imagina, especialmente mulheres. Com a ajuda adequada, ela poderá retomar sua vida normal. Mas você tem razão numa coisa: ela nunca vai voltar a ser a mesma pessoa.

Fallon abriu a porta.

— Você precisa de mais alguma coisa? — perguntou por cima do ombro.

— Algumas horas de sono seriam bem-vindas.

— Como você toma o café?

— Com leite, sem açúcar.

Fallon saiu, fechando a porta com suavidade. Gabriel se levantou, caminhou até a pintura urbana de Turner e se postou diante da obra com uma das mãos apoiada no queixo e a cabeça inclinada levemente para o lado. Eram 11h43 e faltavam dezessete minutos para a ligação.

Fallon voltou um pouco antes do meio-dia, acompanhado por Jonathan Lancaster. A mudança na aparência do primeiro-ministro era notável. O Lancaster que Gabriel tinha visto pela televisão naquela manhã — um político confiante

prometendo restaurar a estrutura da sociedade — desaparecera. Em seu lugar havia um homem cuja vida e carreira estavam prestes a se tornar o escândalo político mais espetacular na história da Inglaterra. Era óbvio que Lancaster não conseguiria suportar muito mais a pressão.

— Você tem certeza de que quer ficar aqui? — perguntou Gabriel, apertando a mão do primeiro-ministro.

— Por que eu não ficaria?

— Porque talvez você não goste do que vai ouvir.

Lancaster sentou, deixando claro que não tinha qualquer intenção de ir embora. Fallon tirou o celular do bolso do paletó e o colocou na mesinha de centro. Gabriel logo removeu a bateria, expondo o número de série no interior do dispositivo, e usou o BlackBerry pessoal para tirar uma foto do código.

— O que você está fazendo? — perguntou Lancaster.

— É muito provável que os sequestradores me digam para deixar este celular num lugar onde não será encontrado novamente.

— Então por que tirar uma foto?

— Precaução.

Ele colocou o BlackBerry de volta no bolso e ligou o celular dos sequestradores. Eram 11h57. Não havia mais nada a fazer além de esperar. Gabriel era excelente nesse quesito: pelas próprias contas, tinha passado mais de metade da vida esperando. Esperando por um trem ou avião. Esperando por uma fonte. Esperando pelo nascer do sol depois de uma noite de matança. Esperando os médicos dizerem se a

esposa morreria ou viveria. Torcia para que sua conduta serena acalmasse Lancaster, mas pareceu surtir o efeito oposto. O primeiro-ministro estava encarando o visor do telefone sem piscar. Às 12h03, ele ainda não havia tocado.

— Que diabos está acontecendo? — perguntou Lancaster, frustrado.

— Estão tentando nos deixar ansiosos.

— Um belo trabalho.

— Por isso eu é que vou falar.

Outro minuto se passou sem contato. Então, às 12h05, o telefone tocou e começou a dançar sobre a mesa. Gabriel o pegou e olhou para o identificador de chamadas enquanto o aparelho vibrava em sua mão. Como esperado, estavam usando um número diferente. Gabriel atendeu e perguntou com muita calma:

— Como posso ajudar?

Houve uma pausa, durante a qual Gabriel escutou o barulho de um teclado de computador. Em seguida, veio a voz robótica:

— Quem está falando?

— Você sabe quem é — respondeu Gabriel. — Vamos em frente. Minha garota está esperando há muito tempo por este dia. Quero resolver isso o mais rápido possível.

Houve outra pausa, seguida por mais sons de teclado. Então, a voz indagou:

— Você está com o dinheiro?

— Estou olhando para ele agora. Dez milhões de euros, não marcados, não sequenciais, sem rastreadores ou bombas de tinta, de acordo com todas as exigências. Espero que você tenha um belo banco sujo à disposição, pois vai precisar de um.

Ele deu uma olhada de relance para Lancaster, que mastigava a bochecha. Fallon parecia ter entrado em parada respiratória.

— Você está pronto para as instruções? — perguntou a voz de máquina.

— Já estou pronto há alguns minutos.

— Você tem papel e caneta?

— Diga as instruções — falou Gabriel, impaciente.

— Você está em Londres?

— Sim.

— Tem um carro?

— Sim, claro.

— Embarque na balsa das 16h40 de Dover para Calais.

Quarenta minutos após a partida, solte este telefone no canal da Mancha. Quando chegar a Calais, vá para o parque na Rue Richelieu. Conhece o lugar?

— Sim, conheço.

— Há uma lixeira no canto nordeste. O novo celular estará preso na parte de baixo. Depois de pegá-lo, volte para o carro. Nós ligaremos e diremos aonde ir em seguida.

— Mais alguma coisa?

— Venha sozinho, sem reforços, sem a polícia. E não perca a balsa das 16h40. Se perder, a garota morre.

— Terminou?

A linha ficou em silêncio: nenhuma voz, ninguém digitando.

— Vou tomar isso como um sim — continuou Gabriel. —

Agora me escute com cuidado, porque só vou dizer isto uma vez. Este é o seu grande dia. Você trabalhou muito duro e o final já está quase à vista. Mas não estrague tudo fazendo algo estúpido. Eu só estou interessado em levar a garota para casa com segurança. São negócios, nada mais. Vamos fazer isso como cavalheiros.

— Nada de polícia — insistiu a voz após alguns segundos.

— Nada de polícia — repetiu Gabriel. — Mas deixe-me dizer mais uma coisa: se você tentar ferir Madeline ou me ferir, minha agência vai descobrir quem você é. Eles vão encontrá-lo e matá-lo. Isso está claro?

Dessa vez não houve resposta.

— E mais uma coisa: nunca mais me faça esperar cinco minutos por uma ligação. Se fizer isso, o acordo será desfeito.

Gabriel desligou o telefone e olhou para Lancaster.

— Acho que correu tudo bem. Você não acha, primeiro-ministro?

É raro ver um homem saindo pela porta da frente do número 10 da Downing Street vestindo calça jeans e jaqueta de couro, mas foi exatamente isso que aconteceu às 12h17 num dia chuvoso no começo de outubro. Já haviam se passado cinco semanas desde que Madeline Hart desaparecera na Córsega; oito dias desde que a fotografia e a gravação foram deixadas na casa de Simon Hewitt; doze horas desde que o primeiro-ministro do Reino Unido concordara em pagar 10 milhões de euros para garantir seu retorno seguro. Obviamente, o policial que vigiava o hall de entrada não sabia de nada disso. Ele também não reparou que o homem vestido de maneira incomum era o espião israelense Gabriel Allon, nem que havia uma Beretta semiautomática carregada embaixo de sua jaqueta. Por isso, ele lhe desejou um bom dia e observou Gabriel andar até o portão de segurança, onde uma câmera tirou sua foto. Eram 12h19.

Fallon tinha deixado o Passat na parte descoberta do estacionamento da Victoria Station. Gabriel se aproximou do veículo como sempre se aproximava de carros que não eram seus: devagar, receoso. Rodeou o automóvel, como se inspecionasse a lataria em busca de arranhões, e em seguida derrubou de propósito as chaves no

chão de tijolos vermelhos. Ao se agachar, rapidamente analisou o chassi. Como não percebeu nada fora do comum, levantou-se e abriu o porta-malas. A tampa se ergueu devagar, revelando duas maletas de náilon de marcas baratas. Abriu o zíper de uma e viu inúmeros maços de notas bem amarrados.

Pelos padrões londrinos, o trânsito àquela hora estava só moderadamente catastrófico. Gabriel atravessou a Chelsea Bridge à uma da tarde. Meia hora depois, já tinha deixado os subúrbios de Londres para trás e corria pela via expressa M25. Às duas da tarde, sintonizou a Radio Four para ouvir o noticiário. Pouca coisa havia mudado desde aquela manhã: Lancaster ainda falava de curar os males dos pobres da Inglaterra e uma empresa petrolífera russa ainda pretendia perfurar o mar do Norte em busca de petróleo. Não houve nenhuma menção a Madeline Hart, nem a um homem vestindo jeans e jaqueta prestes a pagar 10 milhões de euros a sequestradores. Gabriel escutou a previsão do tempo mais recente e descobriu que, no decorrer da tarde, esperava-se uma rápida piora das condições climáticas, com chuvas intensas e ventos fortes ao longo da costa do canal da Mancha. Desligou o rádio e, num gesto inconsciente, tocou o talismã corso pendurado no pescoço. Quando ela estiver morta, ouviu a senhora dizer. Então vocês saberão a verdade.

DOVER, INGLATERRA

Quando Gabriel entrou na M20, já estava chovendo forte. Ele passou em alta velocidade por Maidstone, Lenham Heath e Ashford, chegando ao porto de Folkestone às três e meia. Lá, entrou na A20 e continuou rumo ao leste, passando por uma planície aparentemente interminável com a grama mais verde que ele já tinha visto. Por fim, subiu uma colina baixa e o mar apareceu, escuro e revoltoso. A travessia prometia ser desagradável.

Quando a estrada se aproximou do mar, Gabriel teve um vislumbre das falésias pela primeira vez, erguendo-se brancas como giz contra as nuvens cinza-escuro. O caminho para o terminal de balsas era bem demarcado. Gabriel foi até a bilheteria e confirmou a passagem que havia agendado, o tempo todo de olho no Passat. Em seguida, com o bilhete na mão, sentou-se ao volante e se juntou à fila de carros que esperavam na linha de embarque. E não perca a balsa das 16h40. Se perder, a garota morre... Só podia haver uma razão para uma exigência daquelas, pensou Gabriel: os sequestradores já o estavam observando.

De acordo com as normas, os passageiros eram proibidos de permanecer dentro dos veículos durante a travessia. Gabriel considerou brevemente a possibilidade de levar as malas com ele, mas decidiu que carregá-las de um lado para outro o deixaria vulnerável demais. Então, trancou bem o Passat, verificando o porta-malas e cada uma das quatro portas duas vezes, para garantir que estivessem bem fechados, e seguiu para o lounge dos passageiros. Quando a balsa saiu do terminal, foi até a lanchonete e pediu chá com scone. Lá fora, o céu estava cada vez mais escuro e, às 17h15, o mar já não era mais visível. Gabriel ficou sentado por mais cinco minutos. Em seguida, levantou-se e andou até um canto isolado do deque de observação tomado pelo vento. Nenhum dos passageiros o seguiu, portanto ninguém o viu derrubar um celular sobre o corrimão.

Gabriel não viu nem escutou o aparelho atingir a superfície do mar. Permaneceu junto à grade por mais dois minutos antes de voltar para seu assento no lounge. E lá ficou, memorizando cada um dos rostos ao redor, até ouvir o anúncio dos alto-falantes, primeiro em inglês, depois em francês, de que já era hora de os passageiros voltarem para os carros. Gabriel garantiu que fosse o primeiro a chegar ao estacionamento. Ao abrir o porta-malas do Passat, viu que as malas estavam no lugar, ainda cheias de dinheiro. Sentou ao

volante e observou os outros passageiros indo para seus carros. Na fileira ao lado, uma mulher estava destrancando a porta de um pequeno Peugeot. Ela tinha cabelos louros curtos, quase masculinos, e um rosto em forma de coração. Mas Gabriel reparou em mais uma coisa: ela era a única passageira da balsa que usava luvas.

Fixou o olhar à frente, com as duas mãos no volante.

Era ela. Gabriel tinha certeza.

Calais era uma feia cidade litorânea, meio inglesa, meio alemã, mas muito pouco francesa. A Rue Richelieu ficava a 1,5 quilômetro do terminal de balsas no quartier conhecido como Calais-Nord, uma ilha artificial octogonal cercada por canais e portos. Gabriel estacionou na frente de uma série de casas de estuque e seguiu para o parque, observado por um trio de homens afegãos com casacos largos e chapéus pakol tradicionais. Eles deviam ser migrantes econômicos atrás de uma carona ilegal até a Inglaterra. Antigamente, existia um grande acampamento nas dunas de areia ao longo da praia, de onde era possível ver, num dia claro, as falésias brancas de Dover reluzindo do outro lado do Canal. Os bons cidadãos de Calais, um baluarte do Partido Socialista, referiam-se ao acampamento como “a floresta” e aplaudiram a polícia francesa quando ele finalmente foi fechado.

A lixeira estava no lado direito de uma trilha que levava para dentro do parque. Tinha pouco mais de um metro de altura e era verde-floresta. Ao seu lado, havia uma placa pedindo para que os visitantes não estragassem a grama e as flores. Não falava nada sobre procurar um celular escondido embaixo da lixeira — o que Gabriel fez depois de jogar fora a passagem de balsa. Ele o encontrou num instante, preso com fita adesiva. Gabriel o retirou dali e colocou-o no bolso do casaco antes de se endireitar e voltar para o Passat. Quando ele deu a partida, o telefone já estava tocando.

— Muito bem — disse a voz gerada por computador. — Agora ouça com atenção.

A voz mandou Gabriel seguir direto para o Hotel de la Mer, em Grand-Fort-Philippe. Uma reserva tinha sido feita no nome de Annette Ricard. Ele deveria dar entrada no quarto usando o próprio cartão de crédito e explicar que mademoiselle Ricard iria se encontrar com ele mais tarde, naquela noite. Buscou a rota até a cidade pelo celular pessoal. Grand-Fort-Philippe ficava bem a oeste de Dunkirk, cenário de uma das maiores humilhações militares na história da Inglaterra. Na primavera de 1940, mais de trezentos mil membros da Força Expedicionária Britânica foram evacuados das praias de lá enquanto a França era derrubada pela Alemanha nazista. Na pressa para partir, os ingleses tiveram que abandonar material suficiente para equipar dez divisões militares. Os sequestradores poderiam ter escolhido o hotel sem saber disso, mas Gabriel duvidava.

O Hotel de la Mer não ficava de fato perto do mar. Compacto, limpo e coberto por uma camada fresca de tinta branca, dava vista para o estuário que separava a cidade em duas. Gabriel passou pela entrada três vezes antes de parar numa vaga oblíqua ao longo do cais. Nenhum funcionário do hotel foi ajudá-lo — não era esse tipo de lugar. Esperou um carro passar antes de desligar o motor. Depois de enterrar a chave bem fundo no bolso da frente da calça, saiu depressa do Passat. As duas malas estavam surpreendentemente pesadas. Se Gabriel já não soubesse qual era o conteúdo, acharia que Fallon as encheria com pesos de chumbo. Gaivotas voavam lentamente em círculos, como se torcessem para que o fardo o fizesse desabar.

O hotel não tinha um saguão propriamente dito, apenas um átrio apertado com um recepcionista careca, magro e meio sonâmbulo sentado atrás de um balcão. Apesar de haver apenas oito quartos, ele levou um tempinho para encontrar a reserva. Gabriel pagou em dinheiro, violando a exigência dos sequestradores, e deixou um depósito generoso para eventualidades.

— Há uma segunda chave para o quarto? — perguntou ele.

— É claro.

— Posso ficar com ela, por gentileza?

— E quanto a mademoiselle Ricard?

— Vou deixá-la entrar.

O recepcionista franziu a testa em desaprovação enquanto passava a chave extra por cima do balcão.

— Não existem outras? Só essa?

— A camareira tem uma chave mestra, claro, e eu também.

— E você tem certeza de que não há ninguém no quarto?

— Positivo — respondeu o recepcionista. — Eu mesmo acabei de arrumá-lo.

Por conta da gentileza, Gabriel depositou uma nota de 10 euros no balcão, que foi tomada por uma mão encardida e desapareceu no bolso de um paletó mal-ajambrado.

— Você precisa de ajuda com as malas? — perguntou. Seu tom de voz sugeria que ajudar Gabriel era a última coisa em sua mente.

— Não, obrigado — respondeu Gabriel com entusiasmo. — Acho que consigo dar conta.

Ele empurrou as malas de rodinhas pelo chão de linóleo. Ergueu-as do chão e começou a subir a escadaria estreita, esforçando-se para passar a impressão de que eram leves. Enfiou a chave na fechadura com o cuidado de um médico manejando uma sonda. Ao entrar, encontrou o quarto vazio e uma única lâmpada fraca acesa na mesinha de cabeceira. Empurrou as malas para dentro, fechou a porta e sacou a Beretta, fazendo uma busca rápida pelo closet e pelo banheiro. Por fim, certo de que estava sozinho, passou a corrente na

porta, bloqueou-a com todos os móveis do quarto e colocou as malas debaixo da cama. Quando ele se levantou, o celular que pegara em Calais tocou pela segunda vez.

— Muito bem — disse a mesma voz. — Agora escute com atenção.

Dessa vez, Gabriel fez várias exigências. A mulher deveria ir sozinha, sem reforços e desarmada. Ele exigiu o direito de revistá-la — com minúcia e intimamente, acrescentou, para garantir que não houvesse mal-entendidos. Depois disso, ela poderia levar o tempo que quisesse para verificar se as notas eram genuínas e se chegavam ao montante de 10 milhões de euros. Ela podia contar o dinheiro, cheirá-lo, sentir seu gosto ou transar com ele — Gabriel não se importava, desde que não houvesse nenhuma tentativa de roubo. Caso a mulher fizesse isso, disse Gabriel, ela seria machucada gravemente e o acordo, cancelado.

— E não faça ameaças estúpidas sobre matar Madeline; ameaças insultam a minha inteligência.

— Uma hora — respondeu a voz, e a ligação caiu.

Gabriel retirou uma cadeira de espaldar reto da barricada e a colocou ao lado da janela minúscula do quarto. Ele ficou sentado pelos 67 minutos seguintes, observando a rua abaixo. Quarenta minutos após começar sua vigilância, um homem passou às pressas pelo hotel com um guarda-chuva aberto, parando apenas por tempo suficiente para tentar abrir a porta do carona do Passat. Depois disso, não houve mais carros nem pedestres, apenas as gaivotas circulando no alto e um bando de gatos de rua se banquetando no lixo do restaurante de frutos do mar vizinho ao hotel. A espera, ele pensou. Sempre a espera.

Sessenta minutos se passaram sem sinal da sequestradora e Gabriel sentiu uma pontada de pânico, que piorou com o tempo. Então, por fim, uma perua BMW embicou na vaga vazia ao lado do Passat. A porta foi aberta e uma bota de grife emergiu, seguida por uma perna comprida coberta por uma calça jeans azul. Era uma mulher com cabelos pretos que iam até a altura dos ombros e ocultavam o seu rosto de Gabriel. Ele a observou atravessar a rua debaixo da chuva, analisando o ritmo de suas passadas, a curvatura dos joelhos. O andar é algo curioso: é como a impressão digital ou a retina. Um rosto pode ser alterado com facilidade, mas até mesmo agentes secretos experientes têm dificuldades para mudar o jeito de andar. Gabriel se deu conta que já vira aquele andar antes. Ela era a mulher da balsa.

Ele tinha certeza disso.

GRAND-FORT-PHILIPPE, FRANÇA

Ela levou menos de um minuto para chegar ao terceiro andar do hotel.

Nesse intervalo, Gabriel removeu a barricada de móveis, encostou o ouvido na porta e escutou a batida dos saltos ao longo do corredor sem carpete. Era uma porta boa, grossa, sólida, o suficiente para amortecer uma bala, mas não pará-la. A mulher bateu com delicadeza, como se achasse que havia crianças dormindo ali.

— Você está sozinha? — perguntou Gabriel, falando em francês.

— Sim.

— Está armada?

— Não.

— Você sabe o que vai acontecer se eu encontrar uma arma com você?

— O acordo será desfeito.

Gabriel abriu a porta alguns centímetros, sem tirar a corrente.

— Passe a mão pelo vão.

A mulher hesitou por um instante, então obedeceu, estendendo a mão comprida e pálida. Usava um único anel, um círculo de prata com relevo entrelaçado, e tinha uma pequena tatuagem de sol na pele entre o polegar e o indicador. Gabriel agarrou o pulso dela e o torceu dolorosamente. Na parte de baixo, havia cicatrizes antigas de tentativas juvenis de suicídio.

— Se você quiser usar essa mão de novo, vai fazer exatamente o que eu disser. Entendeu?

— Entendi — respondeu a mulher, arquejando.

— Largue a bolsa no chão e a empurre para cá com o pé.

A mulher seguiu as instruções. Ainda segurando o pulso dela com a mão esquerda, Gabriel se abaixou e esvaziou a bolsa no chão. O conteúdo era mais ou menos o que se esperava que uma francesa carregasse, com duas exceções notáveis: uma lupa de joalheiro e uma lâmpada infravermelha portátil. Gabriel tirou a corrente da porta e, torcendo o punho da mulher quase ao ponto de quebrá-lo, puxou-a para dentro. Fechou a porta com o pé e a empurrou contra a parede. Em seguida, como prometido, revistou-a minuciosamente, confiante de que estava explorando o que muitos homens já tinham explorado antes.

— Está se divertindo? — perguntou ela.

— Sim — respondeu Gabriel com uma voz monótona. — Na verdade, não me divirto tanto assim desde a última vez que removeram uma bala do meu corpo.

— Espero que tenha doído.

Ele tirou a peruca escura da mulher e passou a mão por seus cabelos loiros curtos.

— Terminou? — ela quis saber.

— Vire-se.

Ela obedeceu, ficando de frente para ele pela primeira vez. Era alta e magra, com os membros compridos e os seios pequenos de uma bailarina de Degas. Seu rosto em forma de coração era infantil e inocente, mas os lábios tinham o levíssimo esboço de um sorriso irônico. O Escritório adorava rostos como o dela. Gabriel se perguntou quantas fortunas já teriam sido perdidas devido àquela beleza.

— Como vai ser, então? — indagou ela.

— Do jeito costumeiro. Você vai examinar o dinheiro e eu vou apontar uma arma para a sua cabeça. Se você fizer qualquer coisa que me deixe ansioso, vou estourar os seus miolos.

— Você é sempre tão charmoso?

— Só com as garotas de quem realmente gosto.

— Onde está o dinheiro?

— Embaixo da cama.

— Você vai pegá-lo para mim?

— Sem chance.

A mulher bufou, ajoelhou-se ao pé da cama e puxou a primeira mala. Abriu-a e contou o número de maços, primeiro na vertical, depois na horizontal. Em seguida, puxou um do centro, como um climatologista perfurando um bloco de gelo, e contou as notas.

— Terminou? — perguntou Gabriel, zombando dela.

— Estamos só começando.

Ela escolheu seis maços de seis partes diferentes da mala em seis profundidades diferentes e contou rapidamente as cédulas, como se já tivesse trabalhado num banco ou cassino. Ou talvez, pensou Gabriel, ela apenas passasse muito tempo verificando dinheiro roubado. A cada maço, ela retirava uma nota.

— Preciso das minhas coisas — comentou a mulher.

— Você acha mesmo que eu vou dar as costas para você?

Ela deixou as seis cédulas de 100 euros na cama e foi até o hall de entrada para pegar seus objetos de trabalho. Ao voltar, sentou na beirada da cama e usou a lupa para examinar cada nota por mais de um minuto, buscando qualquer indício de falsificação: uma imagem mal impressa, um número ou caractere faltando, um holograma ou marca-d'água que não parecesse genuíno. Ao terminar, baixou a lupa e

pegou a lâmpada infravermelha.

— Preciso desligar as luzes do quarto.

— Ligue isso aí antes — ordenou Gabriel.

A mulher obedeceu. Ele atravessou o quarto, apagando as luzes, até que restasse apenas o brilho do infravermelho, usado para verificar as seis notas. As tiras de segurança reluziram com um tom verde-limão, provando que as notas eram genuínas.

— Muito bem — comentou ela.

— Não tenho palavras para descrever minha felicidade por vê-la satisfeita. — Gabriel acendeu as luzes do quarto. — Agora tenho uma exigência: peça a Paul para me ligar dentro de uma hora ou cancelarei o acordo.

— Ele não vai gostar disso.

— Fale do dinheiro. Ele vai conseguir superar.

A mulher recolocou a peruca, juntou suas coisas e saiu em silêncio. Postado junto à janela, Gabriel a observou partir. Em seguida, continuou lá, contemplando a rua molhada, e esperou o telefone tocar. A chamada veio às 21h15, exatamente após uma hora. Depois de tolerar um discurso gerado por computador, Gabriel fez a exigência com calma. Houve silêncio, uma série de teclas foram pressionadas e, então, veio a voz fina, sem vida, com a entonação toda errada.

— Eu estou no comando, não você — disse a máquina.

— Entendo — respondeu Gabriel, ainda mais calmo. — Mas essa é uma transação de negócios, nada mais. Dinheiro em troca de mercadoria. E seria um descuido de minha parte se eu não a conduzisse da devida maneira.

Outra pausa, mais teclas sendo batidas, e então a voz:

— Essa ligação durou tempo demais. Desligue e aguarde nossa próxima chamada.

Gabriel obedeceu. Um minuto depois, recebeu um telefonema de outro número. A voz emitiu uma série de instruções, que Gabriel copiou num papel timbrado do Hotel de la Mer.

— Quando?

— Em uma hora — falou a voz.

E foi só. Gabriel desligou o telefone e releu as instruções para se certificar de que as escrevera corretamente. Só havia um problema. O dinheiro.

Gabriel fez três ligações sucessivas em cinco minutos. As primeiras duas foram feitas do telefone do quarto — uma para o quarto ao lado, que não foi atendida, e a segunda para o recepcionista sonolento no térreo, que confirmou que o quarto estava desocupado. Gabriel o reservou para o resto da noite, prometendo pagar o valor completo na hora seguinte. Em seguida, ligou para Keller com o próprio celular.

— Onde você está?
— Boulogne — respondeu Keller.
— Preciso que você entre no Hotel de la Mer, em Grand-Fort-Philippe, em 45 minutos.
— Por que eu faria isso?
— Porque tenho um serviço e preciso garantir que ninguém roube a minha bagagem enquanto eu estiver fora.
— Onde está a bagagem?
— Embaixo da cama no quarto ao lado.
— Para onde você vai?
— Não faço ideia.

Mais uma hora, mais uma espera. Gabriel aproveitou para arrumar o quarto e preparar o que pode ter sido a xícara mais forte de Nescafé já feita. Já estava chegando à terceira noite sem dormir — o Lubéron, a Downing Street e agora aquilo. Ele estava perto, conseguia sentir. Só mais algumas horas, pensou, tomando o líquido amargo, e poderia dormir por um mês.

Às 22h10, desceu para o saguão e disse ao recepcionista noturno que um tal de monsieur Duval chegaria em breve. Pagou antecipadamente as taxas de estadia e deixou para trás um envelope que deveria ser entregue ao visitante misterioso na sua chegada. Então, saiu do hotel e entrou no Passat. Enquanto se distanciava, olhou pelo retrovisor e viu Keller entrando no hotel, no horário exato.

Dessa vez, não lhe forneceram apenas um destino, mas também uma rota específica. Gabriel atravessou campos de moinhos de vento, usinas de gás, refinarias e depósitos ferroviários na parte oeste de Dunkirk. À sua frente, erguia-se uma cadeia de montanhas de cascalho, como uma versão em miniatura dos Alpes. Ele atravessou a área rapidamente em meio a uma nuvem de poeira e entrou num caminho estreito que passava sobre uma queda-d'água alta. À sua direita estavam os guindastes de carga do porto de Dunkirk; à esquerda, o mar. Marcou o ponto de partida da rua com a função trip do odômetro. Exatamente 1,5 quilômetro adiante, estacionou e desligou o motor. O vento forte e úmido fez o carro estremecer. Gabriel saiu, ergueu o colarinho e seguiu para a praia. A maré estava baixa, a areia tão dura e plana quanto um chão de concreto. Ele parou à beira da água e jogou sua Beretta no mar. Era um belo lugar para a arma de um soldado ser descartada, pensou enquanto retornava ao carro: no fundo do mar, ao largo das praias de Dunkirk.

Quando retornou à rua, olhou para os dois lados, leste, oeste e então leste novamente. Não havia ninguém por perto, nenhum farol se aproximando, mas apenas as luzes dos guindastes e o brilho distante do gás queimando sobre as refinarias. Gabriel abriu o porta-malas e

colocou a chave dentro da roda traseira esquerda. Em seguida, entrou nele, deitou em uma espécie de posição fetal e fechou a tampa com um puxão. Alguns segundos depois, o telefone tocou.

— Você está dentro? — perguntou a voz.

— Estou.

— Cinco minutos.

Acabaram se passando quase dez minutos até Gabriel ouvir um carro estacionando atrás do Passat. Escutou uma porta se abrir e se fechar, depois botas pisando no asfalto. Era a mulher, pensou, quando o carro partiu com um solavanco. Ele tinha certeza disso.

Depois de deixar Dunkirk para trás, ela dirigiu em alta velocidade por mais de uma hora, parando apenas duas vezes. Em seguida, entrou numa estrada de terra e continuou dirigindo depressa, como se punisse Gabriel pela impertinência de pedir uma evidência de que Madeline estava viva antes de entregar os 10 milhões de euros. Num determinado momento, o piso do Passat atingiu o chão com um baque pesado e Gabriel teve a sensação de que eles tinham batido num iceberg.

Pouco tempo depois, saíram da estrada de terra e tomaram uma trilha suave de cascalho, que terminou num piso de concreto. Gabriel sabia que estavam numa garagem porque, quando o carro parou, a vibração do motor ressoava pelas paredes. Após um instante, o automóvel foi desligado e a mulher saiu, seus saltos ecoando no chão. O porta-malas foi aberto alguns centímetros e a mão comprida e pálida surgiu com um capuz de pano, que Gabriel usou para cobrir a cabeça.

— Você está pronto? — perguntou ela.

— Estou.

— Você sabe o que acontece se ficar sem o capuz?

— A garota morre.

Gabriel ouviu a tampa do porta-malas ser aberta. Ele foi agarrado por dois pares de mãos, obviamente masculinas. Um dos homens o segurou pelos ombros, o outro pelas pernas, e ambos o levantaram. Colocaram-no de pé com uma gentileza surpreendente e esperaram que ele recuperasse o equilíbrio antes de amarrarem as suas mãos atrás das costas com algemas plásticas. Em seguida, tomaram-no pelos cotovelos e o conduziram pelo cascalho, diminuindo um pouco a velocidade para ajudá-lo a subir dois degraus de tijolos e passar pela porta.

O interior tinha um piso desigual de madeira, como o soalho de uma casa de campo antiga. Enquanto era obrigado a fazer várias curvas bruscas, Gabriel teve a sensação de estar sendo levado por uma

figura de autoridade. O grupo desceu um lance de escadas íngreme e adentrou um porão frio que cheirava a pedra calcária e umidade. As mãos o empurraram para a frente por vários metros, fizeram-no parar e o ajudaram a sentar na beirada de uma cama. Gabriel escutou os passos dos captores com atenção enquanto eles se afastavam, tentando determinar o número de pessoas. Então, uma porta pesada se fechou com um baque digno de um caixão sendo lacrado. Não houve mais nenhum som.

Apenas o cheiro. Pesado e nauseantemente doce. O cheiro de um ser humano em cativeiro.

Gabriel ficou sentado sem se mexer, em silêncio, convencido de que tinha sido deixado no quarto a sós. Mas, alguns segundos depois, seu capuz foi removido. À sua frente estava uma jovem, magra e branca como porcelana, mas ainda assim extremamente bonita.

— Eu sou Madeline Hart. Quem é você?

Gabriel tinha passado nove dias se esforçando para pintar o rosto de Madeline em sua mente. Ela era um desenho a carvão, um nome num arquivo impressionante, um favor para um velho amigo. E agora, enfim, sentada à sua frente, achava-se a prisioneira por quem ele tinha torturado e matado, posada como que para um retrato. Vestida com roupas esportivas azul-escuras e sapatos de lona sem cadarços, estava mais magra do que na gravação — até mesmo do que na última fotografia enviada pelos sequestradores — e seus cabelos tinham crescido pelo menos 2 centímetros desde o desaparecimento, penteados para trás e pendendo no centro de suas costas. Com ossos malares proeminentes, tinha manchas escuras semelhantes a hematomas debaixo dos olhos azul-acinzentados. Madeline estava com as mãos cruzadas sobre o colo; seus pulsos eram puro osso e tendão, e as unhas tinham sido roídas até o fim. Mesmo assim, conseguiu transmitir dignidade e autoridade. Ele agora entendia por que Jeremy Fallon tinha declarado que o destino lhe reservava um lugar no Parlamento — e por que Jonathan Lancaster arriscara tudo por ela. De repente, Gabriel se deu conta de que havia feito o mesmo.

— Estou aqui para resgatá-la, Madeline — respondeu ele por fim. — Estamos no fim do jogo.

— Você queria ver se eu ainda estava viva?

Ele hesitou por um instante, então assentiu.

— Bem, eu estou viva. Pelo menos acho que estou. Às vezes não tenho tanta certeza. Não sei as horas, que dia da semana é, nem o mês. Nem sei onde estou.

— Eu acho que você está na França, em algum lugar ao norte.

— Você acha?

— Eu fui trazido para cá no porta-malas de um carro.

— Eu passei muito tempo num lugar desses — disse ela, empática. — E acho que fiz uma viagem de barco de algumas horas após o meu sequestro, mas não tenho certeza. Eles me deram uma dose de alguma coisa. Depois disso, tudo virou um borrão.

Gabriel imaginou que a conversa estivesse sendo monitorada. Portanto, não disse a Madeline que ela fora trazida da Córsega para o continente a bordo de um iate pilotado por um contrabandista e acompanhada pelo homem com quem almoçara no Les Palmiers. Gabriel tinha muitas perguntas a fazer sobre o homem que conhecia apenas como Paul: Quando ela o conhecera? Qual era a natureza do

relacionamento deles? Em vez disso, indagou se Madeline conseguia se lembrar das circunstâncias do sequestro.

— Foi no caminho entre Piana e Calvi. — Ela fez uma pausa.

— Você já esteve lá?

— Na Córsega?

— Sim.

— Nunca pisei naquele lugar.

— É muito encantador, de verdade — falou ela, soando muito britânica. — Em todo caso, estava dirigindo um pouco mais rápido do que deveria, como sempre. Um carro parou na minha frente depois de uma curva fechada. Eu consegui frear, mas ainda bati na lateral do automóvel com muita força. Os hematomas e arranhões levaram um século para sarar. — Ela massageou o dorso da mão. — Isso foi há quanto tempo? Há quanto tempo eles estão comigo?

— Cinco semanas.

— Só isso? Parece mais.

— Eles trataram você bem?

— Parece que eu fui bem tratada?

Ele não respondeu.

— Não tenho comido nada além de pão com queijo e legumes enlatados. Uma vez me deram restos de frango, mas eu passei mal, então nunca mais fizeram isso. Eu pedi um rádio, mas eles recusaram. Pedi um livro, também um jornal para me manter informada sobre o que está acontecendo no mundo, mas em vão.

— Eles não queriam que você lesse sobre si mesma.

— O que o mundo sabe de mim?

— Que você está desaparecida. Só isso.

— E quanto àquele vídeo horrível que me forçaram a fazer?

— Ninguém o viu — respondeu Gabriel. — Ninguém além do primeiro-ministro e o pessoal mais próximo.

— Jeremy?

— Sim.

— Simon?

Gabriel assentiu.

— E você? Você também viu, imagino.

Gabriel não disse nada. Madeline massageava o dorso da mão, que agora estava quase em carne viva, como se tentasse se punir. Gabriel queria fazê-la parar, mas não conseguia — não com as mãos atadas atrás das costas.

— Não tive escolha. Fui obrigada a fazer aquele vídeo — alegou ela, por fim.

— Eu sei.

— Eles disseram que me matariam.

— Eu sei.

— Tentei mentir. Você precisa acreditar em mim. Tentei dizer que não havia nada entre mim e Jonathan, mas eles sabiam de tudo. Datas, horas, lugares... Tudo!

Ela o encarou, intrigada.

— Você não é inglês.

— Desculpe — disse Gabriel.

— Você é policial?

— Sou um amigo do primeiro-ministro.

— Então você é um espião.

— Algo do gênero.

Madeline sorriu brevemente. Seu sorriso já fora belo, mas agora havia algo de louco. Ela ficaria bem de novo, pensou Gabriel, mas demoraria um tempo.

— Por favor, pare, Madeline.

— Parar com quê?

— Suas mãos.

Ela baixou os olhos para fitá-las: estavam sangrando.

— Desculpe. — Sua voz trazia um tom submisso. Ela cerrou os punhos com força, até que os nós dos dedos ficassem brancos. — Por que fizeram isso comigo?

— Dinheiro.

— Estão chantageando Jonathan?

Ele aquiesceu.

— Quanto?

— Isso não importa.

— Quanto?

— Dez milhões.

— Meu Deus — murmurou ela. — E ele concordou em pagar?

— Sem pestanejar.

— O que vai acontecer agora?

— Nós descobriremos uma maneira de fazer uma troca que satisfaça às necessidades das duas partes.

— Falta muito?

— Estamos perto.

— Quanto? — pressionou ela.

— Farei o que for preciso para tirá-la daqui até o amanhecer.

— Receio não saber o que isso significa.

— Algumas horas.

— E depois?

— Nós a levaremos a um lugar seguro, para que possa se recompor e descansar. Depois, você voltará para casa.

— Para quê? — questionou ela. — Minha vida estará arruinada, tudo por causa de um erro tolo.

— Ninguém jamais saberá do resgate nem do seu caso com

Jonathan. Como se nada nunca tivesse acontecido.

— Até que a imprensa descubra. Então, eles tirarão pedaço por pedaço de mim. É o que eles sempre fazem. É tudo que eles fazem.

No instante em que Gabriel ia responder, soaram duas batidas fortes na porta. O estômago de Gabriel se contraiu quando Madeline rapidamente cobriu a cabeça dele com o capuz negro. Imaginou que, a seguir, ela tivesse coberto a própria cabeça, mas não dava para saber, pois o capuz era totalmente opaco.

— Você não me disse o seu nome — disse ela.

— Isso não importa.

— Eu o amei, sabe? Eu o amei muito.

— Eu sei.

— Não consigo aguentar muito mais.

— Eu sei.

— Você tem que me tirar daqui.

— Eu vou tirar.

— Quando?

— Em breve.

Eles removeram as algemas de plástico antes de colocá-lo no porta-malas e levá-lo pela estrada de terra batida. O carro trombou com a mesma valeta de antes e, depois disso, correu tranquilamente por vias pavimentadas. Devia estar chovendo forte, pois Gabriel ouvia água sendo espirrada pelas rodas. O som o conduziu a um sono curto. Sonhou que Madeline havia arranhado o dorso de sua mão até o osso.

“Não consigo aguentar muito mais”

“Eu sei.”

“Você tem que me tirar daqui.”

“Eu vou tirar!”

Dez minutos depois de Gabriel acordar, o carro enfim parou. O motor foi desligado, uma porta se abriu, botas bateram sobre o asfalto e se afastaram. Restou apenas o barulho da chuva. Por um momento, Gabriel temeu que tivessem lhe reservado uma morte que muito se assemelhava a ser enterrado vivo. Então, o telefone no bolso de seu paletó tocou.

— Nós avisamos para não trazer reforços — disse a voz.

— Você achou mesmo que eu ia largar 10 milhões de euros num quarto de hotel?

— De agora em diante, faça exatamente o que dissermos ou a garota morre.

— Você tem a minha palavra.

Fez-se silêncio, seguido pelo som de alguém datilografando.

— A chave extra está grudada por uma fita diretamente acima da sua cabeça. Volte para o seu quarto e espere a nossa ligação.

— Quanto tempo?

A ligação caiu. Gabriel ergueu o braço e pegou a chave. Pressionou a maçaneta do porta-malas e a chuva caiu benevolmente em seu rosto.

GRAND-FORT-PHILIPPE, FRANÇA

Sentado na cama, com um cigarro queimando entre os dedos. Estava vendo, sem som, o replay de um jogo da Liga Inglesa: Fulham x Arsenal.

— Confortável? — perguntou Gabriel.

— Eu vi você chegar de carro. — Keller desligou a televisão com o controle remoto. — E então?

— Ela está viva.

— Está muito mal?

— Mal.

— O que fazemos agora?

— Esperamos o telefone tocar.

Keller voltou a ligar a TV e acendeu outro cigarro.

Dessa vez, Gabriel estava sem paciência. Ele tentou se distrair com o jogo de futebol, mas a visão de homens feios de calção correndo atrás de uma bola lhe era ofensiva. Encheu mais uma xícara de café extraforte e tomou-o à janela. A corrente do estuário havia mudado de sentido e agora estava fluindo para dentro, não para fora. Consultou o relógio. A hora não tinha mudado desde a última vez que olhara: 3h22. Era uma comprovação de que nada de bom acontecia naquele horário da madrugada.

— Eles não vão ligar — disse, mais para si mesmo do que para Keller.

— É claro que vão.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eles foram longe demais. E tenha mais uma coisa em mente: a esta altura, querem se livrar de Madeline tanto quanto você quer trazê-la de volta.

— É disto que eu tenho medo.

Keller o encarou, sério.

— Quando foi a última vez que você dormiu?

— Em setembro.

— Existe alguma chance de você permitir que eu entregue o dinheiro?

— Em hipótese alguma.

— Eu precisava perguntar.

— Agradeço a gentileza.

Keller olhou para a televisão de cara feia. Evidentemente, um dos times fizera gol, pois os homens de calção estavam pulando como crianças num play-ground. Mas não Gabriel: ele fitava as águas do estuário, com a imagem de Madeline arrancando a pele do dorso da mão. Quando o telefone enfim tocou às 3h48, o barulho o assustou como o grito de uma mulher aterrorizada. A mesma voz de sempre falou com ele. Após alguns segundos, ele olhou para Keller e assentiu.

Era a hora.

O recepcionista da noite não estava em lugar nenhum. Gabriel depositou as chaves do quarto no escaninho atrás do balcão e levou as duas malas até a rua molhada. O motor do Passat ainda estalava da viagem anterior. Ele guardou a bagagem no porta-malas e sentou-se no banco do motorista. O telefone começou a tocar enquanto Gabriel fechava a porta. Ele atendeu e o colocou no viva-voz.

— Vá para a A16, na direção de Calais — instruiu o sequestrador. — E, em hipótese alguma, desligue o telefone. Se a ligação cair, a garota vai morrer.

— E se eu ficar sem sinal?

— É melhor que não fique.

Era uma estrada de quatro faixas com torres de luz no centro e fazendas em ambos os lados. Gabriel se manteve no limite de velocidade, 90 quilômetros por hora, apesar de a estrada estar quase vazia. Dirigiu com apenas uma das mãos, segurando o telefone com a outra, verificando cuidadosamente o sinal. Na maior parte do tempo, o aparelho manteve cinco tracinhos, mas, por alguns ansiosos segundos, diminuiu para apenas três.

— Onde você está? — perguntou a voz a certa altura.

— Chegando à saída para a D219.

— Continue.

Mais do mesmo: plantações e luzes, um pouco de lentidão no trânsito, um cabo de energia que prejudicava o sinal de celular.

Quando ressurgiu, a voz se fazia ouvir em meio a uma tempestade de estática.

— Onde você está?

— Seguindo a D940.

— Prossiga.

Os cabos de energia ficaram para trás, o sinal melhorou.

— Onde você está?

— Aproximando-me do trevo da A216.

— Prossiga.

Quando apareceram as luzes de Calais, Gabriel resolveu não esperar mais pelas indagações: passou a fazer um comentário contínuo sobre seu paradeiro, apenas para quebrar o monótono ritmo de perguntas e respostas das instruções.

Houve silêncio do outro lado da linha, até que Gabriel anunciou estar se aproximando do desvio para a D243.

— Pegue a saída — ordenou a voz, embora a entonação tenha saído mais como uma pergunta do que uma ordem.

— Para que lado?

A resposta veio alguns segundos depois: ele deveria seguir para o norte, rumo ao mar.

A cidade seguinte era Sangatte, um amontoado de casebres de pedra varridos pelo vento que pareciam ter sido arrancados do interior britânico e jogados na França. Dali, a voz mandou-o seguir mais para oeste, ao longo do canal da Mancha, passando pelas comunas de Escalles, Wissant e Tardingen. Houve intervalos de vários minutos sem instruções. Gabriel não podia ouvir nada do outro lado da linha, mas sentia estar se aproximando do fim. Decidiu que era hora de forçar a barra:

— Quanto falta?

— Você está chegando.

— Onde ela está?

— Em segurança.

— Já passou tempo demais — disse Gabriel, ríspido. — Você viu o dinheiro, você sabe que não estou sendo seguido. Vamos acabar logo com isso, para que ela possa ir para casa.

Fez-se silêncio na linha. Então, a voz perguntou:

— Onde você está?

— Passando por Audinghen.

— Você já consegue ver a rotatória?

— Espere — disse Gabriel, fazendo uma curva na estrada. —

Sim, agora posso vê-la.

— Contorne a rotatória, pegue a segunda saída e siga 50 metros.

— E depois?

— Pare.

— É lá que ela está?

— Apenas siga as instruções.

Gabriel obedeceu. Não havia acostamento na estrada, logo ele foi obrigado a passar por cima de um meio-fio baixo e estacionar no caminho asfaltado para pedestres.

Bem à sua frente, havia uma espécie de prédio comercial, comprido e baixo, com chaminés em cada ponta do teto de telhas vermelhas. À sua direita, uma plantação de grãos se agitava sob o vento e a chuva. Para além do campo, estava o mar.

— Onde você está? — perguntou a voz.

— Cinquenta metros depois da rotatória.

— Muito bem. Agora desligue o motor e ouça com atenção.

Era óbvio que aquelas instruções haviam sido previamente programadas no computador, pois eram cuspidas de maneira desconjuntada, mas constante. Gabriel deveria abrir o porta-malas e jogar a chave no campo à sua direita. Madeline estava a aproximadamente 3 quilômetros adiante na estrada, no compartimento traseiro de um Citroen C4 azul-escuro. A chave do outro carro estava escondida na roda dianteira esquerda. Gabriel deveria segurar o telefone até alcançar o Citroen e a chamada deveria ficar ativa para que pudessem escutá-lo. Sem polícia, sem reforço, sem armadilhas.

— Não é bom o bastante — disse ele.

— Você tem quinze minutos.

— Senão o quê?

— Você está perdendo tempo.

Uma imagem lampejou na mente de Gabriel: Madeline na cela, arranhando a própria pele até sangrar.

“Não consigo aguentar muito mais!”

“Eu sei.”

“Você tem que me tirar daqui.”

“Eu vou tirar.”

Gabriel saiu do carro e arremessou a chave com tanta força que ela bem poderia ter ido parar no Canal. Então, memorizou a hora que o celular marcava e começou a correr.

— Estamos em ação? — perguntou a voz.

— Estamos.

— Depressa. Em quinze minutos a garota morre.

Três quilômetros eram sete voltas e meia em um circuito oval. Um corredor de alta performance poderia percorrer a distância em menos de oito minutos; um atleta em forma que corresse regularmente, por volta de doze. Mas, para um homem de meia-idade de calça jeans e tênis que já havia sido baleado no peito duas vezes, quinze minutos eram um desafio mais do que justo. Isso se a distância fosse mesmo de 3 quilômetros, pensou. Se fosse algumas centenas de metros mais longa, o prazo poderia estar além de sua capacidade física.

Felizmente, a estrada era plana. Como Gabriel ia em direção ao mar, havia até certos pontos de leve declive, embora o vento soprasse forte e constante contra seu rosto. Impulsionado pela adrenalina e pela raiva, disparou num ritmo frenético, mas, depois de aproximadamente 100 metros, estabeleceu-se no que presumia ser a velocidade necessária para percorrer 1,5 quilômetro em sete minutos. Ele agarrava o telefone com a mão direita, enquanto mantinha a esquerda solta e relaxada. A princípio, sua respiração era ritmada, mas logo se tornou entrecortada e ele passou a sentir um gosto de ferrugem no fundo da garganta. Aquilo era culpa de Shamron, pensou, ressentido, marchando sobre o asfalto, sob a chuva que lhe pinicava o rosto. Shamron e seus malditos cigarros.

Depois do prédio comercial, não havia absolutamente nada — nem chalés, nem postes, apenas campos negros, cercas vivas e a linha branca tracejada no limite da estrada que guiava Gabriel no escuro, mantendo seu progresso ritmado e constante. As lacunas tinham o mesmo comprimento que os traços: duas passadas por traço, duas passadas por lacuna. Quinze minutos para percorrer 3 quilômetros.

“Senão o quê?”

“Você está perdendo tempo.”

Depois de cinco minutos, sentia as panturrilhas duras como granito e suave sob o peso da jaqueta de couro. Tentou despir-se dela enquanto corria, mas não conseguiu, então parou por tempo suficiente para tirá-la e arremessá-la numa plantação. Ao retomar a corrida, viu uma fraca aura amarela no horizonte. Então, os dois faróis de um veículo emergiram no topo de uma pequena subida e vieram em sua direção em alta velocidade. Era uma pequena van cinza-claro bem desgastada. Quando passou por ele num borrão, Gabriel reparou que o motorista e o carona usavam balaclavas. Os coletores vindo retirar o

dinheiro. Ele não se deu o trabalho de se virar: estava ocupado tentando ignorar a queimação nas panturrilhas e as agulhadas da chuva no rosto. Duas passadas por traço, duas passadas por lacuna. Quinze minutos para percorrer 3 quilômetros.

Quando ela estiver morta. Então vocês saberão a verdade...

Gabriel completou a pequena subida e imediatamente avistou uma corrente de luzes cintilando ao longe. Eram de Audresselles, pensou, a pequena comuna costeira bem ao sul do farol do Cap Gris Nez. Ele checkou o tempo no celular: oito minutos transcorridos, restando sete. Suas passadas começavam a vacilar e a nuca estava dormente. Lamentou não cuidar melhor do corpo. Seus pensamentos agora se concentravam principalmente em Viena. Em um carro estacionado à beira de uma praça nevada. Em um motor que não dava a partida por causa de uma bomba drenando energia da bateria.

Ele olhou para o telefone: nove minutos transcorridos, restando seis. Duas passadas por traço, duas passadas por lacuna.

Gabriel levou o celular à boca.

— Vocês pegaram o dinheiro?

A voz respondeu poucos segundos depois:

— Pegamos. Muito obrigado.

Aguda, sem vida, com a entonação errada. Ainda assim, Gabriel jurava ter detectado um tom de alegria.

— Vocês têm que me dar mais tempo! — gritou ele.

— Isso não é possível.

— Eu não vou conseguir.

— Você tem que se esforçar mais.

Voltou a fitar o celular: dez minutos transcorridos, restando cinco.

Três passadas por traço, três passadas por lacuna.

— Estou indo buscá-la, Leah! — berrou para o vento. — Não gire a chave de novo! Não gire a chave!

— Gabriel passou em disparada por uma vasta mansão, nova mas construída de forma a parecer antiga, e sentiu imediatamente a proximidade do mar. A estrada descia rumo a ele, e seu cheiro trouxe a Gabriel um gosto de peixe e sal. Uma placa materializou-se no escuro, indicando o acesso à praia 200 metros adiante. Então, Gabriel viu o Citroen, num estacionamento pequeno e arenoso, virado de frente para ele com os faróis acesos, dando a impressão de observá-lo correr como um louco em sua direção. Gabriel olhou para o relógio: treze minutos transcorridos, restando dois. Conseguiria com folga. Ainda assim, forçou-se a correr até o fim, marchando sobre o asfalto, agitando os braços, até achar que o coração iria explodir.

Ansiando por oxigênio, seu cérebro começou a lhe pregar peças. Em um momento, via um Citroen estacionado na praia; no

próximo, um Mercedes sedã azul-escuro em uma praça nevada em Viena. Jurou ter ouvido um motor que não queria dar a partida e, mais tarde, lembrou-se de gritar algo incoerente antes de ser cegado pelo clarão de uma explosão. A onda de impacto o atingiu com a força de um carro veloz e o derrubou no chão.

Ele ficou deitado no asfalto frio por vários minutos, respirando com sofreguidão, perguntando-se se aquilo teria acontecido de verdade ou se era apenas um sonho.

Parte 2

O ESPIÃO

AUDRESSELLES, PAS-DE-CALAIS

Era cedo e o local era remoto, portanto a repercussão foi lenta. Muito mais tarde, uma comissão de inquérito viria a repreender o chefe da gendarmaria local e emitir uma série de recomendações pomposas que foram completamente ignoradas, pois, na pequena e pitoresca vila de pescadores de Audresselles, recriminações estavam longe de figurar entre as preocupações das pessoas. Passados muitos meses, os habitantes chocados da comunidade ainda falavam daquela manhã no mais sombrio dos tons.

Uma octogenária, cuja família havia morado na comuna sob a autoridade de um rei inglês, descrevia o incidente como a pior coisa que ela já tinha visto desde que os nazistas hastearam uma bandeira com suástica sobre o Hôtel de Ville. Ninguém se opunha à sua afirmação, embora alguns poucos a achassem hiperbólica, afirmando que a comuna já passara por coisas piores. Mas, quando questionados, ninguém era capaz de dar um exemplo.

Audresselles mede apenas 2 mil acres e o impacto da explosão chacoalhou janelas por toda parte. Muitos habitantes, alarmados, ligaram imediatamente para os gendarmes, mas passaram-se vinte longos minutos até que a primeira viatura chegasse ao pequeno estacionamento adjacente à praia. Lá, descobriram um Citroen C4 engolfado por um fogo tão quente que não era possível aproximar-se mais do que 30 metros. Apenas dez minutos depois, chegaram os bombeiros. Quando eles conseguiram apagar as chamas, o carro havia sido reduzido a pouco mais do que uma carcaça enegrecida.

Por razões que jamais ficaram claras, um dos bombeiros resolveu forçar a abertura do porta-malas. Logo que conseguiu, caiu de joelhos e vomitou. O primeiro gendarme a olhar o conteúdo não se saiu melhor. Mas o segundo, um veterano com vinte anos de serviço, foi capaz de manter a compostura ao confirmar que aquilo eram os restos de um ser humano. Então, ele acionou pelo rádio a delegacia da região de Pas-de-Calais e comunicou que a explosão do carro na praia era agora um caso de assassinato — um tanto quanto grotesco, diga-se de passagem.

Ao amanhecer, mais de dez detetives e profissionais forenses trabalhavam na cena do crime, observados pelo que parecia ser metade da cidade. Apenas um morador de Audresselles tinha algo de útil a relatar: Léon Banville, dono de uma mansão recentemente

construída no limite da cidade. Por acaso, ele estava acordado às 5h09, quando um homem em roupas comuns passou correndo por sua anela gritando em uma língua desconhecida. A polícia logo realizou uma busca na estrada e encontrou uma jaqueta de couro que parecia servir a um homem de estatura e porte médios. Nada mais de interesse foi encontrado — nem a chave que o homem atirou no campo de cereal, nem o Volkswagen que ela acionava. O carro desapareceu sem pistas junto com os 10 milhões de euros escondidos em seu portamalas.

O calor intenso do fogo danificou significativamente os restos mortais na traseira do Citroen, mas não os destruiu por completo. Dessa forma, investigadores forenses puderam determinar que a vítima era uma jovem mulher, entre 25 e 35 anos, medindo por volta de 1,70 metro. A descrição batia vagamente com a de Madeline Hart, a garota inglesa que havia desaparecido na Córsega no fim de agosto.

De forma discreta, a polícia francesa restabeleceu contato com seus companheiros do outro lado do canal da Mancha e, dentro de 48 horas, possuía uma amostra de DNA retirada do apartamento da Srta. Hart em Londres. Um rápido teste de comparação deu resultado positivo. O ministro do Interior da França logo avisou sua contraparte britânica, para então levar a público a descoberta em uma coletiva de imprensa em Paris, convocada às pressas. Madeline Hart estava morta. Mas quem a assassinara? E por quê?

O funeral foi realizado na Igreja de St. Andrew, em Basildon, muito próxima à pequena moradia popular onde ela havia crescido. O primeiro-ministro, Jonathan Lancaster, não compareceu — segundo o assessor de imprensa, Simon Hewitt, sua agenda não o permitira. Quase todos os integrantes do alto escalão do partido estavam presentes, bem como Jeremy Fallon, que chorava abertamente à beira da cova, inspirando um repórter a observar que, talvez, o chefe de gabinete tivesse um coração, afinal. Ele falou bem rápido com a mãe e o irmão de Madeline, que pareciam curiosamente deslocados em meio ao bem-vestido grupo de londrinos.

— Sinto muito — disse ele aos dois. — Sinto muito mesmo.

A equipe política do Partido voltou a notar um aumento no percentual de aprovação de Lancaster, mas dessa vez teve a decência de não evocar o nome de Madeline. Com a popularidade mais em alta do que nunca, o primeiro-ministro anunciou um programa arrebatador para aumentar a eficiência do governo e partiu em uma visita de grande visibilidade a Moscou, onde prometeu uma nova era nas relações russo-britânicas, especialmente nas áreas de contraterrorismo, finanças e energia. Um punhado de comentaristas conservadores fez algumas críticas brandas a Lancaster porque ele não se encontrara com os líderes do movimento pró-democracia da Rússia. Porém, a

maior parte da imprensa inglesa aplaudiu sua reserva, escrevendo que, com a economia doméstica ainda frágil, a última coisa de que a Grã-Bretanha precisava era outra Guerra Fria.

Ao retornar a Londres, Lancaster foi questionado a todo momento acerca de suas intenções de convocar uma eleição. Durante dez dias, ele enrolou a imprensa, enquanto Simon Hewitt orquestrava vazamentos constantes, que deixavam clara a iminência de um anúncio. Dessa forma, quando o primeiro-ministro enfim levantou-se na Câmara para declarar sua intenção de concorrer a outro mandato, houve um anticlímax. As notícias mais surpreendentes diziam respeito ao futuro de Jeremy Fallon, que planejava abandonar o alto posto no escritório de Lancaster para tentar um posto seguro no Parlamento.

Houve muitos boatos — nenhum confirmado — de que Fallon seria apontado como ministro do Tesouro, caso Lancaster ganhasse, mas ele negou categoricamente, chegando a alegar que não tivera nenhuma discussão significativa acerca de seu futuro. Nenhum membro do corpo de imprensa de Whitehall acreditou.

Em novembro, a campanha começou de fato e Madeline Hart mais uma vez se desvaneceu na consciência popular. Isso provou ser uma bênção para a polícia francesa, pois lhe permitiu conduzir a investigação sem a imprensa britânica espiando por cima de seus ombros. Um dos desdobramentos mais promissores foi a descoberta de quatro cadáveres em uma casa de veraneio isolada no Lubéron. Os corpos eram de membros conhecidos de uma violenta gangue de Marselha. Três haviam sido mortos com tiros aparentemente profissionais na cabeça; a quarta, uma mulher, fora atingida duas vezes na parte de cima do tronco.

O mais importante, no entanto, foi a descoberta de uma cela no andar de baixo da casa. Para a polícia, estava claro que Madeline havia sido mantida ali depois do sequestro na Córsega, provavelmente por um longo período. Ela até poderia ter sido vítima de escravidão sexual, mas tratava-se de uma hipótese improvável, dada a estirpe das quatro pessoas que tinham estado na casa com ela: criminosos profissionais interessados apenas em dinheiro. Tudo isso levou a polícia a concluir que a garota inglesa fora mantida como refém em um esquema de sequestro por recompensa, que por algum motivo não fora comunicado às autoridades em nenhum momento.

Mas por que sequestrar uma jovem de uma família da classe operária, criada em uma moradia popular em Essex? E quem havia assassinado os quatro criminosos de Marselha na casa de veraneio no Lubéron? Essas eram apenas duas questões que os policiais franceses não conseguiam responder, mesmo um mês após a terrível morte de Madeline na praia de Audresselles. Eles também não tinham nenhuma pista sobre a identidade do homem que fora visto correndo diante da

casa de monsieur Banville de madrugada, minutos antes da explosão do carro.

No entanto, um detetive veterano que resolvera muitos casos de sequestro tinha uma teoria.

— O pobre-diabo era o pagador — disse a seus colegas, confiante. — Ele cometeu algum erro e a garota morreu por seus pecados.

Mas onde ele se encontrava agora? Presumiram que estivesse se escondendo em algum lugar, lambendo suas feridas e tentando entender o que dera errado. Embora jamais viesse a saber, a polícia francesa estava totalmente certa.

Mas havia muitas outras coisas a respeito daquele homem que ela nem poderia imaginar, nem em seus sonhos mais loucos. Nunca saberia, por exemplo, que ele era Gabriel Allon, o lendário espião e assassino israelense que vinha operando impune em solo francês desde os 22 anos. Ou que o homem que o resgatara depois da explosão da bomba era ninguém menos do que Christopher Keller, sobre quem a polícia escutava rumores havia anos. Ou que os dois, antes arquirrivais, dirigiram-se a uma casa de veraneio à beira-mar, perto de Cherbourg, onde uma equipe de quatro agentes israelenses esperavam, a postos. Keller ficou apenas poucas horas na casa antes de retornar à Córsega, mas Chiara permaneceu lá por uma semana, esperando que os pequenos cortes no rosto de Gabriel cicatrizassem. Na manhã do funeral de Madeline Hart, eles foram de carro até o Aeroporto Charles de Gaulle e embarcaram em um voo da El Al rumo a Tel Aviv. Ao cair da noite, estavam mais uma vez no apartamento na rua Narkiss.

Durante a ausência de Gabriel, Chiara havia levado o quadro e seus materiais para o quarto que deveria ser seu estúdio. Mas, na manhã seguinte, assim que ela saiu para trabalhar no museu, ele trouxe tudo de volta para a sala de estar. Gabriel postou-se na frente da tela durante três dias, quase sem descanso, desde o amanhecer até o fim da tarde, quando Chiara voltava para casa. Tentou evitar as memórias do pesadelo na França, mas o objeto da pintura, uma linda jovem banhando-se num jardim, não o permitia. Madeline estava sempre em seus pensamentos, especialmente no quarto dia, quando ele começou a trabalhar nos ferimentos nas mãos de Suzana. Ali, via evidências claras das pinceladas luminosas de Bassano. Gabriel as imitara tão imaculadamente que era quase impossível distinguir o original do restauro. De fato, em sua humilde opinião, ele tinha até mesmo superado o mestre em alguns pontos. Queria poder ser creditado pela alta qualidade do trabalho, mas não seria justo: era Madeline quem o inspirava.

Gabriel se forçava a fazer uma pausa para o almoço no começo de cada tarde, mas acabava inevitavelmente comendo na frente do

computador, vasculhando a internet em busca de notícias sobre a investigação da morte de Madeline. Sabia que as matérias estavam longe de serem completas, mas parecia que a polícia não tinha conhecimento de sua participação no caso. Na imprensa britânica, também não achou nenhum indício de que Lancaster estivesse ligado de qualquer forma ao desaparecimento e à morte de Madeline. Aparentemente, o primeiro-ministro e Jeremy Fallon haviam conseguido o impossível — e agora, segundo as pesquisas, encaminhavam-se para uma vitória esmagadora. Claro que nenhum dos dois tentou contatar Gabriel. Até Graham Seymour aguardou três longas semanas antes de ligar. Pelo barulho ao fundo, Gabriel imaginou que ele estivesse usando um telefone público na estação de Paddington.

— Nosso amigo em comum envia seus cumprimentos — disse Seymour, cauteloso. — Ele gostaria de saber se você precisa de algo.

— De uma jaqueta de couro nova — respondeu Gabriel, fingindo estar de melhor humor.

— De que tamanho?

— Médio, com um compartimento secreto para passaportes falsos e uma arma.

— Você pretende me contar como escapou sem ser preso?

— Algum dia, Graham.

Seymour ficou em silêncio enquanto o alto-falante anunciava um trem para Oxford.

— Ele está grato — comentou, afinal, referindo-se a Lancaster de novo. — Sabe que você fez o que pôde.

— Não foi o bastante para salvá-la.

— Você já considerou a possibilidade de eles nunca terem planejado libertá-la?

— Sim, mas, sinceramente, não consigo entender o porquê.

— Você deseja que eu fale algo mais para ele?

— Você pode lembrá-lo de que os sequestradores têm uma cópia do vídeo em que ela confessa o caso.

— Sem a garota, não há história.

Se a intenção do telefonema de Seymour era animar Gabriel, ele tinha falhado miseravelmente. Inclusive, nos dias seguintes, o humor de Allon foi ficando ainda mais sombrio. Pesadelos perturbavam-lhe o sono. Sonhos em que ele corria em direção a um carro que se afastava a cada passada. Sonhos de sangue e fogo. No seu subconsciente, Madeline e Leah tornaram-se indistinguíveis: duas mulheres, uma que havia amado e outra que havia jurado proteger, ambas consumidas pelo fogo. Ele estava arrasado pelo luto. Acima de tudo, no entanto, acometia-lhe um sentimento opressor de fracasso. Prometera a Madeline que iria resgatá-la com vida. E ela tinha sofrido

uma morte terrível, amarrada e amordaçada dentro de um caixão flamejante. Gabriel podia apenas esperar que, na hora, ela estivesse sedada e tivesse sido poupada da dor e do horror.

Mas por que a haviam assassinado? Será que ele tinha cometido algum erro na extração, que teria custado a vida de Madeline? Ou, desde o princípio, a intenção era matá-la na frente de Gabriel, para que não tivesse nenhuma escolha senão assisti-la queimar? Essa foi uma questão colocada por Chiara uma noite, quando caminhavam pela rua Ben Yehuda. Gabriel lhe contou sobre a signadora, que vira um inimigo de longa data ao perscrutar sua poção mágica de azeite e água. Não era um inimigo de Keller, mas de Gabriel.

— Eu nunca soube que você tinha inimigos no submundo do crime de Marselha.

— Não tenho mesmo. Pelo menos não que eu saiba. Mas talvez eles estivessem agindo a mando de alguém quando sequestraram Madeline.

— E quem é esse alguém?

— Alguém que desejava me punir por algo que fiz no passado. Alguém que queria me humilhar.

— A signadora disse mais alguma coisa?

— “Quando ela estiver morta. Então vocês saberão a verdade.”

Poucos minutos após as nove, voltaram para a rua Narkiss, mas Gabriel resolveu ficar um tempo trabalhando na pintura. Colocou um CD de La Bohème no aparelho manchado de tinta, baixou o volume até apenas um sussurro e seguiu na restauração com uma clareza de propósitos que não tinha conseguido experimentar desde sua volta a Jerusalém. Ele não ouviu a ópera acabar nem reparou que o céu começava a clarear atrás de si. Por fim, na alvorada, descansou o pincel e ficou imóvel diante da tela, com a mão no queixo e a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— Terminou? — perguntou Chiara, observando-o com atenção.

— Não — respondeu Gabriel, ainda encarando a pintura. — Está apenas começando.

Era noite de sabá. Shamron os convidara para jantar em sua casa em Tiberíades. Na verdade, não era um convite, que poderia ser polidamente recusado, mas uma ordem gravada em pedra, inviolável. Gabriel passou a manhã tomando as providências para enviar a pintura a Julian Isherwood em Londres. Depois, cruzou Jerusalém para buscar Chiara no Museu de Israel. Enquanto percorriam em alta velocidade o Bab al-Wad — uma espécie de desfiladeiro escalonado que liga Jerusalém à Planície Costeira —, militantes palestinos na Faixa de Gaza dispararam uma barragem de foguetes que atingiu Ashdod, no norte. O ataque causou apenas pequenos danos, mas complicou o tráfego na estreita faixa central do país no momento em que milhares de trabalhadores corriam para casa para celebrar o sabá. Era bom estar em casa de novo, pensou Gabriel, e aguardou uma hora para que os carros andassem.

Quando enfim alcançaram a Planície Costeira, seguiram ao norte para a Galileia, e depois ao leste por uma fieira de aldeias e vilarejos árabes, até chegar a Tiberíades.

A casa cor de mel de Shamron ficava a alguns quilômetros da cidade, num precipício com vista para o lago. Para alcançá-la, era necessário subir por uma estrada bastante íngreme. Quando Gabriel e Chiara chegaram, foram recebidos por Gilah. Shamron estava em pé na frente da televisão, ao telefone. Seus óculos feios de metal estavam apoiados na testa e ele pressionava a ponte do nariz com o polegar e o indicador. Se um dia lhe erigissem uma estátua, pensou Gabriel, ela seria esculpida nessa pose.

— Com quem ele está falando? — perguntou Gabriel a Gilah.

— Com quem você acha?

— Com o primeiro-ministro?

Gilah assentiu.

— Ari acha que devemos retaliar. O primeiro-ministro não está tão certo disso.

Gabriel entregou uma garrafa de vinho a Gilah, um Bordeaux tinto das colinas da Judeia, e beijou-a na bochecha. Era macia como veludo e tinha aroma de lilases.

— Diga a Ari para sair do telefone, Gabriel. Ele vai escutá-lo.

— Prefiro ser atingido diretamente por um daqueles foguetes palestinos.

Gilah sorriu e os conduziu para a cozinha. Perfiladas no balcão, viam-se travessas com alimentos de aspecto delicioso; ela devia ter ficado o dia todo cozinhando. Gabriel tentou roubar um pedaço da famosa berinjela marroquina de Gilah, mas ela lhe deu um tapa na mão, de brincadeira.

— Quantas pessoas você planeja alimentar?

— Yonatan e sua família deveriam vir, mas ele não consegue sair por causa do atentado.

Yonatan era o filho mais velho de Shamron. Era general das Forças Armadas de Israel e havia boatos de que estava na disputa para se tornar chefe do Estado-Maior.

— Comeremos dentro de poucos minutos — avisou Gilah. — Vá sentar-se um pouco com Ari. Ele sentiu muito a sua falta enquanto você esteve fora.

— Eu estive fora só por duas semanas, Gilah.

— A esta altura da vida, duas semanas são muito tempo para ele.

Gabriel abriu o vinho, serviu duas taças e levou-a para o outro cômodo.

Shamron já não estava mais falando ao telefone, porém ainda olhava fixamente para a televisão.

— Acabam de lançar outra barragem — informou ele. — Os foguetes devem cair em poucos segundos.

— Haverá resposta?

— Agora, não. Mas, se isso continuar, não teremos outra opção senão agir. A questão é: o que fará o Egito, agora que é governado pela Irmandade Muçulmana? Eles vão ficar de braços cruzados enquanto atacamos o Hamas, que é, no fim das contas, uma ala da Irmandade? Será que o Acordo de Paz de Camp David vai ser mantido?

— O que Uzi disse?

— Neste momento, o Escritório não pode prever a exata reação do líder egípcio caso invadamos Gaza. É por isso que o primeiro-ministro, pelo menos por ora, não está disposto a agir enquanto chovem foguetes em cima de seu povo.

Gabriel olhou para a tela; bombas começavam a cair. Ele desligou a televisão e levou Shamron para a varanda. Estava mais quente ali do que em Jerusalém, e um vento suave soprava das colinas de Golã, formando padrões na superfície prateada do lago. Shamron sentou-se numa das cadeiras de ferro batido ao longo da balaustrada e, instantaneamente, acendeu um de seus cigarros fedorentos. Gabriel entregou-lhe uma taça de vinho e sentou ao seu lado.

— Ele não faz nada pelo meu coração — disse Shamron após beber um pouco do vinho —, mas passei a apreciá-lo em minha

velhice. Imagino que me lembre das coisas para as quais não tive tempo na juventude: vinho, crianças, férias. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Vida.

— Ainda há tempo, Ari.

— Poupe-me das frivolidades. O tempo agora é meu inimigo, filho.

— Então para que desperdiçar mesmo um minuto se envolvendo com política?

— Existe uma diferença entre segurança e política.

— A segurança é meramente uma extensão da política, Ari.

— E se você estivesse aconselhando o primeiro-ministro quanto ao que fazer com relação aos mísseis?

— É o trabalho de Uzi aconselhá-lo, não o meu.

Shamron resolveu mudar de assunto:

— Estive acompanhando as notícias de Londres com grande interesse. Parece que seu amigo Jonathan Lancaster segue rumo à vitória.

— Ele deve ser o político mais sortudo do planeta.

— Sorte é algo importante na vida. Nunca tive muita. Nem você, diga-se de passagem.

Gabriel não respondeu.

— E desnecessário dizer — prosseguiu Shamron — que esperamos fervorosamente que as tendências eleitorais atuais continuem assim e Lancaster ganhe. Se isso acontecer, temos certeza de que será o político britânico mais pró-sionista desde Arthur Balfour.

— Você é mesmo um filho da mãe sem escrúpulos.

— Alguém tem que ser. — Shamron olhou para Gabriel com seriedade por um momento. — Me desculpe por um dia tê-lo envolvido neste assunto.

— Você conseguiu exatamente o que queria: Lancaster pode muito bem figurar na folha de pagamento do Escritório. Ele está comprometido. É a pior coisa para um líder.

— Comprometido por suas próprias ações, não pelas nossas.

— É verdade — disse Gabriel. — Mas foi Madeline Hart quem pagou o preço.

— Você deve se esforçar para esquecê-la.

— Receio que eu tenha dito algo para os sequestradores que impossibilita isso.

— Você os ameaçou de morte caso a machucassem?

Gabriel assentiu.

— Ameaças de morte são como juras de amor eterno sussurradas no calor da paixão: facilmente feitas, rapidamente esquecidas.

— Não quando eu as faço.

Shamron apagou o cigarro, pensativo.

— Você me surpreende, filho. Mas não a Uzi. Ele previu que você decidiria ir atrás deles, por isso já arquivou o assunto.

— Então seguirei em frente sem ajuda.

— Isso significa que você ficará lá fora sozinho, sem recursos nem proteção do Escritório.

Gabriel ficou mudo.

— E se eu o proibisse? Você me obedeceria?

— Sim, Abba.

— É mesmo? — perguntou Shamron, surpreso.

Gabriel aquiesceu.

— E se eu permitisse a você encontrar essas pessoas para dar-lhes a justiça que merecem? O que receberia em troca?

— Será que tudo com você tem que ser uma negociação?

— Sim.

— O que você quer?

— Você sabe o que eu quero. — Shamron fez uma pausa. — E o primeiro-ministro também quer.

Ele bebeu um pouco do vinho e acendeu outro cigarro.

— Estamos vivendo em tempos significativos e turbulentos, e os desafios só ficarão mais sérios. As decisões que tomarmos nos próximos meses e anos determinarão o sucesso ou fracasso da empreitada. Como você pode dispensar a chance de fazer história?

— Eu já fiz história, Ari. Muitas e muitas vezes.

— Então guarde a arma no armário e use o cérebro para derrotar os nossos inimigos. Roube segredos. Recrute espiões e generais como agentes. Confunda-os, frustre-os. Para enganar, meu filho, farás a guerra.

Gabriel mergulhou no silêncio. Com o cair da noite, o céu acima das colinas estava ficando azul-escuro e já quase não se via o lago. Shamron adorava a vista porque lhe permitia vigiar inimigos distantes. Gabriel a adorava porque a contemplara ao recitar suas juras matrimoniais para Chiara. Agora, estava prestes a fazer outra espécie de promessa, que tornaria um velho muito feliz.

— Não tomarei parte de golpes palacianos de nenhum tipo — disse Gabriel, por fim. — Uzi e eu tivemos nossas diferenças, mas nos tornamos amigos.

Shamron sabia que não deveria falar naquele momento. Ele tinha o dom do silêncio, próprio dos interrogadores.

— Se o primeiro-ministro decidir não indicar Uzi para um segundo mandato — prosseguiu Gabriel vou considerar a oferta para me tornar diretor do Escritório.

— Preciso de mais garantias.

- Essas são as únicas que você terá.
- Negociar com sequestradores o deixou afiado.
- De fato.
- Por onde você pretende começar?
- Ainda não decidi.
- Como vai obter dinheiro?
- Achei alguns milhares de euros num barco em Marselha.
- De quem era o barco?
- De um contrabandista chamado Marcel Lacroix.
- Onde ele está agora?

Gabriel respondeu.

- Pobre-diabo.
- Outros o seguirão.
- Apenas tome cuidado para não se juntar a eles. Tenho planos para você.

— Eu disse que iria considerar a proposta, Ari. Ainda não concordei com nada.

— Eu sei. Mas também sei que você jamais me ludibriaria para obter algo que quisesse. Ao contrário de mim, você tem consciência.

— Você também tem, Ari. Por isso não consegue dormir à noite.

— Algo me diz que esta noite eu dormirei bem.

— Não se empolgue — alertou Gabriel. — Ainda tenho que falar com Chiara. Shamron sorriu.

— Qual é a graça?

— De quem você acha que foi a ideia?

— Você é mesmo um filho da mãe sem escrúpulos.

— Alguém tem que ser.

Por onde começar a busca pelos assassinos de Madeline? O lugar mais lógico era procurar entre as organizações criminosas de Marselha. Ele poderia rastrear parceiros de Marcel Lacroix e René Brossard, observá-los, suborná-los, interrogá-los, machucar alguns deles se necessário, até saber a identidade do homem que chamavam de Paul. O homem que tinha levado Madeline para almoçar no Les Palmiers no dia em que ela desaparecera. O homem que parecia ter aprendido francês ouvindo CDs de algum curso de línguas. Mas havia um problema com esse plano. Se Gabriel fosse a Marselha, certamente cruzaria com a polícia francesa. Além disso, àquela altura, o homem conhecido como Paul já devia

ter desaparecido havia muito tempo. Portanto, decidiu que começaria a busca não pelos agentes do crime, mas pelas duas vítimas. Alguém sabia do caso entre Jonathan Lancaster e Madeline Hart. E havia passado essa informação para o tal Paul. Achar essa pessoa, calculou, significaria achar Paul.

Mas, antes, Gabriel precisava encontrar outra pessoa. Alguém que seguira a ascensão de Lancaster ao poder. Que conhecia a dinâmica do relacionamento entre Fallon e o atual primeiro-ministro. Que sabia de todos os podres. Deu com essa pessoa na manhã seguinte, quando lia a cobertura da campanha eleitoral britânica. Seria complicado e até perigoso. Mas, se conseguisse informações que levassem aos assassinos de Madeline, o risco pessoal valeria muito a pena.

Gabriel passou o resto da manhã preparando um dossiê detalhado. Quando terminou, fez uma pequena mala com duas mudas de roupa e dois conjuntos de identidade. Naquela noite, voou de Ben Gurion a Paris e, ao meio-dia, estava novamente na Córsega. Ele precisava de mais uma coisa antes de dar início à busca: um cúmplice. Bastante competente, completamente impiedoso e sem nenhum resquício de consciência. Ele precisava de Christopher Keller.

A ilha tinha se transformado desde a última vez que Gabriel a visitara. As praias estavam desertas, havia boas mesas vagas nos melhores restaurantes e as feiras estavam livres dos europeus seminus do continente que se deslumbravam com as mercadorias, mas raramente abriam suas carteiras. A Córsega voltara a ser dos corsos, e até o mais melancólico dos moradores agradecia por isso.

Porém, muitas outras coisas continuavam iguais. O mesmo cheiro inebriante da macchia saudou Gabriel à medida que ele se embrenhava na ilha; a mesma senhora lhe apontou com o indicador e o mindinho enquanto ele atravessava a isolada cidadela montanhosa; os mesmos dois guardas menearam a cabeça ameaçadoramente quando ele adentrou a propriedade de Don Anton Orsati.

Gabriel seguiu a estrada até ela se tornar de terra batida, então continuou em frente. Ao fazer a curva fechada à esquerda próxima às três oliveiras centenárias, deparou com o maldito bode de Don Casabianca a bloquear seu caminho.

A expressão do animal se tornou sombria, como se ele lembrasse das circunstâncias do último encontro e agora planejasse dar o troco. Pela janela do carro, Gabriel pediu com educação para que o bode lhe desse licença. Como a fera empinou o queixo desafiadoramente, ele saiu do automóvel, inclinou-se para a orelha velha e esfarrapada do bicho e sussurrou uma ameaça muito parecida com a que fizera aos sequestradores de Madeline Hart. Na mesma hora, o bode se virou e bateu em retirada para dentro dos arbustos da macchia. Ele era um covarde, como a maioria dos tiranos.

Gabriel voltou a entrar no carro e prosseguiu até a casa de Keller. Estacionou na entrada, à sombra de um pinheiro-larício, e bradou uma saudação em direção à varanda, sem obter resposta. A porta estava destrancada. Gabriel andou de um belo cômodo branco ao outro, mas não encontrou ninguém. Foi até a cozinha e conferiu a geladeira: nada de leite, carne, ovos; nada perecível. Havia apenas uma cerveja, um pote de mostarda Dijon e uma garrafa de Sancerre de ótima qualidade. Gabriel abriu o vinho e telefonou para Don Orsati.

Keller tinha viajado a negócios. Europa continental, mas não a França — era o máximo que Anton diria. Se tudo desse certo, Keller estaria de volta à Córsega naquela mesma noite ou, o mais tardar, na manhã do dia seguinte. O don sugeriu a Gabriel se hospedar na casa de Keller e ficar à vontade, e disse sentir pelo que havia acontecido “lá

no norte”. Keller, obviamente, fizera um relato detalhado.

— E então, o que o traz à Córsega? — perguntou o don.

— Eu paguei uma grande quantia de dinheiro a alguém que não entregou a mercadoria como prometido.

— Uma quantia muito grande.

— O que você faria em meu lugar?

— Para começar, eu jamais teria concordado em ajudar um homem como Jonathan Lancaster.

— Vivemos num mundo complicado, Don Orsati.

— De fato vivemos — disse o don, num tom meio filosófico. —

Quanto ao seu problema de negócios, você tem duas opções: pode se esforçar para esquecer o que aconteceu com a garota inglesa ou punir os responsáveis.

— O que você faria?

— Aqui na Córsega temos um antigo provérbio que diz: um cristão perdoa, um idiota esquece.

— Eu não sou idiota.

— Nem é cristão. Mas não o julgarei por isso.

Orsati pediu a Gabriel que se mantivesse na linha enquanto ele lidava com uma pequena crise. Parecia que um grande carregamento de azeite que ia para um restaurante em Zurique havia sumido. Gabriel podia ouvir o don gritando com um subalterno em dialeto corso: “Ache o azeite, ou cabeças vão rolar!” Em qualquer outro negócio, a ameaça poderia ter sido descartada como um mero chique do supervisor. Mas não na Companhia de Azeite Orsati.

— Onde estávamos? — perguntou o don.

— Você falou algo sobre cristãos e idiotas. E estava prestes a me cobrar um preço alto para pegar Keller emprestado.

— Ele é mesmo o meu empregado mais valioso.

— Por razões óbvias.

Orsati se calou por um momento. Gabriel podia ouvi-lo bebericar algo.

— É importante que isso vá além do sangue — disse o don após um instante. — Você também deve recuperar o dinheiro.

— E se eu conseguir?

— Um pequeno pagamento de tributo ao seu padrinho corso cairia bem.

— Pequeno como?

— Um milhão deve bastar.

— Um milhão é uma quantia bem alta, Don Orsati.

— Eu ia pedir cinco.

Gabriel pensou por um momento e acabou aceitando as condições.

— Mas apenas se eu achar o dinheiro. Do contrário, estou livre

para usar Keller a meu bel-prazer, sem custos.

— Fechado. Mas traga-o de volta inteiro. Lembre-se: não dá para ganhar dinheiro cantando.

Gabriel se acomodou na varanda com o Sancerre e o grosso dossiê sobre o funcionamento interno de Downing Street sob o comando de Jonathan Lancaster. Mas, uma hora depois, já estava ansioso, então ligou para Don Orsati e pediu permissão para caminhar. Ele lhe deu sua bênção e disse a Gabriel onde ele poderia encontrar uma das armas de Keller. Uma robusta HK 9 mm, guardada na gaveta de uma bela escrivaninha francesa antiga, logo abaixo do Cézanne.

— Mas tenha cuidado — alertou o don. — Christopher ajusta o gatilho para que fique muito leve. Ele tem uma alma sensível.

Gabriel colocou a arma na cintura da calça jeans e partiu pelo caminho estreito, rumo às três oliveiras centenárias. Por sorte, o bode ainda não havia retornado a seu posto de vigilância, logo Gabriel podia seguir vilarejo adentro sem se aborrecer. Era aquela hora incerta entre o fim da tarde e o começo da noite. As casas tinham as janelas e portas fechadas e as ruas estavam abandonadas aos gatos e às crianças, que observaram Gabriel com grande interesse. Ele foi até a praça principal, rodeada por lojas e cafês, que ficava perto de uma igreja. Comprou uma echarpe para Chiara e sentou na cafeteria que parecia menos ameaçadora. Tomou café forte para amenizar os efeitos do Sancerre e, à medida que o céu escurecia e a brisa esfriava, bebeu vinho tinto corso para amenizar os efeitos do café. As portas da igreja estavam entreabertas. De dentro, vinha o murmúrio das preces.

Gradualmente, a praça começou a se encher. Rapazes adolescentes estavam montados em ciclomotores na porta da sorveteria; um grupo de homens deu início a uma partida disputada de boules no centro da esplanada empoeirada. Pouco após as seis, cerca de vinte pessoas, em sua maioria senhoras idosas, desceram as escadas da igreja. Dentre elas, estava a signadora. Seu olhar recaiu brevemente sobre Gabriel, o descrente; então, ela desapareceu pela porta de sua pequena casa torta. Depois de pouco tempo, duas mulheres foram chamá-la: uma velha viúva vestida de preto dos pés à cabeça e uma garota de aparência consternada com 20 e poucos anos que, sem dúvida, estava sofrendo os maléficos efeitos do occhju.

Meia hora mais tarde, as mulheres reapareceram junto a um menino de 10 anos de cabelos encaracolados. Elas se dirigiram à sorveteria, mas a criança se deteve para observar a partida de boules e foi até Gabriel, segurando um pedaço de papel azul-claro dobrado em quatro. Depositou-o na mesa do café e se afastou às pressas, como se temesse contrair uma doença. Gabriel desdobrou o papel e, sob a luz evanescente, leu a única linha escrita:

Preciso vê-lo imediatamente.

Gabriel guardou o bilhete no bolso do casaco e continuou sentado por vários minutos ponderando o que fazer. Por fim, deixou algumas moedas sobre a mesa e atravessou a praça.

Quando bateu à porta, uma voz de taquara rachada o convidou a entrar. Ela estava sentada, sonolenta, numa poltrona desbotada, com a cabeça pendendo para o lado, como se ainda sofresse da exaustão causada por absorver o mal que contaminara seus últimos visitantes. Apesar dos protestos de Gabriel, insistiu em levantar-se para cumprimentá-lo. Dessa vez não havia hostilidade em sua expressão, apenas preocupação. A signadora tocou-lhe a face sem dizer nada e olhou nos seus olhos.

— Seus olhos são tão verdes... Você tem os olhos da sua mãe, não é?

— Sim.

— Ela sofreu na guerra, não é mesmo?

— Foi Keller quem disse isso?

— Eu nunca falei com Christopher sobre a sua mãe.

— Sim — disse Gabriel após um momento coisas terríveis aconteceram à minha mãe durante a guerra.

— Na Polônia?

— Sim, na Polônia.

A signadora tomou a mão de Gabriel entre as suas.

— Está quente... Você está com febre?

— Não.

Ela fechou os olhos.

— Sua mãe era pintora como você?

— Sim.

— Ela esteve nos campos? Naquele campo cujo nome veio das árvores?

— Sim, nesse mesmo.

— Eu vejo uma estrada, neve, uma longa fila de mulheres vestidas de cinza, um homem com uma arma.

Gabriel retirou a mão rapidamente. A mulher abriu os olhos com um sobressalto.

— Desculpe-me. Eu não queria perturbá-lo.

— Por que você queria me ver?

— Eu sei por que você voltou.

— E...?

— Quero ajudá-lo.

— Por quê?

— Porque é importante que nada lhe aconteça nos dias que virão. O velho precisa de você. Sua mulher, também.

- Eu não sou casado — mentiu Gabriel.
- O nome dela é Clara, não é?
- Não — respondeu Gabriel, sorrindo. — O nome dela é

Chiara.

— Italiana?

— Sim.

— Então a mantereí em minhas preces. — Ela indicou a mesa com o azeite e o prato de água ao lado de um par de velas acesas. — Não gostaria de sentar?

— É melhor não.

— Ainda não acredita?

— Eu acredito.

— Por que não se senta, então? Com certeza você não está com medo. Sua mãe deu-lhe o nome de Gabriel por um motivo: você possui a força de Deus.

Gabriel sentiu um peso no coração, como se houvesse uma pedra sobre ele. Queria sair dali naquele mesmo instante, mas a curiosidade o fez ficar. Depois de ajudar a velha a voltar para sua cadeira, sentou do outro lado da mesa e mergulhou o dedo no óleo. Quando atingiram a superfície da água, as três gotas dividiram-se antes de desaparecer. A velha assentiu com gravidade, como se seus medos mais obscuros tivessem sido confirmados. Então, pela segunda vez, tomou a mão de Gabriel.

— Você está queimando. Tem certeza de que está se sentindo bem?

— Acabei tomando sol ali no café.

— Na casa de Christopher — disse ela, com ar de sabedoria. — Bebeu de seu vinho. Você traz a arma dele na cintura.

— Continue.

— Você está procurando por um homem, o homem que matou a garota inglesa.

— Você sabe quem é ele?

— Não. Mas sei onde ele está. Escondido ao leste, na cidade dos hereges. Você não deve pisar lá. Jamais. Se o fizer — proclamou a signadora com firmeza —, morrerá.

Ela fechou os olhos e, logo depois, começou a chorar suavemente, um sinal de que o mal havia se transportado do corpo de Gabriel para o dela. Em seguida, instruiu Gabriel a repetir o teste do óleo na água. Dessa vez, o óleo fundiu-se numa só gota. A velha sorriu de um jeito que Gabriel nunca tinha visto.

— O que você vê? — perguntou Gabriel.

— Tem certeza de que quer saber?

— Sim, é claro.

— Vejo uma criança — respondeu ela sem hesitar.

— De quem?

A signadora deu um tapinha na mão de Gabriel.

— Volte para a casa. Seu amigo Christopher voltou para a Córsega.

Quando chegou à casa, Gabriel encontrou Keller parado em frente à geladeira aberta. Ele vestia um terno cinza-escuro, amassado pela viagem, e uma camisa branca desabotoada na altura do pescoço. Pegou a garrafa de Sancerre pela metade, exibiu-a com uma sacudidela e derramou um bocado numa taça.

— Dia difícil no trabalho, docinho? — perguntou Gabriel.

Brutal. — Ele ergueu a garrafa, oferecendo-a. — Servido?

— Já tomei bastante.

— Dá para ver.

— Como foi sua viagem?

— A ida e a volta foram infernais, mas todo o resto correu tranquilamente.

— Quem era ele?

Keller bebeu o vinho sem responder e perguntou a Gabriel por onde ele tinha andado. Quando Gabriel respondeu que fora encontrar a signadora, Keller sorriu.

— Nós ainda vamos transformá-lo em corso.

— Não foi ideia minha — explicou Gabriel.

— O que ela queria lhe dizer?

— Não foi nada. Apenas o abracadabra de costume sobre o vento nos salgueiros.

— Então por que você está tão pálido?

A única resposta de Gabriel foi colocar a arma de Keller cuidadosamente sobre o balcão.

— Pelo que ouvi — disse Keller você vai precisar disso aí.

— O que você ouviu?

— Que você vai partir em uma jornada de caça.

— Você está disposto a me ajudar?

— Francamente — falou Keller, erguendo o copo para a luz —, eu já estava esperando por você há muito tempo.

— Eu tinha que terminar uma pintura.

— De quem?

— Bassano.

— Do estúdio de Bassano, ou de Bassano mesmo?

— Um pouco dos dois.

— Legal.

— Em quanto tempo você estará pronto para partir?

— Tenho que checar minha agenda, mas suspeito que estarei pronto amanhã, logo pela manhã. Mas fique sabendo que Marselha está lotada de policiais no momento. E metade deles estão procurando

por nós.

— É por isso que não chegaremos nem perto de Marselha, pelo menos por ora.

— Então aonde vamos?

Gabriel sorriu.

— Para casa.

Eles jantaram no vilarejo, depois Gabriel se acomodou num quarto de hóspedes no andar inferior da casa. As paredes eram brancas, a roupa de cama era branca, a poltrona e o escabelo eram revestidos de pano de vela. A falta de cor no quarto atrapalhou o seu sono. Naquela noite, Gabriel sonhou que corria por um campo de neve interminável atrás de Madeline. Quando ela arranhava as costas da mão, o sangue que fluía do machucado era branco.

Pela manhã, tomaram o primeiro voo para Paris e, de lá, voaram para Heathrow. Keller passou pela alfândega com um passaporte francês. Gabriel, que o esperava na sala de chegadas, achou que aquele era um jeito um tanto quanto ignóbil de um inglês voltar para a sua terra natal. Eles foram para o lado de fora e esperaram vinte minutos por um táxi, que se arrastou pelo centro londrino, enfrentando tráfego lento e chuva.

— Agora você sabe por que não moro mais aqui — comentou Keller em francês, em voz baixa, enquanto olhava pela janela molhada e via os subúrbios cinzentos de Londres.

— A umidade fará maravilhas por sua pele — respondeu Gabriel na mesma língua. — Você está parecendo um pedaço de couro.

O táxi os deixou no Marble Arch. Gabriel e Keller caminharam uma curta distância pela Bayswater Road em direção a um prédio com vista para o Hyde Park. O apartamento estava exatamente do jeito que ele o deixara quando partira para a França com o dinheiro do resgate. Até a louça do café da manhã de Chiara ainda estava na pia. Gabriel largou a mala no quarto principal e pegou uma arma do cofre de chão. Ao olhar para cima, viu Keller parado diante da janela da sala de estar.

— Você consegue ficar sozinho por algumas horas? — perguntou Gabriel.

— Sem problemas.

— Algum plano?

— Acho que vou fazer um passeio de barco pelo Serpentine e dar uma volta por Covent Garden para fazer umas compras.

— Talvez fosse melhor ficar aqui. Não dá para saber quem você pode acabar encontrando.

— Eu sou do Regimento, amorzinho.

Keller não disse mais nada; não era necessário. Por ser um SAS, poderia passar por uma sala cheia de amigos próximos e nenhum deles notaria sua presença.

Gabriel desceu para a rua e fez sinal para um táxi. Vinte minutos depois, passou pelo portão da Downing Street, rumo ao Palácio de Westminster. No seu bolso estava um único componente do dossiê: um extenso artigo do Daily Telegraph. A manchete dizia

MADELINE HART — AS PERGUNTAS SEM RESPOSTA.

O artigo fora escrito por Samantha Cooke, a principal correspondente do Telegraph que cobria Whitehall e uma das jornalistas mais reverenciadas da Inglaterra. Acompanhava Jonathan Lancaster desde que ele era um discreto parlamentar de segunda linha e retratou sua escalada numa biografia intitulada O caminho para o poder. Apesar do título levemente pretensioso, o livro foi bem recebido até pelos concorrentes, que sentiram inveja do adiantamento pago pela editora londrina. Samantha Cooke era o tipo de repórter que sabia muito mais do que jamais poderia publicar; por isso, Gabriel queria falar com ela o quanto antes.

Ele entrou em contato com a central do Telegraph e pediu que ligassem para seu ramal. A telefonista os conectou sem demora e, após alguns segundos, a jornalista atendeu. Gabriel suspeitou que ela estivesse ao celular, pois podia ouvir passos e o eco de vozes baixas num lugar com o pé-direito alto — talvez a antessala do Parlamento, que ficava em frente ao café onde Gabriel estava sentado. Disse a Samantha que precisava de alguns minutos do seu tempo. Prometeu que valeria a pena, mas não mencionou nomes em momento algum.

— Você sabe quantos telefonemas assim eu recebo diariamente? — questionou ela, com um ar cansado.

— Garanto, Srta. Cooke, que você nunca recebeu uma ligação como esta antes.

Houve silêncio na linha. Ela estava claramente intrigada.

— Do que se trata?

— Prefiro não falar a respeito pelo telefone.

— Ah, é, claro que não.

— Você obviamente está cética.

— Obviamente.

— Seu telefone tem acesso à internet?

— É claro.

— Há alguns anos, um membro muito conhecido da inteligência israelense foi capturado por terroristas islâmicos e interrogado em frente a uma câmera. O vídeo ainda está circulando pela internet. Assista e me ligue em seguida.

Ele passou um número e desligou. Dois minutos depois, ela telefonou de volta.

— Eu gostaria de encontrá-lo.

— Tenho certeza de que você pode fazer melhor que isso, Srta. Cooke.

— Por favor, Sr. Allon, você poderia me conceder uma audiência?

— Só se você pedir perdão por ter me tratado de forma tão rude agora há pouco.

— Eu ofereço as minhas mais sinceras e humildes desculpas e espero que você possa achar em seu coração uma maneira de me perdoar.

— Está perdoada.

— Onde você está?

— No Café Nero, na Bridge Street.

— Conheço-o bem, infelizmente.

— Em quanto tempo você consegue chegar?

— Dez minutos.

— Não se atrase — disse Gabriel, desligando.

Ela acabou se atrasando, afinal, em seis minutos. Entrou como um furacão com um telefone ao ouvido, o guarda-chuva sacudindo ao vento forte. A maioria dos clientes no café eram turistas, mas havia três membros juniores do Parlamento sentados ao fundo, bebericando seus lattes. Samantha parou para trocar algumas breves palavras com eles antes de se encaminhar para a mesa de Gabriel. Tinha cabelos louros na altura do ombro. Por alguns segundos, seus olhos azuis e saltados não se desgrudaram do rosto do agente.

— Meu Deus — disse ela, por fim. — É você mesmo.

— O que você esperava?

— Chifres, eu acho.

— Pelo menos você é sincera.

— Um dos meus piores defeitos.

— Algum outro?

— Curiosidade.

— Então você veio ao lugar certo. Posso lhe oferecer algo para beber?

— Na verdade — ela olhou em volta —, talvez fosse melhor caminharmos. Gabriel se levantou e vestiu o casaco. Eles caminharam em direção à Tower

Bridge e viraram rapidamente à esquerda no Victoria Embankment. O tráfego da tarde estava lento, mas as multidões que em geral apareciam à margem do rio haviam sido afastadas pela chuva. Gabriel olhou por cima do ombro para garantir que ninguém os seguira. Voltando-se para a frente, reparou que Samantha o

observava como se ele fosse um espécime em extinção.

— Você está com uma aparência muito melhor do que naquele vídeo — disse ela após um momento.

— Era tudo maquiagem.

Ela riu a contragosto.

— Ajuda?

— Fazer piadas depois de uma coisa daquelas?

Ela assentiu.

— Sim — respondeu Gabriel. — Ajuda.

— Eu a conheci certa vez, sabe?

— Quem?

— Nadia al-Bakari. Quando ela era uma ninguém, uma garotinha saudita que gostava de festas, a filha mimada de Abdul Aziz al-Bakari, o financiador do terrorismo islâmico. — A repórter encarou Gabriel em busca de alguma reação e pareceu desapontada ao não perceber nenhuma. — É mesmo verdade que foi você quem o matou?

— Zizi al-Bakari morreu devido a uma operação iniciada pelos americanos e seus aliados na guerra global ao terror.

— Mas foi você quem puxou o gatilho, não foi? Você o matou em Cannes, na frente de Nadia, e depois a recrutou para derrubar a rede terrorista de Rashid al-Husseini. Genial. Genial mesmo.

— Se fosse mesmo genial, Nadia ainda estaria viva.

— Mas a morte dela mudou o mundo. Ajudou a trazer democracia ao mundo árabe.

— E olha só como isso deu certo — comentou Gabriel, soturno.

Eles passaram por debaixo da Hungerford Bridge ao mesmo tempo que um trem chegava ruidosamente em Charing Cross. A chuva ficou mais fraca. Samantha baixou o guarda-chuva e o guardou na bolsa.

— Estou honrada com seu convite, mas o Oriente Médio não é exatamente a minha praia.

— Não vim falar do Oriente Médio, mas de Jonathan Lancaster.

Ela olhou para cima bruscamente.

— Por que um famoso agente da inteligência israelense viria a uma repórter londrina atrás de informações sobre o primeiro-ministro britânico?

— Deve ser por algum motivo importante — disse Gabriel, evasivo. — Caso contrário, o famoso agente israelense jamais ousaria fazer tal coisa.

— Certamente que não. Mas o famoso agente com certeza tem uma grande quantidade de informações sobre Lancaster ao alcance das mãos. Por que procuraria a ajuda de uma repórter?

— Ao contrário do que se acredita, não fazemos dossiês

pessoais sobre nossos amigos.

— Mentira.

Gabriel hesitou um pouco.

— Este assunto é estritamente profissional, Srta. Cooke. Meu serviço não está envolvido de forma alguma.

— E se eu ajudá-lo?

— Obviamente, eu darei algo em retribuição.

— Uma matéria?

Gabriel assentiu.

— Mas você não pode me dizer qual — deduziu ela.

— Ainda não.

— Seja o que for, é melhor que seja grande.

— Eu sou Gabriel Allon. Só me envolvo com assuntos grandes.

— É verdade.

Samantha parou de andar e olhou para a London Eye, que girava devagar na margem oposta do rio.

— Tudo bem, Sr. Allon, temos um acordo. Talvez você devesse me contar do que se trata.

Gabriel tirou o artigo do Telegraph do bolso e mostrou para ela. Samantha sorriu.

— Por onde quer que eu comece?

Gabriel guardou o papel no casaco. Então, pediu que ela começasse por Jeremy Fallon.

Samantha era uma boa repórter, escrevia as matérias colocando seus leitores a par de tudo através da contextualização adequada. Como morara no Reino Unido, Gabriel já sabia de grande parte do que ouviu. Ele sabia, por exemplo, que Jeremy Fallon havia estudado na University College London e trabalhado como redator publicitário antes de se juntar à célula política na sede do Partido. Ele descobriu que a organização de campanha era antiquada, dedicada a vender um produto que ninguém, muito menos o público votante britânico, queria comprar. Sua prioridade inicial foi mudar a forma como o partido fazia suas pesquisas de opinião. Fallon não queria saber em qual político determinado eleitor votava, mas onde o eleitor fazia compras, a que programas assistia e que sonhos tinha para os filhos. Acima de tudo, queria saber o que o eleitor esperava do governo.

Silenciosamente, trabalhando longe dos holofotes, Fallon dedicou-se a readaptar as políticas internas do Partido de modo a suprir as necessidades do eleitorado britânico moderno. Ele partiu em busca do vendedor ideal para levar seu novo produto ao mercado. E o encontrou em Jonathan Lancaster. Com a ajuda de Fallon, Lancaster saiu vitorioso da disputa pelo posto de líder do Partido. Seis meses depois, os votos carregaram-no para a Downing Street.

— Jeremy teve como recompensa o emprego dos sonhos — disse Samantha. — Jonathan o indicou para o cargo de chefe de gabinete e concedeu-lhe mais poder do que qualquer outro chefe de gabinete já teve na história da Grã-Bretanha. Jeremy é o guardião da fortaleza de Lancaster, uma espécie de vice-primeiro-ministro. Certa vez, Lancaster me disse que foi o maior erro que ele cometeu.

— Isso foi dito oficialmente?

— Extraoficialmente — enfatizou ela. — Completamente, totalmente “extra”.

— Se Lancaster sabia que era um erro, por que o cometeu?

— Porque, sem Jeremy, o Partido ainda estaria vagando no deserto político. E Lancaster ainda seria um deputado de oposição secundário e sem importância tentando fazer seu nome uma vez por semana durante as Perguntas ao Primeiro-Ministro. Além disso, Jeremy é totalmente leal a Lancaster. Tenho plena certeza de que mataria por ele e se ofereceria para ajudar a limpar o sangue.

Gabriel gostaria de poder dizer que ela estava certa. Em vez

disso, apenas continuou caminhando em silêncio e esperou que Samantha retomassem o relato.

— Mas não se tratava só de uma conexão de dívida e lealdade: Lancaster precisava de Jeremy. Realmente acreditava que não poderia governar o país sem ele a seu lado.

— É verdade, então?

— O quê?

— Que Jeremy é o cérebro de Lancaster.

— Na verdade, isso é uma completa besteira. Mas não demorou para que o público passasse a ter essa percepção dos fatos. Até pelas pesquisas do próprio Partido, a maioria dos britânicos acreditava que era Jeremy quem controlava o governo. — Ela fez uma pausa, pensativa. — Foi por isso que eu fiquei tão surpresa quando vi Jeremy ao lado de Lancaster no dia em que ele finalmente convocou a eleição.

— Surpresa?

— Pouco tempo antes, um boato sinistro em Whitehall dizia que Lancaster planejava afastar Jeremy da Downing Street.

— Porque ele havia se tornado um risco político?

Samantha assentiu.

— E também porque ele era tão impopular dentro do Partido que ninguém queria trabalhar para ele.

— E por que você não publicou isso?

— Eu não tinha fontes confiáveis o bastante. Alguns de nós temos escrúpulos, sabe?

— Você acha que Jeremy Fallon ouviu esses boatos?

— Não havia como não ouvir.

— Ele e Lancaster discutiram o assunto?

— Eu nunca tive uma confirmação, por isso não escrevi a respeito. Graças a Deus que não o fiz: a esta altura, eu pareceria muito tola.

Eles chegaram à Ponte de Waterloo. Gabriel a segurou pelo cotovelo e a conduziu em direção à passagem do Strand.

— Você o conhece bem? — perguntou ele.

— Jeremy?

Gabriel aquiesceu.

— Não tenho certeza de que alguém o conheça de fato. Eu o conheço profissionalmente, portanto ele me diz coisas que quer que eu escreva no jornal. É um manipulador filho da mãe, por isso sua atuação no funeral de Madeline Hart foi tão peculiar. Eu jamais imaginaria que Jeremy fosse capaz de derramar uma lágrima sequer.

— Ela fez uma pausa. — Acho que era verdade, afinal.

— O quê?

— Que Jeremy estava apaixonado por ela.

Gabriel deteve-se e se voltou para encarar Samantha.

— Quer dizer que Jeremy Fallon e Madeline Hart tinham um caso?

— Madeline não estava interessada em Jeremy amorosamente — respondeu ela, balançando a cabeça. — Mas isso não a impediu de usá-lo para prosperar na carreira. Ela escalou os cargos rápido demais, na minha opinião. E eu suspeito que tenha sido tudo obra de Jeremy.

O silêncio caiu sobre eles. Estavam parados na calçada da Galeria Courtauld. Samantha observava o tráfego passar na ponte enquanto Gabriel imaginava por que Fallon teria apresentado a mulher que amava a Lancaster. Talvez quisesse fazer pressão sobre o homem que estava prestes a arruinar sua carreira política.

— Tem certeza? — perguntou Gabriel.

— De que Jeremy estava apaixonado por Madeline?

Gabriel assentiu.

— Tenho tanta certeza quanto se pode ter sobre algo desse tipo.

— Como assim?

— Eu ouvi isso de diversas fontes em que confio. Jeremy costumava inventar desculpas muito esfarrapadas para contatá-la. Aparentemente, era bem patético.

— E por que você não publicou isso quando ela desapareceu?

— Porque não me pareceu a coisa certa a fazer naquele momento. E agora que ela está morta... — Sua voz se perdeu.

Eles entraram na galeria, compraram duas entradas e subiram até os salões de exposição. Como de costume, não havia quase nenhum visitante. Na Sala 7, pararam em frente à moldura vazia que rememorava o roubo da obra que era a marca registrada da galeria: o Autorretrato com a orelha cortada, de Vincent Van Gogh.

— Uma pena — lamentou Samantha.

— É — concordou Gabriel. Ele a guiou para o Nevermore, de Gauguin, e perguntou se ela havia se encontrado com Madeline Hart.

— Uma vez — respondeu, apontando para a mulher na tela, como se falasse dela e não de uma mulher morta. — Eu estava trabalhando em uma matéria sobre os esforços do Partido no sentido de estabelecer uma ligação com os eleitores das minorias. Jeremy me mandou encontrar Madeline. Eu a achei bonita até demais, mas também muito inteligente. Às vezes parecia me entrevistar, e não o contrário. Parecia que eu estava... — Ela mergulhou no silêncio, como se buscasse a palavra certa. — Parecia que eu estava sendo recrutada... Para quê, não faço ideia.

Gabriel ouviu passos e, ao virar-se para trás, viu um casal de meia-idade entrar na sala. O homem usava óculos escuros e era calvo, com cabelos apenas nas laterais da cabeça. A mulher era muitos anos mais nova e segurava um guia do museu aberto na página errada. Eles

iam de uma pintura a outra sem dizer nada, parando na frente de cada tela por apenas alguns segundos antes de se deslocarem mecanicamente para a próxima. Gabriel observou-os entrarem na sala vizinha. Em seguida, desceu com Samantha para o pátio interno localizado no centro do edifício. Em dias quentes, era um lugar de encontro popular entre os londrinos que trabalhavam nos prédios de escritórios situados ao longo do Strand. Mas agora, sob a chuva fria, as mesinhas metálicas estavam vazias e a fonte dançante esguichava água com a tristeza de um brinquedo em uma sala sem crianças.

— Você falou bem de Madeline nas matérias depois de seu desaparecimento comentou Gabriel enquanto eles caminhavam devagar pelo pátio.

— Tudo verdade. Ela era extremamente calma e autoconfiante para alguém com o seu passado. — Samantha franziu a testa, pensativa. — Eu nunca entendi o comportamento da mãe dela nos dias que se seguiram ao desaparecimento. A maioria dos pais de pessoas desaparecidas fala com a imprensa constantemente. Mas ela, não: fechou o bico e permaneceu afastada durante todo o processo. O irmão de Madeline, também.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu tentei contatar a mãe para escrever a matéria — ela apontou com a cabeça para o pedaço do jornal no bolso de Gabriel —, mas ninguém atendia na casa deles. Em momento algum. Até que, por fim, fui até a maldita Essex e sentei-me à porta. Um vizinho me disse que eles não eram vistos desde pouco tempo depois do funeral.

Gabriel ficou em silêncio, mas, em sua cabeça, calculava o tempo de viagem entre Londres e Basildon, em Essex, no horário de pico de trânsito noturno.

— Eu falei um bocado — disse Samantha. — Agora é a sua vez. Por que é que o grande Gabriel Allon está interessado numa garota inglesa morta?

— Receio que ainda não possa dizer.

— E vai poder algum dia?

— Depende.

— Sabe — falou ela, provocativa —, só o fato de você estar em Londres fazendo perguntas dá uma bela matéria.

— É verdade. Mas você jamais ousaria publicá-la ou mesmo mencionar a nossa conversa para alguém.

— Por que não?

— Porque isso me impediria de lhe dar uma matéria muito melhor no futuro.

Samantha sorriu e consultou o relógio.

— Eu adoraria passar uma semana falando com você, mas realmente tenho que ir. Amanhã tenho que publicar um artigo.

- Sobre o que você está escrevendo?
- Sobre a Volgatek Óleo e Gás.
- A empresa russa de energia?
- Muito bem, Sr. Allon.
- Eu tento me manter atualizado. Ajuda no meu trabalho.
- Tenho certeza de que sim.
- Qual é a matéria?
- Os ambientalistas e o pessoal do aquecimento global estão

aborrecidos com o acordo. Preveem todas as calamidades de costume: colossais derramamentos de óleo, derretimento das calotas polares, inundação das casas à beira-mar em Chelsea, esse tipo de coisa. Eles não parecem ligar para o fato de que o negócio irá gerar bilhões de dólares em licenciamentos e trará milhares de empregos essenciais para a Escócia.

— E o seu artigo será imparcial? — perguntou Gabriel.

— Eles sempre são — rebateu ela com um sorriso. — Minhas fontes disseram que o negócio era a menina dos olhos de Jeremy, sua última grande iniciativa antes de deixar a Downing Street para concorrer ao Parlamento. Tentei falar com ele a respeito, mas Jeremy disse três palavras que eu jamais tinha ouvido saírem de sua boca.

— Quais?

— Nada a declarar.

Ela entregou um cartão de visitas a Gabriel, apertou sua mão e desapareceu pela passagem arqueada que conectava o pátio à ponte. Gabriel esperou cinco minutos antes de seguir pelo mesmo caminho. Quando ele desembocou na rua, viu o homem e a mulher da galeria tentando chamar um táxi. Passou por eles sem olhar duas vezes e prosseguiu rumo à Trafalgar Square, onde milhares de manifestantes se dedicavam aos Dois Minutos de Ódio contra o Estado de Israel.

Gabriel se embrenhou na multidão e caminhou lentamente, parando aqui e ali para checar se alguém o seguia. Por fim, uma pancada de chuva divina levou os manifestantes a correrem atrás de abrigo. Gabriel se juntou a um grupo de artistas e atores pró-Palestina que iam em direção aos bares do Soho, mas, na Charing Cross Road, deixou o grupo e esgueirou-se para o interior da estação de metrô de Leicester Square. Enquanto descia a escada rolante para o subsolo aquecido, ligou para Keller.

— Precisamos de um carro — disse rapidamente em francês.

— Aonde vamos?

— Basildon.

— Por algum motivo em especial?

— No caminho eu explico.

A cidade tinha sido criada após a Segunda Guerra Mundial como parte #*% de um grande plano para reduzir a superpopulação nos assentamentos informais do East End, em Londres, que haviam sido destruídos por bombas. O resultado foi o que os planejadores urbanos chamaram de Cidade Nova: sem história, sem alma, sem outro propósito senão abrigar a classe operária. O centro comercial de Basildon era uma obra-prima da arquitetura neossoviética, assim como a moradia popular que se erguia em um dos lados da cidade, parecendo uma fatia gigante de torrada queimada. A uns 800 metros ao leste estava um grupo de prédios e sobrados dilapidados conhecidos como Lichfields.

Todas as ruas tinham nomes agradáveis como Avon, Norwich, Southwark, mas o asfalto estava rachado e ervas daninhas tomavam conta das quadras. Algumas poucas casas tinham jardins gramados, mas, junto à pequenina construção no fim da Blackwater Way, havia apenas uma área de concreto toda quebrada, onde um carro velho costumava ficar estacionado. O andar de baixo era revestido de chapisco, e o de cima, de tijolo marrom. As três pequenas janelas eram todas acortinadas e estavam às escuras, e nenhuma luz brilhava sobre a inóspita porta da frente.

— Eles trabalham? — perguntou Keller, enquanto passavam devagar de carro diante da casa pela segunda vez.

— A mãe trabalha algumas horas por semana na farmácia Boots, no centro comercial. O irmão é um bêbado profissional.

— E você tem certeza de que não há ninguém aí dentro?

— Você está vendo algum sinal de presença humana?

— Talvez eles gostem do escuro.

— Ou talvez sejam vampiros.

Gabriel parou numa vaga na rua e desligou o carro. Logo ao lado da janela de Keller, havia um aviso alertando que toda aquela área estava 24 horas por dia sob a vigilância de um circuito interno de televisão.

— Estou com um mau pressentimento.

— Você acabou de matar um homem por dinheiro.

— Não na frente das câmeras.

Gabriel não disse nada.

— Quanto tempo você pretende ficar lá dentro? — perguntou

Keller.

- O quanto for necessário.
- E se a polícia aparecer?
- Seria uma boa ideia você me avisar.
- E se eles me virem aqui?
- Mostre o seu passaporte francês e diga que está perdido.

Gabriel abriu a porta do carro e saiu. Enquanto atravessava a rua, um cachorro começou a latir em algum lugar. Devia ser um muito grande, pois cada som grave e sonoro ecoava nas fachadas decrepitas dos prédios como tiros de canhão. Por um momento, Gabriel cogitou se deveria voltar. Com certeza essa besta quer a minha garganta, pensou sombriamente. Ainda assim, atravessou o jardim concretado dos Harts e se postou diante da porta.

Não havia cobertura para se proteger da chuva insistente. Gabriel tentou girar a maçaneta, mas, como previa, a porta estava trancada. Retirou um instrumento fino de metal do bolso e enfiou-o no trinco. Foram necessários apenas poucos segundos — a bem da verdade, um desconhecido poderia pensar que ele só estava atrapalhado ao procurar sua chave no escuro. Quando Gabriel tentou de novo, a porta se abriu com suavidade. Pisou no vazio escuro e fechou-a rapidamente. Lá fora, o cão disparava outra salva de latidos antes de calar-se, por fim. Gabriel colocou a gazua de volta no bolso, pegou uma pequena lanterna e acendeu-a.

Ele se viu parado num hall de entrada apertado. O chão de linóleo estava coberto de correspondência fechada e, à direita, havia vários casacos, impermeáveis ou de lã barata, pendurados em ganchos. Gabriel revirou os bolsos de cada um — caixas de fósforos, recibos, cartões de visitas — antes de direcionar o feixe de luz para dentro da sala de estar.

Era um espaço pequeno e claustrofóbico, que não devia ter nem 8 metros quadrados, contendo três poltronas surradas voltadas para uma televisão. No meio da sala, havia uma mesa baixa com dois cinzeiros quase transbordando de guimbas e, em uma das paredes, estavam penduradas fotografias emolduradas. A menina Madeline correndo atrás de uma bola num campo ensolarado. Madeline recebendo o diploma da Universidade de Edimburgo. Madeline posando com o primeiro-ministro Jonathan Lancaster em Downing Street. Havia também uma foto de toda a família Hart em pé, posando infeliz em frente a uma baía cinzenta. Gabriel ficou olhando para as feições largas e achatadas dos pais de Madeline e tentou imaginar como eles teriam sido capazes de produzir um rosto tão belo quanto o dela. Madeline era um erro da natureza, pensou. Era filha de um deus diferente.

Gabriel deixou a sala de estar e, passando por uma pequena

sala de jantar, entrou na cozinha. A louça suja se empilhava nas bancadas e havia uma poça de água oleosa na pia. O ar estava tomado pelo cheiro de podridão. Abriu um dos armários no nível do chão e encontrou uma lixeira abarrotada de comida estragada. Havia mais na geladeira. Ele imaginou o que poderia tê-los motivado a deixar a casa daquela forma.

Voltou para o hall de entrada e subiu as escadas estreitas que levavam ao segundo andar. Eram três quartos: dois pequenos cômodos do lado esquerdo da casa e um maior à direita, que pertencia à mãe de Madeline. A cama de casal estava bagunçada e uma corrente de vento frio soprava pela janela aberta que dava vista para o pedaço de terra revolvida que era o quintal. Gabriel abriu a porta finíssima do armário e iluminou o interior. Havia roupas penduradas em cabides, assim como roupas empilhadas ordenadamente na prateleira de cima. Examinou a cômoda: todas as gavetas estavam lotadas, exceto a primeira da esquerda — onde uma mulher costuma guardar papéis pessoais e lembranças. Agachando-se, apontou o feixe de luz para debaixo da cama, mas não viu nada além de poeira. Numa das mesinhas de cabeceira, ao lado de um copo vazio, viu o telefone. Levou-o ao ouvido, mas não escutou o sinal de linha. Apertou o botão de reprodução na secretária eletrônica. Não havia recados.

Gabriel cruzou o corredor e espiou dentro de um dos quartos menores. Apenas as paredes estavam intactas, revestidas com as imagens de costume — celebridades do futebol, modelos, carros que a pessoa jamais poderia comprar. No ar, pairava um cheiro masculino desagradável que Gabriel tivera a felicidade de não sentir desde que deixara o Exército. Vasculhou o quarto rapidamente, mas não descobriu nada fora do comum — nada exceto o fato de que não continha nenhum objeto, sequer um papel, com o nome da criatura que o habitava.

O último quarto era o de Madeline. Não da amante de Jonathan Lancaster, nem da mulher devastada que Gabriel encontrara na França, mas a Madeline que de alguma forma sobrevivera a uma infância difícil naquela triste casinha. Parecia a Gabriel que ela passara por tudo da mesma forma que pelo cativeiro: com asseio e ordem. Sua cama fora feita com esmero; a pequena escrivaninha de garota colegial estava pronta para uma inspeção. Sobre ela, havia uma série de livros clássicos — Dickens, Austen, Forster, Lawrence. Os volumes pareciam ter sido lidos muitas vezes, pois tinham inúmeras passagens sublinhadas e anotações feitas em uma letra miúda e precisa. Gabriel estava prestes a deslizar um dos livros, Uma janela para o amor, para dentro do casaco, quando o celular vibrou discretamente. Ele atendeu na mesma hora.

— Temos companhia — avisou Keller.

— Quantos?

— Parece ser uma pessoa só, mas não posso afirmar com certeza.

Gabriel abriu as cortinas diáfanas do quarto de Madeline uma fração de centímetro e viu uma mulher caminhando pela Blackwater Way debaixo de um guarda-chuva. Quando ela passou pelo fecho de luz de um poste, ele vislumbrou seu rosto. Era familiar... Então, no instante em que a mulher dobrou na entrada de concreto, Gabriel lembrou: ela aparecera duas vezes na igreja nas montanhas do Lubéron fazendo o sinal da cruz como se não tivesse esse costume. Por algum motivo, agora inseria uma chave na porta da casa de Madeline Hart.

Gabriel desligou o telefone e sacou a arma. Sentiu-se tentado a descer as escadas e confrontar a mulher de imediato, mas decidiu que seria melhor esperar. Em algum momento, pensou, ela revelaria quem era e por que estava ali, de preferência sem nem perceber que o fizera. Esse era sempre o melhor jeito de obter informações — sem que o alvo soubesse. Como pregava Shamron, era melhor que um espião coletasse dados como um batedor de carteiras, e não como um assaltante.

Gabriel permaneceu imóvel no quarto de Madeline, com o tambor da arma reconfortantemente pressionado contra a própria face, enquanto a mulher entrava e fechava a porta. Ela emitiu uma única sílaba, que Gabriel não pôde decifrar. Então, veio uma série de pequenos ruídos, sugerindo que a mulher estava pegando a correspondência espalhada e colocando-a num saco plástico. Em seguida, ela foi para a sala de estar, onde ficou por aproximadamente dois minutos. Depois, entrou na cozinha e emitiu a mesma sílaba de antes. Gabriel suspeitava que fosse uma vulgaridade em alguma língua como o hebraico, o francês, o italiano ou o alemão. Imaginava que a mulher também estivesse vasculhando a casa.

Quando os passos da visitante alcançaram o pé da escada, Gabriel foi tomado pela indecisão. Se estivesse certo sobre as intenções da mulher, ela certamente entraria no quarto de Madeline. Olhou em volta para ver se havia algum lugar para se esconder, mas nada pareceu adequado. O quarto era pouco maior do que a cela na qual Madeline ficara presa. Conforme os passos da mulher foram se aproximando, Gabriel decidiu que não tinha outra escolha a não ser sair dali. Mas para onde? O banheiro era logo do outro lado do corredor. Enquanto entrava nele sem fazer nenhum barulho, imaginou o que Shamron pensaria se visse o futuro diretor da inteligência israelense naquela situação. Ele aprovaria, pensou Gabriel. Na verdade, tinha certeza de que o grande Ari Shamron já havia se escondido em lugares muito mais degradantes profissionalmente do que o banheiro de uma moradia popular em Basildon.

Deixou a porta um pouquinho entreaberta — não mais que meio centímetro — e segurou a arma com os braços estendidos enquanto a mulher terminava de subir as escadas. Ela entrou no quarto maior primeiro e, a julgar pelo barulho de gavetas se abrindo e portas batendo, vasculhou-o de cima a baixo. Cinco minutos depois, reapareceu e passou pelo banheiro sem se deter, aparentemente sem saber que havia uma arma apontada para sua cabeça. Ela vestia o mesmo casaco impermeável amarronzado que estava usando na França, mas seu penteado era um pouco diferente. Em sua mão esquerda havia uma sacola da Marks & Spencer. Parecia conter não só a correspondência.

Quando ela entrou no quarto de Madeline, a procura subitamente passou a ser violenta. Era uma busca profissional, pensou Gabriel, ouvindo com atenção. Uma busca agressiva... Ela arrancou roupas, lençóis, colcha, fronha, esvaziou as gavetas no chão. Por fim, ouviu-se um estalido seco, como de madeira, seguido por um denso silêncio, que foi quebrado pouco depois pela voz da mulher, baixa e calma, do tipo que se usa para reportar notícias a um superior através de um aparelho que transmite sinais em ondas. Gabriel não compreendia o que ela estava dizendo — ele não entendia bem línguas eslavas —, mas tinha certeza de uma coisa: a mulher falava em russo.

O carro da mulher, um Volvo sedã, encontrava-se estacionado em frente do menor prédio de Lichfields, do outro lado da rua. Ela andou direto até ele, segurando a sacola da Marks & Spencer na mão esquerda com certa dificuldade; devia estar pesada. A direita empunhava o guarda-chuva, que era um mero acessório, pensou Gabriel, observando-a da janela de Madeline, pois a chuva havia parado. Depois de abrir a porta do automóvel, jogou a sacola no banco do carona e entrou, deixando o guarda-chuva aberto até que estivesse segura dentro do carro. O motor hesitou um pouco antes de voltar à vida com uma espécie de tosse. Esperou até chegar aos limites da propriedade para ligar os faróis. Dirigia rápido, mas com cuidado, como uma profissional.

Gabriel deu mais uma olhada na destruição causada pela mulher no quarto de Madeline e apressou-se escada abaixo. Quando chegou à porta de entrada,

Keller já havia manobrado o carro e o esperava na rua. Gabriel entrou depressa e fez um meneio de cabeça, para que seguissem a mulher.

— Mas tenha cuidado: ela é boa.

— Boa como?

— No nível da Central Moscovita.

— Do que você está falando?

— Eu posso estar errado, mas acredito que aquela mulher seja da KGB.

Tecnicamente, não havia mais KGB, é claro; ela fora dissolvida pouco após o colapso do antigo império soviético. A Federação Russa possuía dois serviços de inteligência: o FSB e o SVR. O primeiro lidava com assuntos internos: contrainteligência, contraterrorismo, a mafiya e os ativistas pró-democracia corajosos ou estúpidos o suficiente para desafiar os homens que agora governavam a Rússia de dentro dos muros do Kremlin.

O SVR era o serviço secreto russo no exterior. Ele comandava sua rede internacional de espões do mesmo quartel-general isolado em Yasenevo que servira de escritório central do Primeiro Diretório Geral da KGB. Os oficiais do SVR ainda o chamavam de Central Moscovita, e não é de se admirar que até os cidadãos russos ainda se referissem a ele como KGB. E tinham motivos para isso. O Kremlin

podia até ter mudado o nome do serviço, mas sua missão permanecia a mesma: penetrar nos países-membros da OTAN e enfraquecê-los — os Estados Unidos e a Grã-Bretanha estavam no topo da lista.

Mas por que uma agente do SVR seguira Gabriel e Keller até uma antiga igreja nas montanhas do Lubéron? E por que a mesma agente havia vasculhado a casa da família de uma garota inglesa morta, que fora amante do primeiro-ministro britânico... Que fora sequestrada enquanto passava férias na Córsega... Que morrera queimada no porta-malas de um Citroen C4 numa praia em Audresselles?

— Não vamos nos precipitar — alertou Keller.

— Eu ouvi muito bem — retrucou Gabriel.

— Você ouviu uma mulher falando russo.

— Não, eu ouvi uma agente do Centro Moscovita revirando um quarto.

Eles seguiam pela A127, rumo a oeste. Eram quase oito horas. Ainda havia engarrafamento nas pistas que iam para o leste, um resquício do horário de rush londrino, mas no sentido oeste o tráfego fluía depressa. A mulher estava mais ou menos 200 metros adiante, mas Keller não tinha problemas em acompanhar as características lanternas traseiras do velho Volvo.

— Digamos que você esteja certo — disse ele, olhando diretamente para a frente. — Digamos que a KGB, ou o SVR, ou como diabos você quiser chamar, esteja ligado ao sequestro de Madeline Hart.

— A esta altura, eu diria que é um fato indiscutível.

— Está certo. Mas qual é a ligação?

— Ainda estou tentando descobrir. Mas, se eu tivesse que chutar, diria que era uma operação deles desde o princípio.

— Operação? — perguntou Keller, incrédulo. — Você está dizendo que os russos sequestraram a amante do primeiro-ministro britânico?

Gabriel não respondeu; ele mesmo ainda não acreditava nisso completamente.

— Você me permitiria lembrá-lo de alguns fatos de destaque? — perguntou Keller.

— Por favor.

— Marcei Lacroix e René Brossard não eram russos e não trabalhavam para o SVR. Ambos faziam parte do crime organizado francês, com extensas fichas criminais em Marselha e no sul da França.

— Talvez não soubessem para quem estavam trabalhando.

— E quanto a Paul?

— Não sabemos nada sobre ele, a não ser que fala francês

como se tivesse aprendido ouvindo CDs de algum curso de línguas... ou assim afirmou o grande Don Anton Orsati da Córsega.

— Que a paz esteja com ele.

Gabriel bateu com os nós dos dedos no para-brisa e disse:

— Ela está muito na frente.

— Está tudo sob controle.

— Diminua a distância um pouco.

Keller acelerou por alguns segundos, então voltou ao normal.

— Você acha que Paul é russo?

— Isso explicaria o fato de a polícia francesa não ter conseguido associar um nome ao seu rosto.

— Mas por que ele contrataria criminosos franceses para sequestrar Madeline em vez de fazer o trabalho por conta própria?

— Já ouviu falar de uma operação de bandeira falsa? — perguntou Gabriel. — Serviços de inteligência frequentemente conduzem operações que causariam danos políticos ou diplomáticos caso seu envolvimento direto viesse a público. Às vezes eles se fazem passar por membros de outras agências. Às vezes se fazem passar por coisas completamente diferentes.

— Como criminosos franceses?

— Você ficaria surpreso.

— Há apenas um problema com a sua teoria.

— Apenas um?

— O SVR não precisa de dinheiro.

— Duvido muito que isso tudo tivesse relação com dinheiro.

— Você entregou duas malas com 10 milhões de euros.

— Sim, eu sei.

— Se não tinha relação com dinheiro, por que o pagamento?

— A bandeira falsa foi tremulada até o fim — respondeu

Gabriel.

Keller silenciou por um instante. Por fim, perguntou:

— E por que eles mataram Madeline?

— Não sei.

— Onde está a família dela?

— Não sei.

— Como os russos ficaram sabendo de Madeline e Lancaster?

— Também não sei.

— Talvez uma pessoa saiba.

— Quem?

— A mulher dirigindo aquele carro — disse Keller, apontando para as lanternas do Volvo.

— É melhor ser um batedor de carteira do que um assaltante.

— O que isso significa?

— Diminua a distância — ordenou Gabriel, batendo de novo

com os nós dos dedos no vidro. — Ela está muito à frente.

A mulher passou por baixo do anel rodoviário M25, acelerou ao longo de uma paisagem de fazendas e campos e, então, entrou nos subúrbios de Londres, que, após trinta minutos, deram lugar aos bairros do East End e, por fim, aos prédios comerciais do centro financeiro. De lá, passou pelo Soho e por Holborn em direção a Mayfair, parando no meio-fio de um movimentado trecho da Duke Street, ao sul da Oxford Street.

Depois de ligar o pisca-alerta, a mulher saiu do Volvo e foi até um sedã Mercedes estacionado alguns metros adiante. Quando ela se aproximou do carro, o porta-malas foi aberto, aparentemente por uma pessoa de dentro, pois Gabriel não viu a mulher sequer encostar nele. Ela colocou ali a sacola da Marks & Spencer, fechou-o com um baque e voltou para o próprio automóvel. Dez segundos mais tarde, saiu vagarosamente da vaga e foi em direção à Oxford Street.

— O que devo fazer? — perguntou Keller.

— Deixe-a ir.

— Por quê?

— Porque quem abriu o porta-malas daquele Mercedes está observando para ver se alguém vai segui-la.

Keller e Gabriel examinaram a rua. Havia restaurantes dos dois lados, todos atendendo o público turista, e as calçadas estavam lotadas de pedestres. Qualquer um deles podia estar com a chave do Mercedes.

— E agora? — perguntou Keller.

— Nós esperamos.

— O quê?

— Saberei quando virmos.

— Batedores de carteiras e assaltantes?

— Algo desse tipo.

Keller fitava o Mercedes, mas Gabriel olhava em volta, para o pesadelo gastronômico que era aquela parte da Duke Street: Pizza Hut, Garfunkel's, um lugar chamado Pure Waffle, o que quer que isso significasse. O requinte da rua era o Bella Italia, franquia de uma rede de restaurantes espalhados pela cidade, e foi sobre ele que o olhar de Gabriel se fixou.

Um casal de idades muito díspares saíam naquele momento pela porta, supostamente após uma refeição. O homem usava um chapéu à prova d'água para se proteger da garoa leve e a mulher olhava para dentro da bolsa como se procurasse alguma coisa. Mais cedo naquele dia, nas salas de exposição da Galeria Courtauld, ela estava segurando um guia aberto na página errada e ele usava óculos escuros. Agora, não havia óculos de nenhum tipo. Depois de ajudá-la a acomodar-se no banco do carona do Mercedes, ele contornou o carro e

sentou-se ao volante. Quando o motor deu a partida, a rua pareceu tremer. Então, o automóvel disparou com um leve cantar de pneus e cruzou a Oxford Street no momento em que a luz do semáforo ficou vermelha.

— Boa jogada — disse Keller.

— Concordo.

— Devo tentar segui-lo?

Gabriel balançou a cabeça lentamente. Eles eram bons, pensou. No nível da Central Moscovita.

O Grand Hotel Berkshire não era grandioso nem ficava no charmoso condado de Berkshire, mas no fim de uma fileira de casas eduardianas na West Cromwell Road, entre uma loja de eletrônicos baratos e um cibercafé suspeito.

Gabriel e Keller chegaram lá à meia-noite. Eles não tinham reserva nem bagagem; estava tudo dentro do flat na Bayswater, que Gabriel presumia que estivesse sob vigilância dos russos. Pagou em dinheiro por uma estadia de duas noites e disse ao recepcionista noturno que os dois não esperavam visitas e que não queriam interrupções de nenhuma espécie, nem do serviço de quarto. O funcionário não viu nada de incomum nas instruções de Gabriel. O Grand Hotel Berkshire — ou o GHB, como diziam seus administradores para abreviar — servia àqueles que tomavam as estradas menos percorridas.

Os aposentos deles eram no quarto e último andar e tinham uma vista da rua própria para um franco-atirador. Gabriel insistiu que Keller dormisse primeiro. Então, sentou diante da janela com a arma repousada no colo e os pés apoiados no peitoril, enquanto cinco questões se repetiam sem parar na sua cabeça. Por que a inteligência russa teria sido tão ousada a ponto de sequestrar o amante do primeiro-ministro britânico? Por que o pagamento de resgate, se os russos certamente não estavam atrás de dinheiro? Por que mataram Madeline? Onde estava sua família? E quanto disso tudo Jonathan Lancaster e Jeremy Fallon sabiam? Respostas satisfatórias fugiam a sua compreensão. Ele podia elaborar palpites, fazer deduções, mas apenas isso. Precisava bater mais algumas carteiras, pensou — e, se necessário, fazer um ou dois assaltos também. E depois? Pensou na velha signadora e em suas profecias sobre um antigo inimigo e a cidade dos hereges no leste.

Você não deve pisar lá. Jamais. Se o fizer, morrerá...

Bem nesse instante, um caminhão de entrega de jornais parou em frente a uma loja, do outro lado da rua. Gabriel consultou o relógio. Quase quatro da madrugada, hora de acordar Keller e de ele mesmo dormir um pouco. Em vez disso, pegou o livro de E. M. Forster, do quarto de Madeline, abriu numa página aleatória e

começou a ler:

um jogo complicado estava sendo disputado sem parar na encosta da montanha durante toda a tarde. Lucy não conseguia descobrir do que se tratava e como dividiam-se os jogadores...

Gabriel fechou o livro e observou o caminhão se afastar na rua escura e úmida. Então compreendeu. Mas como provar? Ele precisava de alguém que entendesse do mundo obscuro da política e dos negócios russos. Alguém que fosse tão implacável quanto os homens do Kremlin.

Precisava de Viktor Orlov.

Viktor Orlov sempre tivera habilidade com números. Nascido em Moscou t. durante os dias mais sombrios da Guerra Fria, estudou no prestigiado Instituto de Mecânica de Precisão e Óptica de Leningrado e trabalhou como físico no programa de desenvolvimento de armas nucleares da União Soviética. Por sugestão dos superiores, juntou-se ao Partido Comunista. Mas, anos mais tarde, em uma entrevista dada a um jornal britânico, alegou nunca ter acreditado de fato naquela empreitada. “Filiei-me ao Partido por ser a única via disponível para subir na carreira”, disse ele sem nenhum traço de arrependimento. “Suponho que pudesse ter-me tornado um dissidente, mas o gulag nunca me atraiu muito.”

Quando a União Soviética deu o último suspiro, Orlov não derramou nenhuma lágrima. Na realidade, ficou terrivelmente bêbado de vodca soviética barata e correu pelas ruas de Moscou gritando: “O rei está morto!” Na manhã seguinte, de ressaca, desvinculou-se do Partido, retirou-se do programa de desenvolvimento nuclear soviético e jurou que ficaria rico. Em poucos anos, obteve uma fortuna considerável importando computadores, aparelhos e outros bens ocidentais para o mercado russo incipiente.

Mais tarde, usou a fortuna para adquirir a maior companhia estatal de aço da Rússia, além da Ruzoil, a gigantesca siberiana de petróleo, a preço de banana. Viktor Orlov, antes um físico do governo que tivera de dividir um apartamento com duas outras famílias soviéticas, tornou-se um bilionário consagrado e o homem mais rico da Rússia. Ele foi um dos primeiros oligarcas, um barão gatuno que construiu a fortuna saqueando as joias da coroa do Estado soviético.

Orlov não pedia desculpas por ter se tornado rico dessa forma. “Se eu tivesse nascido inglês, meu dinheiro poderia ter vindo de forma limpa,” disse ele uma vez a um entrevistador britânico. “Mas nasci russo. E fiz uma fortuna russa.”

Mas, na Rússia pós-soviética, uma terra sem lei e tomada pelo crime e a corrupção, a fortuna fez de Orlov um alvo. Ele havia sobrevivido a três atentados, e os rumores sugeriam que, em retaliação, ordenara a morte de vários homens. Porém, a maior ameaça viria do homem que assumira a presidência depois de Boris Yeltsin. Ele achava que Orlov e os outros oligarcas haviam roubado os bens mais valiosos do país e tinha a intenção de tomá-los de volta.

Após se estabelecer no Kremlin, o novo presidente convocou Orlov e exigiu duas coisas: sua companhia de aço e a Ruzoil.

— E não meta o nariz em política — acrescentou, ameaçador.
— Caso contrário, faça você sumir.

Orlov concordou em abrir mão dos interesses no aço, mas não da Ruzoil. O presidente não ficou contente. Logo ordenou que os procuradores abrissem um inquérito de fraude e suborno contra ele e, dentro de uma semana, tinha um mandado de prisão em mãos. Sabiamente, Orlov voou para Londres, onde se tornou um dos críticos mais abertos e eficientes do presidente russo.

Por muitos anos, a Ruzoil ficou congelada por lei, além do alcance de Orlov e dos novos senhores do Kremlin. Por fim, ele foi persuadido a ceder em nome de um acordo secreto para libertar quatro reféns de um negociante de armas russo chamado Ivan Kharkov. Em troca, os britânicos compensaram Orlov tornando-o membro do reino e concedendo-lhe um breve e muito secreto encontro com Sua Majestade, a Rainha. O Escritório enviou-lhe um bilhete de agradecimento, ditado por Chiara e escrito à mão por Gabriel. Ari Shamron entregou-o e o queimou assim que Orlov terminou de ler.

— Algum dia eu terei a chance de conhecer esse homem notável pessoalmente?

— Não — respondera Shamron.

Determinado, Orlov entregara seu número mais privado a Shamron, que por sua vez o passara a Gabriel. Ele ligou mais tarde naquela manhã, de um telefone público perto do Grand Hotel Berkshire, e surpreendeu-se quando o próprio Orlov o atendeu.

— Eu sou uma das pessoas que você salvou ao entregar a Ruzoil — apresentou-se Gabriel, sem mencionar seu nome. — Fui eu que escrevi o bilhete que o velho queimou quando você terminou de ler.

— Ele é uma das pessoas mais desagradáveis que já conheci.

— Espere até conhecê-lo melhor.

Orlov deu uma risada seca e curta.

— A que devo a honra?

— Preciso de sua ajuda.

— Na última vez que você precisou da minha ajuda, perdi uma companhia de petróleo no valor de pelo menos 16 bilhões de dólares.

— Dessa vez não vai custar nada.

— Estou livre às duas da tarde.

— Onde?

— Número 43 — disse Orlov, e desligou.

O endereço fornecido era da mansão de tijolos vermelhos de Orlov na Cheyne Walk, em Chelsea. Gabriel foi até lá a pé e Keller o

acompanhou a uma distância de 100 metros, certificando-se de que ele não estava sendo vigiado. A casa alta e estreita era coberta de glicínias. Como a dos vizinhos, era afastada da rua, protegida por uma cerca de ferro batido. Uma limusine Bentley blindada estava parada do lado de fora, com um chofer ao volante. Logo atrás do carro, havia um Range Rover preto ocupado por quatro membros da equipe de segurança de Orlov. Todos faziam parte do antigo regimento de Keller: a elite do SAS.

Os guarda-costas observaram Gabriel com óbvia curiosidade enquanto ele seguia pelo caminho no jardim e tocava a campainha. Surgiu uma criada em uniforme engomado preto e branco. Após averiguar a identidade de Gabriel, conduziu-o por uma escadaria larga e elegante até o escritório de Orlov. A sala era uma réplica exata do escritório pessoal da rainha no Palácio de Buckingham — exceto por uma TV de plasma gigantesca que exibia notícias e dados do mercado financeiro ao redor do mundo. Quando Gabriel entrou, Orlov estava parado diante da tela, como que em transe. Como de costume, ele vestia um terno italiano preto e uma gravata de um rosa vivo com um enorme nó Windsor. Seus cabelos grisalhos, ralos, estavam espetados com gel. Os números se refletiam fracamente em seus óculos da moda e ele não mexia um músculo, a não ser o do olho esquerdo, que tremia de nervosismo.

— Quanto você ganhou hoje, Viktor?

— Na verdade — disse Orlov, ainda com os olhos fixos na tela —, acho que perdi 10 ou 20 milhões.

— Sinto muito.

— Amanhã é um novo dia.

Orlov virou-se e observou Gabriel por um longo momento antes de estender a mão bem cuidada. Sua pele estava fria e era particularmente macia, como a mão de uma criança.

— Como sou russo, não me choco com facilidade. Mas devo admitir que estou surpreso ao vê-lo aqui no escritório. Achei que nunca iríamos nos conhecer.

— Desculpe-me, Viktor. Eu deveria ter vindo há muito tempo.

— Eu entendo por que não veio. — Orlov sorriu tristemente. — Nós temos algo em comum: fomos alvos do Kremlin. E conseguimos sobreviver.

— Alguns de nós sobreviveram melhor que os outros — disse Gabriel, contemplando a magnífica sala.

— Eu dei sorte. E o governo britânico tem sido bom comigo — enfatizou Orlov por isso não quero fazer nada que aborreça o pessoal de Whitehall.

— Tenho o mesmo interesse.

— Fico feliz por isso. E, então, Sr. Allon, por que não me conta

do que se trata sua visita?

— Volgatek Óleo e Gás.

Orlov sorriu.

— Ora, ora, até que enfim alguém reparou.

Viktor Orlov nunca se mostrou relutante em falar sobre dinheiro. Na verdade, raramente falava de qualquer outro assunto. Ele se gabava de pagar 10 mil dólares por cada um dos ternos e de suas camisas, que eram as melhores do mundo. Dizia que seu relógio de diamantes e ouro estava entre os mais caros já produzidos e, ainda por cima, possuía o segundo exemplar dele, pois havia destruído o primeiro na Suíça, ao batê-lo contra um pinheiro enquanto esquiava. “Foi burrice minha”, falou a um tabloide britânico depois da perda multimilionária. “Esqueci de tirar o maldito relógio antes de sair do chalé.”

Seu vinho preferido era o Château Pétrus, o famoso Pomerol que ele bebia como se fosse água. Era um pouco cedo, até para o anfitrião, então tomaram chá. Orlov bebeu o seu à moda russa, através de um cubo de açúcar preso entre os dentes da frente. Seu braço estava jogado na direção de Gabriel, sobre o encosto de um sofisticado sofá de brocado, e ele girava os óculos caros pela haste, um gesto que sempre repetia ao falar sobre a Rússia.

Não o país da sua infância ou no qual servira como cientista nuclear, mas o que chegara ao mundo tropeçando, após o colapso da União Soviética. A Rússia sem lei, bêbada, confusa, perdida. Ao seu povo traumatizado fora prometida uma segurança que iria do berço ao túmulo. Agora, de repente, viam-se obrigados a lutar pela sobrevivência. Darwinismo social dos mais ferozes. Os fortes transformavam os fracos em presas, os fracos passavam fome e os oligarcas reinavam, soberanos — os novos czares russos, os novos komissary. Eles marchavam por Moscou em caravanas à prova de balas, cercados por seguranças fortemente armados. À noite, os guarda-costas brigavam uns com os outros nas ruas.

— Era o Leste Selvagem — disse Orlov, reflexivo. — Era uma loucura.

— Mas você adorava — replicou Gabriel.

— E como não adorar? Nós éramos deuses.

Logo cedo em sua carreira como capitalista, Orlov comandava o império nascente sozinho e com mão de ferro. Mas, depois da aquisição da Ruzoil, percebeu que precisava de um segundo comandante. O escolhido foi Gennady Lazarev, um brilhante matemático teórico com quem havia trabalhado no programa soviético de armas nucleares. Ele não sabia nada sobre capitalismo,

mas, como Orlov, era bom com números. Lazarev aprendeu sobre os negócios do zero e o ex-oligarca o colocou no comando das operações cotidianas da Ruzoil. Esse foi, segundo Orlov, o maior erro que ele já cometera em termos empresariais.

— Por quê? — perguntou Gabriel.

— Porque Gennady Lazarev era da KGB. Desde quando trabalhava no programa de armas nucleares.

— Você nunca suspeitou?

Orlov balançou a cabeça.

— Ele era muito bom, e muito leal ao escudo e à lança, que é como os capangas da KGB gostam de definir a si mesmos. Obviamente, Lazarev me traiu, entregando ao Kremlin pilhas de documentos internos, que os procuradores do Estado mais tarde usaram para montar um caso contra mim. Quando fugi do país, gerenciou a Ruzoil como se fosse dele.

— Ele o jogou para escanteio?

— Completamente.

— E quando você cedeu a Ruzoil para nos tirar da Rússia?

— Lazarev já estava fora àquela altura, comandando uma nova companhia estatal de petróleo. Aparentemente, o presidente russo escolheu o nome da empresa: Volgatek Óleo e Gás. Na época, uma piada dizia que o presidente queria chamá-la de “KGB Óleo e Gás”, mas achou que o nome não seria bem aceito no Ocidente.

A Volgatek, continuou Orlov, não deveria atuar na produção doméstica de petróleo, que já se achava estabilizada. Seu único propósito deveria ser expandir a participação da Rússia na produção internacional, aumentando, assim, o poder e a influência russa na esfera global. Apoiada pelos investimentos do Kremlin, a Volgatek fez compras pela Europa, adquirindo uma cadeia de refinarias na Polônia, na Lituânia e na Hungria. Então, ignorando objeções dos americanos, assinou um contrato lucrativo de perfuração com a República Islâmica do Irã, assim como acordos de desenvolvimento com Cuba, Venezuela e Síria.

— Está vendo o padrão? — perguntou Orlov.

— Os acordos são todos em países do antigo império soviético ou em países hostis aos Estados Unidos.

— Correto.

Mas a Volgatek não se contentou com isso, prosseguiu Orlov. A empresa expandiu suas operações para a Europa Ocidental, assinando acordos de refino e distribuição na Grécia, na Dinamarca e na Holanda. Então, voltou suas atenções para o mar do Norte, onde queria perfurar dois novos campos descobertos nas Ilhas Ocidentais da Escócia. Os geólogos da Volgatek estimavam que a produção alcançaria cem mil barris por dia, sendo que grande parte dos lucros

fluiria diretamente para os cofres do Kremlin. A companhia recorreu ao Departamento de Energia e Mudanças Climáticas da Grã-Bretanha para obter uma licença. Foi aí que o secretário de Energia pediu a Viktor que aparecesse em seu escritório para um bate-papo.

— E o que você acha que eu disse?

— Que a Volgatek era um braço do Kremlin, administrada por um ex-membro da KGB.

— E o que você acha que o secretário fez com o pedido da Volgatek para perfurar no mar territorial da Grã-Bretanha?

— Jogou-o dentro do triturador de papel.

— Bem na minha frente — concordou Orlov, sorrindo. — Foi um som muito satisfatório.

— O Kremlin tem conhecimento de que foi você quem sabotou o acordo?

— Não que eu saiba. Mas tenho certeza de que Lazarev e o presidente russo suspeitaram do meu envolvimento. Eles sempre estiveram prontos para acreditar nas piores coisas em relação a mim.

— E o que aconteceu depois?

— A Volgatek esperou um ano. Então, entraram com um segundo pedido de licença para perfuração. Mas, dessa vez, as coisas eram diferentes. Eles tinham um amigo dentro de Downing Street, um homem que eles cultivaram durante um ano.

— Quem?

— Prefiro não dizer.

— Está bem, eu digo por você: o homem da Volgatek era Jeremy Fallon, o mais poderoso chefe de gabinete na história da Grã-Bretanha.

Orlov sorriu.

— Talvez devêssemos abrir uma garrafa de Pétrus, afinal.

Eles haviam entrado em águas perigosas. Gabriel sabia, certamente Orlov também, a julgar pelo olho esquerdo contraindo-se em ritmo furioso. Na infância, o tique o tornara alvo de provocações impiedosas e maus-tratos. Isso o fazia queimar de ódio, e esse ódio o levava ao sucesso. Orlov queria derrotar todo mundo. Tudo por causa do tique no olho esquerdo.

Agora, o olho estava cravado no cálice de vinho tinto Pomerol. Orlov ainda não tinha bebido. Ele também não havia respondido à pergunta um tanto quanto direta feita por Gabriel no minuto anterior: “Por que Jeremy Fallon?”

— Por que não ele? — disse o russo, enfim. — Fallon era o cérebro de Lancaster. Lancaster era a marionete de Fallon. Ele puxava a corda e Lancaster acenava. E o melhor: estava vulnerável a uma aproximação.

— Como assim?

— Ele não tinha onde cair morto. Era mais pobre que rato de igreja.

— Quem o apontou como alvo?

— Disseram-me que a indicação veio da rezidentura do SVR em Londres.

Rezidentura era a palavra usada pelo SVR para descrever suas operações em embaixadas locais. O rezident era o chefe de posto; a rezidentura, o próprio posto. Esse era um resquício da época da KGB. Assim como a maioria das coisas relacionadas ao SVR.

— Como eles agiram?

— Lazarev e Fallon passaram a se encontrar em todos os lugares errados: festas, restaurantes, conferências, férias. Segundo boatos, Fallon passou um longo fim de semana na casa de Lazarev em Gstaad e fez um cruzeiro pelas ilhas gregas em seu iate. Eu soube que eles se deram muito bem, mas isso não me surpreende: Gennady consegue ser um canalha encantador quando quer.

— Mas houve mais do que uma ofensiva charmosa, não é, Viktor?

— Muito mais.

— Quanto?

— Cinco milhões de euros em uma conta bancária anônima na Suíça, cortesia do Kremlin. Tudo limpo. Sem nenhum rastro. O SVR cuidou dos arranjos.

— Quem disse?

— Prefiro não dizer.

— Ora, vamos, Viktor.

— Você claramente tem suas fontes, Sr. Allon, e eu tenho as minhas.

— Pelo menos diga de que lado vêm as suas informações.

— Do Leste — respondeu Orlov, querendo dizer que era de uma de suas muitas fontes em Moscou.

— Prossiga — pediu Gabriel.

Antes, Orlov tomou um pouco de vinho. Então, passou a explicar como a Volgatek havia entrado com um segundo pedido, dessa vez apoiada pelo segundo homem mais poderoso de Whitehall. Mas o primeiro-ministro ainda estava no mínimo indeciso. O secretário de Energia mantinha-se contrário, mas Fallon o persuadiu a não rejeitar o pedido de pronto. Isso o manteve tecnicamente vivo, mas por um fio.

— Então — disse Orlov, erguendo o braço em direção ao teto —, o secretário de Estado de repente aprova a licença, Jonathan Lancaster voa a Moscou para brindar com champanhe no Kremlin e o homem que aceitou 5 milhões de euros está prestes a se tornar o próximo ministro do Tesouro.

— Eu preciso saber da fonte que lhe falou dos 5 milhões.

— Perguntado e respondido — disse o russo secamente.

Gabriel mudou de assunto:

— Qual é o estado atual das relações entre a Volgatek e seus negócios aqui em Londres?

— Como você deve imaginar, estamos em pé de guerra. É bastante parecido com a Guerra Fria: não declarada, mas violenta.

— Como assim?

— Lazarev apresentou ofertas maiores que as minhas em inúmeras aquisições. Para ele é fácil — acrescentou Orlov, ressentido —, pois não está jogando com o próprio dinheiro. Ele também se diverte muito contratando meus melhores empregados. Joga um bolo de dinheiro... do Kremlin, é claro... e eles vão correndo para os pastos verdejantes.

— Vocês se falam?

— Não diria que nos falamos. Quando nos encontramos em público, damos um aceno de cabeça polido e trocamos sorrisos rígidos. Nossa guerra se dá nas sombras. Devo admitir que, ultimamente, Gennady tem me desgastado. E agora ele vai perfurar as águas de um país que passei a amar. Isso me deixa enojado.

— Então talvez você devesse agir.

— Como?

— Ajude-me a acabar com o acordo.

Orlov parou de girar os óculos e encarou Gabriel por um momento.

— Qual é seu interesse no assunto? — perguntou por fim.

— Estritamente pessoal.

— Por que alguém como você ligaria para o acesso de uma companhia de energia russa ao petróleo no mar do Norte?

— É um assunto complicado.

— Não esperaria menos de você.

Gabriel sorriu a contragosto. Então, disse em voz baixa:

— Acredito que o Kremlin tenha chantageado Jonathan Lancaster para obter os direitos de perfuração.

— Como?

Gabriel ficou em silêncio.

— Eu abri mão de uma companhia no valor de 16 bilhões de dólares para tirar você e sua mulher da Rússia — lembrou Orlov. — Acredito que isso me dê direito a uma resposta. Como o chantagearam?

— Sequestrando a amante de Lancaster, que estava na Córsega. Orlov nem piscou, então falou:

— Ora, ora, até que enfim alguém reparou.

Eles conversaram até depois do anoitecer. No fim, Gabriel

estava confiante de que entendera do que se tratava o jogo na encosta da montanha, mas a divisão dos jogadores permanecia fora de sua compreensão. Tinha certeza de uma coisa, no entanto: era hora de dar uma palavrinha com Graham Seymour. Ligou de um telefone público da Sloane Square e confessou ter entrado mais uma vez no país sem assinar o livro de hóspedes. Então, requisitou um encontro. Seymour disse uma hora e um lugar e desligou. Gabriel colocou o telefone de volta no gancho e começou a andar, com Christopher Keller a 100 metros, certificando-se de que ele não estava sendo vigiado.

HAMPSTEAD HEATH, LONDRES

Eles caminharam para a esquina do Hyde Park, embarcaram em um trem da linha Piccadilly com destino à Leicester Square e, então, fizeram a jornada longa e lenta na Linha Norte até Hampstead. Keller entrou em um pequeno café na avenida principal e ficou esperando enquanto Gabriel caminhava sozinho pela South End Road. Ele adentrou a charneca em Pryors Field, margeou os lagos de Hampstead e depois subiu a ladeira suave da Parliament Hill. Ao fundo, sob um véu de nuvens e neblina, brilhavam as luzes do centro de Londres. Graham Seymour admirava a vista de um banco de madeira. Ele estava sozinho, sem contar os dois seguranças de capas de chuva parados na trilha às suas costas, estáticos como peças de xadrez. Eles desviaram o olhar quando Gabriel passou sem uma palavra e sentou-se ao lado de Seymour. O homem do MI5 não deu sinal de ter visto Allon chegar. Mais uma vez, estava fumando.

— Você devia parar com isso — disse Gabriel.

— E você devia ter me avisado que ia entrar no país de novo.

Eu teria preparado um comitê de recepção.

— Eu não queria um comitê de recepção, Graham.

— Claro que não.

Seymour continuava a contemplar as luzes do centro londrino.

— Você chegou quando?

— Ontem à tarde.

— Por quê?

— Negócios em aberto.

— Por quê?

— Madeline — explicou Gabriel. — Eu vim por causa de

Madeline.

Seymour voltou-se para ele pela primeira vez.

— Madeline está morta — disse ele lentamente.

— Sim, Graham, eu sei. Eu estava lá.

— Sinto muito — lamentou-se Seymour após um instante. —

Eu não devia ter...

— Deixe isso para lá, Graham.

Os dois ficaram em silêncio. Estavam desconfortáveis por causa da natureza infeliz daquele caso, pensou Gabriel. Ambos haviam entrado no serviço de inteligência para proteger o país e os cidadãos, e não políticos.

— Você deve ter descoberto algo importante — continuou Seymour. — Ou não teria me chamado.

— Você sempre foi bom, Graham.

— Não o bastante para impedi-lo de entrar em meu país quando bem entende.

Gabriel ficou calado.

— O que você descobriu?

— Acho que sei quem sequestrou Madeline Hart. Mais do que isso: acredito que saiba o porquê.

— Quem a sequestrou?

— KGB Óleo e Gás — respondeu Gabriel.

Seymour virou a cabeça bruscamente.

— Do que você está falando?

— O acordo da Volgatek, Graham. Madeline foi sequestrada para que os russos pudessem roubar o seu petróleo.

Não há pior sentimento para um espião profissional do que saber por intermédio do agente de outro serviço algo que ele mesmo já deveria saber. Seymour passou por essa desonra com a maior elegância possível, de queixo empinado e cabeça erguida. Então, depois de calcular as consequências cuidadosamente, pediu uma explicação.

Gabriel começou contando tudo o que descobrira sobre Jeremy Fallon. Que ele havia se apaixonado por Madeline Hart. Que não era mais bem-vindo na Downing Street e estava prestes a ser chutado de lá antes da eleição seguinte. Que aceitara um pagamento secreto de 5 milhões de euros de um tal Gennady Lazarev e depois usara seu poder para forçar o acordo, passando por cima das objeções do secretário de Energia. Por fim, Gabriel falou da mulher russa que vira primeiro na igreja antiga do Lubéron e, depois, em uma moradia popular abandonada em Basildon.

— Quem lhe falou sobre Jeremy Fallon e os 5 milhões? — perguntou Seymour.

— Eu gostaria de manter sigilo, se não se importa.

— É claro que sim... Mas quem é a fonte?

Gabriel respondeu com sinceridade. Seymour balançou a cabeça devagar.

— Viktor Orlov é biologicamente incapaz de dizer a verdade — retrucou. — Está sempre oferecendo supostas informações de inteligência sobre a Rússia ao MI6 e nenhuma delas jamais se prova verdadeira.

— Se não fosse por Orlov, eu e Chiara não estaríamos vivos.

— Isso não significa que tudo o que ele diga seja verdade.

— Ele sabe mais do que qualquer pessoa no mundo sobre o lado B da indústria petroleira russa.

Seymour não pôde discordar.

— E você tem certeza quanto ao homem e à mulher que partiram no Mercedes? — perguntou ele. — Tem certeza que são os mesmos que o seguiram na galeria?

— Graham... — repreendeu Gabriel, desgastado.

— Todos nós cometemos erros.

— Alguns mais que outros.

Seymour atirou o cigarro para longe com raiva.

— Por que só estou ouvindo isso agora? Por que não me ligou na noite passada, quando os estava vigiando?

— E o que você teria feito? Alertado o chefe da seção de contrainteligência russa? Informado o seu diretor? — Gabriel ficou quieto por um momento. — Se eu o tivesse procurado na noite passada, daria início a uma série de acontecimentos que levariam à destruição de Jonathan Lancaster e seu governo.

— E por que você me procurou agora?

Gabriel não respondeu. Seymour ia acender outro cigarro, mas se deteve.

— Bastante irônico, não?

— O quê?

— Eu peço para você encontrar Madeline Hart para proteger o primeiro-ministro de um escândalo. E agora você me traz informações que podem destruí-lo.

— Não era a minha intenção.

— Você não pode provar uma vírgula, sabia? Nem uma vírgula.

— Eu sei disso.

Seymour suspirou fundo.

— Eu sou o vice-diretor do Serviço de Segurança de Sua Majestade — disse ele, mais para si do que para Gabriel. — Vice-diretores do MI5 não derrubam governos britânicos. Eles os protegem de inimigos internos e externos.

— E se o governo for sujo?

— Qual não é? — retrucou Seymour prontamente.

Gabriel não respondeu. Ele não estava no clima para um debate relativista sobre ética na política.

— E se eu o persuadissem a ir embora e esquecer o assunto? — perguntou Seymour. — O que você faria?

— Eu atenderia aos seus desejos e voltaria para Jerusalém.

— E faria o quê?

— Parece que Shamron tem planos para mim.

— Algo que você queira me contar?

— Ainda não.

Seymour claramente ficou intrigado, mas deixou passar o

assunto por ora:

— E o que você acharia de mim?

— O que eu acho importa?

— Eu me importo — falou Seymour, sério.

Gabriel extravasou tudo o que estava pensando:

— Acho que você passaria o resto da vida pensando no que o SVR está fazendo com todo o dinheiro extraído do mar do Norte. E você acabaria se sentindo culpado por não ter feito nada para impedir.

Seymour permaneceu em silêncio.

— Nós temos um ditado em nosso serviço, Graham. Para nós, uma carreira sem escândalos não é uma carreira de verdade.

— Nós somos britânicos: não temos ditados e não gostamos de escândalos. Na verdade, vivemos com medo até do menor passo em falso.

— Para isso você tem a mim.

Seymour encarou Gabriel com seriedade por um instante.

— O que você está sugerindo exatamente?

— Deixe que eu vá à guerra contra a Volgatek em seu lugar. Eu acharei a prova de que eles roubaram seu petróleo.

— E depois?

— Eu o roubarei de volta.

Gabriel e Seymour passaram a meia hora seguinte considerando com cuidado os detalhes do que talvez fosse o acordo operacional menos ortodoxo já feito por dois serviços ocasionalmente aliados. Mais tarde, ele ficaria conhecido como o acordo da Parliament Hill. Gabriel teria licença para operar em solo britânico como fosse necessário, desde que sem violência e sem ameaçar a segurança nacional britânica, e se comprometia a repassar qualquer de inteligência decidiria sozinho como usá-la.

O pacto foi selado com um aperto de mãos e Graham partiu, seguido pelos guarda-costas.

Gabriel permaneceu na charneca por mais dez minutos antes de voltar para a avenida principal de Hampstead e buscar Keller. Juntos, pegaram o metrô para Kensington e andaram até a embaixada israelense. No posto do Escritório, havia apenas um funcionário de baixo escalão, que se sobressaltou quando a lenda entrou pela porta sem aviso prévio.

Gabriel deixou Keller na antessala e encaminhou-se para a câmara de comunicações seguras, que os veteranos do Escritório — como ele — chamavam de Santo dos Santos. O número da casa de Shamron em Tiberíades ainda estava no diretório de contatos de emergência. Ele atendeu após o primeiro toque, como se estivesse esperando ao lado do telefone. Embora a ligação fosse criptografada, os dois conversaram no conciso patoá do Escritório, uma língua que

nenhum tradutor ou supercomputador jamais poderia decifrar. Gabriel explicou rapidamente o que havia descoberto, o que planejava fazer em seguida e do que precisava para prosseguir. Prover os recursos para uma operação como aquela não era responsabilidade de Shamron. Ele também não tinha autorização oficial para aprová-la. Apenas Uzi Navot poderia dar início a uma empreitada desse tipo — e só após obter a bênção do próprio primeiro-ministro.

E assim estava sendo preparado o terreno para uma disputa que entraria para os anais como uma das piores já vistas na rica história do Escritório. Começou às 22h18 no horário de Israel, quando Shamron ligou para a casa de Navot dizendo que Gabriel pretendia guerrear contra a KGB Óleo e Gás e que aprovava a operação. Navot deixou claro que tal iniciativa não estava prevista. Não para um futuro próximo. Nem para nunca. Shamron desligou sem dizer mais nada e telefonou para o primeiro-ministro israelense antes que Navot o fizesse.

— Por que entrar em guerra com o presidente russo? — perguntou o primeiro-ministro. — Afinal, é só petróleo.

— Não é só petróleo, pelo menos não para Gabriel. Além disso, você quer ou não quer que ele seja o próximo diretor do Escritório?

— Você sabe que sim, Ari.

— Então deixe-o acertar uma antiga conta com os russos, e você o terá.

— Quem vai falar com Uzi?

— Duvido que ele vá me atender.

E, assim, o primeiro-ministro israelense, agindo sob o comando de Ari Shamron, ligou para o diretor do serviço de inteligência no exterior e ordenou que ele aprovasse uma operação da qual o subordinado não queria nem ouvir falar. Mais tarde, testemunhas afirmariam que houve bate-boca e, segundo boatos, Navot ameaçou renunciar ao cargo. Mas eram apenas boatos mesmo, pois Navot amava ser diretor quase tanto quanto Shamron havia amado um dia.

Como prenúncio do que estava por vir, Navot se recusou a ligar para Gabriel a fim de conceder sua bênção, deixando essa tarefa para um modesto oficial administrativo. Allon recebeu a autorização oficial de operação pouco depois da meia-noite, no horário de Londres, por um telefonema que durou menos de dez segundos. Depois de desligar, ele saiu da embaixada com Keller e partiu pelas ruas londrinas vazias em direção ao Grand Hotel Berkshire.

— E quanto a mim? — perguntou Keller. — Devo ficar aqui ou embarcar no próximo voo para a Córsega?

— Você decide.

— Acho que vou ficar.

— Não vai se arrepender.

- Eu não falo hebraico.
- Isso é bom.
- Por quê?
- Porque poderemos tirar sarro de você e você jamais saberá.
- Como vocês vão me usar?
- Você fala francês como um nativo, tem diversos passaportes

limpos e é muito bom com armas. Tenho certeza de que pensaremos em algo.

- Posso dar um conselho?
- Só um.
- Você vai precisar de um russo.
- Não se preocupe — disse Gabriel. — Eu já tenho um.

A irregular casa tudoriana ficava a 1,5 quilômetro da antiga igreja de Grayswood, à beira do bosque de Knobby Copse. Um deque de madeira levava até ela e grossas cercas vivas a protegiam das vistas. Havia um jardim denso onde se podia refletir profundamente, 8 acres privativos para enfrentar demônios internos, e um lago de pesca onde não se pescava fazia anos. As percas que nadavam em suas águas escuras agora estavam do tamanho de tubarões. O Departamento de Acomodações — divisão do Escritório que adquiria e fazia a manutenção de propriedades seguras — referia-se ao local como lago Ness.

Gabriel e Keller chegaram à casa no dia seguinte, pouco depois do meio-dia, num Land Rover 4x4 providenciado pelo Departamento de Transportes. Na parte de trás do carro, havia duas caixas de aço inoxidável cheias de aparelhos de comunicação criptografada tirados da sala-cofre da embaixada, além de várias sacolas de compras. Depois de encherem a despensa com os mantimentos, retiraram os panos dos móveis, sopraram as teias de aranhas dos cantos e vasculharam a casa de ponta a ponta em busca de escutas. Então, foram para o jardim e pararam à beira do lago. Barbatanas sulcavam a superfície negra.

— Não era uma piada — disse Keller.

— Não.

— Do que elas se alimentam?

— Devoraram um dos meus melhores agentes da última vez que estivemos aqui.

— Aqui tem equipamento de pesca?

— No vestíbulo.

Keller entrou na casa e achou um par de varas encostado em um canto, perto de um remo velho e lascado. Enquanto procurava uma isca, ouviu um baque seco, como o de um galho se quebrando. Ao sair, sentiu o cheiro inconfundível de pólvora no ar. Então, avistou Gabriel subindo o caminho do jardim com a Beretta numa das mãos e um peixe de 60 centímetros na outra.

— Isso me parece muito pouco esportivo — repreendeu Keller.

— Não tenho tempo para esporte. Preciso descobrir uma forma de infiltrar um agente em uma empresa de petróleo russa. E alimentar muitas bocas.

No fim da tarde, enquanto as cercas vivas se fundiam à escuridão e a temperatura caía para um frio cortante, três carros

chegaram à isolada casa tudoriana. Os veículos eram todos de marcas e modelos diferentes, tão distintos quanto os nove agentes que deles saíram, cansados do longo dia de viagem clandestina. Nos corredores e salas de reunião do King Saul Boulevard, eles eram conhecidos pelo codinome Barak — “relâmpago” em hebraico devido a sua capacidade de se reunir e atacar rapidamente. Os americanos, com inveja da inigualável lista de realizações operacionais, chamavam-nos de “a equipe de Deus”.

Chiara entrou na casa primeiro, seguida por duas mulheres. Dina Sarid, pequena e de cabelos escuros, era a maior especialista em terrorismo do Escritório e tinha uma mente analítica brilhante que a tornava útil em qualquer tipo de operação. Lembrando uma modelo do pintor Rubens, alta e com cabelos cor de areia, Rimona Stern havia começado sua carreira na inteligência militar, mas agora fazia parte da unidade do Escritório que cuidava exclusivamente do programa nuclear iraniano. Por acaso, também era sobrinha de Shamron. Aliás, as memórias mais ternas que Gabriel tinha de Rimona eram de uma criança destemida desembestando em um patinete pela ladeira íngreme da casa de seu famoso tio em Tiberíades.

Depois delas, veio uma dupla de agentes de campo versáteis chamados Oded e Mordecai, seguidos por Yaakov Rossman, uma figura rígida de cabelos pretos e rosto marcado por cicatrizes, que havia se especializado em recrutar e manter espões árabes. Também chegou Yossi Gavish, oficial sênior do Departamento de Pesquisas, a divisão de análise do Escritório. Nascido em Londres e educado em Oxford, ainda falava hebraico com sotaque britânico.

Do último carro saíram dois homens — um de meia-idade e outro na flor da vida. O mais velho era ninguém menos do que Eli Lavon: o famoso arqueólogo caçador de bens saqueados no Holocausto e de nazistas criminosos de guerra, além de um verdadeiro artista em termos de vigilância. Como de costume, vestia muitas camadas de roupas que não combinavam. Tinha cabelos ralos que desafiavam qualquer tipo de penteado e olhos vigilantes como os de um terrier. Seus mocassins de camurça não fizeram barulho algum quando ele cruzou o hall de entrada e mergulhou no caloroso abraço de Gabriel. Lavon fazia praticamente tudo em silêncio. Certa vez, Shamron dissera que o lendário espião do Escritório era capaz de desaparecer enquanto dava um aperto de mão.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Gabriel.

— Eu não ficaria de fora por nada neste mundo. Além do mais, seu protagonista disse que não chegaria nem perto dos russos se eu não estivesse na cobertura.

Gabriel olhou para a figura alta parada logo atrás dos ombros miúdos de Lavon. Seu nome era Mikhail Abramov. Magro, de pele

clara, rosto delicado e olhos glaciais, ele fora da Rússia para Israel na adolescência e se juntara à Sayeret Matkal, a unidade de operações especiais das Forças Armadas de Israel. Já descrito por Shamron como um “Gabriel sem consciência”, havia assassinado muitos dos maiores cérebros terroristas do Hamas e do Jihad Islâmico Palestino. Agora, executava missões similares em nome do Escritório, embora seus incontáveis talentos não se restringissem a mexer com armas. Trabalhando com uma agente da CIA chamada Sarah Bancroft, Mikhail se infiltrara no séquito de Ivan Kharkov, iniciando a longa e sangrenta guerra entre o Escritório e o exército privado de Ivan. Se Viktor Orlov não houvesse aberto mão da Ruzoil para o Kremlin, Mikhail teria morrido na Rússia, ao lado de Gabriel e Chiara. Em sua face de porcelana, havia uma cicatriz profunda causada pelo punho de marreta de Ivan.

— Você não precisa fazer isso — disse Gabriel, tocando a cicatriz. — Podemos achar outra pessoa.

— Que outra pessoa? — perguntou Mikhail, olhando em volta.

— Yossi, por exemplo.

— Yossi fala quatro línguas, mas não russo. Poderiam falar em cortar a garganta dele e Yossi acharia que estavam pedindo um frango à Kiev.

Os membros da fantástica equipe de Gabriel já haviam se hospedado naquela casa antes, então instalaram-se em seus antigos quartos sem muita discussão enquanto Chiara ia para a cozinha preparar uma elaborada refeição para o reencontro. O prato principal era a enorme perca, assada em vinho branco e ervas. Gabriel acomodou Keller à sua direita à mesa de jantar, um sinal deliberado de que, pelo menos por ora, o inglês deveria ser tratado como um membro da família. A princípio, os outros ficaram desconfortáveis com sua presença, mas gradualmente se abriram. Na maior parte do jantar, falou-se inglês em respeito a ele. Mas, ao discutirem a última operação, mudaram para o hebraico.

— Do que eles estão falando? — perguntou Keller discretamente a Gabriel.

— Sobre um novo programa de televisão em Israel.

— Você está me dizendo a verdade?

— Não.

O humor deles estava mais sombrio do que de costume, pois o espectro de Ivan Kharkov ainda os assombrava. Ninguém mencionou seu nome durante o jantar. Em vez disso, referiam-se apenas à matsav, a situação. Yossi, profundamente erudito em estudos clássicos e história, servia de guia. Ele via um mundo girando descontroladamente. As promessas da grande Primavera Árabe haviam sido expostas como mentiras, dizia ele, e em breve haveria uma

escalada do islamismo radical, estendendo-se da África Subsaariana até a Ásia Central. Os Estados Unidos estavam quebrados, cansados, e não tinham mais condições de liderar nada. Era possível que essa nova desordem mundial turbulenta produzisse um eixo do século XXI que tivesse à frente China, Irã e, claro, Rússia. Sozinhos, rodeados por um mar de inimigos, estariam Israel e o Escritório.

Ao fim da explicação, todos tiraram os pratos e foram para a sala de estar, onde Gabriel enfim percorreu sobre o motivo para chamá-los à Inglaterra. Eles já sabiam partes da história. Agora, em pé à frente deles, com a lareira a gás queimando atrás de si, Gabriel terminava de pintar o quadro com agilidade. Relatou tudo o que havia acontecido, começando pela busca desesperada por Madeline Hart na França e terminando com o acordo na noite anterior em Hampstead Heath. Apenas um aspecto do caso foi contado fora da ordem cronológica: o breve encontro com Madeline Hart nas horas que precederam sua morte. Ele prometera a Madeline que a traria de volta para casa em segurança. Após o fracasso, pretendia manter sua palavra desfazendo o que havia sido uma operação russa do início ao fim. Para conseguir tal feito, precisariam inserir Mikhail na KGB Óleo e Gás. Depois, achariam evidências de que Madeline Hart fora assassinada para que fosse concretizado o roubo do petróleo do mar do Norte.

— Como? — perguntou Lavon, incrédulo, quando Gabriel terminou de falar. — Por Deus, como vamos colocar Mikhail numa companhia de petróleo pertencente ao Kremlin e administrada pela inteligência russa?

— Nós daremos um jeito — afirmou Gabriel. — Nós sempre damos.

O trabalho começou de fato na manhã seguinte, quando a equipe de Gabriel passou a se embrenhar na Volgatek. No começo, o grosso do material vinha de fontes públicas, como jornais de negócios, comunicados de imprensa e artigos acadêmicos escritos por pessoas especializadas na confusa indústria petroleira russa. Para complementar, Gabriel pediu a ajuda da Unit 1400, a empresa israelense de interceptações eletrônicas. Como esperado, ela descobriu que as redes de computadores e comunicações da Volgatek, baseadas em Moscou, eram protegidas por firewalls de alta qualidade — os mesmos usados pelo Kremlin, pelo Exército russo e pelo SVR. Mais tarde naquele dia, no entanto, a Unit conseguiu invadir os computadores de uma sucursal em Gdansk, onde a companhia possuía uma importante refinaria, que produzia grande parte da gasolina da Polônia. O material foi encaminhado diretamente para a casa segura em Surrey.

Mikhail e Lavon, os únicos membros que falavam russo,

cuidaram da tradução. O primeiro descartou a informação como um tiro n'água, mas Lavon foi mais otimista. Ao derrubar a porta de Gdansk, disse ele, aprenderiam muito sobre o modo como a Volgatek operava além das fronteiras da Mãe Rússia.

Por instinto, abordaram o alvo como se fosse uma organização terrorista. Dina lembrou a eles, desnecessariamente, que a prioridade ao confrontar um novo grupo ou célula terrorista é identificar sua estrutura e os membros-chave. Era tentador focar nos que estavam no topo da cadeia alimentar, mas os gerentes intermediários, mensageiros, hospedeiros e motoristas costumavam provar-se muito mais valiosos no fim. Eles eram desvalorizados, esquecidos, negligenciados. Carregavam mágoas, cultivavam ressentimentos e, muitas vezes, gastavam mais do que recebiam. Dessa forma, era muito mais fácil recrutá-los do que os homens que voavam em jatinhos particulares, tomavam champanhe aos baldes e tinham um harém de prostitutas russas a seu dispor aonde quer que fossem.

No topo da cadeia de organização estava Gennady Lazarev, o ex-cientista nuclear russo que traíra Viktor Orlov. O vice de confiança de Lazarev era Dmitry Bershov e seu chefe de operações na Europa era Alexei Voronin. Ambos eram antigos agentes da KGB, embora Voronin fosse de longe o mais apresentável dos dois. Ele falava várias línguas europeias fluentemente, inclusive o inglês, que havia aprendido quando trabalhava na rezidentura em Londres já no fim da Guerra Fria.

O resto da hierarquia da Volgatek mostrou-se difícil de discernir, com certeza não por acidente. Yaakov comparou o perfil da companhia ao do Escritório. O nome do diretor era público, mas os nomes de seus principais assistentes e as tarefas que desempenhavam eram mantidos em segredo ou escondidos sob camadas de ilusão e falsas informações. Felizmente, o tráfego de e-mails da sucursal de Gdansk permitia que se identificassem vários outros protagonistas da empresa, inclusive o chefe de segurança, Pavel Zhirov. Seu nome não aparecia em nenhum documento da empresa e todas as tentativas de achar uma fotografia sua mostraram-se infrutíferas. Na cadeia de organização da equipe, Zhirov era um homem sem rosto.

Conforme os dias foram se passando, ficou claro que a Volgatek era mais do que apenas petróleo. A companhia fazia parte de um estratagema maior do Kremlin para transformar a Rússia em uma superpotência global de energia, uma espécie de Arábia Saudita euroasiática, e ressuscitar o Império Russo das ruínas da União Soviética. A própria Europa já dependia demais do gás natural da Rússia. A missão da empresa era estender o domínio russo para o mercado europeu de energia por meio da compra de refinarias de petróleo. E agora, graças a Jeremy Fallon, tinha um posto no mar do Norte que renderia bilhões

em lucros para o Kremlin. Sim, a Volgatek baseava-se na avareza dos russos. Mas, acima de tudo, no seu revanchismo.

Como plantar um agente em uma organização como essa? Foi Lavon que achou uma solução possível e a explicou para Gabriel enquanto caminhavam pelo jardim. Depois de adquirir a refinaria em Gdansk, disse ele, a Volgatek havia contratado um polonês para servir de diretor de fachada. Na prática, o polaco nada tinha a ver com o cotidiano operacional: era meramente um enfeite, um buquê de flores designado para amenizar a mágoa dos poloneses ao verem o urso russo devorar um bem econômico crucial. Além disso, explicou Lavon, a Polônia não era o único lugar onde a Volgatek havia contratado ajudantes locais. Ela agira assim também na Hungria, na Lituânia e em Cuba. Nenhum desses gerentes se saiu melhor do que o de Gdansk; foram todos igualmente marginalizados, ignorados e jogados para escanteio.

— São como copinhos de café: usados e descartados — disse Lavon.

— Logo, não têm nenhum acesso ao tipo de informação protegida que estamos procurando.

— É verdade. Mas, se o habitante local contratado por acaso for russo ou de ascendência russa, o comando central da Volgatek talvez o trate com mais carinho, especialmente se for o mais esperto do grupo. Eles se sentiriam tentados a lhe dar responsabilidades reais. Quem sabe? Poderiam até deixá-lo entrar no templo sagrado em Moscou.

— Genial, Eli.

— Sim, é. Mas há um problema sério.

— Qual?

— Como vamos chamar a atenção da Volgatek para ele?

— É fácil.

— Sério mesmo?

— Sim — disse Gabriel, sorrindo. — Sério mesmo.

Naquela noite, Gabriel não participou do jantar. Ele foi à Cheyne Walk, em Chelsea, onde jantou a sós com Viktor Orlov. Seu novo plano não encontrou resistência da parte do russo; na verdade, ele até ofereceu várias sugestões importantes que o aprimoraram. Ao final da refeição, Gabriel lhe entregou um documento-padrão, entregue a todos os indivíduos que não eram do Escritório e participavam de suas operações: impedia Orlov de revelar seu papel no caso e anulava a possibilidade de qualquer recurso legal no caso de haver danos a ele ou a sua empresa. O russo se recusou a assinar. Gabriel não esperava nada menos do que isso.

Depois de deixar a mansão de Orlov, foi de carro até Hampstead e seguiu a pé para a Parliament Hill. Seymour estava

esperando no banco, ladeado pelos dois seguranças, que logo se afastaram, para não escutar a conversa. Gabriel falou da operação que estava prestes a ser executada e do que precisaria em termos de ajuda não oficial dos britânicos. Seymour não pôde deixar de sorrir. Tratava-se de algo pouco ortodoxo, mas assim era a maioria das operações do Escritório, principalmente as concebidas por Gabriel e sua equipe.

— Sabe, pode até ser que funcione — disse o homem do MI5.

— Vai funcionar, Graham. A questão é: você quer que eu vá em frente?

Seymour ficou em silêncio por um instante. Então, se levantou e deu as costas

para as luzes de Londres.

— Traga-me evidências de que os russos estavam por trás do sequestro e do assassinato de Madeline — disse calmamente — e eu me certificarei de que os miseráveis jamais vejam uma gota do nosso petróleo.

— Deixe-me fazer isso por você, Graham. Para que você não...

— Isso é algo que só eu posso fazer. Além do mais, certa vez um homem muito sábio me disse que uma carreira sem escândalos não é uma carreira de verdade.

— Digite meu nome no Google e depois diga se você me acha tão sábio assim.

Seymour sorriu.

— Você não está reconsiderando, está?

— De jeito nenhum.

— Bom garoto. Mas tenha uma coisa em mente.

— O quê?

— Pode ser fácil colocar Mikhail dentro da Volgatek, mas tirá-lo de lá... já é outra história.

Seymour voltou para o lado dos seguranças e sumiu na escuridão. Gabriel permaneceu no banco por mais cinco minutos. Em seguida, andou até seu carro e voltou para a casa à beira do Knobby Copse.

O aprendizado de Mikhail Abramov, futuro empregado da Volgatek, começou às nove da manhã do dia seguinte. Seu primeiro tutor foi ninguém menos do que Viktor Orlov. Apesar das objeções de Gabriel, ele insistira em viajar até Surrey em sua limusine Mercedes Maybach, seguida por um Land Rover repleto de seguranças. O pequeno comboio causou certa comoção em Grayswood e, por boa parte do dia, circularam boatos pelo vilarejo de que o ocupante do carro era o próprio primeiro-ministro. Mas Jonathan Lancaster não estava nem perto de Surrey; naquela manhã, ele fazia campanha em Sheffield. As últimas pesquisas lhe davam uma boa dianteira sobre o candidato da oposição. O analista político mais famoso da Grã-Bretanha agora previa uma vitória esmagadora de proporções históricas.

Orlov voltou à casa segura na manhã seguinte, e ainda na outra. Suas aulas refletiam sua personalidade singular: brilhante, arrogante, cheia de opiniões, condescendente. Ele falava em inglês com Mikhail na maior parte do tempo, fazendo incursões ocasionais no russo que apenas Eli Lavon podia compreender. Às vezes, também misturava as duas línguas em um dialeto bizarro que a equipe apelidou de “rusglês”. Incansável e irritante, era impossível não amá-lo. Orlov em ação era uma força a ser respeitada.

Ele começou suas aulas com uma lição de história: a vida sob o comunismo soviético, a queda de um império, a era sem lei dos oligarcas. Para surpresa de todos, Orlov admitiu que ele e os outros barões ladrões da Rússia haviam semeado a própria destruição ao enriquecerem muito em muito pouco tempo. Dessa forma, eles tinham atraído as circunstâncias que levaram à volta do autoritarismo. O atual presidente da Rússia era um homem sem ideologia ou crença que não o exercício do poder pelo poder.

— É um fascista em tudo menos no nome — disse Orlov. — E fui eu que o criei.

A etapa seguinte da instrução apressada de Mikhail começou no quarto dia, quando ele cursou o que Lavon descreveu como o programa de MBA mais curto da história. Seu professor era de Tel Aviv, mas havia frequentado a Escola de Negócios Wharton e trabalhado por pouco tempo na ExxonMobil antes de retornar para Israel. Por sete longos dias e noites, ensinou a Mikhail o básico de administração de negócios: contabilidade, estatística, marketing,

finanças corporativas, gerenciamento de risco. O russo aprendia rápido — algo nada surpreendente, já que seus pais haviam sido acadêmicos soviéticos proeminentes. Ao final do curso, o professor previu um futuro brilhante para Mikhail, embora não fizesse ideia do que aquele futuro podia reservar. Ele assinou com prazer o termo de confidencialidade de Gabriel e embarcou em um voo de volta para Israel.

Enquanto Mikhail debruçava-se sobre os estudos, o resto da equipe trabalhava com diligência na identidade que o disfarçaria em campo. Eles o construíram como um escritor desenvolve um personagem: ascendência e educação, amores e desamores, triunfos e fracassos. Por muitos dias, não lhes ocorreu um nome, pois deveria caber a um homem que tivesse um pé no Ocidente e outro firmemente enraizado no Leste da Europa. Foi Gabriel quem enfim escolheu o nome Nicholas Avedon, uma distorção inglesa de Nicolai Avdonin. Com a bênção de Graham Seymour, forjaram um passaporte britânico bem viajado e escreveram um longo e detalhado currículo que combinasse.

Quando Mikhail concluiu o curso, eles o levaram a um tour pela vida que nunca vivera. Havia a casa em um subúrbio arborizado de Londres, na qual ele nunca pisara, a faculdade de Oxford onde ele jamais abrira um livro, e os escritórios de uma firma de perfuração em Aberdeen pouco conhecida da qual ele jamais recebera qualquer pagamento. Até o acompanharam num voo para que Mikhail pudesse se lembrar de como é andar pelas ruas de Cambridge em uma tarde fresca de outono, embora ele nunca tivesse ido a Cambridge, nem no outono nem em nenhuma outra estação do ano.

Por fim, só faltava resolver a aparência de Mikhail. Ela deveria ser drasticamente alterada; do contrário, os amigos da Volgatek no SVR poderiam reconhecê-lo da operação passada. Cirurgia plástica não era uma opção; o tempo de cicatrização era muito longo e Mikhail se recusava a deixar qualquer um tocar seu rosto com uma faca. Foi Chiara que concebeu uma solução e a demonstrou para Gabriel em um dos computadores. Na tela estava a fotografia de Mikhail tirada para o passaporte britânico. Ela apertou um único botão e a foto reapareceu com apenas uma mudança.

— Eu mesmo mal o reconheço — disse Gabriel.

— Mas será que de aceita fazer isso'?

— Eu deixarei claro que ele não tem escolha.

Naquela noite, na presença de toda a equipe, Mikhail raspou a cabeça. Yaakov, Oded e Mordecai fizeram o mesmo em um ato de solidariedade, mas Gabriel se recusou. Seu compromisso com a coesão da unidade tinha limite. Na manhã seguinte, as mulheres levaram Mikhail às compras em Londres em uma excursão que deixou o

departamento de contabilidade do King Saul Boulevard de cabelos em pé.

Quando voltaram a Grayswood, encontraram Viktor Orlov, à espera de Mikhail, para fazer uma avaliação final. Ele passou com louvor. Para celebrar, o ex-oligarca abriu várias garrafas de seu querido Château Pétrus. No momento em que ele erguia a taça em homenagem a seu aluno, ouviu-se o estampido seco de uma Beretta silenciada.

— O que foi isso? — perguntou Orlov.

— Acho que teremos peixe no jantar — disse Mikhail.

— Alguém deveria ter me avisado; eu teria trazido um bom Sancerre.

Pouco tempo depois de ter recebido o passaporte britânico, Orlov comprara as ações majoritárias de um jornal que estava prestes a falir, o venerável Financial Journal, de Londres, para chamar a atenção do círculo de pessoas importantes da cidade. Alguns funcionários, incluindo a renomada repórter investigativa Zoe Reed, pediram demissão em protesto, mas a maioria ficou, em parte por não ter aonde ir. Nos termos do acordo de propriedade, Orlov concordara em não ter nenhum tipo de influência sobre a linha editorial do jornal. Ele conseguiu cumprir sua promessa de alguma forma, mesmo desejando usar o jornal como um cassete para bater em seus inimigos do Kremlin.

No entanto, isso não significava que fosse avesso a ligar para os editores e passar dicas de notícias, especialmente se diziam respeito a seu próprio negócio. Assim, três dias mais tarde, uma pequena nota apareceu num canto de página falando sobre a nova contratação de um funcionário pela Viktor Orlov Investimentos Ltda. Orlov veio a confirmá-la num comunicado à imprensa mais tarde naquela manhã, dizendo que um executivo de 35 anos chamado Nicholas Avedon estava prestes a assumir o comando do portfólio de energia da VOI, bem como da mesa de operações de futuros de petróleo. Dentro de minutos, a internet fervilhava com boatos de que Orlov havia escolhido seu sucessor e preparava-se para um afastamento gradual do cotidiano da empresa. À noite, os rumores eram tão intensos que ele se sentiu compelido a fazer uma rara aparição na CNBC para negá-los. Sua atuação foi pouco convincente. Um articulista proeminente disse, inclusive, que ele tinha suscitado muito mais questões do que respondido.

Ninguém nos círculos financeiros de Londres jamais saberia que os boatos da aposentadoria iminente de Orlov haviam sido plantados por uma equipe de homens e mulheres que operavam de uma casa isolada em Surrey. Eles também nunca tomariam conhecimento de que os mesmos rumores tinham sido injetados na

corrente sanguínea da comunidade de negócios de Moscou, ou que haviam alcançado o topo da Volgatek.

Gabriel e sua equipe estavam cientes disso, pois tinham lido um e-mail cáustico de Alexei Voronin, enviado para o responsável pela sucursal em Gdansk. Eli Lavon apresentou a mensagem impressa a Gabriel durante o jantar e traduziu-a, inclusive os trechos que continham linguagem inapropriado. Gabriel reagiu abrindo uma garrafa de Château Pétrus que sobrava e servindo uma taça para cada um da equipe. De modo geral, era um começo promissor. Mikhail agora figurava como o suposto herdeiro de Orlov. E a KGB Óleo e Gás estava observando.

Os escritórios da VOI ocupavam quatro andares de um edifício de escritórios de luxo em Mayfair, não muito longe da embaixada americana. Quando Nicholas Avedon lá chegou na manhã seguinte, logo cedo, todos os altos funcionários da empresa esperavam na sala de conferências principal para recebê-lo. Orlov fez alguns comentários breves, seguidos por uma série de apresentações apressadas, todas desnecessárias, já que Mikhail havia memorizado os nomes e rostos de todos durante sua preparação em Surrey.

Se esperavam que ele fosse entrar aos poucos no trabalho, estavam totalmente enganados. Uma hora após estabelecer-se em seu escritório com vista para a Hanover Square, começou a revisar de cima a baixo os investimentos lucrativos da VOI na área de energia, muito embora já houvesse feito a mesma análise na casa segura, e suas “descobertas inspiradas” houvessem sido escritas para ele por Viktor Orlov. O relatório foi um sinal para o resto dos funcionários de que Nicholas Avedon não estava ali para brincadeiras. Ele havia sido trazido para a VOI com uma finalidade. E pobre do tolo que tentasse cruzar seu caminho.

Seus dias rapidamente entraram em uma rotina rígida. Ele chegava cedo à sua mesa, já tendo lido os jornais financeiros matutinos e checado os mercados asiáticos, passava uma ou duas horas trabalhando em planilhas e gráficos antes de participar da reunião matinal com o alto escalão, que sempre ocorria no espaçoso escritório de Orlov. Ele costumava se manter em silêncio em reuniões numerosas, mas quando decidia falar, seus comentários estabeleciam um novo padrão de brevidade. Na maior parte dos dias, almoçava sozinho. Depois, voltava a trabalhar em sua mesa até as sete ou oito, quando retornava ao amplo apartamento em Maida Vale, alugado para ele por Gabriel. O Departamento de Acomodações alugara um outro menor no prédio do outro lado da rua. Enquanto Mikhail estava em casa, um membro da equipe o vigiava. Durante seu expediente, uma câmera de vídeo de alta resolução, de transmissão segura, mantinha-o sob vigilância.

Descobriram que a Volgatek também o observava. Gabriel e a equipe sabiam disso porque a Unit 1400 enfim conseguira penetrar na rede de computadores da empresa russa e agora liam os e-mails dos altos executivos quase em tempo real. O nome de Nicholas Avedon aparecia com destaque em vários deles — inclusive em um enviado

por Gennady Lazarev a Pavel Zhirov, o chefe de segurança sem rosto da Volgatek, requisitando-lhe que checasse o histórico do novo funcionário da VOI. Avedon era agora uma luz piscante no radar da petroleira. Era hora, disse Gabriel, de fazê-la piscar um pouco mais forte.

Na manhã seguinte, Nicholas apresentou as descobertas de sua análise a Orlov e toda a equipe da VOI. O ex-oligarca declarou-as brilhantes, o que não era surpresa, já que ele mesmo as concebera. Nos dias seguintes, Orlov fez uma série de jogadas financeiras ousadas, todas planejadas muito tempo antes, que alteraram radicalmente a posição da VOI no setor global de energia. Em meio a um turbilhão de entrevistas, usava a expressão “energia para o século XXII e além” e, quando possível, creditava o arquiteto do plano: Nicholas Avedon.

Os investidores de Londres gostavam do jovem protegido de Orlov. E, ao que parecia, a KGB Óleo e Gás também.

Eles haviam demonstrado a competência de Nicholas Avedon. Agora era o momento de revelar quanto Viktor Orlov se tornara dependente dele. Analistas de investimentos e gerentes intermediários existiam aos montes, disse Gabriel.

Gennady Lazarev teria uma única razão para ir atrás de Avedon: acabar com seu antigo mentor e sócio.

E assim começou o que a equipe chamava de “As Peripécias de Viktor e Nicholas”.

Pelas duas semanas seguintes, os dois se tornaram inseparáveis. Almoçavam e jantavam juntos, e toda vez que Viktor aparecia publicamente, Nicholas estava ao seu lado. Ele foi visto diversas vezes saindo da mansão de Orlov na Cheyne Walk tarde da noite e passou um fim de semana descansando na extensa propriedade do patrão em Berkshire, um privilégio que não era dado a nenhum outro empregado.

À medida que a relação dos dois se estreitava, o clima de tensão começou a crescer nos escritórios da VOI em Mayfair. Os outros chefes de departamento não gostavam do fato de Avedon estar presente em reuniões que costumavam ser conduzidas a sós com Orlov — nem de ele ser frequentemente visto cochichando conselhos no ouvido do dono da empresa. Alguns funcionários declararam guerra a ele, mas a maioria entrou no jogo. Avedon era assediado com convites para drinques e jantares depois do trabalho e recusava todos. Viktor, dizia ele, exigia toda a sua atenção.

Em seguida, os dois estenderam as Peripécias a um tour pelo continente. Houve o fórum de negócios em Paris, onde eles foram encantadores. E a reunião de banqueiros suíços em Genebra, onde não erraram nem uma vírgula. E a reunião bastante tensa em Madri com o

CEO de uma empresa de oleodutos pertencente a Orlov que recebera o prazo de seis meses para apresentar lucros sob a ameaça de ficar desempregado — assim como o resto da Espanha.

Por fim, foram a Budapeste, a uma reunião de dirigentes políticos e empresariais dos ditos mercados emergentes do Leste Europeu. A gigante russa de gás, Gazprom, mandou um representante para apaziguar os presentes, assegurando que não havia motivos para se temer uma dependência excessiva da energia russa, pois o Kremlin jamais sonharia em fechar a torneira para impor sua vontade sobre as terras perdidas do antigo império. Naquela noite, em um coquetel de recepção às margens do Danúbio, o homem da Gazprom apresentou-se a Nicholas Avedon e se surpreendeu ao descobrir que ele falava russo com fluência. O executivo da Gazprom ficara claramente impressionado com o que ouvira, pois, poucos minutos depois do encontro, chegou um e-mail à caixa de entrada de Gennady Lazarev. Gabriel e sua equipe leram-no antes mesmo que o russo pudesse ter a chance de abri-lo. Parecia que Mikhail havia entrado no jogo.

— Contratem Avedon — ordenou o homem da Gazprom. — Se não quiserem, nós o contrataremos.

Mas como aproximar os dois lados o bastante para que a relação fosse consumada? Como não tinha o costume de ficar de braços cruzados, Gabriel queria forçar os acontecimentos colocando Mikhail e Lazarev em uma situação de proximidade física, em um lugar onde pudessem ter privacidade para conversar. A oportunidade se apresentou quando a Unit 1400 interceptou um e-mail enviado ao diretor da Volgatek por sua secretária. O assunto era o itinerário de Lazarev por conta do Fórum Mundial de Energia, a reunião bienal da Associação Internacional dos Produtores de Petróleo e Gás. Ao lê-lo, Gabriel sorriu. As Peripécias chegariam a Copenhague. E o Escritório iria junto.

Cinco dias de ansiedade depois, os senhores do petróleo dos quatro cantos do mundo começaram a chegar a Copenhague: havia árabes sauditas e dos emirados, azerbaijanos e cazaques, brasileiros e venezuelanos, americanos e canadenses. Os ativistas contra o aquecimento global estavam previsivelmente chocados com o encontro, e um grupo alegava, de forma histérica, que o carbono emitido pela própria conferência acabaria submergindo uma aldeia em Bangladesh. Os emissários não pareciam notar. Eles chegaram a Copenhague a bordo de jatinhos particulares e suas limusines blindadas rugiam pelas ruas pitorescas da cidade. Talvez um dia o petróleo acabasse e o planeta ficasse quente demais para abrigar vidas humanas. Mas, pelo menos por enquanto, os extratores de combustíveis fósseis ainda reinavam soberanos.

A competição pelos serviços de Copenhague era intensa. Era impossível reservar mesas para jantares e o Hotel d'Angleterre — um prédio branco monumental como um transatlântico de luxo com vista para a ampla Praça Nova do Rei — estava completamente lotado. Orlov e Mikhail chegaram à sua graciosa entrada em meio a uma forte nevasca e foram acompanhados por um gerente a duas suítes vizinhas em um dos andares superiores. A de Mikhail continha uma bandeja de guloseimas dinamarquesas e um Dom Pérignon num balde de gelo. Da última vez que ficara em um hotel a serviço do Escritório, ele havia usado uma garrafa de champanhe para machucar o próprio joelho, em nome de um disfarce. Já nessa nova operação, certamente seu papel exigia que tomasse uma ou duas taças.

No momento em que estava tirando a rolha, ouviu uma discreta batida à porta — algo curioso, pois Mikhail tinha pendurado o aviso de NÃO PERTURBE antes de dar uma generosa gorjeta para o carregador. Abriu a porta devagar e, por cima da trava de segurança, viu um homem de porte médio parado no corredor. Ele vestia um casaco de lã de colarinho alemão, de comprimento mediano, e um chapéu tirolês de feltro. Seu cabelo era grisalho e brilhante, e viam-se olhos castanhos por trás dos óculos. Com a mão direita, segurava uma valise de couro flexível, arranhado e desgastado.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou Mikhail.

— Abrindo a porta — respondeu Gabriel com suavidade.

Mikhail tirou a trava de segurança e deu passagem para Gabriel, fechando a porta imediatamente em seguida. Ao se virar, viu-

o andando lentamente pelo quarto com seu BlackBerry no braço direito esticado.

Depois de um instante, Gabriel meneou a cabeça para indicar que não havia escutas no cômodo. Mikhail foi até o balde de champanhe e se serviu uma taça de Dom Pérignon.

— Quer? — perguntou ele, apontando para Gabriel com a garrafa.

— Não, me dá dor de cabeça.

— Também me dá.

Mikhail sentou no sofá e apoiou os pés sobre a mesinha de centro — um verdadeiro executivo cansado de um longo dia de viagem e reuniões. Gabriel contemplou o quarto suntuoso e balançou a cabeça.

— Fico feliz que Viktor esteja pagando por este lugar. Uzi já está pegando no meu pé por causa dos gastos.

— Diga a Uzi que eu preciso ser mantido no nível a que fiquei acostumado.

— Bom saber que o sucesso não lhe subiu à cabeça.

Mikhail bebeu um pouco de champanhe, mas não respondeu.

— Você precisa raspar.

— Já raspei hoje de manhã — replicou Mikhail, esfregando o queixo.

— Não aí.

Mikhail passou a mão pela cabeça brilhante.

— Sabe, estou me habituando, pensando em adotar esse estilo quando a operação acabar.

— Você está parecendo um alienígena, Mikhail.

— Melhor um alienígena do que um personagem de A noviça rebelde.

Mikhail pegou um pequeno sanduíche de camarão da bandeja e devorou-o de uma só vez.

— Desde quando você come frutos do mar?

— Desde que me tornei um inglês de ascendência russa que trabalha para uma companhia de investimentos pertencente ao oligarca Viktor Orlov.

— Com um pouco de sorte, é apenas um passo em direção a coisas melhores e maiores.

— Inshallah — disse Mikhail, elevando a taça num brinde jocoso. — Meus futuros empregadores já chegaram?

Gabriel examinou o interior da maleta e retirou uma pasta de papel manilha. Dentro, havia três fotografias impressas coloridas, que ele organizou na mesinha de centro na ordem em que foram tiradas. Retratavam três homens descendo as escadas de um jatinho particular e entrando em uma limusine. Tinham sido tiradas de uma distância

considerável por uma câmera com lente objetiva. A neve borrava a imagem.

— Quem tirou essas fotos? — perguntou Mikhail.

— Yossi.

— Como ele conseguiu entrar na pista?

— Ele tem uma credencial de imprensa para o fórum — respondeu Gabriel —, assim como Rimona.

— Para quem estão trabalhando?

— Para um jornal industrial chamado Energy Times.

— Não conheço.

— É novo.

Sorrindo, Mikhail pegou a primeira fotografia, que mostrava as três pessoas descendo a escada do avião em fila indiana. À frente, nada parecido com o matemático livesco que já havia sido, estava Gennady Lazarev. Um passo atrás, vinha Dmitry Bershov, o vice-diretor executivo da Volgatek, e em seguida um homem baixo e atarracado, com o rosto escondido pela aba de um chapéu fedora.

— Quem é ele? — perguntou Mikhail.

— Ainda não conseguimos descobrir.

Mikhail pegou a segunda fotografia, depois a terceira. Em nenhuma delas podia-se ver o rosto do homem.

— Ele é muito bom, não é?

— Então você também reparou — comentou Gabriel.

— Difícil não reparar. Ele sabia onde estavam as câmeras e fez questão de não ser visualizado em nenhuma imagem. — Mikhail deixou as fotos na mesinha de centro. — Por que você acha que ele fez isso?

— Pelo mesmo motivo que eu e você o fazemos.

— Ele trabalha para o Escritório?

— Ele é um profissional, Mikhail. De verdade. Talvez seja um agente aposentado do SVR e aja assim por costume. Mas me parece que está em serviço.

— Onde ele está agora?

— No Hotel Imperial, com os outros dois. Gennady está bastante desapontado com suas acomodações.

— Como você sabe?

— Mordecai e Oded visitaram o quarto uma hora antes do avião da Volgatek aterrissar e deixaram um presentinho sob a mesa de cabeceira.

— Como vocês sabiam qual era o quarto de Lazarev?

— A Unit invadiu o sistema de reservas do Imperial.

— E a porta?

— Mordecai tem uma nova chave-cartão mágica. A porta praticamente abriu por conta própria. — Gabriel guardou as

fotografias na pasta, que por sua vez foi colocada dentro da maleta. — Fique sabendo que Gennady tem falado sobre mais coisas além da qualidade do quarto. Ele está claramente ansioso para conhecer você.

— Alguma ideia de quando ele vai agir?

— Não — disse Gabriel, balançando a cabeça. — Mas espere sutileza.

— Eu o deveria conhecer?

— Só de nome, não de rosto.

— E se ele me abordar?

— Eu sempre acho melhor dar uma de difícil.

— E olha só aonde isso o levou.

Mikhail se serviu mais um pouco de champanhe, mas não disse mais nada.

— Tem algo que queira me dizer? — perguntou Gabriel.

— Acho que lhe devo congratulações.

— Pelo quê?

— Ora, vamos, Gabriel. Não me faça dizer em voz alta.

— Dizer o quê?

— As pessoas falam, Gabriel, principalmente espiões. E o que se anda dizendo no King Saul Boulevard é que você será o próximo diretor.

— Eu ainda não aceitei.

— Não é o que ouvi. Disseram que é um acordo selado.

— Não é.

— Como queira, chefe.

Gabriel suspirou fundo.

— Quanto Uzi sabe?

— No momento em que assumiu o cargo, Uzi soube que era a segunda opção de todos.

— Eu não planejei isso.

— Eu sei. E suspeito que Uzi também saiba. Mas isso não vai facilitar as coisas quando o primeiro-ministro disser que ele não terá um segundo mandato.

Mikhail ergueu a taça contra a luz e observou as bolhas do champanhe subirem até a superfície.

— No que você está pensando? — indagou Gabriel.

— Em quando estávamos em Zurique, naquele pequeno café perto da Parade-platz. Nós estávamos tentando tirar Chiara de Ivan. Você se lembra desse lugar? Você se lembra do que me disse naquela tarde?

— Acredito que eu tenha lhe dito para casar com Sarah Bancroft e deixar o Escritório.

— Você tem uma boa memória.

— Aonde você quer chegar?

— Estava apenas imaginando se você ainda acha que eu deveria deixar o Escritório.

Gabriel hesitou antes de responder:

— Eu não faria isso se fosse você.

— Por que não?

— Porque, se eu me tornar diretor, você tem um futuro brilhante à frente, Mikhail. Muito brilhante.

Mikhail passou a mão pela cabeça.

— Preciso raspar.

— Precisa, mesmo.

— Tem certeza de que não vai beber um pouco de champanhe?

— Me dá dor de cabeça.

— Também me dá — repetiu Mikhail, servindo-se.

Antes de sair da suíte, Gabriel instalou um software do Escritório no celular de Mikhail, que o transformava em um transmissor contínuo e encaminhava todas as chamadas, e-mails e mensagens em tempo real para os computadores da equipe. Então, desceu para o saguão e ficou alguns minutos buscando rostos familiares na multidão de bem lubrificadas homens do petróleo.

Do lado de fora, a tempestade vespertina havia cessado, mas alguns flocos grandes caíam preguiçosamente sob as luzes dos postes. Gabriel se dirigiu para o oeste da cidade por uma sinuosa rua de lojas conhecida como Stroget até alcançar a Rådhuspladsen. Os sinos da torre do relógio soavam seis horas. Ele se sentiu tentado a aparecer no Hotel Imperial, situado a pouca distância da praça, à beira dos Jardins de Tivoli. Em vez disso, caminhou até um prédio residencial despretensioso situado em uma rua de nome pronunciável apenas pelos dinamarqueses. Quando entrou no pequeno apartamento no segundo andar, encontrou Keller e Lavon debruçados sobre um notebook. De seus alto-falantes vinha o som de três homens falando baixo em russo.

— Você já descobriu quem é aquele homem? — perguntou Gabriel.

Lavon balançou a cabeça.

— É curioso, mas esses rapazes da Volgatek não são muito de falar nomes.

— Não diga.

Lavon estava prestes a responder, mas se deteve ao som de uma das vozes, um murmúrio baixo, como se a pessoa estivesse parada diante de uma cova.

— Esse é o nosso cara — informou Lavon. — Ele sempre fala assim. Como se presumisse que alguém está ouvindo.

— E alguém está ouvindo.

Lavon sorriu.

— Mandeí uma amostra da voz dele para o King Saul Boulevard e lhes pedi que a passassem pelos bancos de dados.

— E...?

— Nenhuma correspondência.

— Mande a amostra para Adrian Carter, em Langley.

— E se Carter pedir uma explicação?

— Minta.

Nesse momento, os três executivos russos do petróleo explodiram em uma ruidosa gargalhada. Enquanto Lavon se inclinava para escutar, Gabriel foi lentamente até a janela e examinou a rua. Estava vazia, exceto por uma jovem que caminhava pela calçada nevada. Tinha a pele de alabastro de Madeline, as maçãs do rosto de Madeline. A semelhança era tal que, por um momento, Gabriel sentiu-se compelido a correr até ela. Os russos ainda riam. Certamente, pensou, riam-se dele. Respirou fundo para acalmar o coração retumbante e observou o espectro de Madeline passar abaixo. Então, a escuridão a reivindicou para si e a mulher sumiu.

O fórum se deu no Bella Center, um horrendo centro de convenções de vidro e metal que parecia uma gigantesca estufa vinda do espaço sideral. Um grupo de repórteres estava parado do lado de fora, tremendo, atrás de uma faixa amarela. A maioria dos executivos que chegava tinha o bom senso de ignorar as provocações gritadas por eles, mas não Orlov. Ele parou para responder a uma pergunta sobre o repentino aumento no preço do petróleo ao redor do mundo, do qual havia extraído lucros tremendos, e logo se viu discorrendo sobre assuntos que iam das eleições britânicas até a repressão de movimentos pró-democracia executada pelo Kremlin.

Gabriel e a equipe ouviam cada palavra, pois Mikhail estava parado ao lado de Orlov, à vista das câmeras, segurando o celular. Inclusive, foi Mikhail quem deu um fim à coletiva de imprensa improvisada, segurando na manga do casaco de Orlov e puxando-o em direção à porta aberta do centro de convenções. Mais tarde, uma repórter britânica comentaria o fato dizendo que era a primeira vez que ela via qualquer pessoa — “Qualquer pessoa!” — ousar tocar um dedo que fosse em Viktor Orlov.

Uma vez do lado de dentro, o ex-oligarca agiu como um furacão. Ele foi a todos os debates da manhã, visitou todos os estandes no andar de exposições e apertou cada mão estendida, até de homens que o odiavam.

— Este é Nicholas Avedon — dizia em alto e bom som. — Nicholas é meu braço direito e meu braço esquerdo. É meu norte.

O almoço foi “social” — assim Orlov chamou a refeição sem lugares marcados — e não havia álcool nem carne de porco, em respeito aos muitos delegados muçulmanos. Orlov e Mikhail passaram pelo bufê sem comer nada e prosseguiram para o primeiro debate da tarde, uma discussão sombria sobre as lições aprendidas com o desastroso derramamento de óleo no golfo do México. Gennady Lazarev também estava presente, duas fileiras atrás do ombro direito de Orlov.

— Ele está rondando — Orlov murmurou para Mikhail — como um assassino. É só uma questão de tempo até que saque a arma.

O comentário foi perfeitamente audível no pequeno apartamento da rua de nome impronunciável, e o sentimento expresso era compartilhado por Gabriel e o resto da equipe. Na verdade, graças

à câmera pendurada no pescoço de Yossi, eles tinham as fotografias para comprovar. Durante a manhã, Lazarev manteve uma distância segura. Mas agora, à medida que a tarde avançava, ele se aproximava cada vez mais do alvo.

— É como um jato em circuito de espera — comentou Lavon.

— Ele está só esperando a torre dar a autorização para o pouso.

— Não sei se as condições climáticas irão permitir — respondeu Gabriel.

— Quando você acha que vai haver uma brecha?

— Aqui — respondeu Gabriel, apontando para o último item do cronograma do primeiro dia. — É aqui que o pegaremos.

Isso significava que Gabriel e a equipe seriam forçados a aguentar mais duas horas do que Christopher Keller havia descrito como “blá-blá-blá de petróleo”. Houve um discurso profundamente tedioso de um ministro do governo indiano sobre as necessidades futuras de energia do segundo país mais populoso do mundo. Depois, veio uma fala repreensiva do novo presidente francês sobre taxaço, lucro e responsabilidade social. Por fim, ocorreu um debate extremamente sincero sobre os perigos ambientais da técnica de extração conhecida como fraturamento hidráulico. Não era de se admirar que Gennady Lazarev não estivesse presente. Via de regra, as companhias de petróleo russas viam o meio ambiente como algo a ser explorado, não protegido.

Ao término, os delegados enfileiraram-se nas escadas rolantes para a galeria superior do centro, onde haveria um coquetel de recepção. Lazarev tinha chegado cedo e falava com dois executivos do petróleo iranianos. Orlov e Mikhail pegaram uma taça de champanhe cada e se misturaram a um grupo de brasileiros animados. Orlov estava de costas para Lazarev, que, no entanto, encontrava-se no campo de visão de Mikhail e o viu se separar dos iranianos e começar a andar lentamente até o outro lado da sala.

— Agora pode ser uma boa hora para dar uma volta, Viktor.

— Até onde?

— Até a Finlândia.

Orlov, um hábil ator de coquetel, tirou o telefone do bolso do paletó e levou-o ao ouvido. Franziu a testa, como se não estivesse escutando direito, e se afastou apressado, em busca de um lugar silencioso.

Na ausência de Orlov, Mikhail começou uma séria discussão com um dos brasileiros sobre oportunidades de investimento na América Latina. Mas, dois minutos depois, percebeu que um homem estava parado às suas costas. Sabia disso porque o cheiro forte da colônia dele havia tomado conta do ambiente. Também sabia porque podia ver o brasileiro desviando o olhar a todo momento.

Ao se virar, deparou com o rosto que tinha adornado a parede da casa segura em Grayswood. Seu treinamento e sua experiência lhe permitiram reagir com um olhar vazio e nada mais.

— Perdoe-me pela interrupção — disse o homem em inglês com sotaque russo mas gostaria de me apresentar antes que Viktor volte. Meu nome é Gennady Lazarev. Eu sou da Volgatek Óleo e Gás.

— Eu sou Nicholas — falou Mikhail, apertando a mão estendida. — Nicholas Avedon.

— Eu sei quem você é — afirmou Lazarev com um sorriso. — Na verdade, eu sei tudo o que há para saber sobre você.

A conversa que se seguiu durou um minuto e 27 segundos. A qualidade da captação de áudio era bastante cristalina, sem levar em conta o ruído de fundo do coquetel e um som de bate-estaca que a equipe mais tarde identificou como o coração de Mikhail. O próprio coração de Gabriel batia em ritmo parecido enquanto ele escutava a gravação cinco vezes do início ao fim. Agora, ao apertar PLAY para ouvi-la de novo, parecia que sua pulsação havia sumido.

“Eu sei quem você é. Na verdade, eu sei tudo o que há para saber sobre você.” “Verdade? Por quê?”

“Porque nós temos observado algumas ações que você vem tomando com o portfólio de Viktor e estamos muito impressionados.”

“Nós, quem?”

“A Volgatek, é claro. De quem eu poderia estar falando?”

“O ambiente de negócios da Rússia é bem diferente do ocidental. Pronomes podem ser enganosos.”

“Você é bastante diplomático.”

“Tenho que ser: trabalho para Viktor Orlov.”

“Às vezes parece que é Viktor quem trabalha para você.”

“As aparências enganam, Sr. Lazarev.”

“Então os rumores não são verdadeiros?”

“Que rumores?”

“De que você tomou conta das operações cotidianas de Viktor? De que Viktor não é mais do que um nome e uma gravata extravagante?”

“Viktor ainda é o mestre estrategista. Eu sou apenas quem aperta os botões e aciona as alavancas.”

“Você é bastante leal, Nicholas.”

“Até o fim.”

“Aprecio isso nas pessoas. Eu sou leal também.”

“Só que não a Viktor.”

“Você e Viktor claramente já falaram sobre mim.”

“Apenas uma vez.”

“Imagino que ele não tivesse nada de bom a dizer a meu respeito.”

“Ele disse que você é muito inteligente.”

“Foi um elogio?”

“Não.”

“Viktor e eu tivemos nossas diferenças, não posso negar. Mas isso é passado. Sempre respeitei a opinião dele, especialmente no que diz respeito a pessoas. Ele sempre foi um bom caçador de talentos. Foi por isso que eu quis conhecer você. Tenho uma ideia que gostaria de discutir.”

“Eu direi a Viktor que você deseja falar com ele.”

“Não é uma ideia para Viktor Orlov. É uma ideia para Nicholas Avedon.”

“Eu sou funcionário da Viktor Orlov Investimentos, Sr. Lazarev. Quando o dinheiro de Viktor está envolvido, não existe Nicholas Avedon.”

“Isso não tem nada a ver com o dinheiro de Viktor. É sobre o seu futuro. Gostaria de alguns minutos do seu tempo antes que você deixe Copenhague.” “Temo que minha agenda esteja um pesadelo.”

“Tome meu cartão, Nicholas. Meu celular pessoal está escrito no verso. Prometo que farei seu tempo valer a pena. Não me decepcione. Não gosto de ser desapontado.”

Gabriel apertou o ícone de STOP e olhou para Lavon, que disse:

— Parece que você o pegou.

— Talvez. Ou Gennady é que nos pegou.

— Um encontro não vai doer.

— Pode doer. Na verdade, pode doer bastante.

Gabriel voltou ao início do áudio e apertou PLAY mais uma vez. “Eu sei quem você é. Na verdade, eu sei tudo o que há para saber sobre você”

Ele apertou STOP.

— Figura de linguagem — comentou Lavon. — Nada mais do que isso.

— Você tem certeza disso, Eli? Cem por cento de certeza?

— Tenho certeza de que o sol vai nascer amanhã de manhã e que se porá à noite. E estou razoavelmente confiante de que Mikhail sobreviverá a um drinque com Gennady Lazarev.

— A menos que Gennady sirva ponche de polônio.

Gabriel segurou o mouse, mas Lavon deteve sua mão.

— Viemos a Copenhague para realizar esse encontro. Chegou a hora.

Gabriel pegou o telefone e discou o número do celular de Mikhail. Ele pôde

ouvir pelos alto-falantes do notebook, assim como o som da voz do russo ao atender.

— Amanhã à noite — avisou Gabriel. — Controle o local o

máximo possível. Sem surpresas.

Gabriel desligou e escutou Mikhail telefonar para Lazarev, que atendeu prontamente.

— Fico muito feliz que tenha ligado.

— Como posso ajudá-lo, Sr. Lazarev?

— Jantando comigo amanhã à noite.

— Tenho um compromisso com Viktor.

— Invente uma desculpa.

— Onde?

— Acharei algum lugar fora da rota.

— Não pode ser muito fora da rota, Sr. Lazarev. Não posso ficar longe por mais de uma hora.

— Que tal às sete?

— Sete está bom.

— Mandarei um carro buscá-lo.

— Estou no Hotel d'Angleterre.

— Sim, eu sei — disse Lazarev antes de desligar.

Gabriel mudou a fonte de áudio do celular de Mikhail para o transmissor no quarto de Lazarev, no Imperial.

Os três russos riam descontroladamente. Com certeza, pensou Gabriel, riam dele.

O segundo dia do fórum foi uma reprise desgastada do primeiro. Mikhail permaneceu lealmente ao lado de Orlov durante todo o tempo, com o sorriso exagerado de um homem que está prestes a cometer adultério. No coquetel, mais uma vez agarrou-se à calorosa recepção dos brasileiros. Eles pareceram bem desapontados com sua recusa para juntar-se a eles e farrear pelas boates mais animadas de Copenhague. Ao se despedir, tirou Viktor das garras do ministro do petróleo cazaque e o conduziu para a limusine alugada. Esperou até que estivessem a poucos quarteirões do D'Angleterre para dizer que não tinha ânimo para jantar. Falou num tom de voz alto o bastante para que fosse ouvido por qualquer transmissor dos russos que pudesse estar por perto.

— Qual é o nome dela? — perguntou Orlov, que já sabia dos planos de Mikhail para aquela noite.

— Não é isso, Viktor.

— É o quê, então?

— Estou com uma dor de cabeça avassaladora.

— Espero que não seja nada sério.

— Tenho certeza de que é apenas um tumor cerebral.

Já no quarto, Mikhail fez algumas ligações para Londres, apenas para manter o disfarce e mandou um e-mail malicioso para sua secretária, pretendendo mostrar aos ciberdetetives do Centro Moscovita que também era humano. Então, tomou banho e escolheu as roupas para a noite, algo que se provou mais desafiador do que imaginava. Como alguém se veste para trair o falso empregador ao encontrar-se com executivos de uma companhia de petróleo pertencente e gerida pela inteligência russa? Escolheu um terno simples, cinza soviético, e uma camisa branca com abotoaduras francesas. Dispensou a gravata por medo de parecer demasiado afoito. Além do mais, se a intenção deles fosse matá-lo, não queria usar uma peça que pudesse se tornar uma arma.

Instruído por Gabriel, deixou todas as luzes do quarto acesas e pendurou o sinal de NÃO PERTURBE na maçaneta antes de ir para o elevador. O saguão era um mar de delegados. Ao se dirigir à porta, viu Yossi, o repórter recém-contratado pelo inexistente Energy Times, entrevistando um dos executivos iranianos. Do lado de fora, uma neve granulada caía feito tempestade de areia na Praça Nova do Rei. Um sedã Mercedes Classe E esperava encostado no meio-fio. Ao lado da

porta traseira aberta estava um russo de 2,5 metros que tinha cara de Igor.

— Aonde vamos?— perguntou Mikhail, conforme o carro arrancava em uma guinada.

— Jantar — grunhiu Igor, o motorista.

— Ah — disse Mikhail em voz baixa —, bom saber.

O motorista russo não ouviu o comentário de Mikhail, mas Gabriel, sim. Ele estava ao volante de um sedã Audi, parado em uma rua secundária próxima à entrada do hotel. Keller se achava ao seu lado, com um tablet apoiado nos joelhos. Na tela havia um mapa de Copenhague, e a posição de Mikhail era representada por uma luz azul piscante, que, naquele momento, afastava-se rapidamente da Praça Nova do Rei em direção a uma região da cidade pouco conhecida por seus restaurantes. Gabriel deu partida na ignição sem pressa. Olhou para a luz azul e a seguiu com cautela.

Logo ficou claro que Mikhail e Lazarev não jantariam em Copenhague naquela noite. Isso porque, poucos minutos após deixar o hotel, o grande Mercedes preto se encaminhou para fora da cidade a uma velocidade que sugeria que Igor estava acostumado a dirigir na neve. Gabriel não precisava acompanhar o ritmo alucinado do carro, pois a luz azul no tablet de Keller dizia tudo o que ele precisava saber.

Depois de passar por todos os distritos do sul de Copenhague, a luz entrou na via expressa E20 e seguiu para o sul, rumo à região da Dinamarca conhecida como Zelândia. Quando a rodovia voltou-se para o interior, em direção à antiga cidade mercante de Ringsted, a luz afastou-se dela e foi para a orla marítima. Gabriel e Keller fizeram o mesmo e se viram em uma pequena estrada de duas pistas, ladeada pelas águas negras da baía de Koge à esquerda e pelos campos nevados à direita. Seguiram na via por vários quilômetros até depararem com uma série de casinhas de veraneio agrupadas ao longo de uma praia pedregosa assolada pelo vento, onde a luz enfim parou de se mover.

Gabriel parou no acostamento e aumentou o volume do seu fone. Ouviu a porta do carro se abrindo, passos sobre paralelepípedos cobertos de neve e o ribombar de bate-estaca do coração nervoso de Mikhail.

O chalé estava entre os melhores do local. Tinha uma entrada de carros em forma de U, uma cobertura de telhas vermelhas para automóveis e um jardim com terraço emoldurado por sebes podadas e pequenas e robustas muretas de tijolos. Doze degraus levavam a uma varanda com uma balaustrada branca; duas árvores em vasos postavam-se como sentinelas em cada lado da porta de vidro. Enquanto Mikhail se aproximava, a porta se abriu e Lazarev saiu à varanda para cumprimentá-lo. Vestia um pulôver de gola alta e um

cardigã grosso de estilo nórdico.

— Nicholas! — bradou, como a um parente surdo. — Entre antes que morra de frio. Desculpe-me por arrastá-lo até aqui, mas nunca me senti confortável fazendo negócios sérios em restaurantes e hotéis.

Ele ofereceu a mão a Mikhail e puxou-o para dentro, como se resgatasse um homem que se afogava. Depois de fechar depressa a porta, pegou o casaco de Mikhail e passou um momento admirando cuidadosamente o prêmio que havia conquistado. Apesar do poder e da riqueza, Lazarev ainda parecia um cientista do governo. De óculos arredondados e testa franzida, tinha o ar de um homem que estava eternamente num embate para resolver uma equação.

— Foi difícil escapar de Viktor?

— Nem um pouco — respondeu Mikhail. — Na verdade, acho que ele até ficou feliz de se livrar de mim por algumas horas.

— Vocês parecem se dar muito bem.

— E nós nos damos.

— Mas, ainda assim, você veio — observou Lazarev.

— Senti que devia.

— Por quê?

— Porque, quando um homem como Gennady Lazarev solicita um encontro, é uma boa ideia aceitar.

As palavras de Mikhail obviamente agradavam a Lazarev.

Ficou claro que o russo não era imune a bajulação.

— E você não disse a ele aonde ia?

— Claro que não.

— Muito bem. — Lazarev apertou o ombro de Mikhail com a mão delicada. — Venha tomar um drinque. Conhecer o resto do pessoal.

Lazarev acompanhou Mikhail até uma grande sala com janelas para o mar. Dois homens aguardavam em meio ao tipo de silêncio desconfortável que se segue a uma briga. Um deles servia um drinque no carrinho de bebidas; o outro se aquecia em frente à lareira. O primeiro tinha uma barba espessa por fazer e o cabelo escuro e ralo penteado bem para trás. Mikhail não pôde ver muito do homem à lareira, pois ele estava virado de costas para a sala.

— Este é Dmitry Bershov — disse Lazarev, apontando para o homem junto ao carrinho. — Tenho certeza de que já ouviu falar dele. Dmitry é meu número dois.

— Sim, é claro — falou Mikhail, apertando a mão do vice. — Prazer em conhecê-lo.

— Igualmente — entooou Bershov.

— E aquele homem ali — continuou Lazarev, indicando a figura à lareira — é Pavel Zhirov. Ele lida com a segurança

corporativa e com qualquer outro trabalho sujo que for necessário. Não é mesmo, Pavel?

O homem se voltou devagar até encarar diretamente Mikhail. Vestia um suéter preto de lã e calças cinza-carvão. Com um cabelo louro grisalho e curto, tinha um rosto angular dominado por uma boca pequena de aspecto cruel. No mesmo instante, Mikhail percebeu que já tinha visto aquele rosto em uma fotografia de um almoço realizado na Córsega poucas horas antes do desaparecimento de Madeline. Agora o rosto se aproximava em meio à luz do fogo, esboçando algo parecido com um sorriso.

— Nós nos conhecemos? — perguntou Zhirov, apertando a mão de Mikhail.

— Acredito que não.

— Você me é familiar.

— Ouço isso com frequência.

O sorriso se esvaiu, os olhos se estreitaram.

— Você trouxe um telefone?

— Eu tomo banho com ele.

— Você se importaria em desligá-lo, por favor?

— É mesmo necessário?

— Sim. E tire a bateria também. Todo cuidado é pouco nos dias de hoje.

Trinta segundos depois, a luz azul no tablet havia se apagado. Gabriel removeu o fone de ouvido e franziu a testa.

— O que aconteceu? — perguntou Keller.

— Mikhail foi para o lado escuro da Lua.

— O que isso significa?

Gabriel explicou. Então, tirou o celular do bolso do casaco e ligou para Lavon no apartamento seguro. Eles conversaram por poucos segundos em um hebraico conciso e operacional.

— O que está acontecendo? — perguntou Keller depois que Gabriel encerrou a ligação.

— Dois capangas do SVR da rezidentura de Copenhague estão vasculhando o quarto de Mikhail no D'Angleterre.

— E isso é bom?

— Isso é muito bom.

— Tem certeza?

— Não.

Gabriel guardou o celular e olhou pela janela, para as ondas impulsionadas pelo vento que banhavam a praia congelada. A espera, pensou. Sempre a espera.

Uma mesa fora posta com um suntuoso banquete russo. A origem da comida era incerta, pois, aparentemente, não havia mais ninguém ali além dos três executivos. Mikhail se perguntou como teriam arranjado aquela propriedade em tão pouco tempo. Não tinham arranjado, é claro. Com certeza era uma casa segura da Volgatek. Ou do SVR. Aliás, talvez essa distinção fosse desnecessária.

Por ora, a comida servia apenas de decoração. Mikhail recebera uma bebida — vodca, obviamente — e fora acomodado em uma cadeira de honra, com uma bela vista para o mar negro. Bershov, o atleta da companhia, percorria o perímetro da sala com o vagar determinado de um homem prestes a entrar no ringue. Zhironov, o guardião dos segredos da Volgatek, sequestrador de Madeline, fitava o teto, como se calculasse quanta corda seria necessária para enforcar Mikhail. Por fim, pousou seu olhar duro em Lazarev, que havia tomado posse do lugar à lareira e contemplava as chamas. Ele ponderava sobre a questão feita por Mikhail no instante anterior:

— O que estou fazendo aqui?

— O que você está fazendo aqui? — respondeu o russo, afinal.

— Eu vim porque você me convidou.

— Você costuma aceitar encontros com os inimigos do homem que assina seu contracheque?

Lazarev virou-se vagarosamente.

— Então é disso que se trata? — Mikhail perguntou um pouco depois. — Você está me recrutando para espionar Viktor?

— Você parece familiarizado com a linguagem de espionagem, Nicholas.

— Eu leio livros.

— Que tipo de livros?

Mikhail largou sua bebida.

— Isso está começando a parecer muito com um interrogatório — disse calmamente. — Se você não se importa, gostaria de voltar para o meu hotel.

— Isso seria um erro da sua parte.

— Por quê?

— Porque você ainda não ouviu minha oferta.

Sorrindo, Lazarev pegou a bebida intocada de Mikhail e levou-a até o carrinho para ser renovada. O falso Avedon olhou para Zhironov

e retribuiu seu olhar inexpressivo. Internamente, no entanto, visualizava, no lugar das roupas de lã escura, a exuberante roupa de verão que ele usava no almoço no Les Palmiers, em Calvi. Quando sua bebida reapareceu, Mikhail apagou a imagem da mente como giz de uma lousa e olhou apenas para Lazarev, que tinha a testa franzida, como se debatesse com uma equação sem solução possível.

— Você se importa se continuarmos a nossa conversa em russo? — perguntou.

— Receio que o meu conhecimento de russo seja bom apenas para me comunicar em restaurantes e táxis.

— Fontes confiáveis me dizem que seu russo é bem bom.

Fluente, até.

— Quem lhe disse isso?

— Um amigo da Gazprom — respondeu Lazarev com sinceridade. — Ele falou brevemente com você em Praga, durante sua estadia com Viktor.

— As notícias voam.

— Receio que não haja segredos em Moscou, Nicholas.

— É o que dizem.

— Você estudou russo na escola?

— Não.

— Então deve ter aprendido em casa.

— Provavelmente.

— Seus pais são russos?

— E meus avós também — completou Mikhail.

— Como foram parar na Inglaterra?

— Do jeito de sempre.

— O que isso significa?

— Eles saíram da Rússia após a queda do czar e se estabeleceram em Paris. Depois, foram para Londres.

— Seus ancestrais eram burgueses?

— Não eram bolcheviques, se é isso que está perguntando.

— Suponho que seja.

Mikhail pareceu pesar suas próximas palavras com cuidado.

— Meu bisavô era um homem de negócios moderadamente bem-sucedido que não queria viver sob o comunismo.

— Qual era o nome dele?

— O nome da família era Avdonin, que ele acabou mudando para Avedon.

— Então o seu nome real é Nikita Avdonin.

— Nicolai.

— Posso chamá-lo de Nicolai?

— Se desejar.

— Você já foi a Moscou? — perguntou Lazarev, passando ao

russo.

— Não — respondeu Mikhail na mesma língua.

— Por que não?

— Nunca tive motivo.

— Você não tem curiosidade de saber de onde veio?

— A Inglaterra é o meu lar. A Rússia é a terra de onde a minha família fugiu.

— Você se opunha à União Soviética?

— Eu era jovem demais para me opor.

— E nosso governo atual?

— O que tem ele?

— Você partilha da opinião de Viktor Orlov de que nosso presidente é um cleptocrata autoritário?

— Talvez você se surpreenda, Sr. Lazarev, mas Viktor e eu não falamos sobre política.

— De fato isso me surpreende.

Mikhail ficou em silêncio. Lazarev deixou passar o assunto. Seu olhar moveu-se de Bershov para Zhirov antes de repousar sobre Mikhail novamente.

— Presumo que você tenha lido sobre o acordo de licenciamento que fechamos com o governo britânico que vai nos permitir conduzir perfurações no mar do Norte — falou Lazarev, voltando ao inglês.

— Duas áreas recém-descobertas nas Ilhas Ocidentais — disse Mikhail, como se estivesse lendo um prospecto. — Produção prevista em campo maduro de cem mil barris por dia.

— Muito impressionante.

— É o meu trabalho, Sr. Lazarev.

— Na verdade é o meu trabalho. — Lazarev fez uma pausa. — Mas eu gostaria que você tomasse conta dele para mim.

— O projeto das Ilhas Ocidentais?

Lazarev assentiu.

— Sinto muito, Sr. Lazarev — falou Mikhail educadamente —, mas não sou gerente de projetos.

— Você fez um trabalho similar no mar do Norte para a petroleira KBS.

— E é por isso que não quero fazê-lo de novo. Além do mais, já sou contratado de Viktor. — Mikhail se levantou. — Desculpe-me por não ficar para o jantar, Sr. Lazarev, mas eu realmente preciso voltar.

— Mas você ainda nem ouviu o resto da minha proposta.

— Se for igual à primeira parte, não estou interessado — retrucou Mikhail.

Lazarev nem pareceu ouvir a resposta:

— Como você sabe, Nicolai, a Volgatek está expandindo suas

operações na Europa e em outros lugares. Se quisermos ter sucesso nessa iniciativa, vamos precisar de pessoas talentosas como você. Pessoas que entendam o Ocidente e a Rússia.

— Isso seria uma oferta?

Lazarev se aproximou e pousou com determinação as mãos nos ombros de Mikhail. Como se não houvesse mais ninguém na sala, prosseguiu:

— As Ilhas Ocidentais são apenas o começo. Quero que me ajude a construir uma petrolífera com alcance realmente global. Vou torná-lo rico, Nicolai Avdonin, rico como você jamais sonhou ser.

— Minha vida já é bastante confortável.

— Se bem conheço o Viktor, ele está lhe pagando com os trocados do bolso. — Lazarev sorriu e apertou os ombros de Mikhail.

— Venha para a Volgatek, Nicolai. Volte para casa.

O lado sul da baía de Koge não é o tipo de lugar onde dois homens possam conversar longamente dentro de um carro estacionado sem serem notados, então Gabriel e Keller dirigiram até a cidade mais próxima e sentaram-se em um pequeno e acolhedor restaurante, que servia uma mistura pouco apetitosa de pratos italianos e chineses. Keller comeu pelos dois, enquanto Gabriel tomava apenas um chá preto. Seu fone de ouvido permanecia silencioso e ele visualizava Mikhail sendo escoltado para a morte através de um bosque de bétulas nevado. Por duas vezes, o receio e a frustração impeliram-no a levantar-se, e por duas vezes Keller o mandou sentar e esperar:

— Você fez o seu trabalho — disse calmamente, com um falso sorriso operacional estampado no rosto bronzeado. — Deixe as coisas tomarem o seu rumo.

Por fim, uma hora e 33 minutos após Mikhail ter entrado na casa à beira-mar, Gabriel escutou um áspero estalido eletrônico, seguido pelo rugido do vento, o mesmo que chacoalhava os vidros da janela congelada a poucos centímetros de seu rosto. Bastante aliviado, ele pôde ouvir Mikhail dizer, com a voz debilitada pelo frio:

— Eu vou pensar em sua proposta, Gennady. De verdade, vou pensar.

— Não pense demais, Nicolai: minha oferta tem um prazo.

— Quanto tempo eu tenho?

— Gostaria de saber em uma semana. Caso contrário, terei de tomar outra direção.

— E se eu disser sim?

— Vamos levá-lo a Moscou por alguns dias, para que você conheça o restante da equipe. Se ela também gostar de você, passaremos à fase seguinte. Senão, você permanecerá com Viktor e fingirá que nada disso ocorreu.

— Por que Moscou?

- Você tem receio de ir a Moscou, Nicolai?
- É claro que não.
- E nem deveria ter. Pavel vai cuidar muito bem de você.

Essas foram as últimas palavras trocadas pelos dois. Depois, uma porta foi fechada, deram partida num carro e o ponto de luz azul voltou a se mover através da tela do tablet. Enquanto o sinal se aproximava das coordenadas do restaurante onde estavam, Gabriel levantou a cabeça e viu o grande Mercedes preto passar, levantando um torvelinho de neve. Mikhail sobrevivera. Agora, tudo o que tinham a fazer era retirá-lo do mar e trazê-lo para casa.

A viagem de volta a Copenhague durou 45 minutos; foi bem tediosa, pois nada de mais aconteceu. Gabriel deixou Keller dirigir para poder focar seu considerável poder de concentração no áudio transmitido pelo fone de ouvido. Não havia outros sons além do rumor aveludado do motor do Mercedes e umas batidinhas monótonas. A princípio, Gabriel achou que havia algo sob o automóvel, mas logo percebeu que Mikhail estava tamborilando sobre o descanso de braço, o que sempre fazia quando estava ansioso.

No entanto, ao sair do carro no Hotel d'Angleterre, ele parecia um homem sem uma preocupação sequer na vida. Ao entrar no saguão, encontrou os brasileiros bebendo no bar e decidiu juntar-se a eles para um merecido drinque de final de noite. Depois disso, rumou para o quarto, que não tinha nenhuma evidência da busca altamente profissional executada durante sua ausência. Até mesmo o notebook, objeto de uma completa revista digital, estava exatamente onde fora deixado. Mikhail utilizou-o para redigir um alerta rápido para a equipe, cuja cópia impressa Lavon tinha nas mãos quando Gabriel e Keller retornaram ao apartamento seguro na rua com nome impronunciável.

— Você conseguiu, Gabriel. Você o pegou.

— Peguei quem?

Com um sorriso, Lavon respondeu;

— Paul. Pavel Zhirov, da Volgatek Óleo e Gás, é Paul.

O desentendimento que se seguiu foi um dos mais sérios na longa história da equipe, embora tenha se desenrolado tão discretamente que Keller mal o percebeu. De forma incomum, o grupo se dividiu em dois, e Yaakov assumiu o controle da facção rebelde. Seu argumento era simples e defendido com fervor. A missão havia sido conduzida com um objetivo: encontrar uma prova de que os russos tinham sequestrado Madeline como parte de uma conspiração para ter acesso ao petróleo britânico. Agora a prova estava em seu quarto no Hotel Imperial na forma de Pavel Zhirov, chefe de segurança da Volgatek e um autêntico facínora da Central Moscovita. Segundo Yaakov, não havia o que fazer senão capturá-lo de imediato.

De outra forma, Zhirov escaparia para sempre do alcance da equipe.

Infelizmente para Yaakov, o líder da facção oposta era ninguém menos que o futuro diretor, Gabriel Allon. Ele expôs com calma todas as razões pelas quais Zhirov deixaria Copenhague pela manhã como estava programado. Não havia tempo para planejar ou ensaiar adequadamente uma operação dessas; além disso, não haveria uma oportunidade para a captura limpa de Zhirov que se encaixasse em qualquer um dos critérios do Escritório. Gabriel lembrou que operações-relâmpago são sempre arriscadas, mas uma sem planejamento é a receita certa para um desastre com o qual o Escritório não poderia arcar agora. Zhirov estava livre para ir e, se necessário, o Escritório até carregaria sua bagagem.

E assim foi que, às dez da manhã do dia seguinte, Pavel Zhirov, vulgo Paul, deixou o Hotel Imperial acompanhado por Lazarev e Bershov. Os três entraram em uma limusine com chofer que os levou ao aeroporto de Copenhague, onde embarcaram num avião particular para Moscou. Yossi ainda tirou uma foto do embarque para um jornal que não existia e, depois, tomou um avião para Londres. No fim daquela tarde, Gabriel já estava rodeado dos outros membros da equipe na casa segura de Grayswood. Nicolai Avdonin disse que estava indo à cidade dos hereges para uma entrevista de emprego, e o grupo iria com ele.

A intimação chegou pelo link seguro no fim da tarde seguinte. Gabriel até a % pensou em ignorá-la, mas a mensagem deixou claro que o seu não com— parecimento implicaria a imediata revogação da licença operacional. Assim, às seis horas, ele se dirigiu ao centro de Londres e se esgueirou pela entrada dos fundos da embaixada israelense. O chefe de posto, um carreirista experimentado chamado Natan, esperava-o tenso no saguão. Ele acompanhou Gabriel ao andar inferior, até o Santo dos Santos, e logo foi embora, como se temesse ser atingido por estilhaços. A câmara estava vazia, mas sobre a mesa havia uma travessa com pequenos sanduíches e biscoitos vienenses amanteigados, além de uma garrafa de água mineral, que Gabriel tratou de guardar dentro de um armário. Era a força do hábito, já que a doutrina do Escritório pregava que um encontro potencialmente hostil deveria ser realizado num ambiente isento de objetos que pudessem ser usados como arma.

Após vinte minutos, apareceu um homem com físico de praticante de luta livre. Vestia um terno escuro que parecia um número menor do que o ideal, além de uma camisa social de colarinho alto que dava a impressão de que sua cabeça fora aparafusada nos ombros. Os cabelos já haviam sido louro-avermelhados, mas agora tinham mechas brancas e eram cortados curtos para ocultar o fato de que caíam num ritmo alarmante. Ele observou Gabriel por um momento através dos óculos estreitos, como se decidindo se iria matá-lo imediatamente ou apenas ao nascer do dia. Por fim, foi até a travessa e balançou devagar a cabeça.

— Você acha que meus inimigos sabem?

— Sabem o quê, Uzi?

— Que eu não consigo resistir a comida. Especialmente a isto — acrescentou Navot, apanhando um biscoito. — Suponho que seja genético. O que meu avô mais amava era biscoito amanteigado e uma boa xícara de café vienense.

— Bom, é melhor ter um problema com doces do que com jogo ou mulheres.

— Falar é fácil — replicou Navot, ressentido. — Você é como Shamron: não tem fraquezas. É incorruptível. — Ele fez uma pausa. — Você é perfeito.

Gabriel percebeu a direção que a conversa estava tomando. Permaneceu em silêncio enquanto Navot olhava para o biscoito na

mão como se aquilo fosse a fonte de todos os seus problemas. Por fim, ele falou:

— Suponho que você tenha uma fraqueza: sempre deixou os sentimentos influírem em suas decisões. Terá que se livrar dessa tendência quando se tornar diretor.

— Não se trata de sentimentos, Uzi.

Navot deu um sorriso artificial.

— Então você não nega que Shamron lhe falou sobre ser o próximo diretor?

— Não, Navot. Eu não nego.

Navot já mal fingia sorrir.

— Você tem outra fraqueza, Gabriel: você é honesto. Honesto demais para ser espião.

Navot sentou e pousou os braços maciços sobre a mesa. O tempo pareceu acomodar-se sob o peso. Observando-o, Gabriel recordou uma desagradável tarde muitos anos antes, quando formara uma dupla com Navot em um treinamento de assassinato silencioso. Gabriel perdera a conta de quantas vezes morrera naquele dia.

— Quanto tempo eu tenho? — perguntou Navot.

— Por favor, Uzi, não precisamos conversar sobre isso.

— Por que não?

— Porque não vai ser bom para nenhum de nós.

— Então você se sente culpado.

— De jeito nenhum.

— Há quanto tempo você planeja tomar meu cargo?

— Ora, Uzi, você me conhece muito bem.

— Eu achava que conhecia.

Navot afastou a travessa e olhou em torno da sala.

— Será que custava eles terem deixado ao menos uma garrafa de água para mim?

— Eu a tranquei no armário.

— Por quê?

— Porque eu não queria que você me batesse com ela.

Navot segurou-lhe o cotovelo e o apertou, fazendo a mão de Gabriel ficar dormiente no mesmo instante.

— Pegue-a para mim. É o mínimo que você pode fazer.

Gabriel lhe entregou a garrafa. A raiva de Navot parecia ter se atenuado, mas só um pouco. Ele desenroscou a tampa de alumínio usando apenas o polegar e o indicador e pôs a água com gás num copo de plástico transparente, sem oferecer para Gabriel.

— O que eu fiz para merecer isso? — começou a falar, mais para si mesmo do que para Gabriel. — Eu fui um bom diretor, realmente bom. Conduzi os assuntos do Escritório com dignidade e mantive meu país fora de qualquer problema maior com outras

nações. Consegui deter o programa nuclear iraniano? Não, não consegui. Mas também não nos meti em nenhuma guerra catastrófica. É esse o papel primordial do diretor: assegurar que um primeiro-ministro mal orientado não arraste o país para um conflito desnecessário. Você vai aprender isso assim que sentar na minha cadeira.

Como Gabriel não respondeu, Navot resolutamente bebeu mais de sua água, como se fosse a última garrafa na terra. Sobre uma coisa ele estava certo: de fato havia sido um bom chefe. Porém, para seu infortúnio, todos os sucessos sob sua gestão foram obra de Gabriel.

— Há outra coisa que você logo vai aprender — voltou a falar Navot. — É bem difícil comandar um serviço de inteligência com Shamron espiando por cima do ombro.

— O serviço é obra de Shamron. Ele o construiu do nada e o transformou no que é hoje em dia.

— O velho é apenas isso: um velho. O mundo mudou desde que Shamron era o diretor.

— Uzi, você não pensa mesmo assim.

— Perdoe-me, Gabriel, mas no momento não estou especialmente inclinado a simpatizar com Shamron. E nem com você, para falar a verdade.

Navot mergulhou num silêncio mal-humorado. Ao espiar através das paredes de vidro à prova de som, o chefe de posto Natan viu dois homens se fuzilando com o olhar e resolveu voltar a seu bunker.

— Quanto tempo eu tenho? — perguntou Navot.

— Uzi...

— Vão ao menos me deixar terminar o meu mandato?

— É claro que sim.

— Não queira fazer parecer a coisa mais óbvia do mundo, Gabriel. Da maneira que vejo agora, nada parece assim tão óbvio.

— Você foi um ótimo diretor, Uzi. O melhor desde Shamron.

— E qual é minha recompensa? Ser descartado e afastado antes do tempo. Sim, porque é claro que ninguém vai admitir um ex-diretor no King Saul Boulevard.

— E por que não?

— Porque é algo sem precedentes.

— Nada disso tem precedentes, Uzi.

— Desculpe-me, Gabriel, mas não vou querer que minha carreira termine como um caso de caridade.

— Você não deve se depreciar assim, Uzi.

— Parece minha mãe falando.

— Como está ela?

— Bem em alguns dias, mal em outros.

— Algo que eu possa fazer?

— Vá visitá-la na próxima vez em que estiver na cidade. Ela sempre o adorou, Gabriel. Todo mundo adora você. — Navot pegou um biscoito amanteigado. Depois mais outro. Limpando as migalhas dos dedos grossos, prosseguiu: — Pelos meus cálculos, ainda tenho catorze meses como diretor, logo é minha a decisão de mandar ou não alguns de nossos melhores agentes à cidade mais perigosa do mundo.

— Você me deu autorização para conduzir a missão.

— Na ocasião, havia um revólver apontado para a minha cabeça.

— O revólver ainda está lá.

— É, eu sei, por isso jamais sonharia em abortar sumariamente o seu pequeno plano. Em vez disso, vou apenas pedir que respire fundo e retome o juízo.

Ao receber apenas silêncio como resposta, Navot se inclinou sobre a mesa e olhou nos olhos de Gabriel. Seu rosto já não apresentava qualquer sinal de raiva.

— Você lembra como foi a última vez em que estivemos em Moscou, Gabriel, ou conseguiu apagar de sua memória?

— Eu me lembro de tudo, Uzi.

— Eu também — comentou Navot, com uma voz distante. — Foi o pior dia da minha vida.

— Da minha também.

Navot franziu a testa, confuso.

— Então por que, em nome de Deus, você quer voltar lá?

Navot retirou os óculos com um ar pensativo e massageou a ponte do nariz, que estava marcada. Os óculos, assim como tudo mais que ele estava usando, tinham sido escolhidos por Bella, sua exigente esposa. Ela havia trabalhado brevemente como analista no posto do Escritório na Síria e adorava o status de esposa do diretor. Gabriel sempre suspeitara que sua influência se estendia para bem além do guarda-roupa do marido.

— Acabou — disse Navot por fim. — Você o derrotou. Você venceu.

— Venci quem?

— Ivan.

— Isso não tem nada a ver com Ivan.

— É claro que tem. Se você não consegue perceber isso, talvez nem esteja preparado para conduzir essa operação, afinal.

— Então cancele minha licença.

— Eu adoraria. Se eu o fizer, entretanto, vou começar uma guerra que simplesmente não posso vencer. — Navot voltou a pôr os óculos e deu um breve sorriso. — Essa é outra coisa que você vai precisar aprender quando for o chefe: escolher as batalhas com

cuidado.

— Foi exatamente o que eu fiz.

— Como eu ainda estarei na chefia por catorze meses, faça a cortesia de me descrever o seu plano em linhas gerais.

— Vou trazer Pavel Zhiron para uma conversa privada. Ele vai me contar por que sequestrou e assassinou uma jovem inocente em nome dos interesses da Volgatek. E vai confessar que a empresa não é nada mais que uma fachada para a KGB. Então, vou reduzi-los a cinzas, Uzi. Vou provar de uma vez por todas ao mundo civilizado que a atual corja que está no Kremlin não é muito melhor do que seus antigos ocupantes.

— Vou contar um segredinho, Gabriel: o mundo civilizado já sabe de tudo isso, e ninguém está dando a mínima. A verdade é que estão todos tão falidos e apavorados com o futuro que são até capazes de permitir que os mulás realizem seus sonhos nucleares.

Gabriel permaneceu em silêncio. Navot suspirou fundo, resignado.

— Uma confissão? É disso que você está falando?

— Gravada. Exatamente como a que ele forçou Madeline a fazer, antes de matá-la.

— E se ele não falar?

— Todo mundo fala, Uzi.

— O que você vai fazer com o Keller?

— Ele vai comigo.

— Ele é um assassino profissional que tentou matar você.

— São águas passadas. Além disso, preciso de um pouco mais de força bruta na equipe.

— Do que mais você precisa?

— Passaportes, vistos, passagens, acomodações... o de sempre, Uzi. E nossa base em Moscou deve colocar Pavel Zhiron imediatamente sob vigilância em tempo integral.

— Isso é tudo?

— Não. Preciso de você, também.

Navot ficou em silêncio.

— Eu não pedi que fosse assim, Uzi.

— Sim, eu sei. Mas isso não torna as coisas mais fáceis.

Já era quase meia-noite quando Gabriel voltou à casa segura em Grayswood. Entrando no quarto que dividia com Chiara, viu-a sentada na cama, com uma xícara de chá de ervas sobre o criado-mudo e uma pilha de revistas no colo. Tinha os cabelos arranjados em um coque descuidado que deixava várias madeixas soltas e estava usando os óculos novos de grife que solicitara para ler. Chiara se incomodava um pouco com o novo adereço, mas, em segredo, Gabriel apreciava o leve enfraquecimento de sua visão. Pelo menos isso lhe

dava esperanças de que, algum dia, ela viesse a parecer menos com uma filha e mais como sua esposa.

— E então, como foi? — perguntou ela, sem erguer os olhos.

— Com repouso e reabilitação adequada, acho que ainda recuperarei parcialmente os movimentos da minha mão esquerda.

— Foi tão ruim assim?

— Ele está furioso, e não o culpo.

Gabriel tirou o casaco e o jogou sobre o espaldar de uma cadeira. Chiara revirou os olhos em desaprovação, depois lambeu a ponta do dedo para virar a página da revista.

— Ele vai superar — disse casualmente.

— Esse não é o tipo de coisa que se supera, Chiara. Não teria chegado a esse ponto se você e Shamron não houvessem tramado pelas minhas costas.

— Não foi assim que aconteceu, querido.

— E como foi, exatamente?

— Shamron veio me visitar quando você estava na França procurando Madeline. Ele disse que ia pressionar você uma última vez para que aceitasse o cargo de diretor, e que desejava minha aprovação.

— Bem simpático da parte dele.

— Não fique bravo, Gabriel. É o que ele quer. — Chiara fez uma pausa. — E o que eu quero, também.

— Você? — perguntou Gabriel, surpreso. — Tem ideia de como vai ser depois que eu prestar o juramento?

— Estamos vivendo no quarto de uma casa segura que compartilhamos com oito pessoas, incluindo um homem que já tentou matá-lo. Acho que consigo lidar com seu posto de chefia.

Gabriel foi até a cama e começou a folhear as revistas que agora estavam ao lado de Chiara. Uma delas era voltada para mulheres grávidas e Gabriel a ergueu, perguntando:

— Você tem alguma coisa para me contar?

Chiara arrancou a revista da mão de Gabriel. Inclinando a cabeça um pouco para o lado e apoiando o queixo na mão, ele a observou atentamente por um momento.

— Não me olhe assim — pediu ela.

— Assim como?

— Como se eu fosse uma pintura.

— Não dá para evitar.

Chiara sorriu.

— Em que você está pensando?

— Estou pensando em como queria estar sozinho com você, e não dividindo uma casa com oito pessoas.

— Incluindo um sujeito que já tentou matá-lo. Mas em que

você está realmente pensando?

— Por que você não me pediu para não ir a Moscou?

— Eu me faço a mesma pergunta.

— E então, por quê?

— Porque eles a trancaram num carro e a mataram queimada.

— Não há nenhuma outra razão?

— Nenhuma — respondeu Chiara. — E, caso você esteja imaginando se eu quero ir a Moscou com a equipe, a resposta é “não”. Eu não saberia me virar por lá. Acabaria cometendo algum erro.

Gabriel subiu na cama e pousou a cabeça sobre o ventre de Chiara.

— Você não vai tirar as roupas? — perguntou ela.

— Estou muito cansado.

— Importa-se se eu ler um pouco mais?

— Você pode fazer o que quiser.

Gabriel fechou os olhos. O som de Chiara folheando a revista ia embalando seu sono, até que ela subitamente perguntou:

— Você ainda está acordado?

— Não — murmurou ele.

— Ela sabia que essa história ia terminar em Moscou, Gabriel?

— Ela quem?

— A velha na Córsega. Ela sabia?

— Sim. Suponho que sim.

— Ela lhe disse para não ir?

— Não — respondeu Gabriel, culpado, sentindo como se uma faca dilacerasse seu peito. — Ela me disse que eu estaria em segurança lá.

— Ela viu mais alguma coisa?

— Uma criança. Ela viu uma criança.

— Uma criança? De quem? — perguntou Chiara, mas Gabriel já não a escutava. Ele se via correndo em direção a uma mulher através de um interminável campo nevado. A mulher estava em chamas e a neve estava toda manchada de sangue.

GRAYSWOOD, SURREY

Uzi Navot, diretor do serviço de inteligência israelense, chegou à casa segura em Grayswood às sete e vinte do dia seguinte, enquanto uma cinzenta aurora de dezembro raiava sobre as árvores desfolhadas do Knobby Copse. A primeira pessoa que ele encontrou foi Christopher Keller, perseguindo uma bolinha de pingue-pongue, após um ponto decisivo de Yaakov. O placar estava oito a cinco para Yaakov, mas Keller já se aproximava.

— Quem é você? — perguntou Keller, ao ver o carrancudo homem de óculos no hall de entrada.

— Não lhe interessa — retrucou Navot.

— Nome estranho. É hebraico, certo?

Navot franziu a testa.

— Você deve ser Keller.

— É, devo ser.

— Onde está Gabriel?

— Ele foi a Guildford com Chiara.

— Por quê?

— Porque nós comemos todo o peixe do lago.

— E quem está no comando?

— Os internos.

Navot sorriu.

— Não mais.

Após a chegada pouco ortodoxa de Navot, a equipe entrou em modo de guerra. Seria uma guerra não declarada, como todos os seus conflitos, travada em território hostil, contra um inimigo maior e mais capacitado. O Escritório é considerado um dos melhores serviços de inteligência do mundo, mas não chega a ser páreo para a irmandade da espada e do escudo, herdeira de uma orgulhosa e sanguinária tradição. Por mais de setenta anos, a KGB protegeu implacavelmente o comunismo soviético contra inimigos reais ou percebidos como tal, agindo também na vanguarda do Partido no exterior, recrutando e plantando milhares de espões por todo o planeta. Seu poder chegou a ser quase ilimitado, quase fazendo da KGB um Estado dentro do Estado. Após o colapso da União Soviética, ela tornou-se o Estado. E a Volgatek era a sua companhia petrolífera.

A todo momento, Gabriel destacava essa conexão entre a Volgatek e o SVR enquanto a equipe começava seus trabalhos. A empresa e o serviço de inteligência eram uma só entidade, e isso

significava que Mikhail estaria em mãos inimigas no momento em que seu avião partisse de Londres. Sua falsa identidade enganara bem Gennady Lazarev, mas não resistiria muito tempo nas sessões de interrogatório em Lubyanka. Assim como Mikhail. Gabriel advertiu que Lubyanka era o fim da linha, o lugar onde agentes e operações morriam.

Entretanto, os pensamentos de Gabriel estavam mais concentrados em Pavel Zhirov, o chefe de segurança da Volgatek e principal articulador do plano para obter acesso ao petróleo britânico no mar do Norte. Nas 24 horas desde a chegada de Navot à casa de Grayswood, o posto do Escritório em Moscou já tinha determinado que Zhirov morava no apartamento de um prédio fortificado nas Colinas do Pardal, uma região de elite às margens do rio Moscou. Sua rotina diária era típica da duplicidade de suas atividades: passava a manhã nos luxuosos escritórios da Volgatek na rua Tverskaya e, à tarde, ia para a Central Moscovita, o bem arborizado complexo do SVR em Yasenevo. A equipe de vigilância do Escritório em Moscou tirou várias fotos de Zhirov entrando e saindo de sua limusine Mercedes com chofer, embora nenhuma revelasse claramente suas feições. Gabriel não pôde deixar de admirar o profissionalismo do russo. Ele já tinha demonstrado ser um adversário capaz quando sua artimanha confundira os agentes do Escritório. Capturá-lo nas ruas de Moscou exigiria uma operação com um nível equivalente de habilidade.

Eli Lavon enfatizou:

— Com duas importantes diferenças: Moscou não é a Córsega, e Pavel Zhirov não estará de camiseta, pilotando uma lambreta numa estradinha deserta, vestindo apenas um vestido de alças.

— Então teremos de pensar em um meio de pôr Mikhail no carro de Zhirov — comentou Gabriel. — Com uma arma carregada no bolso de trás, é claro.

— E como você pretende fazer isso?

— Assim.

Sentando-se ao computador, com alguns rápidos toques no teclado, Gabriel recuperou a gravação das últimas palavras de Lazarev a Mikhail na Dinamarca:

“Vamos levá-lo a Moscou por alguns dias, para que você conheça o restante da equipe. Se ela também gostar de você, passaremos à fase seguinte. Senão, você permanecerá com Viktor e fingirá que nada disso ocorreu.”

“Por que Moscou?” “Você tem receio de ir a Moscou, Nicolai?”

“É claro que não”

“E nem deveria ter. Pavel vai cuidar muito bem de você.”

Gabriel parou a reprodução e olhou para Lavon, dizendo:

— Posso estar enganado, mas suspeito que o retorno de Nicholas Avedon à Rússia não correrá sem problemas.

— Que tipo de problemas?

— O tipo que só Pavel pode resolver.

— E quando Mikhail estiver na limusine?

— Ele dará a Pavel a chance de fazer uma escolha simples.

— Essa escolha seria vir quietinho ou ter os miolos espalhados pelo interior do lindo Mercedes?

— Alguma coisa do gênero.

— Bem, e quanto à regra de ouro de Shamron?

— Qual?

— Aquela que fala sobre exibir armas em público.

— Ah, existe uma pequena e pouco conhecida exceção quando se trata de encostar um revólver nas costelas de um gângster como Pavel.

Lavon ficou pensativo, e por fim falou:

— Precisaremos trazer o motorista, também. Caso contrário, todos os agentes da FSB e milicianos russos ficarão no nosso encalço.

— Sim, Eli, eu sei disso.

— Onde você pretende conduzir o interrogatório?

— Aqui.

Digitando mais algumas teclas, Gabriel apresentou o local.

Lavon olhou para a tela e comentou:

— Adorável. Quem é o proprietário?

— Um homem de negócios russo que não conseguiu mais suportar a vida na Rússia.

— E onde ele vive agora?

— Bem perto da residência de Shamron.

Gabriel fez desaparecer a imagem da casa com um clique do mouse.

— Bem, isso deixa só mais uma questão... — continuou Lavon.

— Tirar Mikhail da Rússia.

Lavon assentiu.

— Sim, e ele não poderá sair com a identidade de Nicholas Avedon.

— De preferência, com o mínimo possível de obstáculos russos a superar — acrescentou Gabriel.

— E como resolveremos isso?

— Da mesma forma que Shamron conseguiu tirar Eichmann da Argentina.

— El Al?

Gabriel assentiu.

— Garoto levado — comentou Lavon.

Gabriel sorriu.

— É. E estou só começando.

Navot aprovou imediatamente os planos de Gabriel, faltando cinco dias para o prazo final dado a Mikhail por Lazarev. Cinco dias para verificar uma miríade de questões grandes e pequenas — ou, como Lavon observou, cinco dias para determinar se aquela visita de Mikhail à Rússia terminaria melhor do que a última. Passaportes, vistos, passagens e providências de transporte e hospedagem: tudo teria que ser feito em passo duplamente acelerado. E havia ainda as rotas de fuga e esconderijos, os planos de contingência, e os planos B para os planos de contingência. A tarefa do grupo era ainda mais difícil porque Gabriel não podia dizer onde ou quando se daria a captura de Zhironov. Eles teriam que improvisar numa cidade que, ao longo de sua longa e sangrenta história, nunca acolhera bem livres-pensadores.

Ao longo daqueles dias e noites, Gabriel exigiu o máximo — e, quando ele virava as costas, Navot se encarregava de pressionar a equipe ainda mais. Não havia tensão visível entre os dois, nenhum sinal de que um estava em ascensão e o outro rumava para a aposentadoria. Na verdade, vários membros da força-tarefa imaginavam se não estariam testemunhando a formação de uma parceria que poderia continuar para bem depois da posse de Gabriel como chefe do Escritório. Yaakov, o mais fatalista do grupo, não compartilhava dessa hipótese: “Seria como a nova esposa permitindo que a ex-mulher mantivesse seu velho quarto na casa. Isso nunca vai acontecer.”

Lavon, entretanto, não tinha tanta certeza. Se havia alguém tão seguro de si que pudesse admitir a permanência do predecessor no serviço, esse alguém era Gabriel Allon. Afinal de contas, disse Lavon, se ele conseguira fazer as pazes com Keller, certamente seria capaz de acertar as contas com Navot.

As conversas sobre os planos futuros de Gabriel eram sempre interrompidas assim que Chiara entrava no recinto. A princípio, ela tentou colaborar, mas, como o assunto constante era a Rússia, o seu humor logo foi arruinado. Chiara só estava viva porque membros daquela equipe certa vez arriscaram os pescoços para salvá-la. Agora, enquanto lutavam para cumprir um prazo quase impossível, ela assumiu o papel de cuidadora. Apesar da tensão que reinava na casa, esforçava-se para fazer prevalecer um clima bem familiar. Toda noite, eles sentavam à mesa para uma farta refeição e, por insistência de Chiara, falavam sobre qualquer assunto que não fosse a missão: livros, filmes e até mesmo o futuro de seu problemático país. Após pouco mais de uma hora desse intervalo, Gabriel e Navot punham-se de pé e o trabalho recomeçava. Chiara cuidava sozinha da louça com prazer, cantarolando suavemente à pia para abafar o som da conversa na sala

contígua. Mais tarde, confidenciou a Gabriel que o simples som de uma palavra russa provocava uma sensação de dor e vazio em seu útero.

O homem que estava no centro daquela operação permanecia jovialmente indiferente aos esforços da equipe de agentes, ou essa foi a impressão de quem encontrou Nicholas Avedon após o regresso a Londres. Tinha a postura de uma pessoa que já nem se preocupava em ocultar o fato de estar alcançando lugares que os outros nem podiam sonhar alcançar. Orlov babava pelo protegido como se fosse o filho que nunca tivera, e parecia a cada dia mais dependente de Avedon. O pronome nós passou a figurar pela primeira vez no vocabulário de Orlov quando ele se referia aos negócios — uma mudança de tom que não passou despercebida no centro financeiro londrino. Ele comunicou à sua equipe que passaria parte do mês de janeiro em um local não revelado do Caribe:

— Preciso de um belo e longo descanso. Agora que tenho Nicholas, enfim posso tirar férias.

Com Orlov aparentemente distante, os rumores nos círculos financeiros eram de que agora Nicholas Avedon era o homem a ser procurado na VOI. A maior parte dos interessados tinha que esperar uma semana ou mais por uma entrevista com ele, mas quando ligou um tal Jonathan Albright, da Markham Consultoria Financeira, Avedon agendou uma reunião sem demora. O encontro se deu em seu escritório, com vista para a Praça Hanover, embora o assunto tratado nada tivesse a ver com negócios ou investimentos. Ao término, ele fez uma chamada de três minutos para um número de Moscou, com resultados satisfatórios. Em seguida, acompanhou o Sr. Albright aos elevadores, com o ar de quem está certo do sucesso. Em tom bem audível para quem estivesse por perto, anunciou:

— Vou expor os detalhes para Viktor, mas me parece que está tudo certo para seguirmos em frente sem problemas.

Naquela noite, um carro estacionou do lado de fora do prédio de Mikhail em Maida Vale. Tempos depois, Graham Seymour identificaria o homem que saiu do veículo como um mensageiro dentre os numerosos agentes da rezidentura do SVR em Londres. O sujeito pegou o passaporte falso de Mikhail e o levou à embaixada russa em Kensington Gardens. Quando voltou, uma hora mais tarde, trazia o documento, que já tinha recebido apressadamente um carimbo de visto para a Rússia. Dentro, Mikhail encontrou o cartão de embarque de um voo da British Airways com destino a Moscou, que decolaria às dez horas da manhã seguinte.

Mikhail pôs a passagem e o passaporte em sua valise e entrou em contato com Orlov, na Cheyne Walk, para dizer que precisava de alguns dias de folga.

— Desculpe, Viktor, mas estou exausto. E, por favor, sem chamadas ou e-mails. Quero sair de circulação.

— Por quanto tempo?

— Até quarta ou quinta-feira, no mais tardar.

— Tire a semana toda.

— Tem certeza?

— Prometo não fazer nenhuma bobagem enquanto você estiver longe.

— Obrigado, Viktor. Você é demais.

Mikhail tentou dormir naquela noite, mas em vão. Era o que sempre acontecia antes de uma operação. Assim, pouco antes das quatro da madrugada, levantou-se da cama e vestiu sua armadura de Nicholas Avedon, também conhecido como Nicolai Avdonin. Às seis, um carro estava na porta do edifício para conduzi-lo a Heathrow, onde ele passou sem dificuldades pela segurança, com Christopher Keller e Dina Sarid por perto para garantir sua retaguarda. Ao atravessar o portão de embarque, pôde ver uma versão bem modificada de Gabriel absorvido na leitura do Economist com o que parecia ser um interesse exagerado. Mikhail entrou no avião sem olhá-lo, mas Gabriel ainda esperou até pouco antes de a porta se fechar para se precipitar em direção ao compartimento de primeira classe.

Após a decolagem, a torre britânica orientou a aeronave, para que sobrevoasse Basildon, até que, precisamente às dez e meia, ela entrou no espaço aéreo internacional. Nervoso, Mikhail tamborilava no console central de seu assento. A partir de agora, estava nas mãos do inimigo, junto com o futuro chefe da inteligência israelense.

Os manifestantes afluíam para a Praça Vermelha em pequenos grupos, de forma a não serem identificados pela milícia de Moscou ou pelos gorilas de jaquetas de couro da FSB. Eram artistas, escritores, jornalistas, roqueiros punk e até mesmo algumas poucas babushkas que ainda sonhavam em passar os últimos anos da vida em um país realmente livre. Por volta do meio-dia já havia uma multidão de centenas de pessoas, numerosa demais para ocultar seus reais motivos. Uma pessoa desfraldou uma bandeira e outra surgiu com um megafone, acusando o presidente de fraudar as últimas eleições, o que por sinal era a pura verdade. Depois, o manifestante fez uma piada sobre outras coisas que o presidente havia roubado do povo russo, e que o líder dos mal-encarados agentes da FSB não considerou nem um pouco engraçada.

Após um breve sinal, os milicianos avançaram com grande violência sobre a multidão, quebrando tudo o que viam pela frente, inclusive algumas das cabeças mais importantes. O dono do megafone levou a pior, e foi visto pela última vez ensanguentado e semiconsciente na traseira de uma van da polícia. Mais tarde, o Kremlin anunciou que o homem seria acusado de tentar incitar um motim, logo poderia ficar preso por dez anos numa “neogulag”. A subserviente imprensa russa referiu-se aos manifestantes como “desordeiros”, o mesmo rótulo que o regime soviético aplicava a todos os oponentes, e nem um único comentarista ousou criticar as táticas violentas do governo. Talvez se devesse perdoar o seu silêncio: atualmente, jornalistas que irritam o Kremlin têm o curioso costume de aparecerem mortos.

No Aeroporto Sheremetyevo, em Moscou, as notícias da manifestação na Praça Vermelha passaram rapidamente pelas televisões, enquanto Mikhail deixava a ponte de desembarque, seguido trinta segundos depois por Gabriel. Conforme se encaminhavam ao controle de passaportes, Allon notou um mal nutrido policial da alfândega com o uniforme surrado e, ao lado, um homem de terno bem cortado, que tinha nas mãos uma fotografia. Ele a consultou por duas vezes enquanto Mikhail se aproximava. Depois, foi até o falso Nicholas e disse algo em russo que Gabriel não chegou a entender. Mikhail sorriu e apertou a mão do homem antes de acompanhá-lo até uma porta não identificada. Gabriel continuou até o controle de

passaportes, onde uma mulher séria observou seu rosto por um momento desconfortavelmente longo. Por fim, ela carimbou com força o passaporte e acenou para que ele fosse em frente. Bem-vindo à Rússia, pensou enquanto adentrava o salão de desembarque apinhado. Ao sair do aeroporto, logo sentiu a mistura dos cheiros de tabaco e diesel, que fizeram sua cabeça rodar. O céu do entardecer estava claro e o frio era cortante. Olhando à esquerda de forma sutil, Gabriel pôde ver Mikhail e seu acompanhante da Volgatek entrando no calor confortável do Mercedes sedã que os esperava. Juntou-se à longa fila de espera de táxis. O frio do concreto atravessava as solas finas de seus mocassins ocidentais; quando ele enfim se esgueirou para dentro de um Lada decrépito, seu maxilar estava tão congelado que Gabriel mal conseguia falar. O motorista perguntou pelo destino e ele pediu para ser levado ao Hotel Metropol — nem soube como o homem conseguiu entender, tamanha sua dificuldade de dicção.

Saindo do aeroporto, o táxi tomou a Leningradsky Prospekt e iniciou o longo e penoso trajeto até o centro de Moscou. Faltavam cinco para as sete, já no final do terrível rush vespertino moscovita; ainda assim, o ritmo de deslocamento era glacial. O motorista tentou entabular uma conversa, mas seu inglês era tão impenetrável como o tráfego. Gabriel concordava polidamente de vez em quando, mas sua atenção estava voltada mesmo era para os edifícios decadentes ao longo da velha e malcuidada via. Por um breve período, os prédios eram apenas horríveis, mas agora haviam se transformado em ruínas. Em cada esquina, cada telhado, cartazes anunciavam promessas de luxúria. Era o pesadelo comunista com uma nova demão de capitalismo, refletiu Gabriel. Deprimente e impactante.

Enfim cruzaram o Anel Rodoviário dos Jardins e a prospekt embocou na rua Tverskaya, a versão moscovita da Madison Avenue, que os levou por uma ladeira suave, passando pela nova e luxuosa sede da Volgatek e pelos muros de tijolos vermelhos do Kremlin. Então, chegaram às oito pistas da rua Okhotnyy Ryad. Virando à esquerda, passaram pela Câmara dos Deputados, pela velha Casa dos Sindicatos e pelo Teatro Bolshoi. Entretanto, Gabriel não observava nada disso. Seus olhos enxergavam apenas a fortaleza amarela bem iluminada por holofotes no alto da Praça Lubyanka.

— KGB — falou o motorista, apontando por sobre o volante

— Não existe KGB — replicou Gabriel em tom distante. — A KGB é uma coisa do passado.

O taxista resmungou algo sobre a ingenuidade dos estrangeiros e conduziu o carro até a entrada do Hotel Metropol. O saguão havia sido restaurado fielmente voltando à sua beleza original, mas a mulher de meia-idade no balcão de recepção não tinha tido a mesma sorte. Ela saudou Gabriel com um sorriso gélido, fez algumas perguntas

polidas sobre a natureza de sua viagem e depois estendeu um longo formulário de registro — uma cópia seria enviada às autoridades competentes. Gabriel o preencheu rapidamente como se fosse Jonathan Albright, da Markham Consultoria Financeira, e recebeu em troca as chaves dos aposentos. Um mensageiro do hotel ofereceu-se para ajudá-lo com a bagagem e pareceu aliviado quando Gabriel lhe disse que não era necessário. Mesmo assim, premiou-o pela solicitude com uma gratificação que indicava sua pouca familiaridade com o valor da moeda russa.

O aposento ficava no quarto andar, com vista para as dez pistas da Teatralny Prospekt. Gabriel sabia que o recinto tinha escutas e nem se deu o trabalho de localizá-las. Tratou de fazer duas chamadas a clientes que não eram de fato clientes e, depois, foi examinar o monte de e-mails que se acumulara durante a viagem. Uma das mensagens era de um advogado de Nova York, a respeito de um determinado investimento de natureza legalmente dúbia. O verdadeiro remetente era Eli Lavon, que reservara um quarto algumas portas depois no mesmo corredor. O real conteúdo do e-mail foi revelado após Gabriel digitar a senha adequada: ao que parecia, Gennady Lazarev levava seu possível novo funcionário ao Lounge 02, no Ritz, para aperitivos e tira-gostos. Estavam também presentes Dmitry Bershov, Pavel Zhironov e quatro belidades russas. Fotos de vigilância iam em anexo, por cortesia de Yaakov e Dina, que ocupavam uma mesa no lado oposto do salão.

Gabriel digitou novamente a senha e a mensagem retornou ao texto original. Em seguida, pôs os fones de ouvidos e captou uma transmissão segura do áudio do celular de Mikhail. Dava para ouvir o tilintar de copos, risadas e o chilrear das acompanhantes russas, que pareciam fúteis mesmo em um idioma incompreensível. Logo escutou a voz familiar de Lazarev murmurando uma confidência ao ouvido de Mikhail:

— Trate de descansar bem esta noite. Temos grandes planos para você amanhã.

Eles permaneceram no lounge até as onze, quando Mikhail se retirou desacompanhado, mas com uma tremenda dor de cabeça, para sua suíte de luxo no Ritz. Apesar do conselho de Lazarev, não conseguiu dormir, pois sua mente era um turbilhão de lembranças de operações passadas, encadeadas como numa matéria jornalística sobre as maiores catástrofes do século. Mikhail ansiava por atividade, por uma ação de qualquer tipo, mas as câmeras de vigilância certamente ocultas no quarto eram um impeditivo. Assim, ele se viu enroscado nos lençóis úmidos de sua cama, com uma imobilidade cadavérica, até as sete da manhã,

quando a chamada do serviço de despertador do hotel enfim lhe permitiu se levantar, grato.

Seu café chegou pouco depois, e Mikhail o tomou enquanto se atualizava sobre o mundo corporativo no noticiário londrino. Desceu para a academia, onde fez um treino impressionante, testemunhado pelo observador de um dos serviços de inteligência russos. Voltando ao quarto, encarou um banho gelado para injetar um pouco de vida nos ossos cansados. Então, vestiu o melhor terno cinza risca de giz — aquele que Dina tinha escolhido para ele na Anthony Sinclair da Savile Row. Mikhail avistou-a no salão de café da manhã quinze minutos depois, fitando Keller nos olhos como se detivessem o segredo para a felicidade eterna. A algumas mesas de distância, Yossi devolvia seus ovos mexidos. “Eu pedi ovos moles, mas estes deviam ter sido servidos num copo.” O comentário ricocheteou no garçom como uma pedrinha jogada num trem de carga. “Você quer os seus ovos num copo?” perguntou ele.

Às nove horas em ponto, depois de ler os jornais matinais e resolver algumas questões pendentes em Londres por e-mail, Mikhail foi até o saguão ultramoderno do Ritz. Lá, aguardava-o o mesmo sujeito da Volgatek que o retirara da fila de controle de passaportes em Sheremetyevo na noite anterior. Seu rosto sorridente era tão agradável quanto uma janela quebrada.

— Espero que tenha dormido bem, Sr. Avedon.

— Nunca dormi melhor — mentiu Mikhail, cordial.

— Nossos escritórios ficam muito perto. Espero que não se incomode de caminhar.

— Nós vamos sobreviver?

— As chances são boas, mas não há nenhuma garantia em Moscou nesta época do ano.

O sujeito virou e conduziu Mikhail para a rua Tverskaya. Enquanto subia a ladeira inclinando o corpo contra o vento forte, o falso Avedon se deu conta de que aquele amontoado anônimo de lã e pele caminhando dois passos atrás dele era Eli Lavon, que o escoltou em silêncio até a porta da frente da Volgatek, como se quisesse lembrar a Mikhail que ele não estava sozinho. Em seguida, flutuou na direção do sol forte de Moscou e desapareceu.

Se houvesse quaisquer mal-entendidos quanto à missão verdadeira da Volgatek, eram aquietados pela vasta escultura de metal no saguão da sede da empresa na rua Tverskaya. A obra retratava o planeta com uma Rússia desproporcional na posição dominante, bombeando energia vital para os quatro cantos da Terra.

Abaixo do globo, um Atlas sorridente num terno italiano feito sob encomenda, estava Gennady Lazarev.

— Bem-vindo ao novo lar — disse, apertando a mão de Mikhail. — Ou devo dizer, ao verdadeiro lar?

— Um passo de cada vez, Gennady.

Lazarev apertou a mão de Mikhail com um pouco mais de força, como a indicar que não seria contrariado, e o conduziu até um elevador executivo, que os levou ao último andar do prédio. Na entrada, havia uma placa: BEM-VINDO, NICOLAI! Lazarev parou para admirá-la, como se tivesse se esforçado muito na redação, antes de levar Mikhail até o vasto escritório que ele poderia usar sempre que estivesse na cidade. Tinha uma vista do Kremlin e vinha com uma secretária perigosamente atraente chamada Nina.

— O que você acha? — perguntou Lazarev, com seriedade.

— Bom.

— Venha. — Lazarev conduziu Mikhail pelo cotovelo. — Estão todos ansiosos para conhecê-lo.

De fato, Lazarev não estava exagerando quando disse “todos”. Durante as duas horas e meia seguintes, Mikhail sentiu mesmo que cumprimentava todos os funcionários da empresa, e possivelmente mais algumas pessoas também. Havia uma dúzia de vice-presidentes de diversas formas, tamanhos e responsabilidades, e uma figura cadavérica chamada Mentov que fazia algo com análise de riscos que Mikhail não conseguiu nem fingir entender. Em seguida, foi apresentado à equipe científica da Volgatek — dos geólogos que buscavam novas fontes de petróleo ao redor do mundo aos engenheiros responsáveis por desenvolver novas formas de extraí-lo. Depois, percorreu os andares inferiores para conhecer as pessoas de menor importância: jovens executivos que sonhavam tomar seu lugar algum dia, os mortos-vivos presos às suas mesas e às xícaras de café vermelhas da Volgatek. Mikhail não pôde deixar de se perguntar o que acontecia com um funcionário demitido de uma empresa administrada e possuída pela sucessora da KGB. Talvez recebesse um relógio de ouro e uma pensão, mas Mikhail achava pouco provável.

Por fim, voltaram ao último andar e entraram no espaçoso escritório de Lazarev, similar a um átrio, onde ele falou longamente sobre sua visão para o futuro da Volgatek e o papel que queria atribuir a Mikhail. Sua posição inicial na empresa seria de diretor da Volgatek Reino Unido, a subsidiária que seria formada para administrar o projeto das Ilhas Ocidentais. Uma vez que o petróleo estivesse fluindo, Mikhail receberia responsabilidades maiores, em especial na Europa Ocidental e na América do Norte.

— Isso seria o suficiente para mantê-lo interessado? — perguntou Lazarev.

— Pode ser.

— O que seria necessário para convencê-lo a deixar Viktor e vir trabalhar comigo?

— Dinheiro, Gennady. Muito dinheiro.

— Posso garantir, Nicolai, que dinheiro não é problema.

— Então você tem a minha total atenção.

Lazarev abriu uma pasta de couro e retirou uma única folha de papel.

— Seu pacote de compensação vai incluir apartamentos em Aberdeen, Londres e Moscou. Você vai usar jatos particulares, é claro, e poderá utilizar uma casa da Volgatek que mantemos no sul da França. Além do salário-base, você receberá diversos bônus e incentivos que levarão sua remuneração total para algo assim.

Lazarev posicionou a folha na frente de Mikhail e apontou para o número próximo ao pé da página. Mikhail o observou por um instante, coçou a cabeça careca e franziu a testa.

— E então? — perguntou Lazarev.

— Nem perto.

Lazarev sorriu.

— Achei que a sua resposta seria essa — disse, guardando a folha na pasta —, então tomei a liberdade de preparar uma segunda oferta. — Ele a colocou na frente de Mikhail. — Melhor?

— Agora está mais quente — respondeu Mikhail, sorrindo para Lazarev. — Definitivamente mais quente.

PRAÇA VERMELHA, MOSCOU

As quatro horas da tarde, eles já tinham as linhas gerais de um acordo.

Lazarev preparou um documento com uma página, reservou um salão particular no Café Pushkin para a comemoração e mandou Mikhail de volta ao Ritz para algumas horas de descanso. O falso Avdonin percorreu a pequena distância a pé, acompanhado de perto por Gabriel, que andava do outro lado da rua com a lapela levantada cobrindo os ouvidos e a boina baixada até as sobrancelhas. Ele observou Mikhail atravessar a entrada suntuosa do hotel e continuou ao longo da rua Tverskaya até a Praça da Revolução. Lá, parou um pouco para ver um imitador de Lênin instando um grupo de turistas japoneses atônitos a tomarem os meios de produção de seus soberanos burgueses. Em seguida, cruzou o arco do Portão da Ressurreição e adentrou a Praça Vermelha.

Já estava escuro e o vento decidira dar uma folga para a cidade conduzir seus negócios em paz. Com a cabeça baixa e os ombros contraídos, Gabriel parecia um moscovita acabado qualquer. Percorreu às pressas o muro norte do Kremlin e passou pelos olhares vazios dos guardas congelados em frente ao Mausoléu de Lênin. Bem à sua frente, resplandcentes à luz branca, erguiam-se os domos da Catedral de São Basílio, coloridos como bengalas de açúcar. Gabriel olhou de relance para o relógio da Torre do Salvador e seguiu ao longo do muro do Kremlin, até o ponto onde Stálin, o assassino de milhões, repousava pacificamente num lugar de honra. Lavon se juntou a ele pouco tempo depois.

— O que você acha? — perguntou Gabriel em alemão.

— Acho que eles deviam tê-lo enterrado num túmulo sem marcação em algum campo, mas essa é só a minha opinião.

— A barra está limpa?

— O máximo que pode estar num lugar como Moscou.

Gabriel se virou sem dizer nada e conduziu Lavon pela praça até a entrada da GUM. Antes da queda da União Soviética, aquele tinha sido o único estabelecimento comercial do país onde os russos sempre podiam encontrar um casaco de inverno ou um par de sapatos. Agora era um shopping de estilo ocidental, entupido de todas as bugigangas inúteis que o capitalismo tem a oferecer. O elevado teto de vidro reverberava com o burburinho dos compradores noturnos. Lavon ficou encarando o BlackBerry enquanto andava ao lado de

Gabriel. Atualmente, esse era um hábito bem russo.

— A secretária de Lazarev acabou de enviar um e-mail para a equipe sênior sobre o jantar de hoje no Café Pushkin — informou Lavon. — Zhirov está na lista de convidados.

— Não ouvi a voz dele hoje na Volgatek, durante a passagem de Mikhail.

— Ele não estava lá — explicou Lavon, ainda olhando o celular. — Depois de deixar seu apartamento nas Colinas do Pardal, foi direto para Yasenevo.

— Por que logo hoje? Por que não estava na Volgatek para conhecer o garoto novo?

— Talvez ele tivesse outros afazeres.

— Como o quê?

— Talvez alguém mais precisasse ser sequestrado.

— É isso que me preocupa.

Gabriel parou em frente à vitrine de uma joalheria e examinou alguns relógios suíços reluzentes. Ao lado, havia um café de estilo soviético com mulheres roliças infelizes de avental branco colocando comida russa barata em pratos cinzentos da época de Leonid Brejnev. Mais de vinte anos depois da queda do comunismo, alguns russos ainda tinham nostalgia do passado totalitário.

— Você não está ficando inseguro, está? — perguntou Lavon.

— É dezembro em Moscou, Eli. É impossível não ter receios.

— O que você quer fazer?

— Gostaria que o hotel desse a regalia especial a Nicholas Avedon um pouco antes do planejado.

— Regalias desse tipo são mal vistas no Café Pushkin.

— Qualquer pessoa importante anda armada no Pushkin, Eli.

— É arriscado.

— Não tão arriscado quanto a alternativa.

— Por que nós não pulamos o jantar e vamos direto para a sobremesa?

— Eu adoraria — respondeu Gabriel —, mas o trânsito da hora do rush não vai deixar. Teremos que esperar até as dez horas. Caso contrário, nunca vamos conseguir tirá-lo da cidade. Ficariamos com as mãos atadas.

— Uma escolha infeliz de palavras.

— Envie a mensagem, Eli.

Lavon digitou alguns caracteres no BlackBerry e levou Gabriel para fora, até a rua Il'inka. O vento se intensificava de novo e a temperatura tinha caído. Lágrimas correram livremente pelo rosto de Gabriel enquanto eles passavam pelas fachadas características dos sólidos prédios imperiais. Em seu fone de ouvido, ouvia Mikhail cantarolar durante o banho no Ritz.

— Quero cobertura completa nele o tempo inteiro — disse Gabriel. — Nós o levamos para jantar, sentamos com ele durante o jantar e o trazemos de volta para o hotel. É aí que começa a diversão.

— Só se Pavel concordar em resgatar Mikhail.

— Ele é o chefe de segurança da Volgatek. Se o executivo mais novo da empresa acreditar que sua vida está em perigo, Pavel irá correndo. E então o faremos se arrepender.

— Eu me sentiria melhor se pudéssemos pegá-lo em outro país.

— Qual, Eli? Ucrânia? Bielorrússia? Ou que tal o Cazaquistão?

— Na verdade, eu estava pensando na Mongólia.

— A comida é ruim.

— A comida é terrível — concordou Lavon —, mas pelo menos não é a Rússia.

No fim da rua, eles dobraram à esquerda e subiram a ladeira em direção à Praça Lubyanka.

— Você acha que isso já foi feito antes? — perguntou Lavon.

— O quê?

— Sequestrar um oficial da KGB dentro da Rússia.

— Não existe KGB, Eli. A KGB é coisa do passado.

— Não, não é. Agora se chama FSB. E ocupa aquele prédio grande e feio bem na nossa frente. E eles vão ficar bastante chateados quando descobrirem que um dos seus companheiros desapareceu.

— Se o pegarmos direito, eles não vão ter tempo para fazer nada.

— Se o pegarmos direito — enfatizou Lavon.

Gabriel ficou em silêncio.

— Faça-me um favor esta noite, Gabriel: se você não tiver a oportunidade de dar um tiro adequado, não dispare. — Ele fez uma pausa. — Eu detestaria perder a chance de trabalhar para você como diretor.

Eles tinham chegado ao topo da ladeira. Lavon parou de andar e contemplou a imensa fortaleza amarela no outro lado da Praça Lubyanka.

— Por que você acha que a mantiveram? — perguntou, sério. — Por que não a arrancam e colocam um monumento às vítimas no lugar?

— Pela mesma razão que não removem os ossos de Stálin.

Lavon ficou quieto por um momento.

— Eu odeio este lugar — disse por fim. — Ao mesmo tempo, amo-o com carinho. Estou louco?

— Completamente — respondeu Gabriel —, mas essa é só a minha opinião.

— Eu me sentiria melhor se pudéssemos pegá-lo em outro país.

— Eu também, Eli. Mas não podemos.

— A Mongólia fica muito longe?

— Longe demais para ir dirigindo. E a comida é terrível.

Cinco minutos depois, quando Gabriel entrou no saguão superaquecido do Metropol, Yossi saiu de seu quarto no quadragésimo quarto andar do Ritz vestindo um terno cinza de banqueiro e uma gravata prateada. Na mão esquerda, levava um crachá dourado com o nome ALEXANDER — um nome adequado para um estudante de história como Yossi escolher — e, na mão direita, havia uma embalagem azul lustrosa de presente com o logo do hotel. Ela era mais pesada do que Yossi fazia parecer, pois continha uma pistola Makarov 9 mm, uma das diversas armas que a base de Moscou adquirira de fontes locais ilícitas antes da chegada da equipe. Por três dias, a arma ficara escondida entre o estrado e o colchão no seu quarto. Ele ficou compreensivelmente aliviado de enfim poder se livrar dela.

Yossi esperou até o corredor se esvaziar para afixar na sua lapela a plaqueta com um nome. Então, dirigiu-se à porta do quarto 421. Mesmo do lado de fora, dava para ouvir muito bem um homem cantando Penny Lane. Deu duas batidas firmes, mas educadas, a batida de um concierge. Como não obteve resposta, bateu de novo, mais alto. Dessa vez, um homem com um roupão branco abriu a porta. Ele era alto, estava numa forma física impressionante e tinha a pele rosada por causa do banho.

— Estou ocupado — reclamou.

— Peço desculpas por interromper, Sr. Avelon — respondeu Yossi com um sotaque neutro cosmopolita —, mas a gerência gostaria de lhe oferecer um pequeno presente de agradecimento.

— Agradeça à gerência, mas dispenso.

— A gerência ficaria desapontada.

— Não é mais daquele maldito caviar, é?

— Receio que a gerência não tenha dito.

Avedon pegou o embrulho e bateu a porta na cara sorridente do falso funcionário. Yossi girou nos calcanhares e, depois de tirar a plaqueta da lapela, voltou para o próprio quarto. Ao entrar, despiu rapidamente o terno e vestiu uma calça jeans e um casaco pesado de lã. Sua mala estava no pé da cama. Yossi enfiou o terno num compartimento lateral dela e fechou o zíper. Se tudo saísse de acordo com os planos, um mensageiro da base de Moscou a coletaria em algumas horas e destruiria o conteúdo. Passou um pano em todos os objetos que tinha tocado no quarto e partiu, torcendo para ser a última vez.

Já no saguão, viu Dina folheando um jornal moscovita escrito em inglês com uma expressão de ceticismo. Passou por ela como se não a conhecesse e saiu do hotel. Um Range Rover aguardava no meio-fio, soltando gases na noite amargamente fria, e Keller estava ao

volante. Ele se embrenhou no trânsito do rush na rua Tverskaya antes mesmo de Yossi fechar a porta. Diretamente à frente, erguia-se a Torre do Arsenal do Canto; sua estrela vermelha reluzia como um sinal de alerta. Keller assobiava desafinado enquanto dirigia.

— Você sabe o caminho? — perguntou Yossi.

— À esquerda na rua Okhotnyy Ryad, depois à esquerda na Bol'shaya Dmitrovka e novamente à esquerda no Anel dos Bulevares.

— Passou muito tempo em Moscou?

— Nunca tive o prazer.

— Você pode pelo menos fingir que está ansioso?

— Por que eu estaria ansioso?

— Porque nós estamos prestes a sequestrar um oficial da KGB em plena Moscou.

Keller sorriu enquanto pegava a primeira esquerda.

— Molezinha.

Keller e Yossi levaram vinte minutos para percorrer o trecho curto até o ponto de espera no anel rodoviário. No instante em que chegaram, Yossi mandou uma mensagem criptografada para Gabriel, que, por sua vez, a encaminhou para o King Saul Boulevard. Ela surgiu na tela de status do Centro Operacional. Sentado em sua cadeira habitual estava Uzi Navot. Ele assistiu à transmissão ao vivo do saguão do Ritz, cortesia do minidispositivo oculto na bolsa de Dina. Eram 7h36 em Moscou, 6h36 em Tel Aviv. Às 6h38, o telefone ao lado do cotovelo de Navot tocou. Ele atendeu depressa, resmungou algo que soava como o próprio nome, e escutou a voz de Orit, sua secretária executiva. No Escritório, era conhecida como “Cúpula de Ferro” — uma referência ao impressionante sistema de defesa antiaéreo israelense — devido à incomparável habilidade de destroçar os pedidos por um instante de conversa com o diretor.

— De jeito nenhum — respondeu Navot. — Sem chance.

— Ele deixou claro que não vai embora.

Navot suspirou fundo.

— Tudo bem. Deixe-o descer, se for mesmo necessário.

Navot desligou e fitou a imagem que mostrava o saguão do hotel. Dois minutos depois, escutou a porta do Centro de Operações ser aberta e fechada. Pelo canto do olho, viu a mão manchada que colocava dois maços de cigarros turcos em cima da mesa, além de um Zippo velho, desgastado. O isqueiro foi aceso. Uma nuvem de fumaça obscureceu a tela.

— Achei que tinha revogado os seus passes — disse Navot em voz baixa, ainda olhando para a frente.

— Você revogou — respondeu Shamron.

— Como você entrou no prédio?

— Abri um túnel.

Shamron girou o isqueiro nos dedos. Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda.

— É muita cara de pau sua aparecer aqui — falou Navot.

— Não é a hora nem o lugar, Uzi.

— Eu sei que não, mas ainda assim é muita cara de pau.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda.

— Você poderia aumentar o volume do áudio do telefone de Mikhail? — perguntou Shamron. — Minha audição não é mais a mesma.

— Não é só a sua audição.

Navot pediu a um dos técnicos que aumentasse o volume.

— Que música ele está cantando? — perguntou Shamron.

— Que diferença faz?

— Responda a pergunta, Uzi.

— Penny Lane.

— Beatles?

— É, Beatles.

— Por que você acha que ele escolheu essa música?

— Talvez goste dela.

— Talvez — disse Shamron.

Navot consultou o relógio: 7h42 em Moscou, 6h42 em Tel Aviv. Shamron apagou o cigarro e imediatamente acendeu outro.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda...

Mikhail ainda cantarolava quando saiu do quarto vestido para o jantar. No momento em que ele entrou no elevador, o embrulho estava em sua mão direita, mas três minutos depois, ao deixar o banheiro masculino do saguão, havia sumido. A equipe do Centro de Operações viu Mikhail pela primeira vez às 7h51, filmado pela câmera de Dina, dirigindo-se para a entrada do hotel. Lazarev estava lá, com os braços erguidos como se sinalizasse para um avião de resgate. Ele tomou Mikhail pelo ombro e o levou até a traseira de uma limusine Maybach.

— Espero que você tenha conseguido descansar um pouco — disse Lazarev enquanto o carro se afastava do meio-fio com suavidade —, porque esta noite você vai sentir um gostinho da verdadeira Rússia.

CAFÉ PUSHKIN, MOSCOU

Mais tarde, na hora de arrumar os arquivos e preencher os relatórios da missão, haveria uma discussão acalorada acerca do verdadeiro significado das palavras de Lazarev. Um lado considerou-as uma expressão inofensiva de boa vontade, enquanto o outro viu naquela frase um aviso claro que Gabriel, o futuro diretor, deveria reconhecer se fosse sábio. Como sempre, foi Shamron que resolveu a controvérsia: as palavras de Lazarev não tinham importância, pois o destino de Mikhail já estava selado no instante em que entrara no carro.

O ambiente onde os eventos se passaram, o renomado Café Pushkin, não poderia apresentar uma aparência mais acolhedora, especialmente numa noite de dezembro com o ar gélido e a neve dançando no vento siberiano. O café ficava na esquina da rua Tverskaya com o anel rodoviário, numa imponente casa do século XVIII que dava a impressão de ter sido importada da Itália renascentista. Diante de suas belas portas francesas, havia três pistas de tráfego e, mais além, uma pequena praça onde, certa vez, os soldados de Napoleão armaram suas tendas e queimaram limoeiros para se aquecerem. Moscovitas seguiam às pressas para casa por trilhas de cascalho e algumas mães corajosas estavam sentadas nos bancos sob a luz dos postes, observando os filhos superagasalhados brincarem nos gramados cobertos de neve. Entre as mulheres se achavam Mordecai, observando a entrada do café, e Rimona, de olho nas crianças. Keller e Yossi tinham encontrado uma vaga a menos de 50 metros do Pushkin. Yaakov e Oded, também num Land Rover, estavam outros 50 metros atrás deles.

O jantar fora marcado para as oito horas, mas, como o trânsito estava pior do que o normal, Lazarev e Mikhail chegaram com doze minutos de atraso. Mordecai anotou o horário, assim como as equipes nos Land Rovers. Gabriel também tomou nota e logo mandou uma mensagem para o Centro de Operações — algo desnecessário, claro, pois Navot e Shamron acompanhavam com atenção a transmissão ao vivo do telefone de Mikhail. Foi assim que eles escutaram os passos pesados sobre o piso sem polimento na entrada do Pushkin. E o barulho do elevador antigo que levou o falso Avedon ao segundo andar. E os acalorados aplausos que o receberam quando ele entrou no salão particular reservado para a sua coroação.

Um lugar tinha sido reservado para Mikhail na cabeceira da mesa, com Lazarev à direita e Zhirov à esquerda. Apenas o chefe de segurança não parecia entusiasmado com a aquisição do novo pupilo de Viktor Orlov. No decorrer da noite, manteve a expressão neutra de um jogador experiente perdendo dinheiro na roleta. Seu olhar, sombrio e focado, nunca se afastou por muito tempo do rosto de Mikhail. Parecia estar calculando suas perdas e decidindo se tinha estômago para mais uma rodada.

Mikhail não deu nenhum sinal de desconforto diante da presença soturna de Zhirov. Todos os que escutaram sua performance naquela noite a descreveriam como uma das melhores que já haviam testemunhado. Ele era o Nicholas Avedon por quem todos tinham se apaixonado. O Nicholas espirituoso. O Nicholas irritável. O Nicholas mais esperto que os demais no salão — com exceção de Lazarev, que talvez fosse mais inteligente que qualquer um no mundo. Conforme a noite avançava, ele foi falando menos em inglês e mais em russo, até que parou completamente de falar inglês. Agora era um deles. Era Nicolai Avdonin. Um homem da Volgatek. Um homem do futuro da Rússia. Um homem do passado da Rússia.

A transformação foi concluída pouco depois das dez horas, quando ele fez uma imitação perfeita de Orlov, incluindo o tique no olho esquerdo, que foi aclamada por todos. Apenas Zhirov pareceu não ver graça. Ele também não se juntou à ovação após a bênção de Lazarev. Depois dos comentários do CEO da Volgatek, os festeiros seguiram para a rua, onde uma fila de limusines da empresa aguardava na calçada. Lazarev pediu que Mikhail fizesse uma parada no escritório antes de deixar a cidade na manhã seguinte, para que pudessem resolver algumas pendências no acordo de contratação. Em seguida, conduziu-o até a porta aberta de um Mercedes.

— Se não se incomodar — disse, com seu sorriso calculado de matemático vou deixar Pavel levar você de volta ao hotel. Ele gostaria de fazer algumas perguntas no caminho.

Mikhail se viu respondendo "Sem problemas, Gennady" e, sem um instante de hesitação, entrou no carro. Zhirov, o único perdedor daquela noite, estava sentado à sua frente, encarando a janela com uma aparência inconsolável. Ele não disse nada quando o carro começou a andar. Mikhail começou a tamborilar no apoio de braço, mas logo se forçou a parar.

— Gennady disse que você tem algumas perguntas para mim.

— Na verdade — respondeu Zhirov em voz baixa —, tenho só uma.

— Qual?

Zhirov encarou Mikhail pela primeira vez.

— Quem é você, porra?

— Parece que Pavel acabou de mudar a posição do gol — disse Navot.

Shamron franziu a testa. Ele considerava o uso de metáforas esportivas inadequado para um negócio tão vital quanto a espionagem. Ergueu os olhos para um dos monitores e viu luzes se movendo rapidamente pelo mapa do centro de Moscou. A luz que indicava a posição de Mikhail piscava em vermelho. Quatro luzes azuis a acompanhavam, duas na frente e duas atrás.

— Parece que o encurralamos — comentou Shamron.

— Encurralado, muito bem. A questão é se Pavel tem reforços próprios ou se está num voo solo.

— Não sei se isso faz muita diferença a esta altura.

— Alguma sugestão?

— Chute para o gol — disse Shamron, acendendo outro cigarro. — Rápido.

Eles passaram em alta velocidade pela rua Tverskaya e continuaram pelo anel rodoviário.

— Meu hotel fica naquela direção — avisou Mikhail, apontando para trás com o polegar.

— Você parece conhecer bem Moscou — replicou Zhirov. Estava claro que não se tratava de um elogio.

— É um hábito meu.

— Como assim?

— Aprender a me virar em cidades estrangeiras. Odeio ter que pedir instruções. Não gosto de agir como um turista.

— Você gosta de ficar incógnito?

— Escute, Pavel, eu não estou gostando do rumo...

— Ou talvez você já tenha visitado Moscou antes — sugeriu Zhirov.

— Nunca.

— Recentemente, não?

— Não.

— Nem na infância?

— “Nunca” significa “nunca”, Pavel. Agora, se não se importa, gostaria de voltar para o hotel.

Zhirov estava olhando pela janela de novo. Ou será que perscrutava o retrovisor? Mikhail não podia ter certeza.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta — disse Zhirov.

— Sua pergunta não é digna de resposta.

— Quem é você?

— Eu sou Nicholas Avedon — falou Mikhail, calmo. — Sou

funcionário da Viktor Orlov Investimentos, em Londres. E, graças a essa sua pequena exibição, vou continuar sendo.

Zhirov não ficou convencido:

— Quem é você?

— Eu sou Nicholas. Cresci na Inglaterra. Estudei em Cambridge e Harvard. Fiquei em Aberdeen por um tempo, já na indústria do petróleo. E depois fui trabalhar com Viktor.

— Por quê?

— Por que eu cresci na Inglaterra? Ou por que fui para Harvard?

— Por que você foi trabalhar para um inimigo conhecido do Kremlin como Viktor Orlov?

— Porque ele estava em busca de alguém que pudesse assumir seu portfólio de petróleo. E, neste momento, estou arrependido de tê-lo traído.

— Você sabia das políticas dele quando aceitou o trabalho?

— Eu não me importo com as políticas dele. Para falar a verdade, não me importo com as políticas de ninguém.

— Você é um livre-pensador?

— Não, Pavel. Sou um homem de negócios.

— Você é um espião.

— Um espião? Você parou de tomar seus remédios, Pavel?

— Para quem você está trabalhando?

— Leve-me de volta para o hotel.

— Os ingleses?

— Meu hotel, Pavel.

— Os americanos?

— Foram vocês que me abordaram, lembra, Pavel? Em Copenhague, no fórum de petróleo. Nós nos encontramos numa casa no meio do nada. Tenho certeza de que você estava lá.

— Para quem você está trabalhando? — insistiu Zhirov, como um professor lidando com um pupilo abobalhado.

— Pare o carro. Deixe-me sair.

— Quem?

— Pare a porra do carro.

A limusine parou, mas não por causa da ordem. Eles tinham chegado à rua Petrovka e a um cruzamento grande, com vias que levavam para várias direções diferentes. O semáforo estava vermelho. Bem à frente, havia um Land Rover com dois homens. Mikhail olhou por cima do ombro e viu outro atrás. Em seguida, sentiu o celular vibrando três vezes em rápida sucessão.

— O que foi isso? — perguntou Zhirov.

— É só o meu celular.

— Desligue-o e remova a bateria.

— Todo cuidado é pouco, não é, Pavel?

— Desligue-o!

Mikhail enfiou a mão no sobretudo, sacou a Makarov e enfiou o cano da pistola com força nas costelas de Zhirov. Os olhos do russo se arregalaram, mas ele não disse nada. Encarou Mikhail por alguns segundos e, então, fitou Yaakov, que saía do Land Rover na frente deles. Keller já tinha deixado o outro carro e se aproximava do Mercedes por trás.

— Fale ao motorista para colocar o câmbio na posição neutra — mandou Mikhail, em voz baixa. — Caso contrário, vou meter uma bala no seu coração. Dê a ordem, Pavel, ou você morre agora mesmo.

Como Zhirov não respondeu, Mikhail engatilhou a arma. Keller estava parado ao lado da janela do chefe de segurança.

— Fale para ele, Pavel.

A luz do semáforo voltou a ficar verde. Um carro buzinou. Depois outro.

— Dê a ordem! — gritou Mikhail em russo.

Zhirov olhou para motorista pelo retrovisor e meneou a cabeça. O chofer obedeceu e pôs as mãos no volante.

— Fale para ele sair do carro e seguir as instruções.

Outra olhada para o retrovisor, outro aceno de cabeça. O motorista abriu a porta e saiu devagar. Yaakov estava esperando para cuidar dele. Depois de murmurar algumas palavras no ouvido do motorista, levou-o até o seu Land Rover e o empurrou para o banco traseiro, sentando ao lado. Àquela altura, Keller já tinha assumido o volante do Mercedes. Quando o Land Rover da frente partiu, ele engatou a marcha e o seguiu. Mikhail ainda pressionava a Makarov contra as costelas de Zhirov.

— Quem é você? — perguntou Pavel.

— Eu sou Nicholas Avedon.

— Quem é você?

— Eu sou o seu pior pesadelo e, se não calar a boca, vou matar você.

No Centro de Operações, as luzes da equipe se moviam para cima pelo mapa de Moscou — todas menos uma, que se mantinha na Teatralny Prospekt, descendo a ladeira, vindo da praça Lubyanka. Não houve nenhuma celebração, nenhuma congratulação por um trabalho bem-feito. O ambiente ainda não permitia; Moscou tinha formas de revidar.

— Trinta segundos do começo ao fim — comentou Navot, os olhos presos na tela. — Nada mal.

— Trinta e três — corrigiu Shamron. — Mas quem está contando?

— Você estava.

Shamron deu um sorriso débil; ele estava contando. Na verdade, tinha passado a vida inteira contando: o número de membros da família perdidos para os fogos do Holocausto; o número de compatriotas perdidos para as balas e as bombas; o número de vezes que tinha driblado a morte. Então, ele perguntou a Navot:

— Qual é a distância até o esconderijo?

— Duzentos e trinta e cinco quilômetros a partir dos limites da cidade.

— Qual é a previsão do tempo?

— Horrora — respondeu Navot. — Mas eles conseguem se virar.

Ele encarou as luzes se movendo através de Moscou.

— Trinta segundos — repetiu. — Nada mal.

— Trinta e três — voltou a corrigir Shamron. — E vamos torcer para que ninguém mais estivesse olhando.

Embora Shamron não soubesse, era exatamente isso que estava pensando o homem parado à janela do quadragésimo quarto andar do Hotel Metropol. Ele observava a esquina da Teatralny Prospekt e o caminho até a fortaleza amarela, que se erguia na praça Lubyanka. Imaginou se conseguiria detectar alguma espécie de reação — luzes se acendendo nos andares superiores, carros saindo da garagem —, mas decidiu que era improvável. Lubyanka sempre escondera bem suas emoções, assim como a Rússia sempre escondera seus mortos com eficiência.

O homem se afastou da janela, desligou o notebook e o colocou no compartimento lateral da bolsa de viagem. Desceu de elevador até o saguão, acompanhado por duas prostitutas de 17 anos com aparência de 45. Fora do hotel, um utilitário da Volvo aguardava, vigiado por um manobrista de aparência miserável, que recebeu uma generosa gorjeta. Ele sentou ao volante e dirigiu para longe. Vinte minutos depois, tendo contornado o Kremlin, uniu-se ao rio de aço e luzes que saía de Moscou rumo ao norte. No Centro de Operações, no entanto, ele era apenas uma luz vermelha, um anjo vingador sozinho na cidade dos hereges.

Outrora, aquela fora a dacha de um homem poderoso — um membro do Comitê Central, talvez até mesmo do Politburo. Ninguém sabia dizer com certeza, porque, nos dias caóticos que se seguiram ao colapso da União Soviética, tudo havia sido perdido. Fábricas pertencentes ao Estado permaneceram fechadas, pois ninguém conseguia encontrar as chaves; computadores do governo entraram no modo de repouso, porque ninguém conseguia se lembrar dos códigos. A Rússia entrara aos tropeções num admirável novo milênio sem qualquer mapa ou lembrança. Alguns falavam que ela ainda não tinha memória, embora agora a amnésia fosse proposital.

Por muitos anos, a dacha esquecida ficou vazia e abandonada, até que um construtor moscovita com uma fortuna recém-obtida, chamado Bloch, adquiriu-a por uma ninharia e realizou uma reconstrução completa. Por fim, assim como muitos novos-ricos da Rússia, entrou em conflito com a nova equipe do Kremlin e decidiu deixar o país enquanto ainda podia. Estabeleceu-se em Israel, em parte porque se achava um pouco judeu, mas principalmente porque nenhum outro país o acolheria. Com o passar do tempo, vendeu os bens russos, mas não abriu mão da dacha na Tver Oblast. Resolveu dá-la a Ari Shamron, dizendo-lhe para fazer bom proveito.

A dacha ficava ao lado de um lago sem nome, e a rua que conduzia até ela não aparecia em nenhum mapa. Não era bem uma rua; tratava-se mais de um sulco que fora criado na floresta de bétulas muito antes de qualquer pessoa ouvir falar de um lugar chamado Rússia. O portão original da dacha ainda existia. Por medo, Bloch — filho da era stalinista — não removera a velha placa soviética de “Entrada Proibida”, que agora reluziu brevemente sob os faróis de Gabriel enquanto ele subia aos solavancos pela pista coberta de neve. A dacha logo surgiu à sua frente, uma construção pesada de madeira com o telhado pontudo e varandas espaçosas ao redor. Havia diversos veículos estacionados em volta da casa, inclusive um Mercedes Classe E de propriedade da Volgatek. Quando saiu do utilitário, Gabriel viu a luz de um cigarro na escuridão.

— Bem-vindo a Shangri-Lá — disse Keller, que usava uma jaqueta grossa e segurava uma Makarov.

— Como está o perímetro?

— Um frio dos infernos, mas seguro.

— Quanto tempo você consegue ficar aqui fora?

Keller sorriu.

— Eu sou do Regimento, querido.

Gabriel deixou-o para trás e entrou na dacha. O restante da equipe se espalhava pelos móveis rústicos da sala ampla. Mikhail ainda estava vestido para um jantar no Café Pushkin. Ele tinha a mão direita enfiada numa tigela de água gelada.

— O que aconteceu? — perguntou Gabriel.

— Eu bati a mão.

— No quê?

— Num rosto.

Gabriel pediu para ver a mão. Estava muito inchada, com os nós de três dedos esfolados.

— Quantas vezes você bateu a mão?

— Uma ou duas. Ou talvez tenham sido onze ou doze.

— Como está o rosto?

— Veja você mesmo.

— Onde ele está?

Mikhail apontou para o chão.

Em meio aos muitos recursos de luxo da dacha, havia um abrigo nuclear. O espaço já fora ocupado por um estoque de um ano de comida, água e suprimentos. Agora continha dois homens. Ambos estavam cobertos de fita adesiva: mãos, pés, joelhos, bocas e olhos. Ainda assim, dava para ver que o rosto do mais velho sofrerá danos significativos, devido a repetidas colisões contra a perigosa direita de Mikhail. Ele estava apoiado numa parede, as pernas estendidas no chão. Ao escutar a porta sendo aberta, sua cabeça começou a virar de um lado para o outro, como uma antena de radar em busca de uma aeronave invasora. Gabriel se agachou na frente dele e arrancou a fita adesiva dos seus olhos, levando junto parte de uma sobrancelha; agora, o prisioneiro parecia estar com uma expressão de surpresa permanente. Havia um corte profundo na bochecha e sangue ressecado em volta do nariz entortado. Gabriel sorriu e tirou a fita adesiva da boca.

— Olá, Pavel. Ou devo chamá-lo de Paul?

Zhirov ficou em silêncio. Gabriel avaliou o nariz quebrado.

— Isso deve doer. Mas esse tipo de coisa sempre acontece num lugar como a Rússia.

— Estou ansioso para retribuir o favor, Allon.

— Então você me reconhece, afinal.

— É claro — disse Zhirov, um pouco confiante demais. — Nós o estamos observando desde que você colocou os pés na Rússia.

— Nós quem? A Volgatek? O SVR? A FSB? Ou deixamos as amenidades de lado e chamamos logo de KGB, que é exatamente do que se trata a sua organização?

— Você está morto, Allon... Você e toda a sua equipe. Nunca vai sair vivo da Rússia.

O sorriso de Gabriel se manteve firme.

— Eu sempre achei melhor não fazer ameaças vazias, Pavel.

— Concordo plenamente.

— Então talvez você deva parar de fingir que sabia que eu estava em Moscou, ou que sabia que Nicholas Avedon era minha criação. Você nunca teria agido contra ele esta noite sem o apoio da FSB se soubesse que ele era meu agente.

— Quem disse que eu não tinha apoio?

— Eu.

— Você está enganado, Allon. Mas você tem um longo histórico de erros. A FSB está apenas esperando para garantir que todos os membros da sua equipe estejam identificados. Você tem algumas horas, no máximo. E aí você é que estará sentado numa cela com o nariz quebrado.

— Então suponho que seja bom começarmos.

— Começarmos o quê?

— Sua confissão. Você vai dizer ao mundo como sequestrou uma garota inglesa chamada Madeline Hart para que a Volgatek Petróleo e Gás pudesse ganhar acesso ao mar do Norte.

Zhirov simulou surpresa.

— A garota inglesa? É disso que se trata?

Gabriel balançou a cabeça lentamente, como se desapontado com a resposta de Zhirov.

— Vamos, Pavel. Sem dúvida você pode fazer melhor do que isso. Você a sequestrou na estrada costeira perto de Calvi poucas horas depois de almoçar com ela no Les Palmiers. Um delinquente de Marselha chamado Marcei Lacroix o levou até o continente, onde você a entregou para outro vagabundo marselhês, René Brossard, para que a mantivesse presa. Então, após coletar 10 milhões de euros do primeiro-ministro britânico como resgate, deixou-a na traseira de um carro na praia em Audresselles e acendeu um fósforo.

— Nada mal, Allon.

— Na verdade, não foi muito difícil. Você deixou um monte de pistas para seguir. Mas isso foi proposital: o sequestro e o assassinato de Madeline deveriam parecer trabalho de criminosos franceses. Mas houve um engano, Pavel. Você deveria ter me dado ouvidos quando avisei para não machucá-la. Eu disse exatamente o que aconteceria se você o fizesse. Eu disse que o encontraria. E também que o mataria.

— Então por que não matou? Por que arriscar o seu pessoal me sequestrando e me trazendo para cá?

— Nós não o sequestramos, Pavel. Nós o capturamos. E o trouxemos aqui porque, apesar das circunstâncias atuais, esse é o seu

dia de sorte. Eu vou lhe dar algo que não acontece com muita frequência no nosso negócio: uma segunda chance.

— E o que eu preciso fazer?

— Responder algumas perguntas, amarrar algumas pontas soltas.

— Só isso?

Gabriel assentiu.

— E depois?

— Depois você será liberado.

— Para fazer o quê? — perguntou Zhiron, sério.

— Voltar para a Volgatek. Para o SVR. Para baixo da pedra da qual você rastejou.

Zhiron conseguiu abrir um sorriso condescendente.

— E o que você acha que vai acontecer comigo quando eu voltar para Yasenevo depois de responder suas perguntas e amarrar as pontas soltas?

— Suponho que você vá receber a vysshaya mera. A maior punição.

Zhiron aquiesceu, admirado.

— Você sabe muito sobre o meu serviço.

— Não por escolha. Para ser sincero, Pavel, não me importo com o que o seu serviço vai fazer com você.

— Você deveria se importar — disse Zhiron, mantendo o sorriso condescendente. — Veja bem, Allon, tudo o que você está me oferecendo é uma escolha entre a morte e a morte.

— Eu estou lhe oferecendo a oportunidade de presenciar mais uma alvorada russa, Pavel. E não se preocupe: vou garantir que você tenha bastante tempo num lugar tranquilo para poder pensar numa boa história para seus mestres no SVR. Algo me diz que, no fim, você vai acabar bem.

— E se eu me recusar?

— Nesse caso, vou meter uma bala na sua nuca por ter matado Madeline.

— Preciso de tempo para pensar.

Gabriel recolocou a fita adesiva sobre os olhos e a boca de Zhiron.

— Você tem cinco minutos.

Na verdade, acabaram se passando dez minutos antes de Mikhail, Yaakov e Oded carregarem Zhiron para a sala de jantar, onde o prenderam com firmeza numa cadeira pesada. Gabriel estava sentado à sua frente. Atrás dele, postava-se Yossi, com os olhos fixos na pequena tela de uma filmadora montada num tripé. Depois de fazer um pequeno ajuste ao ângulo da filmagem, Yossi meneou a cabeça para Mikhail, que arrancou a fita dos olhos e da boca de Zhiron. O

russo piscou rapidamente várias vezes. Em seguida, seus olhos varreram o cômodo devagar, gravando cada rosto, cada detalhe, antes de enfim recair sobre a fotografia que Gabriel tinha nas mãos. Nela estava Zhirov, com uma aparência muito diferente da atual, almoçando com Madeline Hart no Les Palmiers.

— Como você a conheceu? — perguntou Gabriel.

— Conheci quem?

Gabriel colocou a foto em cima da mesa e pediu para Yossi desligar a filmadora. Eles cortaram as amarras da cadeira, prenderam os pulsos de Zhirov com uma corda e o carregaram para fora, na escuridão, até a beira do lago. No fim de uma doca com cerca de 15 metros de comprimento, havia um trecho de água que ainda não tinha congelado. Zhirov deu um mergulho desajeitado, como faz um homem bem amarrado sendo jogado por três sujeitos furiosos.

— Você sabe qual é o tempo de sobrevivência na água nessa temperatura? — perguntou Keller.

— Ele vai começar a perder sensibilidade e destreza em dois minutos. E provavelmente estará inconsciente em quinze.

— Isso se ele não se afogar antes.

— Sempre há essa chance — admitiu Gabriel.

Keller observou em silêncio o homem se debater.

— Como você vai saber que já passou tempo suficiente?

— Quando ele começar a afundar.

— Lembre-me de nunca entrar na sua lista negra.

— Esse tipo de coisa sempre acontece num lugar como a Rússia.

Bastaram dois minutos no lago. Depois disso, não houve mais nenhuma afirmação de inocência, nenhuma ameaça de que, em breve, a FSB chegaria. Resignado ao seu destino, Zhirov se tornou um prisioneiro-modelo. Apresentou apenas um pedido: que fizessem algo a respeito de sua aparência. Como a maior parte dos espões, tinha passado a vida evitando câmeras e não queria fazer a estreia parecendo o perdedor de uma luta de boxe.

Na comunidade de inteligência, há uma verdade dada como certa: ao contrário da crença popular, a maioria dos espões gosta de falar, especialmente em meio a circunstâncias que tomam suas carreiras irrecuperáveis. Nessa situação, fazem os segredos jorrarem, mesmo se for apenas para provar a si mesmos que eles foram mais do que uma simples engrenagem na máquina secreta, que foram importantes, mesmo que não tenham sido.

Portanto, Gabriel não se surpreendeu quando Zhirov, depois de se recuperar do mergulho no lago, assumiu subitamente uma atitude verborrágica. Vestido com roupas secas, aquecido pelo chá doce e por um gole de uísque, começou o relato não com Madeline Hart, mas consigo mesmo. Ele tinha sido um filho da nomenklatura, a elite comunista da União Soviética. Seu pai fora um oficial de alto escalão no Ministério Soviético das Relações Exteriores sob o comando de Andrei Gromyko; isso significava que Zhirov tinha estudado em escolas especiais reservadas para as crianças da elite e que podia fazer compras em lojas especiais do Partido que vendiam bens de luxo, com os quais a maioria dos cidadãos soviéticos conseguia apenas sonhar. E também havia o luxo quase inaudito das viagens ao exterior. Zhirov passou boa parte da infância fora da União Soviética, principalmente nos estados vassalos do Leste Europeu que compunham a área de especialização do pai — embora, certa vez, ele tenha ficado seis meses em Nova York quando o pai trabalhou nas Nações Unidas. Zhirov odiava a cidade americana, pois, como criança leal ao Partido, fora criado e educado para detestá-la.

— Nós não víamos a riqueza e a ganância dos Estados Unidos como algo a ser imitado. Para nós, eram elementos que podíamos usar contra os americanos para destruí-los.

Apesar de ter sido um estudante indiferente e, com frequência, inadequado, Zhirov foi aceito pelo prestigiado Instituto de Línguas Estrangeiras de Moscou. Ao se graduar, todos imaginaram que ele

fosse trabalhar para o Ministério das Relações Exteriores. Em vez disso, um recrutador do Comitê de Segurança do Estado, mais conhecido como KGB, apareceu no apartamento de Zhiron em Moscou. O homem disse que o serviço secreto estava de olho em Pavel desde a sua infância e acreditava que ele reunia todos os atributos de um espião perfeito.

— Fiquei incrivelmente lisonjeado — admitiu Zhiron. — Era 1975. Ford e Brejnev estavam se fazendo de amigos em Helsinque, mas, por trás da fachada amena, a disputa entre o Leste e o Oeste, o capitalismo e o socialismo, ainda grassava. E eu iria fazer parte dela.

Mas antes, acrescentou Zhiron, teria que frequentar outra instituição: o Instituto do Estandarte Vermelho, o centro de treinamento da KGB em Moscou. Lá, aprendeu os aspectos básicos do trabalho na KGB, em especial sobre recrutamento de espiões, um processo dolorosamente lento e controlado com firmeza, que chegava a durar um ano ou mais. Quando o treinamento terminou, foi designado para o Quinto Departamento do Primeiro Diretório Geral e transferido para Bruxelas. Em seguida, passou por vários outros postos na Europa Ocidental, até que os seus superiores no Centro Moscovita perceberam que tinha talento para o lado mais obscuro da profissão. Zhiron foi realocado no Departamento S, a unidade que supervisionava agentes soviéticos residindo “ilegalmente” no exterior. Depois, trabalhou para o Departamento V, a divisão da KGB que lidava com o mokroye delo.

— “Serviço úmido”... Assassinatos, certo?

Zhiron assentiu.

— Eu não era um assassino como você, Allon, mas um organizador, estrategista.

— Você conduziu alguma operação de falsa bandeira enquanto estava no Departamento V?

— Nós as conduzíamos o tempo todo — admitiu Zhiron. — Na verdade, falsas bandeiras eram o procedimento operacional de praxe. Quase nunca agíamos contra um alvo a menos que pudéssemos criar uma história plausível mostrando que outra pessoa estava por trás da ação.

— Quanto tempo você ficou no Departamento V?

— Até o fim.

Com isso, ele queria dizer o fim da União Soviética, que desmoronou em dezembro de 1991. Quase da noite para o dia, o antigo superpoder foi transformado em quinze países, com a Rússia, o coração da velha organização, em destaque. A KGB se dividiu em dois serviços diferentes. Em pouco tempo, o Centro Moscovita, outrora uma catedral da inteligência, enfrentou tempos difíceis. Surgiram rachaduras no exterior do prédio e o saguão se encheu de lixo. Oficiais

com a barba por fazer vestindo trajes amarrotados vagavam pelos corredores num torpor alcoólico.

— Não havia sequer papel higiênico no banheiro masculino — disse Zhiron, a voz sendo tomada pelo desgosto. — O lugar todo era um chiqueiro. E não havia ninguém no comando.

Ele contou que isso mudara quando Boris Yeltsin enfim deixou o palco e os siloviki, homens dos serviços de segurança, assumiram o controle do Kremlin. Quase imediatamente, ordenaram que o SVR aumentasse o volume de operações contra os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, aliados nominais da nova Federação Russa. Zhiron foi designado como novo chefe rezident do SVR em Washington, um dos postos mais importantes do serviço. Mas, no dia em que deveria partir da Rússia, recebeu uma convocação do Kremlin. Pelo visto, o presidente, um velho colega da KGB, queria conversar.

— Imaginei que ele quisesse me dar algumas instruções de despedida sobre como lidar com o trabalho em Washington, mas a verdade é que ele tinha outros planos para mim.

— A Volgatek — concluiu Gabriel.

Zhiron assentiu.

— A Volgatek.

Para compreender o que aconteceu em seguida, disse Zhiron, antes seria necessário entender a importância do petróleo para a Rússia. Ele lembrou à sua plateia que, por décadas, a União Soviética havia sido a terceira maior produtora mundial dessa commodity, perdendo apenas para os emirados do Golfo Pérsico, dominados pelos americanos, e para a Arábia Saudita. As crises de petróleo nos anos 1970 e 1980 turbinaram a vacilante economia soviética. Foram como uma máscara de oxigênio, que prolongou a vida do paciente até muito tempo depois de o cérebro parar de funcionar. O novo presidente russo compreendeu o que Yeltsin não tinha entendido: o petróleo poderia transformar a Rússia numa superpotência novamente. Então, ele disse aos oligarcas como Viktor Orlov que a porta da rua era a serventia da casa, e colocou todo o setor russo de energia sob o controle efetivo do Kremlin. Em seguida, abriu uma empresa petrolífera própria.

— A KGB Óleo e Gás — disse Gabriel.

— Mais ou menos — concordou Zhiron, assentindo devagar. — Mas a nossa empresa seria diferente. Ficamos incumbidos de adquirir direitos de perfuração e ativos de downstream fora da Rússia. E nós éramos KGB de cima a baixo. Na verdade, uma porcentagem substancial dos lucros passou a fluir diretamente para as contas em Yasenevo.

— E para onde vai o resto?

— Use a sua imaginação.

— Para o bolso do presidente russo?

— Ele não se tornou o homem mais rico da Europa investindo com sabedoria a sua pensão da KGB. Nosso presidente vale cerca de 40 bilhões de dólares, e boa parte da fortuna vem da Volgatek.

— De quem foi a ideia de perfurar no mar do Norte?

— Foi dele — respondeu Zhirov. — É uma empreitada que ele leva muito a sério. Disse que a Volgatek deveria enfiar um canudo nas águas territoriais britânicas e sugar até que não reste nada. Ah, só para constar: eu fui contra a ideia desde o começo.

— Por quê?

— Parte do meu trabalho como chefe de segurança e operações consiste em inspecionar o campo antes de ser tomada qualquer decisão sobre um ativo ou um contrato. A minha análise da situação na Inglaterra não foi promissora. Previ que as tensões políticas entre Londres e Moscou levariam a uma rejeição do nosso pedido para perfurar na região das Ilhas Ocidentais. E, infelizmente, eu estava certo.

— Suponho que o presidente tenha ficado desapontado.

— Eu nunca o vi tão furioso. Principalmente porque suspeitou que Viktor Orlov tivesse desempenhado algum papel nessa questão. Ele me chamou para o seu escritório no Kremlin e disse que eu deveria usar todos os meios necessários para conseguir aquele contrato.

— Então você mirou em Jeremy Fallon.

Zhirov hesitou antes de responder:

— É óbvio que você tem boas fontes em Londres.

— Cinco milhões de euros numa conta bancária suíça. Foi isso que você deu para Jeremy Fallon em troca do contrato.

— A negociação foi dura. É claro que ficamos extremamente desapontados quando ele não cumpriu a promessa. Fallon alegou que não podia fazer nada.

Lancaster e o secretário de Energia eram totalmente contra o acordo. Nós precisávamos agir para mudar a dinâmica... moldar o campo de batalha, por assim dizer.

— Então você sequestrou a amante do primeiro-ministro.

Zhirov não respondeu.

— Confesse, ou vamos dar outro mergulho ao luar.

— Sim — disse Zhirov, olhando direto para a câmera —, eu sequestrei a amante do primeiro-ministro.

— Como você sabia que Lancaster estava tendo um caso com ela?

— A rezidentura em Londres já ouvia rumores há algum tempo sobre uma jovem do quartel-general do Partido que visitava a Downing Street tarde da noite. Pedi que investigassem a questão mais a fundo. Não levaram muito tempo para descobrir quem era.

— Fallon sabia que você planejava sequestrá-la?

Zhirov balançou a cabeça.

— Só depois de obter a confissão de Madeline é que revelei a Fallon nossa participação. Disse a ele para aproveitar a oportunidade e fechar o negócio. Caso contrário, eu o entregaria também.

— Vazando o fato de que ele aceitara um suborno de cinco milhões de euros de uma petrolífera do Kremlin.

Zhirov assentiu.

— Quando você entrou em contato com ele?

— Eu viajei para Londres enquanto você e o seu amigo da Córsega reviravam a França atrás da garota. Lancaster estava tão incapacitado pelo estresse que aceitava qualquer coisa. Fallon forçou o acordo, apesar das objeções do secretário de Energia. Em seguida, dei início ao lance final.

— O pedido de resgate — completou Gabriel. — Dez milhões de euros, ou a garota morreria. E Fallon soube o tempo todo que era só uma farsa para encobrir o papel da Volgatek no desaparecimento de Madeline.

— E o papel dele também.

— O quanto Lancaster sabia?

— Nada — garantiu Zhirov. — Ele ainda acha que pagou 10 milhões de euros para salvar a amante e a carreira política.

— Por que você insistiu para que eu entregasse o dinheiro?

— Nós queríamos nos divertir um pouco às suas custas.

— Matando Madeline na minha frente?

Zhirov ficou em silêncio.

— Diga para a câmera, Pavel. Admita que você matou Madeline.

— Eu matei Madeline Hart — recitou ele.

— Como?

— Colocando-a na traseira de um Citroen com uma bomba de gasolina.

— Por quê? Por que você a matou?

— Ela precisava morrer. Não poderia voltar para a Inglaterra de forma alguma.

— Por que você não me matou também?

— Acredite em mim, Allon, nada teria nos deixado mais felizes. Mas achamos que você fosse mais útil vivo do que morto. Afinal, quem melhor do que o grande Gabriel Allon para confirmar que Madeline tinha sido morta em um esquema banal de sequestro por resgate?

— Onde estão os 10 milhões de euros?

— Dei de presente para o presidente russo.

— Gostaria de tê-los de volta.

— Boa sorte.

Gabriel colocou a fotografia do almoço no Les Palmiers na mesa de novo.

— O que estava acontecendo aqui?

— Suponho que você possa considerar isso o estágio final de um recrutamento romântico.

Gabriel franziu o cenho, cético.

— Por que uma jovem linda como Madeline se interessaria por um babaca como você?

— Eu sou bom no que faço, Allon. Assim como você. Além disso, ela era uma garota solitária. Uma garota fácil.

— Tome cuidado, Pavel. — Gabriel analisou a foto com certo exagero. — Engraçado, mas vocês dois não pareciam muito à vontade juntos.

— Foi a nossa terceira reunião.

— Reunião?

— Encontro — corrigiu-se Zhirov.

— Não me parece que vocês estivessem se divertindo — insistiu Gabriel, ainda fitando a foto. — Na verdade, se fosse para eu adivinhar, diria que vocês estavam brigando.

— Não estávamos — retrucou Zhirov rapidamente.

— Tem certeza?

— Tenho.

Gabriel colocou a foto de lado.

— Mais alguma pergunta? — quis saber Zhirov.

— Só uma: como você soube que Madeline estava tendo um caso com Jonathan Lancaster?

— Eu já respondi a essa pergunta.

— Eu sei, mas, desta vez, quero que me diga a verdade.

Ele deu a mesma explicação — sobre os rumores chegando aos ouvidos do rezident do SVR em Londres —, mas Gabriel não estava engolindo. Deu mais uma chance para Zhirov e, como ele continuava repetindo a mesma mentira, levou o russo até o final da doca e pressionou o cano da Makarov contra a sua nuca. Lá, na beira do lago congelado sem nome, a verdade saiu aos borbotões. Parte de Gabriel tinha suspeitado desde o começo. Mesmo assim, ele mal pôde acreditar na história. Mas só podia ser verdade, pensou. Era a única explicação possível para tudo o que havia acontecido.

Quando eles voltaram para a dacha, Zhirov recitou a história novamente, dessa vez para a câmera, antes de ser devolvido, amarrado e amordaçado, ao abrigo nuclear. Agora, a operação estava quase concluída. Eles tinham obtido provas de que a Volgatek subornara e chantageara para abrir caminho até o lucrativo mercado de petróleo do mar do Norte. Tudo o que restava era se dirigirem ao aeroporto e

embarcarem em voos separados para casa. Ou, sugeriu Gabriel, poderiam adiar a partida para tratar de uma última questão. Não era uma decisão que ele podia tomar sozinho, portanto, atipicamente, uma votação foi aberta. Não houve nenhuma oposição.

SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA

Gabriel decidiu que seria mais seguro ir de trem. Havia uma estação na cidade de Okulovka e ele poderia pegar o primeiro transporte local da manhã e chegar a São Petersburgo no começo da tarde. Ficou secretamente feliz quando Lavon insistiu em acompanhá-lo. Gabriel precisava dos olhos dele. E também precisava de seu russo.

Eram menos de 65 quilômetros até Okulovka, mas as estradas terríveis e o tempo ruim alongaram a viagem para quase duas horas. Eles deixaram o Volvo num pequeno estacionamento tomado pelo vento e foram às pressas para a estação, uma estrutura de tijolos vermelhos recém-construída, estranhamente parecida com uma fábrica. Os passageiros já estavam embarcando quando Lavon conseguiu comprar duas passagens de primeira classe de um dos bilheteiros protegidos atrás das cabines de vidro. Eles dividiram um compartimento com duas garotas russas que conversavam sem parar e um homem de negócios magro vestido com elegância que não tirou os olhos do telefone sequer uma vez. Lavon passou o tempo lendo os jornais matinais de Moscou, que não faziam nenhuma menção a um executivo do petróleo desaparecido. Gabriel ficou olhando através da janela coberta de gelo, contemplando os campos intermináveis de neve, até que o oscilar do vagão começou a embalá-lo.

Ele acordou assustado quando o trem entrou chacoalhando na estação Moskovsky, em São Petersburgo. No andar de cima, o grande saguão abobadado estava tumultuado; pelo visto, o trem-bala vespertino para Moscou tinha sido atrasado por uma ameaça chechena de bomba. Seguido por Lavon, Gabriel se embrenhou na massa de crianças choronas e casais discutindo e saiu na Praça Vosstaniya. O Obelisco da Cidade-Herói se erguia no centro da rotatória engarrafada. Postes iluminavam toda a Nevsky Prospekt. Eram apenas duas da tarde, mas qualquer luz do sol que tivesse surgido já desaparecera havia muito tempo.

Gabriel caminhou pela prospekt, seguido por um vigilante Lavon. Ele não estava mais na Rússia, pensou, mas num paraíso czarista, importado do Ocidente e construído por camponeses aterrorizados. Florença o chamava das fachadas dos palácios barrocos, e, atravessando o rio Moyka, ele imaginou Veneza. Gabriel se perguntou quantos cadáveres jaziam abaixo do gelo. Milhares, dezenas de milhares. Nenhuma outra cidade no mundo escondia os horrores do

passado com mais beleza do que São Petersburgo.

A única visão desagradável da prospekt ficava perto do final: o velho prédio da Aeroflot, uma monstruosidade cinza inspirada no Palácio Ducal de Veneza, com uma pitada da Florença dos Médicis para completar. Gabriel entrou na rua Bolshaya Morskaya e a seguiu através do Arco do Triunfo, chegando à Praça do Palácio. Ao chegarem perto da Coluna de Alexandre, Lavon se aproximou para dizer que ele não estava sendo seguido. Gabriel consultou o relógio, que parecia congelado em seu pulso. Eram duas horas e vinte. Acontece no mesmo horário todos os dias, dissera Zhirov. Eles sempre ficam meio loucos quando voltam para casa depois de muito tempo no frio.

Junto à Praça do Palácio, havia um pequeno parque, verde no verão e agora branco como um osso por causa da neve. Lavon aguardou ali num banco enquanto Gabriel caminhava sozinho até o Cais do Palácio. O rio Neva estava congelado. Olhou para o relógio pela última vez. Em seguida, ficou parado na barreira, tão inerte quanto o poderoso rio, e esperou por uma garota desconhecida.

Ele a viu cinco minutos depois, atravessando a Ponte do Palácio. Ela usava um casaco grosso e botas que quase alcançavam os joelhos. Um chapéu de lã cobria-lhe os cabelos claros. Um lenço ocultava a parte inferior do rosto. Mesmo assim, Gabriel soube instantaneamente que era ela. Os olhos a traíam. Os olhos e o contorno dos malaras. Era como se a moça com brincos de pérola de Vermeer tivesse sido libertada da tela e agora caminhasse ao longo da margem de um rio em São Petersburgo.

Ela passou como se Gabriel fosse invisível e seguiu para o Hermitage. Antes de segui-la, ele verificou se a mulher estava sendo vigiada e, quando entrou no museu, a garota já tinha sumido. Isso não importava, pois Gabriel sabia para onde a desconhecida ia. Sempre o mesmo quadro, falara Zhirov. Ninguém consegue entender por quê.

Ele comprou uma entrada e caminhou pelos corredores e galerias intermináveis até a Sala 67: a Sala de Monet. E lá estava ela, sentada a sós, admirando Lagoa em Montgeron. Quando Gabriel se sentou ao seu lado, a mulher olhou de relance para ele antes de voltar a observar a pintura. O disfarce dele era melhor do que o dela. Gabriel não significava nada para a mulher. Nunca deveria ter significado.

Após mais um minuto, ele ainda não tinha se mexido; ela se virou e o encarou pela segunda vez. Foi então que a mulher percebeu o exemplar de Uma janela para o amor equilibrado sobre o seu joelho.

— Acredito que isso pertença a você — disse Gabriel, e colocou o livro com cuidado na mão trêmula da mulher.

PRAÇA LUBYANKA, MOSCOU

No quarto andar da sede da FSB, há um conjunto de salas ocupadas pela menor e mais secreta unidade da organização. Conhecido como Departamento de Coordenação, o grupo lida apenas com casos de extrema sensibilidade política, normalmente a pedido do próprio presidente russo. Naquele momento, o velho chefe da unidade, coronel Leonid Milchenko, estava sentado em frente à sua grande mesa feita na Finlândia, com um telefone grudado no ouvido, os olhos fixos na Praça Lubyanka. Vadim Strelkin, seu braço direito, estava parado ansioso na soleira da porta. Pela forma como Milchenko bateu o telefone, percebeu que teria uma longa noite.

— Quem era? — perguntou Strelkin.

Milchenko respondeu sem tirar os olhos da janela.

— Merda — praguejou Strelkin.

— Merda não, Vadim: petróleo.

— O que ele queria?

— Ele quer uma conversa particular.

— Onde?

— No escritório dele.

— Quando?

— Cinco minutos atrás.

— Do que você acha que se trata?

— Pode ser qualquer coisa — falou Milchenko. — Mas, se a Volgatek está envolvida, não pode ser nada bom.

— Vou pegar o carro.

— Boa ideia, Vadim.

Tirar o carro das entranhas de Lubyanka levou mais tempo do que a viagem curta até a sede da Volgatek na rua Tverskaya. Dmitry Bershov, o número dois da empresa, esperava, ansioso, no saguão quando Milchenko e Strelkin entraram — outro mau sinal. Em silêncio, conduziu-os a um elevador executivo e apertou o botão do último andar. Ao se abrirem as portas, eles deram diretamente no maior escritório que Milchenko já vira em Moscou. Só depois de alguns segundos é que ele avistou Gennady Lazarev, sentado numa das pontas de um comprido sofá de couro. O coronel decidiu ficar de pé enquanto o CEO da Volgatek explicava que Pavel Zhironov, seu chefe de segurança, não era visto desde as onze horas da noite passada. Milchenko conhecia o nome: havia sido seu contemporâneo na KGB. Ele deixou um caderno de couro na mesa de centro de Lazarev e se

sentou.

— O que estava acontecendo ontem à noite às onze horas?

— Nós estávamos dando uma festa no Café Pushkin para celebrar uma contratação importante na empresa. A propósito, o novo funcionário também está desaparecido. Assim como o motorista.

— Você podia ter mencionado isso logo de cara.

— Estava chegando ao ponto.

— Qual é o nome do novo contratado?

Lazarev respondeu.

— Russo?

— Na verdade, não.

— O que isso significa?

— Que ele vem de família russa, mas carrega um passaporte britânico.

— Então ele é, na verdade, britânico.

— É.

— Mais alguma coisa que eu deva saber sobre ele?

— Atualmente, é funcionário de Viktor Orlov em Londres.

Milchenko trocou um olhar demorado com Strelkin antes de encarar o caderno, sem dizer nada. Ele ainda não tinha escrito nada no papel; provavelmente, uma atitude sensata. Estavam desaparecidos um ex-agente da KGB e um associado do oponente mais ferrenho do Kremlin. Milchenko começava a achar que deveria ter ficado em casa naquela manhã, fingindo estar doente.

— Suponho que eles tenham deixado o Café Pushkin juntos — disse por fim. Lazarev assentiu.

— Por quê?

— Pavel queria lhe fazer algumas perguntas.

— Por que eu não estou surpreso?

Lazarev ficou em silêncio.

— Que tipo de perguntas?

— Pavel tinha algumas suspeitas em relação a ele.

— Tais como...?

— Ele acreditava que o homem podia estar vinculado a um serviço estrangeiro de inteligência.

— Algum serviço específico?

— Por razões óbvias — disse Lazarev com cuidado suas suspeitas se centraram nos britânicos.

— Então ele planejava bater um pouco no cara.

— Ele só ia fazer algumas perguntas.

— E se não gostasse das respostas?

— Nesse caso, bateria um pouco.

— Que bom que esclarecemos isso.

O telefone perto de Lazarev emitiu um zumbido leve. Ele

atendeu, escutou em silêncio e disse “Imediatamente” antes de desligar.

- O que foi? — perguntou Milchenko.
- O presidente gostaria de ter uma conversa.
- Você não deveria deixá-lo esperando.
- Na verdade, é você que ele quer ver.

SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA

Naquele mesmo instante, o homem responsável pela convocação do coronel Milchenko ao Kremlin caminhava pela Admiralty Prospekt, em São Petersburgo. Ele não sentia mais frio, apenas o ponto em seu braço onde a mão dela havia pousado brevemente antes de eles se separarem. Seu coração batia contra o peito. Sem dúvida ela estaria sendo observada. E Gabriel estaria prestes a ser preso. Para apaziguar seus medos, mentiu para si mesmo. Ele não estava na Rússia, pensou, mas em Veneza e Roma e Florença e Paris, tudo ao mesmo tempo. Estava seguro. Ela também.

A Catedral de Santo Isaac, a colossal igreja de mármore que os soviéticos transformaram num museu do ateísmo, surgiu à sua frente. Ele entrou no prédio e subiu a escadaria estreita em caracol até a cúpula que cercava o domo dourado. Como esperava, a plataforma estava vazia. A cidade de conto de fadas fervilhava abaixo dos seus pés, o trânsito se movendo lentamente pelas grandes prospekt.

Numa delas, uma mulher caminhava sozinha; um chapéu cobria-lhe os cabelos claros, um lenço ocultava a parte inferior do rosto. Alguns momentos depois, ele ouviu os passos na escada. E, então, ela estava parada na sua frente. Não havia iluminação na cúpula. Mal dava para vê-la na escuridão.

— Como você me encontrou?

O som da voz dela era quase irreal. Era o sotaque britânico. Gabriel se deu conta de que era o único sotaque dela.

— Não importa como eu encontrei você.

— Como? — perguntou ela de novo, mas dessa vez Gabriel só ficou em silêncio. Ele deu um passo na direção dela para enxergar seu rosto mais claramente.

— Agora você se lembra de mim, Madeline? Fui eu que arrisquei tudo para tentar salvar a sua vida. Nunca me ocorreu que você estivesse envolvida desde o começo. Você me enganou, Madeline. Você enganou todo mundo.

— Eu nunca estive envolvida, mas apenas obedecendo ordens.

— Eu sei — disse Gabriel depois de um instante. — Caso contrário, não estaria aqui.

— Quem é você?

— Na verdade, eu estava prestes a fazer a mesma pergunta.

— Meu nome é Madeline. Madeline Hart, de Basildon, Inglaterra. Eu segui todas as regras. Fui bem na escola e na

universidade. Consegui um emprego na sede do Partido. Meu futuro era promissor. Eu seria membro do Parlamento algum dia. Talvez até mesmo uma ministra. — Ela fez uma pausa. — Pelo menos era isso que diziam sobre mim.

— Qual é o seu nome real?

— Não sei o meu nome real. Eu mal falo russo. Eu não sou russa. Sou Madeline. Uma garota inglesa.

Ela tirou o exemplar de Uma janela para o amor do bolso do casaco e o ergueu.

— Onde você encontrou isto?

— No seu quarto.

— O que você estava fazendo lá?

— Tentando descobrir por que a sua mãe foi embora de Basildon sem dizer nada para ninguém.

— Ela não é a minha mãe.

— Agora eu sei disso. Na verdade, acho que eu soube quando vi uma fotografia com você e os seus pais. Eles parecem...

— Camponeses — completou ela, ressentida. — Eu os odiava.

— Onde a sua mãe e o seu irmão estão agora?

— Num velho centro de treinamento da KGB no meio do nada. Eu deveria ter ido para lá também, mas me recusei. Disse que queria viver em São Petersburgo, ou então fugiria para o Ocidente.

— Você tem sorte de não estar morta.

— Eles me ameaçaram. — Ela o encarou por um instante. — Quanto você realmente sabe sobre mim?

— Sei que o seu pai foi um general importante no Primeiro Diretório Geral, talvez até mesmo o próprio chefe. Sua mãe era uma de suas datilografas. Ela teve uma overdose com pílulas para dormir e vodka pouco depois de você nascer; pelo menos essa é a história. Então, você foi colocada num tipo de orfanato.

— Um orfanato da KGB. Fui criada por lobos, de verdade.

— A certa altura, eles pararam de falar russo com você no orfanato. Na verdade, não falavam mais nada na sua presença. Você cresce em completo silêncio até mais ou menos os 3 anos. É aí que eles começam a conversar com você em inglês.

— Inglês da KGB — explicou ela. — Passei um tempo com o sotaque de um locutor da Rádio Central de Moscou.

— Quando você conheceu os seus novos pais?

— Eu tinha uns 5 anos. Nós vivemos juntos num campo da KGB por um ano para nos conhecermos. Em seguida, nos acomodamos na Polônia. Quando a grande migração polonesa para Londres começou, nós fomos junto. Os meus pais da KGB já falavam um inglês perfeito. Eles criaram identidades e se engajaram em espionagem de baixo nível. Sua principal função era cuidar de mim. Nós nunca

conversávamos em russo dentro de casa. Só inglês. Depois de um tempo, até esqueci que era russa. Eu lia livros para aprender a ser uma garota inglesa adequada: Austen, Dickens, Lawrence, Forster.

— Uma janela para o amor.

— Assim como a Lucy, eu só queria um quarto com uma bela vista...

— Por que a casa em Basildon?

— Era a década de 1990 — explicou ela. — A Rússia estava falida. O SVR estava em frangalhos. Não havia orçamento para sustentar uma família de ilegais em Londres, então nós fomos para Basildon e recebíamos seguro-desemprego. O Estado britânico do bem-estar financiava uma espia.

— O que aconteceu com o seu pai?

— Ele contraiu a doença da ilegalidade.

— Perdeu o controle?

Ela assentiu.

— Disse ao Centro Moscovita que queria sair dali. Caso contrário, iria até o MI5. O Centro o levou de volta para a Rússia. Só Deus sabe o que fizeram com ele.

— Vysshaya mera.

— O que isso significa?

— Não importa.

Agora nada além daquela garota importava, pensou Gabriel. Ele olhou para a praça e viu Lavon batendo os pés no chão para se aquecer. Madeline também o viu.

— Quem é ele?

— Um amigo.

— Um vigia?

— O melhor.

— É bom que seja.

Ela deu as costas para Gabriel e começou a caminhar devagar ao longo do parapeito.

— Quando eles ativaram você? — perguntou Gabriel, olhando para suas costas elegantes.

— Quando eu estava na universidade. Eles queriam que eu me preparasse para uma carreira no governo. Estudei ciências políticas e serviço social, e de repente eu tinha um emprego na sede do Partido. O pessoal do Centro Moscovita ficou bem entusiasmado. Então, Jeremy Fallon me acolheu e eles ficaram eufóricos.

— Você dormiu com ele?

Madeline se virou e sorriu pela primeira vez.

— Você já viu Jeremy Fallon?

— Vi.

— Então tenho certeza de que você não vai duvidar que eu não

dormi com ele. Mas Fallon queria dormir comigo, eu alimentei suas esperanças e ele me deu tudo o que eu queria.

— Como o quê?

— Alguns minutos sozinha com o primeiro-ministro.

— De quem foi a ideia?

— Do Centro Moscovita. Eu nunca fiz nada sem a aprovação deles.

— Eles acharam que Lancaster poderia estar vulnerável a uma abordagem?

— Eles são todos vulneráveis — retrucou Madeline. —

Infelizmente para Jonathan, ele cedeu à tentação. No instante em que fez amor comigo pela primeira vez, comprometeu-se totalmente.

— Parabéns. Você deve ter ficado muito orgulhosa de si mesma.

Ela se virou bruscamente e o encarou por um momento sem falar nada.

— Não estou orgulhosa do que fiz. Eu me afeiçoei muito a Jonathan. Nunca quis que ele sofresse qualquer mal.

— Então talvez você devesse ter dito a verdade a ele.

— Eu pensei em fazer isso.

— O que aconteceu?

— Fui tirar férias na Córsega — respondeu ela, com um sorriso triste. — E depois eu morri.

Mas a história era mais complicada do que isso, claro. A começar pela mensagem que ela recebera do Centro Moscovita, que a orientava a se encontrar com um agente do SVR no restaurante Les Palmiers, em Calvi. O homem lhe informou que sua missão na Inglaterra tinha terminado e que ela deveria voltar para a Rússia. Seu retorno deveria parecer um sequestro, despistando, assim, a inteligência britânica.

— Vocês discutiram — disse Gabriel.

— De forma silenciosa, mas intensa. Eu disse a ele que queria ficar na Inglaterra e viver o resto da minha vida como Madeline Hart. O agente falou que isso não seria possível, que, se eu não fizesse exatamente o que ele tinha ordenado, o sequestro seria real.

— Então você saiu da casa de moto e sofreu um acidente.

— Por sorte, não morri. Ainda tenho as cicatrizes da colisão.

— Quanto tempo você realmente passou nas mãos dos criminosos franceses?

— Tempo demais — respondeu ela. — Mas a equipe do SVR também estava junto.

— E quanto à noite em que fui vê-la?

— Todos naquela casa eram do SVR, inclusive a garota que eles enviaram para contar o dinheiro.

— Você fez uma bela performance naquela noite, Madeline.
— Não foi tudo uma performance. — Ela fez uma pausa. — Eu queria que você me resgatasse.

— Eu tentei, mas o jogo estava armado contra mim.
— Deve ter sido terrível.
— Especialmente para a garota que eles enfiaram no portamalas daquele carro.

Madeline ficou calada.

— Quem era ela? — perguntou Gabriel.

— Alguma garota que arrancaram das ruas de Moscou.

Espalharam o DNA dela no meu apartamento em Londres, e aí... — Sua voz se perdeu.

— Acenderam um fósforo.

A expressão dela ficou sombria. Ela se virou de costas e olhou para a cidade escura e gélida.

— Não é tão mal aqui, sabe? Me deram um apartamento adorável. Tem uma boa vista. Posso passar o resto da vida aqui e fingir que estou em Roma, Veneza ou Paris.

— Ou em Florença.

— Sim, Florença — concordou ela. — Como Lucy e Charlotte nesse livro que você trouxe.

— É isso que você quer?

Ela voltou a encará-lo.

— Que escolha eu tenho?

— Você pode vir comigo.

— Não, não posso — replicou ela, balançando a cabeça devagar. — Você vai acabar morto. Eu também.

— Se eu consegui encontrá-la em São Petersburgo, Madeline, consigo tirar você daqui.

— Como você me encontrou? — insistiu ela.

— Ainda não posso dizer.

— Quem é você?

— Também não posso dizer.

— Para onde você vai me levar?

— Para casa — afirmou ele com uma parada no caminho.

Ela vivia num grande prédio antigo do outro lado do rio Neva com vista para o Palácio de Inverno. Lavon acompanhou-a em segredo até seu apartamento. Já Gabriel deu entrada no Astoria Hotel e, já no quarto, fez um relatório atualizado para o King Saul Boulevard. Uma cópia do documento foi entregue a um Uzi Navot exausto às 17h47, no horário de Tel Aviv. Ele o leu em silêncio, então olhou para Shamron.

— O que foi, Uzi?

— Ele quer mudar a cidade de partida de Moscou para São

Petersburgo.

— Por quê?

— Você não acreditaria se eu dissesse.

Navot passou o relatório para Shamron, que o leu através de uma nuvem de fumaça. Ao término, Navot recebeu uma segunda atualização.

— Ele está prestes a nos enviar um vídeo.

— Do quê?

Antes que Navot pudesse responder, o rosto inchado de Zhiron apareceu num dos monitores.

— Parece que ele caiu feio — comentou Shamron.

— Várias vezes.

— O que ele está dizendo?

Navot instruiu os técnicos a aumentar o volume.

“Ficamos incumbidos de adquirir direitos de perfuração e ativos de downstream fora da Rússia. E nós éramos KGB de cima a baixo. Na verdade, uma porcentagem substancial dos lucros passou a fluir diretamente para as contas em Yasenevo.”

“Epara onde vai o resto?”

“Use a sua imaginação.”

“Para o bolso do presidente russo?”

“Ele não se tornou o homem mais rico da Europa investindo com sabedoria a sua pensão da KGB.”

Shamron sorriu.

— Isso é que eu chamo de carta na manga.

— Eu diria que três cartas na manga.

— Que horas é o próximo voo da El Al saindo de São

Petersburgo?

Navot digitou no teclado à sua frente.

— O voo seis-dois-cinco sai do Ben Gurion à uma e dez da madrugada e aterrissa em São Petersburgo às oito da manhã. A tripulação passa o resto do dia descansando num hotel no centro da cidade. Eles trazem o avião de volta para Tel Aviv na mesma noite.

— Ligue para o presidente da El Al — pediu Shamron. — Diga que precisamos desse avião emprestado.

Navot pegou o telefone. Shamron continuou a observar o monitor.

“Diga para a câmera, Pavel. Admita que você matou Madeline.”

“Eu matei Madeline Hart.”

“Como?”

“Colocando-a na traseira de um Citroen com uma bomba de gasolina.”

“Por quê? Por que você a matou?”

“Ela precisava morrer. Não poderia voltar para a Inglaterra de forma alguma.”

PRAÇA LUBYANKA, MOSCOU

Em tempos como aqueles, pensou o coronel Leonid Milchenko, a imensidão da Rússia era mais uma maldição do que uma bênção. Ele estava observando um mapa em seu escritório na Praça Lubyanka, ao lado de Vadim Strelkin. Tinha acabado de voltar do Kremlin, onde o novo czar lhes dera ordens para não poupar esforços na busca pelos três homens desaparecidos. O presidente não se mostrou disposto a explicar por que isso era tão importante, falando apenas que dizia respeito aos interesses vitais da federação e de seus laços com o Reino Unido. Foi Strelkin, no caminho de volta para Lubyanka, que lembrou a Milchenko que a Volgatek tinha acabado de obter direitos lucrativos para perfurar no mar do Norte.

— Você acha que a Volgatek fez algo ilegal para conseguir a permissão? — perguntou Milchenko, ainda com os olhos no mapa.

— Eu não gostaria de julgar a situação antecipadamente sem conhecer todos os fatos — respondeu Strelkin, cauteloso.

— Nós trabalhamos para a FSB, Vadim. Nunca nos preocupamos com fatos.

— Você sabe como eles chamam a Volgatek, não sabe, chefe?

— KGB Óleo e Gás.

Strelkin ficou calado.

— Digamos que a Volgatek não tenha jogado limpo para obter a licença — começou Milchenko.

— Eles raramente jogam limpo. Pelo menos é isso que se ouve.

— Digamos que tenham subornado alguém.

— Ou pior.

— E digamos que a inteligência britânica reagiu tentando inserir um agente na empresa.

— Digamos — repetiu Strelkin, assentindo.

— Digamos que os britânicos estivessem escutando quando Zhiron colocou o homem deles no carro e começou a enchê-lo de perguntas.

— Provavelmente estavam.

— E que acreditaram que seu homem estivesse em perigo.

— Ele estava.

— E que reagiram retirando o seu homem.

— Com bastante violência.

— E que levaram Zhiron e seu motorista junto.

— Provavelmente não tiveram escolha.

Milchenko caiu num silêncio pensativo.

— Então onde está Zhirov agora?

— Ele vai acabar aparecendo.

— Vivo ou morto?

— Os britânicos não gostam do mokroye delo.

— Onde foi que você ouviu isso? — Milchenko se aproximou do mapa. — Se você fosse britânico, o que tentaria fazer agora?

— Tirar o meu homem do país o mais rápido possível.

— Como você faria isso?

— Imagino que pudesse levá-lo de carro até os caminhos que cruzam a fronteira norte, só que o caminho mais rápido é pelo Sheremetyevo.

— Ele vai ter um passaporte diferente.

— E um novo rosto — acrescentou Strelkin.

— Vá para o Ritz. Pegue algumas fotos dele com a segurança do hotel. E leve-as para todos os agentes de controle alfandegário e membros das milícias no Sheremetyevo.

Strelkin se dirigiu para a porta.

— Mais uma coisa, Vadim.

Ele se deteve.

— Faça o mesmo em São Petersburgo. Só para garantir.

* * *

Naquele instante, o homem em questão estava descansando confortavelmente numa dacha isolada na Tver Oblast, junto aos outros membros da equipe israelense. Pouco depois das cinco horas da madrugada, após mais uma noite insone, eles saíram da casa em grupos de dois e três e foram para a estação de trem em Okulovka — todos menos Christopher Keller, que ficou vigiando Zhirov e o motorista.

O trem de Okulovka saiu atrasado, ao contrário do voo 625 da El Al. O avião decolou do Ben Gurion pontualmente à 1h10 e aterrisou em São Petersburgo dois minutos antes do previsto, às 8h03. A tripulação, com doze pessoas, ficou dentro da aeronave até todos os passageiros saírem. Então, depois de passarem pela alfândega, subiram numa van sem identificação, de serviços terrestres da El Al, e percorreram o trajeto de vinte minutos até o Astoria Hotel, onde tinham quartos reservados para o resto do dia. Um dos comissários de bordo era uma mulher alta de cabelos escuros e olhos cor de caramelo. Após deixar sua pequena mala com rodinhas ao pé da cama, ela foi até o fim do corredor e, ignorando o aviso de NÃO PERTURBE pendurado na maçaneta, deu uma batida suave. Como não recebeu resposta, bateu de novo. Dessa vez, a porta se entreabriu

alguns centímetros, apenas o suficiente para deixá-la passar, e ela entrou.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Gabriel.

Chiara ergueu os olhos para o teto, como se quisesse lembrar ao marido, o futuro diretor da inteligência israelense, que eles estavam num quarto de hotel russo, que provavelmente fora grampeado. Gabriel fez um gesto para indicar que o quarto estava limpo e, com as mãos nos quadris, repetiu a pergunta, estreitando os olhos verdes. Chiara não o via tão bravo havia muito tempo.

— Como fui boba... Achei que você ficaria feliz em me ver.

— Como você conseguiu autorização para vir?

— Nós precisávamos de mulheres para a tripulação. Eu me voluntariei.

— E Uzi não podia achar nenhuma outra mulher além da minha esposa?

— Na verdade, Uzi foi contra a ideia.

— Então como você entrou na equipe?

— Eu apelei para Shamron — revelou ela. — Falei que queria participar da operação e que, se ele não permitisse, não daria o que ele queria.

— Eu?

Chiara sorriu.

— Garota esperta.

— Aprendi com o melhor.

— Achei que você tivesse dito que não queria vir para a Rússia. Que não aguentaria a pressão.

— Mudei de ideia.

— Por quê?

— Porque eu queria dividir isto com você. — Chiara foi até a janela e contemplou a penumbra da Praça de Santo Isaac. — Alguma hora fica claro por aqui?

— É o máximo de luz possível.

Chiara fechou a persiana e se virou. A saia azul e a blusa branca frisada a deixavam irresistível. Gabriel não estava mais bravo por ela ter ido à Rússia contra a sua vontade. Na verdade, ficou feliz em ter a companhia da esposa. Aquilo tornaria a espera das próximas horas muito mais tolerável.

— Como ela é? — perguntou Chiara.

— Madeline?

— É assim que a chamamos?

— É o único nome que ela conhece — disse Gabriel. — Ela foi...

— O quê?

— Criada por lobos.

— Talvez ela também seja uma loba.

— Ela não é.

— Tem certeza disso?

— Tenho, Chiara.

— Porque ela já enganou você uma vez.

Gabriel ficou em silêncio.

— Desculpe, Gabriel, mas você deve ter considerado a possibilidade de ela ainda ser leal ao seu serviço.

— Devo ter — falou Gabriel, incapaz de conter a irritação na voz. — Mas, se ela estiver limpa quando sair do apartamento esta tarde, vou trazê-la para cá. E depois vou levá-la para casa.

— Que fica onde?

— Inglaterra.

— Ela vai causar bastante comoção.

— Bastante.

— O que vai fazer com ela?

— Vou usá-la para retribuir uma pequena dívida. E depois vou deixá-la nas mãos capazes de Graham Seymour.

— Pobre Graham.

Chiara sentou na beira da cama e tirou os sapatos.

— Como foi o voo? — perguntou Gabriel.

— Consegui não ferir nenhum dos passageiros entregando as refeições.

— Bom trabalho.

— Tinha um bebê na primeira classe que chorou o trecho inteiro de Ankara a Minsk. Alguns passageiros ficaram bem irritados. A mãe estava envergonhada. — Chiara fez uma pausa. — E eu só consegui pensar que ela era a mulher mais sortuda do mundo.

— Talvez você não devesse ter vindo — falou Gabriel depois de um instante.

— Eu tinha que vir. Vou apreciar muito tudo isso.

Ela tirou a saia, esticando-a com cuidado na cama, e começou a desabotoar a blusa.

— O que você está fazendo? — questionou Gabriel.

— O que lhe parece?

— Parece que uma comissária de bordo muito bonita está se despidendo no meu quarto.

— Preciso descansar um pouco. Você também — acrescentou ela ao tirar a blusa. — Não me leve a mal, Gabriel, mas você está com uma aparência terrível. Durma por uma ou duas horas. Vai se sentir melhor.

— Eu não conseguiria dormir agora.

— O que você vai fazer? Ficar na frente da janela o dia todo, morrendo de preocupação?

— Esse era o meu plano.

— Quando você for chefe, vai ter bastante tempo para fazer isso. Venha para a cama. Prometo que não vou machucá-lo.

Gabriel acabou cedendo: tirou os sapatos e a calça jeans e engatinhou pela cama até a esposa. O corpo de Chiara estava ardente, como se febril. Ao beijar os seus lábios, ele sentiu gosto de mel. Ela passou o dedo pelo nariz do marido.

— Chiara...

— O que foi, querido? — perguntou ela, beijando-o de novo.

— Estou em serviço.

— Você está sempre em serviço. E vai continuar assim pelo resto da vida. Chiara o beijou novamente. Depois no pescoço. No peito.

— Acho que ela tinha razão desde o começo — comentou ela.

— Quem? — murmurou Gabriel.

— Aquela mulher idosa da Córsega. Ela disse que você saberia a verdade

quando Madeline morresse. Em certo sentido, ela morreu naquela manhã na França. E agora você sabe a verdade.

— Mas ela se enganou com relação a uma coisa. Ela me avisou para não ir à cidade dos hereges. Disse que eu morreria lá.

Chiara parou de beijá-lo e olhou bem nos seus olhos.

— Você não me disse o contrário?

— Disse.

— Então você mentiu para mim.

— Desculpe, Chiara. Eu não deveria ter feito isso.

Ela o beijou de novo.

— Eu sabia que você estava mentindo.

— Sério?

— Eu sempre sei quando você está mentindo, Gabriel.

— Mas eu sou um profissional.

— Não quando se trata de mim. — Ela tirou a camisa de Gabriel e montou em seu colo. — Ainda é uma possibilidade, sabe?

— O quê?

— Você morrer na cidade dos hereges.

— Ela estava se referindo a Moscou. Acho que estou seguro agora.

— Na verdade — replicou ela, passando as mãos pela barriga dele —, você está correndo um grande perigo.

— Estou percebendo.

Chiara o recebeu no calor macio de seu corpo. Gabriel já não estava mais na Rússia, mas no quarto em Veneza onde os dois tinham feito amor pela primeira vez, numa cama de lençóis brancos. Ele estava seguro. Ela também.

— Talvez Madeline não venha — opinou depois Chiara,
quando Gabriel começava a adormecer.

— Ela vai vir. E vamos levá-la para casa.

— Eu também quero ir para casa.

— Em breve...

— Alguma hora vai ficar claro lá fora?

— Não, Chiara. Não hoje.

SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA

Eles já tinham feito aquilo dezenas de vezes, em dezenas de campos de batalha secretos. Portanto, bastaram alguns minutos debruçados sobre um mapa de rua no quarto de Gabriel no Astoria para elaborar o plano: a rota, os postos de observação fixa, os pontos de retirada, os paraquedas. Gabriel se referiu ao plano como a última chance do Centro Moscovita. Jogariam Madeline como isca, fazendo-a percorrer as ruas de São Petersburgo uma última vez, para garantir que estava limpa. E então iriam recolher a linha e fazer a garota desaparecer. De novo.

Foi assim que, pouco depois das duas horas daquela tarde sombria de São Petersburgo, seis agentes do serviço secreto israelense saíram do Astoria e passaram pelos fascinantes palácios e igrejas até os seus pontos de espera. Lavon faria o maior percurso, pois deveria estar na frente do prédio de Madeline quando ela saísse às 14h52 — o horário exato em que deveria aparecer se tivesse de fato intenção de fugir. Ela atravessou a Ponte do Palácio, entrou no Museu Hermitage pelo portão que dava para o cais e seguiu para a Sala de Monet, onde se sentou em seu banco de sempre às 15h07. Dois minutos depois, Lavon se juntou a Madeline.

— Até aqui tudo bem — disse ele baixinho em inglês. — Agora escute com atenção e faça exatamente o que eu digo.

Eles a conduziram pela Praça do Palácio, passando pelo Arco do Triunfo e seguindo para a Nevsky Prospekt. Ela tomou café e comeu um pedaço de bolo russo no Café Literário, caminhou pelas colunatas romanas da Catedral de Nossa Senhora de Kazan e fez algumas compras na Zara. Em cada ponto ao longo da rota, ela passava por um membro da equipe. E todos relataram que não havia nenhum sinal de oposição.

Ao sair da loja de roupas, ela foi em direção ao rio Moyka e seguiu pelos caminhos de pedra até a Praça de Santo Isaac, onde Dina esperava, fingindo falar ao telefone. Se ela estivesse segurando o celular contra o ouvido esquerdo, Madeline deveria continuar andando. Se o pressionasse contra o direito, indicaria que era seguro entrar no saguão do Hotel Astoria — foi o que fez, às 15h48.

Lavon entrou com ela no elevador. Madeline ficou olhando a neve em suas botas. Ele observou o teto ornamentado. Quando chegaram ruidosamente ao terceiro andar, estendeu o braço com formalidade e disse: “Você primeiro.” Madeline passou por ele sem

dizer nada e seguiu para o quarto ao fim do corredor. Uma das portas se abriu quando ela se aproximou. Gabriel a puxou para dentro.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Não posso dizer.

— Para onde estou indo?

— Você saberá em breve.

Dois minutos depois, a atualização de progresso piscou nos monitores do Centro de Operações do King Saul Boulevard. Navot a encarou por um instante, quase incrédulo. Em seguida, olhou para Shamron.

— Eles realmente conseguiram, Ari. Estão com ela.

— Isso é bom — comentou Shamron, sem alegria. — Agora vejamos se conseguem ficar com ela.

Ele acendeu outro cigarro.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda...

Escureceram o cabelo e as sobrancelhas de Madeline e deram ao seu rosto um bronzeado mediterrâneo. Mordecai tirou uma foto dela e colocou-a no passaporte que Madeline usaria para sair do país. Por enquanto, ela seria liana Shavit. Tinha nascido em outubro de 1985 e vivia no subúrbio de Tel Aviv, em Rishon LeZion, que por acaso era um dos primeiros assentamentos judeus da Palestina. Antes de se juntar à El Al, ela servira nas Forças Armadas de Israel. Era casada, mas não tinha filhos. Seu irmão morrera na última guerra do Líbano. A irmã fora assassinada por um homem-bomba do Hamas durante a Segunda Intifada. Essa não era uma vida totalmente inventada, disse-lhe Gabriel. Era uma vida israelense. E por algumas horas seria a vida de Madeline.

Se havia um defeito em sua armadura, era a inabilidade de falar mais do que algumas poucas palavras hebraicas aprendidas às pressas. Essa fraqueza foi amenizada até certo ponto porque o seu inglês não tinha qualquer traço de sotaque russo e a tripulação passaria toda junta pelo controle alfandegário. Provavelmente seria uma formalidade vazia, pouco mais do que uma olhada na fotografia e um aceno para seguir em frente. Gabriel estava bastante confiante de que Madeline resistiria ao impulso de responder a uma pergunta feita em russo. Ela passara a vida inteira fazendo isso. Só precisava contar mais uma mentira, fazer uma última performance. E, então, ficaria livre deles para sempre.

Pouco depois das cinco da tarde, as garotas tiraram as últimas roupas russas de Madeline, vestiram-na com o uniforme impecável da El Al e pentearam seus novos cabelos pretos. Em seguida, a apresentaram para Gabriel, que a avaliou por um tempo, como se ela fosse uma pintura num cavalete.

— Qual é o seu nome? — perguntou secamente.

- Ilana Shavit.
- Qual é a sua data de nascimento?
- 12 de outubro de 1985.
- Onde você mora?
- Em Rishon LeZion.
- O que isso significa em hebraico?
- “O Primeiro em São”.
- Qual era o nome do seu irmão?
- Moshe.
- Onde ele foi morto?
- No Líbano.
- Qual era o nome da sua irmã?
- Dalia.
- Onde ela foi morta?
- Na discoteca Dolphinarium.
- Quantas outras pessoas foram mortas naquele dia?
- Vinte.
- Qual é o seu nome?
- Ilana Shavit.
- Onde você mora?
- Em Rishon LeZion.
- Qual rua?
- Sokolow.

Gabriel não tinha mais perguntas. Ele colocou uma das mãos no queixo e inclinou a cabeça para o lado.

- E então? — perguntou ela.
- Partimos em cinco minutos.

Lavon estava tomando café no saguão mal iluminado. Gabriel se sentou ao lado. — Estou com uma sensação estranha — disse Lavon.

— Muito estranha?

— Dois na frente da porta, dois no bar e um à toa perto do balcão do concierge.

- Pode ser por qualquer coisa.
- Pode ser — concordou Lavon, inseguro.
- Podem estar vigiando um hóspede.
- É disso que tenho medo.
- Outro hóspede, Eli.

Lavon não respondeu.

- Tem certeza de que ela estava limpa quando a trouxemos?
- Impecável.
- Então ela está limpa agora — afirmou Gabriel.
- Por que o saguão está cheio de agentes da FSB?
- Pode ser por qualquer coisa.

— Pode ser — repetiu Lavon.

Gabriel olhou pela janela, para a van da El Al parada na frente do hotel.

— O que vamos fazer? — perguntou Lavon.

— Vamos seguir o plano.

— Você vai contar a ela?

— Sem chance.

Lavon tomou um gole do café.

— Boa ideia.

Três longos minutos se passaram até os primeiros membros da tripulação da El Al saírem dos elevadores para o saguão: duas jovens bem-arrumadas, que eram mesmo funcionárias da empresa aérea, ao contrário das quatro mulheres e dos dois homens que vieram atrás, todos agentes de campo veteranos do Escritório. Então, surgiram o capitão e o engenheiro de voo, seguidos um instante depois por uma versão muito bem disfarçada de Mikhail, que posava de primeiro oficial. O homem da FSB que estava perto do balcão do concierge se voltou para encarar descaradamente o traseiro de uma das falsas comissárias de voo. Observando a cena do outro lado do saguão, Gabriel se permitiu um breve sorriso. Se o agente tinha tempo para dar uma olhada nos dotes israelenses, havia grandes chances de que não estivesse à procura de uma russa ilegal desaparecida.

Enfim, às 17h10, Chiara e Madeline apareceram puxando suas malas de rodinhas da El Al. A esposa estava contando uma história sobre um voo recente num hebraico rápido e a garota inglesa ria como se fosse a coisa mais divertida que tivesse ouvido em muito tempo. Elas se juntaram aos outros membros da tripulação, saíram do hotel e subiram na van. As portas se fecharam. E eles partiram.

— O que você acha? — perguntou Gabriel.

— Acho que ela é muito boa — respondeu Lavon.

— Estamos limpos?

— Impecáveis.

Gabriel se levantou, pegou sua bolsa de viagem e saiu para a noite sem fim.

Um táxi aguardava na frente do hotel. Ele levou Gabriel em alta velocidade pela última prospekt. Passou por uma estátua desmedida de Lênin conduzindo seu povo por setenta anos de estagnação e assassinatos; pelos monumentos a uma guerra da qual ninguém podia se lembrar; e quilômetro após quilômetro de prédios em ruínas. Por fim, chegou ao terminal internacional do Aeroporto Pulkovo. Ele fez check-in para o voo com destino a Tel Aviv e não teve problemas com o controle alfandegário, identificando-se como Jonathan Albright, da Markham Capital Services. Por fim, andou até o portão de embarque muito bem fortificado da El Al. Os russos

alegavam que as barreiras serviam para a segurança dos passageiros que seguiam para Israel. Mesmo assim, Gabriel teve a incômoda sensação de estar entrando no último gueto da Europa.

Ele se acomodou num lugar vazio no canto do saguão, perto de uma grande família haredim. Ninguém falava russo, apenas hebraico. Se não fosse pelo disfarce, ele certamente teria sido reconhecido. Mas agora Gabriel estava sentado em meio ao seu povo como um estranho, seu servo secreto, seu anjo da guarda invisível. Em breve, seria o diretor de seu afamado serviço de inteligência. Seria mesmo? Sem dúvida essa era uma bela forma de encerrar a carreira. Obtivera provas de que uma petrolífera possuída e administrada pelo SVR tinha desestabilizado o governo do Reino Unido para ganhar acesso ao petróleo do mar do Norte — tudo a pedido do próprio presidente russo. Não haveria mais volta depois disso. Nada mais de conversas alegres sobre a Rússia como amiga do Ocidente. Ele provaria de uma vez por todas que os ex-agentes da KGB, atuais administradores do país, eram implacáveis, autoritários e indignos de confiança. Que eles deveriam ser marginalizados e contidos, como nos velhos tempos da Guerra Fria.

Mas de nada adiantaria se ele perdesse a garota. Gabriel consultou o relógio e, ao erguer os olhos, viu Yossi e Rimona adentrando o saguão de embarque. Em seguida, vieram Mordecai e Oded. Então, Yaakov e Dina. E, por fim, Lavon, com cara de quem tinha ido parar no aeroporto por engano. Ele perambulou um pouco pelo saguão, inspecionando cada assento vazio com o cuidado de um homem que sofre de fobia de germes, antes de sentar-se em frente a Gabriel. Eles nem trocaram olhares: eram duas sentinelas numa vigília sem fim. Agora não havia nada para fazer além de esperar. A espera, pensou Gabriel. Sempre a espera. Esperando por uma fonte. Esperando pelo nascer do sol depois de uma noite de matança. E esperando sua esposa carregar uma garota morta de volta para a terra dos vivos.

Ele olhou para o relógio novamente, e depois para Lavon.

— Onde elas estão? — perguntou.

Lavon respondeu sem baixar o jornal:

— Já passaram pela alfândega. Os funcionários só estão dando uma olhada nas bagagens.

— Por quê?

— Como eu poderia saber?

— Me diga que não há nada de errado com a bagagem.

— A bagagem está certinha.

— Então por que estão verificando?

— Talvez estejam entediados. Ou gostem de tocar em roupas íntimas femininas. Eles são russos, pelo amor de Deus.

— Quanto tempo, Eli?

— Dois minutos, talvez menos.

Os dois minutos de Eli passaram sem qualquer sinal delas. Seguidos por um terceiro. E um interminável quarto. Gabriel encarava o relógio, o carpete imundo, a criança ao seu lado — tudo menos a entrada do saguão de embarque. Então, enfim, ele as vislumbrou com o canto do olho, um lampejo de azul e branco, como uma bandeira sendo acenada. Mikhail caminhava ao lado do capitão. Madeline estava com um sorriso nervoso e parecia estar segurando o braço de Chiara para sentir-se mais segura. Ou será que era o contrário? Gabriel não pôde ter certeza. Ele viu-os virar ao mesmo tempo em direção ao portão e desaparecer pela passarela. Em seguida, olhou para Lavon.

— Eu falei que ia ficar tudo bem — disse ele.

— Você nem ficou preocupado?

— Indescreivelmente aterrorizado.

— Por que não me disse?

Lavon não respondeu. Ele só ficou sentado lendo o jornal até o voo ser chamado. Em seguida, levantou-se e seguiu Gabriel até o avião. Deu uma última olhada em busca de vigilância inimiga, só para garantir.

Ela foi orientada a sentar-se na terceira fila, ao lado da janela. Estava olhando para o aeroporto escuro e malcuidado de Pulkovo, seu último vislumbre de uma Rússia que nunca chegara a conhecer. Vestida com o uniforme azul e branco, Madeline estava parecida com uma estudante inglesa. Ela olhou para o lado quando Gabriel se acomodou no assento, mas logo virou o rosto. Ele disparou uma última mensagem para o King Saul Boulevard pelo BlackBerry criptografado. Em seguida, observou a esposa preparar a cabine para a decolagem. Os olhos de Madeline reluziram. Quando as rodas se ergueram do solo russo, uma lágrima escorreu por sua bochecha. Ela segurou na mão de Gabriel e a apertou com força.

— Nem sei como agradecer — disse, com seu sotaque britânico preciso.

— Então não agradeça.

— Quanto tempo dura o voo?

— Cinco horas.

— Vai estar quente em Israel?

— Só no sul.

— Você vai me levar lá?

— Vou levá-la aonde você quiser ir.

Chiara apareceu e entregou taças de champanhe para os dois. Gabriel ergueu a sua na direção de Madeline num brinde silencioso antes de colocá-la no apoio de centro, sem beber nada.

— Você não gosta de champanhe? — perguntou ela.

— Me dá uma dor de cabeça terrível.

— Também me dá.

Madeline tomou uns goles e ficou olhando pela janela para a escuridão abaixo.

— Como você me encontrou lá embaixo?

— Isso não é importante.

— Algum dia você vai me dizer quem é?

— Você vai saber em breve.

Parte 3

O ESCÂNDALO

Na manhã seguinte, ocorreriam as eleições na Inglaterra. Jonathan Lancaster votou cedo, acompanhado da esposa, Diana, e dos três filhos fotogênicos, antes de voltar para a Downing Street e esperar o veredicto. Não houve muito suspense, pois uma pesquisa divulgada na noite anterior previra que o partido de Lancaster quase certamente aumentaria sua maioria parlamentar em vários assentos. No meio da tarde, Whitehall estava tomada por rumores de um massacre eleitoral e, no começo da noite, o champanhe já fluía pela sede do Partido em Millbank. Mesmo assim, o primeiro-ministro pareceu estranhamente reservado quando subiu ao palco do Royal Festival Hall para fazer o discurso da vitória. Entre os repórteres políticos que tomaram nota de sua atitude séria estava Samantha Cooke, do Daily Telegraph. Lancaster, ela escreveu, parecia saber que o segundo mandato não correria tão bem quanto o primeiro. Mas, por outro lado, acrescentou ela, era isso que costumava acontecer com segundos mandatos.

Os problemas de Lancaster começaram mais adiante naquela semana, quando ele deu início ao tradicional processo de remanejamento de gabinete e equipe pessoal. De acordo com o previsto, Jeremy Fallon, agora membro do parlamento de Bristol, foi designado ministro do Tesouro, logo também seria seu vizinho na Downing Street. O homem que já fora descrito pela imprensa como o cérebro de Lancaster agora era considerado por Whitehall como o futuro primeiro-ministro. Fallon rapidamente reuniu os membros remanescentes da antiga equipe — pelo menos os que ainda suportavam trabalhar para ele — e usou sua influência dentro da sede do Partido para preencher posições políticas essenciais. O palco estava preparado, escreveu Samantha Cooke, para uma batalha por poder de proporções shakespearianas. Em breve, Fallon bateria à porta do número 10 da Downing Street e pediria as chaves. Ele tinha criado Lancaster. E, certamente, tentaria destruí-lo.

Em nenhum momento durante as manobras pós-eleição, a imprensa mencionou o nome de Madeline Hart, nem mesmo quando o presidente do Partido decidiu que já era hora de preencher a vaga deixada por ela. Um subordinado que trabalhava na sede assumiu a tarefa mórbida de remover as posses restantes de Madeline de seu antigo cubículo. Não havia muita coisa: alguns arquivos empoeirados, um calendário, canetas e cliques de papel, um exemplar já bem gasto

de Orgulho e preconceito que ela costumava ler sempre que tinha um momento de folga. O homem entregou os itens ao presidente do Partido, que mandou sua secretária se livrar discretamente do material, com tanta dignidade quanto possível. E, assim, os últimos traços de uma vida inacabada foram expurgados. Madeline Hart enfim tinha partido. Ao menos era o que eles pensavam.

No começo, ela teve a impressão de que havia trocado um tipo de cativeiro por outro. Dessa vez, o apartamento que servia de cela dava vista não para o rio Neva, em São Petersburgo, mas para o mar Mediterrâneo, em Netanya. Para a administração do prédio, ela estava se recuperando de uma longa doença. A verdade não era muito diferente.

Madeline não saiu do apartamento por uma semana. Seus dias não tinham nenhuma rotina discernível. Ela dormia tarde, observava o mar, relia seus romances favoritos, tudo sob a observação da equipe de segurança do Escritório. Um médico ia vê-la uma vez por dia. No sétimo dia, quando ele lhe perguntou como estava, ela respondeu que sofria de tédio terminal.

— Melhor morrer de tédio do que de veneno russo — brincou o doutor.

— Não tenho tanta certeza — respondeu, com seu inglês arrastado.

O médico prometeu que levaria o caso de seu confinamento à autoridade mais alta. No oitavo dia, o alto escalão permitiu que Madeline fizesse uma breve caminhada pelo trecho frio e ventoso de areia na frente do prédio onde residia. No dia seguinte, pôde ir um pouco mais longe. E, no décimo dia, caminhou quase até Tel Aviv antes de seus cuidadores a colocarem com gentileza no banco traseiro de um carro do Escritório e a levarem de volta para o apartamento. Ao entrar, encontrou uma réplica exata de Lagoa em Montgeron pendurada na parede da sala de estar — exata, com exceção da assinatura do artista que a pintara. Ele ligou alguns minutos depois e se apresentou adequadamente pela primeira vez.

— O famoso Gabriel Allon? — perguntou ela.

— Receio que sim.

— E quem foi a mulher que me ajudou a subir no avião?

— Você saberá em breve.

Gabriel e Chiara chegaram em Netanya no horário de almoço do dia seguinte, depois que Madeline voltou da caminhada matinal pela praia. Eles a levaram ao

Cesarea para almoçar e passearam pelas ruínas dos romanos e das cruzadas. Em seguida, subiram o litoral, até perto do Líbano, para visitar as cavernas marinhas de Rosh HaNikra. De lá, seguiram para o leste em direção à fronteira disputada, passando pelos postos de

escuta das Forças Armadas de Israel e pelas pequenas cidades que tinham sido despovoadas após a última guerra contra o Hezbollah, até que chegaram em Kiryat Shmona. Gabriel reservara dois quartos na pousada de um velho kibutz. Os aposentos de Madeline tinham uma bela vista da Alta Galileia. Um guarda do Escritório passou a noite na frente da porta dela, enquanto outro ficou sentado na varanda com jardim.

No dia seguinte, depois de tomar o café da manhã no salão de refeições, foram de carro até as colinas de Golã. As Forças Armadas os aguardavam. Um jovem coronel levou o grupo até um ponto na fronteira com a Síria, onde era possível ouvir os bombardeios do conflito entre o regime e os rebeldes. Em seguida, eles fizeram uma breve visita à Fortaleza de Nimrod, o antigo bastião dos cruzados com vista para a cidade judaica de Safed. Eles almoçaram no bairro dos artistas, na casa de uma mulher chamada Tziona Levin. Embora Gabriel a chamasse de dodá — tia —, na verdade ela estava mais para irmã. A mulher não demonstrou surpresa quando ele e Chiara apareceram à sua porta acompanhados pela bela jovem que o mundo inteiro pensava estar morta. Ela sabia que Gabriel tinha o hábito de voltar para Israel com objetos perdidos.

— Como está o trabalho? — perguntou, enquanto tomavam café em seu jardim banhado pelo sol.

— Melhor do que nunca — respondeu Gabriel, dando uma olhada em Madeline.

— Eu estava falando da sua arte.

— Acabei de concluir a restauração de um Bassano adorável.

— Você devia focar no seu próprio trabalho — falou ela, reprovadora.

— É o que estou fazendo — disse vagamente, e Tziona deixou a questão de lado.

Quando terminaram o café, ela os levou para o estúdio e mostrou seus novos quadros. Então, a pedido de Gabriel, destrancou um cômodo. Dentro, havia centenas de pinturas e esboços feitos pela mãe de Allon, inclusive várias obras retratando um homem alto vestido com o uniforme da SS.

— Achei que tivesse dito para queimar estes — repreendeu Gabriel.

— Você disse — admitiu Tziona mas não consegui.

— Quem é ele? — perguntou Madeline, encarando as pinturas.

— Seu nome era Erich Radek — respondeu Gabriel. — Ele coordenou um programa nazista secreto chamado Aktion 1005. A meta era ocultar todas as evidências de que o Holocausto tinha ocorrido.

— Por que sua mãe o pintou?

— Ele quase a matou na marcha da morte de Auschwitz em janeiro de 1945.

Madeline ergueu uma sobrancelha, intrigada.

— Radek não foi capturado em Viena alguns anos atrás e trazido a Israel para julgamento?

— Para seu governo, ele se voluntariou para vir a Israel.

— Sim, claro — disse Madeline, sem convicção. — E eu fui sequestrada por criminosos franceses de Marselha.

No dia seguinte, eles dirigiram até Eilat. O Escritório tinha alugado uma casa particular ampla perto da fronteira com a Jordânia. Madeline passou os dias deitada ao lado da piscina, lendo e relendo uma pilha de romances ingleses clássicos. Gabriel percebeu que a garota estava se preparando para voltar ao país que não era realmente dela. Madeline não era ninguém, pensou Gabriel. Não era uma pessoa real. E, não pela primeira vez, perguntou-se se seria melhor para ela morar em Israel, e não no Reino Unido. Foi o que lhe indagou na última noite de estadia no sul. Eles estavam sentados num terreno rochoso em Neguev, vendo o sol se pôr nas terras ermas do Sinai.

— É tentador — respondeu ela.

— Mas...?

— Não é a minha casa. Pareceria com a Rússia. Eu seria uma estranha aqui.

— Vai ser difícil, Madeline. Muito mais difícil do que você pensa. Os ingleses vão pressioná-la até terem certeza da sua lealdade. E vão trancá-la em algum lugar que os russos nunca vão conseguir encontrar. Você nunca vai poder retomar a antiga vida. Nunca. Vai ser horrível.

— Eu sei — disse ela, distante.

Na verdade não sabia, pensou Gabriel, mas talvez fosse melhor desse jeito. O sol pairava logo acima do horizonte. De repente, o ar do deserto esfriou o suficiente para fazê-la estremecer.

— Acha que devemos voltar? — perguntou ele.

— Ainda não.

Gabriel tirou sua jaqueta e a colocou por cima dos ombros dela.

— Vou dizer algo que provavelmente não deveria: em breve serei o diretor da inteligência israelense.

— Parabéns.

— “Meus pêsames” seria uma resposta mais adequada. Mas isso significa que vou ter o poder de cuidar de você. Vou dar um bom lugar para você viver. Uma família. Disfuncional, é verdade, mas a única família que eu tenho. Vamos lhe dar um país. Um lar. É isso que fazemos em Israel: damos um lar às pessoas.

— Eu já tenho um lar.

Ela não disse mais nada. O sol mergulhou no horizonte e ela sumiu em meio à escuridão.

— Fique — pediu Gabriel. — Fique aqui conosco.

— Eu não posso ficar. Eu sou Madeline. Sou uma garota inglesa.

Na noite seguinte, ocorreria a festa de abertura da exposição dos Pilares de Salomão no Museu de Israel, em Jerusalém. O presidente e o primeiro-ministro estavam na lista de convidados, assim como os membros do gabinete, a maior parte do Knesset e inúmeros escritores, artistas e celebridades. Chiara foi uma das oradoras da cerimônia, realizada no recém-construído saguão de exibição. Ela não mencionou o fato de que seu marido, o lendário espião Gabriel Allon, tinha descoberto os pilares, nem que a linda jovem de cabelos escuros ao seu lado era, na verdade, uma garota inglesa morta chamada Madeline Hart. Os dois omitidos ficaram só alguns minutos no coquetel, então foram de carro ao outro lado de Jerusalém, até um restaurante tranquilo no velho campus da Academia Bezalel de Artes e Design. Em seguida, enquanto caminhavam pela rua Ben Yehuda, Gabriel perguntou novamente se Madeline queria ficar em Israel, mas a resposta foi a mesma. Ela passou a última noite na cidade no quarto de hóspedes do apartamento de Gabriel, na rua Narkiss, o quarto que fora idealizado para uma criança. No início da manhã seguinte, eles foram até o Ben Gurion em meio às trevas e embarcaram num voo para Londres.

Gabriel passou vários dias tentando decidir se avisava a Graham Seymour que ele estava prestes a receber uma desertora russa bastante incomum. Por fim, achou melhor não. Suas razões foram pessoais, não operacionais: simplesmente não queria estragar a surpresa.

Dessa forma, a equipe de recepção no aeroporto de Heathrow no fim daquela manhã era composta por membros do Escritório, e não do MI5. Os agentes assumiram a custódia clandestina de Gabriel e Madeline no saguão de desembarque e os transportaram para um apartamento obtido às pressas em Pimlico. Ao chegar, Gabriel ligou para Seymour em seu escritório e disse que, mais uma vez, tinha entrado no Reino Unido sem assinar o livro de visitantes.

— Que surpresa — disse Seymour, seco.

— Ainda há mais por vir, Graham.

— Onde você está?

Gabriel passou o endereço.

Seymour tinha uma reunião com uma delegação visitante de espões australianos que não podia ser adiada, então somente depois de uma hora é que seu carro surgiu na frente do prédio. Ao entrar no apartamento, encontrou Gabriel sozinho na sala de estar. Na mesa de centro, havia um notebook aberto e Allon o utilizou para rodar uma gravação de Pavel Zhironov confessando os muitos pecados da empresa de energia que pertencia ao Kremlin, conhecida como Volgatek Óleo e Gás. Quando o vídeo terminou, Seymour parecia bastante abalado. Isso provava uma das máximas favoritas de Ari Shamron, pensou Gabriel: no negócio da inteligência, assim como na vida, às vezes é melhor não saber.

— Foi ele que almoçou com Madeline na Córsega? — perguntou Seymour, ainda encarando a tela do computador.

Gabriel assentiu devagar.

— Você me disse para encontrá-lo. E eu o encontrei.

— O que aconteceu com o rosto dele?

— Ele disse algo para Mikhail que não devia ter dito.

— Onde ele está agora?

— Ele se foi.

— Isso pode significar várias coisas, sabe?

A expressão neutra de Gabriel deixou claro que Zhironov tinha partido para nunca mais voltar.

- Os russos sabem? — perguntou Seymour.
- Ainda não.
- Quanto tempo até descobrirem?
- Lá pela primavera, eu diria.
- Quem o matou?
- Essa é uma história para outra hora.

Gabriel ejetou o DVD do computador e o ofereceu para Seymour. Ao pegá-lo, ele soltou o ar lentamente, como se tentasse manter a pressão sanguínea num nível saudável.

— Eu estou nesse jogo há muito tempo. E este vídeo foi a coisa mais explosiva que já vi.

— Você ainda não viu tudo, Graham.

— Eu não sei se você reparou — continuou Seymour, como se não tivesse escutado o aviso de Gabriel —, mas nós tivemos uma eleição neste país recentemente. Jonathan Lancaster acabou de ganhar com um dos maiores percentuais de votos na história da Inglaterra. E, agora, Jeremy Fallon é o ministro do Tesouro.

— Não por muito tempo.

Seymour não respondeu.

— Você não está pensando em deixá-lo sair impune dessa, está, Graham?

— Não. Mas vai ser um banho de sangue.

— Você sempre soube que seria.

— Mas eu estava torcendo para que o sangue não respingasse em mim.

Graham caiu num silêncio pesado.

— Algo que você precise desabafar, Graham?

— O primeiro-ministro me ofereceu uma promoção — explicou ele, depois de hesitar um pouco.

— Que tipo de promoção?

— O tipo que eu não pude recusar.

— Diretor-geral?

Seymour assentiu.

— Mas não do MI5 — acrescentou depressa. — Você está olhando para o futuro diretor do Serviço Secreto de Sua Majestade. Nós dois vamos governar o mundo juntos... às escondidas, é claro.

— A menos que você derrube o governo de Lancaster.

— Correto. Se eu fizer isso, há boas chances de eu ser jogado ao mar com o resto deles. E você vai perder um aliado próximo no processo. — Ele acrescentou, baixando a voz: — Eu achava que um homem na sua posição desejasse manter um amigo como eu. Você não tem muitos atualmente.

— Mas você não pode permitir que uma empresa da KGB perfure nas águas do seu território.

— Isso seria negligência do dever — concordou Seymour, jovialmente.

— Você também não pode permitir que um agente pago do Kremlin continue servindo como ministro. Caso contrário, talvez ele seja o seu próximo primeiro-ministro.

— Eu estremeço só de pensar na possibilidade.

— Então você precisa destruí-lo, Graham. — Gabriel fez uma pausa. — Ou vai ter que desviar os olhos enquanto eu o faço para você.

Seymour ficou em silêncio por um instante.

— Como você faria?

— Retribuindo um favor.

— E quanto a Lancaster?

— Ele é culpado de um caso extraconjugal. É provável que o povo britânico o perdoe, especialmente quando descobrirem que Fallon tem 5 milhões de euros numa conta suíça. — Gabriel se deteve, então acrescentou: — E há mais uma circunstância atenuante sobre a qual eu ainda não falei.

— Qual?

Gabriel sorriu e se levantou.

Ele entrou no quarto e voltou um momento depois com uma jovem linda ao lado, de cabelos escuros como carvão e pele bem bronzeada pelo sol do mar Vermelho. Seymour se levantou cavalheirescamente e, sorrindo, estendeu a mão. Quando o cumprimento não foi retribuído, seu rosto assumiu uma expressão intrigada. E, então, ele entendeu. Olhou para Gabriel e sussurrou:

— Meu Deus.

Ela contou a história desde o começo para Seymour — a mesma que contara a Gabriel naquela tarde gélida em São Petersburgo, na cúpula da Catedral de Santo Isaac. Depois, calma, empertigada, declarou que desejava desertar para o Reino Unido e, se possível, um dia retornar à sua vida antiga.

Como vice-diretor do MI5, Seymour não tinha autoridade para conceder status de desertora a uma espiã russa. A única pessoa que podia fazer aquilo seria o ex-amante de Madeline, Jonathan Lancaster. Por isso, às duas e quinze daquela tarde, Seymour se apresentou na Downing Street sem aviso e exigiu uma conversa em particular com o primeiro-ministro. Por coincidência, o encontro se deu na sala de reuniões. Lá, embaixo do mesmo retrato da baronesa Thatcher, Seymour contou tudo o que tinha descoberto. Que o presidente russo ordenara que a Volgatek utilizasse qualquer meio possível para ganhar acesso ao petróleo do mar do Norte. Que Jeremy Fallon, o assessor e amigo íntimo de Lancaster, o traía por 5 milhões de moedas de prata russa. E que Madeline Hart, sua antiga amante, era uma espiã nascida

na Rússia que ainda estava muito viva e havia solicitado asilo na Inglaterra. Para seu crédito, Lancaster, embora visivelmente perturbado, não hesitou em responder. Fallon tinha que partir, Madeline tinha que ficar, e que as fichas caíssem onde fosse para elas caírem. Ele fez apenas um pedido: queria contar tudo à esposa antes.

— Eu não esperaria muito tempo se fosse você, primeiro-ministro.

Lancaster estendeu o braço lentamente na direção do telefone. Seymour se levantou e saiu do cômodo em silêncio.

Agora restava apenas o nome do repórter que receberia a exclusiva mais sensacional da história política da Inglaterra. Seymour sugeriu Tony Richmond, do Times, ou talvez Sue Gibbons, do Independent, mas Gabriel se recusou. Ele tinha feito uma promessa, explicou, e pretendia cumpri-la. Telefonou para o celular dela, mas a ligação caiu na caixa postal e ele deixou uma mensagem breve. Ela retornou logo em seguida.

— Às quatro horas no Café Nero — disse Gabriel. — E desta vez não se atrase.

Para profundo desgosto de Seymour, Gabriel e Madeline insistiram em dar uma última volta juntos. Ambos seguiram para Millbank enfrentando rajadas de vento; passaram pelos Victoria Tower Gardens, pela Abadia de Westminster e pelo Palácio de Westminster. Às dez para as quatro, entraram na cafeteria. Gabriel pediu café preto, Madeline quis um chá Earl Grey com leite e um biscoito digestivo. Ela tirou um estojo compacto da bolsa e deu uma olhada no próprio rosto pelo espelho.

— Como estou? — ela quis saber.

— Muito israelense.

— Isso é um elogio?

— Deixe para lá. É melhor comer.

Ela obedeceu. Em seguida, olhou pela janela e viu a multidão se movendo pela Bridge Street. Como se nunca tivesse visto aquilo antes. Como se nunca fosse ver novamente. Ele vistoriou a parte interna do café. Ninguém a reconheceria. Por que reconheceriam? Ela estava morta e enterrada — enterrada no terreno de uma igreja em Basildon. Uma cidade sem alma para uma garota sem nome nem passado.

— Você não precisa fazer isso — falou Gabriel depois de um instante.

— É claro que preciso.

— Eu já tenho o suficiente sem você. Tenho o vídeo de Zhironov.

— O Kremlin pode negar Zhironov — retrucou Madeline. — Mas não pode me negar.

Ela ainda contemplava a rua.

— Dê uma boa olhada — disse Gabriel —, porque, se você fizer o que está pretendendo, vai demorar um bom tempo até deixarem você voltar para Londres.

— Onde você acha que vão me colocar?

— Num esconderijo no meio do nada, talvez uma base militar, até a tempestade passar.

— Não parece muito agradável, parece?

— Você sempre pode voltar para Israel comigo.

Ela não respondeu. Gabriel se inclinou para a frente e segurou a mão dela, que tremia um pouco.

— Eu tenho uma casinha na Cornualha — revelou ele em voz baixa. — A cidade não é nada de mais, mas fica junto ao mar. Você pode permanecer lá se quiser.

— Tem vista?

— Uma vista adorável.

— Acho que eu gostaria.

Madeline deu um sorriso corajoso. Do outro lado da rua, o Big Ben bateu quatro horas.

— Ela está atrasada — comentou Gabriel, incrédulo. — Não acredito que ela está atrasada.

— Ela sempre está atrasada.

— Você a deixou bem impressionada, a propósito.

— Ela não foi a única.

Madeline riu, apesar das circunstâncias, e tomou um pouco do chá. Gabriel consultou o relógio e franziu a testa. Ele ergueu os olhos a tempo de ver Samantha Cooke passar correndo pela porta. Um instante depois, estava à mesa deles, um pouco sem fôlego. Ela olhou para Gabriel e, em seguida, para a bela garota de cabelos escuros sentada à sua frente. E, então, Samantha entendeu.

— Meu Deus — sussurrou.

— Quer algo para beber? — perguntou Madeline, com seu sotaque britânico.

— Na v-verdade — gaguejou Samantha —, talvez seja melhor darmos uma volta.

Trinta horas depois, um funcionário júnior da Downing Street entregou um pacote com vários jornais numa casa de tijolos vermelhos em Hampstead. A residência pertencia a Simon Hewitt, o diretor de comunicações de Jonathan Lancaster, e o baque contra sua porta o acordou de um sono atipicamente profundo. Ele estava sonhando com um incidente da infância, quando um valentão da escola o deixara com um olho roxo. Era uma leve melhora em relação ao pesadelo da noite anterior — em que fora despedaçado por lobos —, ou mesmo ao da outra noite — uma nuvem de abelhas o picava até deixá-lo todo ensanguentado. Tudo fazia parte de um tema recorrente. Apesar do triunfo de Lancaster nas urnas, Hewitt estava tomado por uma sensação de desastre iminente muito diferente de qualquer coisa que tivesse sentido desde que viera para a Downing Street. Tinha certeza de que o silêncio na imprensa era ilusório. Sem dúvida um terremoto estava prestes a acontecer.

Tudo isso explicava por que Hewitt demorou para sair da cama e abrir a porta da frente naquela fria manhã londrina. Ao abaixar para pegar os jornais, sentiu um espasmo nas costas, um lembrete do peso do emprego sobre a sua saúde. Ele levou o pacote para a cozinha, onde a cafeteira emitia o chacoalhar enferrujado que sinalizava o fim de sua vida útil. Depois de se servir uma xícara grande e cobri-la com creme de leite fresco, tirou os jornais do plástico. Como sempre, o antigo periódico de Hewitt, o Times, estava no topo. Ele o examinou rapidamente, não encontrou nada que chamasse atenção e seguiu para o Guardian. Depois foi a vez do Independent. E, por fim, do Daily Telegraph.

— Merda — praguejou em voz baixa. — Merda, merda, merda.

No começo, a imprensa não soube bem que nome dar àquela história. Tentaram “O Caso de Madeline Hart”, mas pareceu restrito demais. Assim como “O Fiasco de Fallon”, que durou algumas horas, ou “A Conexão do Kremlin”, que gozou de uma breve aparição na ITV. Ao fim da manhã, a BBC tinha se decidido por “O Caso da Downing Street”, que era vago, mas amplo o bastante para cobrir todas as espécies de pecado. O resto da imprensa rapidamente adotou o título, e assim nasceu um escândalo.

Na maior parte do dia, Jonathan Lancaster, o homem no centro dele, permaneceu num silêncio inesperado. Enfim, às seis horas

daquela tarde, a porta preta do número 10 se abriu e ele saiu sozinho para encarar o país. Com um tom de arrependimento, conseguiu manter os olhos secos e a voz firme. Reconheceu que tinha mantido um relacionamento breve e insensato com uma jovem da sede do Partido. Também admitiu que convocara os serviços de um agente estrangeiro de inteligência para encontrar a moça depois de seu desaparecimento; que, indevidamente, retivera informações das autoridades britânicas; e que pagara 10 milhões de euros pelo resgate. Em nenhum momento, insistiu, chegou a suspeitar que a garota fosse uma espiã nascida na Rússia. Nem que o sequestro fizesse parte de uma conspiração bem orquestrada por uma empresa petrolífera do Kremlin. Ele tinha aprovado a licença para a Volgatek seguindo a sugestão de Jeremy Fallon, seu assistente de longa data e chefe de gabinete. E aquele acordo, ressaltou, agora estava desfeito.

Inteligente, Fallon emitiu sua própria declaração por escrito, pois, mesmo em seus melhores dias, parecia um homem culpado de alguma coisa. Ele reconheceu que havia ajudado o primeiro-ministro a lidar com as consequências de sua “conduta pessoal imprudente”, mas negou categoricamente que tivesse aceitado pagamentos em dinheiro de qualquer pessoa ligada à Volgatek. Os comentaristas políticos não deixaram de notar a agressividade da declaração. Para eles, Fallon acreditava que Lancaster talvez não sobrevivesse e que poderia tomar seu cargo. Aquilo tudo estava se transformando numa luta por sobrevivência. Talvez até mesmo uma luta até a morte.

A declaração seguinte não veio de Londres, mas de Moscou. O presidente russo disse que as alegações contra o Kremlin e sua empresa de petróleo eram uma maliciosa mentira ocidental. Num sinal claro de que a questão teria repercussões geopolíticas, acusou a inteligência britânica de ter se envolvido no desaparecimento de Pavel Zhironov, o homem que era a base daquelas alegações. Então, sem oferecer qualquer prova, insinuou que Viktor Orlov tinha alguma relação com o caso. De sua sede em Mayfair, o ex-oligarca emitiu uma declaração provocativa contradizendo o presidente e afirmando que ele era um mentiroso congênito e cleptocrata que enfim mostrara sua verdadeira face. Em seguida, entregou-se imediatamente a uma equipe de segurança do MI5 e desapareceu de vista.

Mas quem era o misterioso agente de um serviço estrangeiro que Lancaster convocara para encontrar Madeline Hart? Alegando questões de segurança nacional, o primeiro-ministro se recusou a identificá-lo. Jeremy Fallon também não esclareceu o assunto. Inicialmente, a especulação se focou nos americanos, de quem se sabia que Lancaster era próximo. Mas isso mudou quando o Times noticiou que Gabriel Allon, o famoso agente secreto israelense, fora visto entrando na Downing Street em duas ocasiões distintas durante o

período em questão. Em seguida, o Daily Mail relatou que um membro do alto escalão do Parlamento o vira com uma jovem no Café Nero um dia antes de o escândalo vir à tona. A matéria do Mail foi considerada baboseira sensacionalista — com certeza o grande Gabriel Allon não seria tão tolo a ponto de sentar-se num café movimentado em Londres sem se disfarçar mas era difícil rejeitar a reportagem do Times. Quebrando a tradição, o Escritório emitiu uma declaração lacônica negando as informações dos dois relatos, algo que a imprensa britânica viu como uma confirmação inegável do envolvimento de Allon.

Depois disso, o escândalo entrou num ciclo previsível de vazamento de informações e contrainformações e de guerra política aberta. O líder da oposição declarou sua repulsa e exigiu a renúncia de Lancaster. Mas, quando uma sondagem na Câmara dos Comuns revelou que Lancaster sobreviveria por pouco ao processo do voto de não confiança, o opositorista não se deu o trabalho de agendá-lo. Até mesmo Fallon pareceu resistir à tempestade. Afinal, não havia nenhuma prova de que ele tivesse aceito qualquer pagamento da Volgatek, apenas a palavra de um executivo russo da indústria do petróleo que parecia ter desaparecido da face da Terra.

E tudo poderia ter terminado dessa forma, com o casamento Lancaster-Fallon bastante prejudicado mas ainda intacto, se não fosse pela edição do Daily Telegraph que acertou com um baque a porta de Simon Hewitt na segunda terça-feira de janeiro. Na primeira página, ao lado de um artigo de Samantha Cooke, havia uma fotografia de Fallon entrando num pequeno banco particular em Zurique. Algumas horas depois, Lancaster voltou a aparecer sozinho diante da famosa porta do número 10, dessa vez para anunciar a demissão do ministro do Tesouro. Após alguns minutos, a Scotland Yard anunciou que Fallon passara a ser alvo de uma investigação de suborno e fraude. Ele novamente declarou inocência. Nenhum membro da equipe de imprensa de Whitehall acreditou.

Ele saiu da Downing Street pela última vez ao pôr do sol e voltou para o pequeno apartamento vazio em Notting Hill. O prédio parecia cercado por todos os repórteres, cinegrafistas e fotógrafos de Londres. O inquérito não chegaria a determinar como ou quando ele os despistara, embora uma gravação de circuito fechado tenha capturado uma imagem clara de seu rosto abatido às 2h23 da madrugada seguinte enquanto ele caminhava por um trecho deserto da Park Lane, com uma corda já presa no pescoço. Com um nó náutico que tinha aprendido com o pai, amarrou a outra ponta num poste no centro da Ponte de Westminster. Ninguém chegou a ver Fallon se jogando do parapeito, então ele passou a noite inteira pendurado, até que o sol enfim iluminou o seu corpo oscilante. Assim, provou-se

verdadeiro um antigo e sábio provérbio corso: “Aquele que leva uma vida imoral tem uma morte imoral.”

Mas quem tinha fornecido a fotografia condenatória que custou o emprego de Jeremy Fallon e o levou a pular da Ponte de Westminster? Essa era a pergunta que dominaria os círculos políticos britânicos nos meses seguintes. Mas, na ilha encantada onde o escândalo teve sua gênese, apenas algumas pessoas sofisticadas com jeito de terem vindo do norte devotaram seu tempo a pensar na questão. De vez em quando, surgia um casal no Les Palmiers para tirar uma foto posando de Madeline Hart e Pavel Zhiron na tarde em que ambos tiveram o fatídico almoço. Porém, de forma geral, os habitantes da ilha se esforçaram para esquecer o pequeno papel que sua terra tinha desempenhado na morte de um importante político britânico. Com a chegada do inverno, os corsos retomaram instintivamente os seus velhos hábitos. Eles queimaram a macchia para se aquecerem. Sacudiram os dedos na direção de estranhos para afastar o mau-olhado. E, num vale isolado perto da costa sudoeste, buscaram a ajuda de Don Anton Orsati quando não podiam recorrer a mais ninguém.

Numa tarde tempestuosa em meados de fevereiro, sentado à mesa de carvalho em seu amplo escritório, ele recebeu um telefonema incomum. O homem do outro lado da linha não queria que alguém fosse eliminado — na verdade, nada surpreendente, pensou o don, pois o interlocutor era mais do que capaz de cuidar dos próprios assassinatos. Em vez disso, ele estava em busca de uma casa onde pudesse passar algumas semanas a sós com a esposa. Deveria ser um lugar onde ninguém fosse reconhecê-lo e ele não precisasse de guarda-costas. Orsati tinha o lugar perfeito. Mas havia um problema: só se entrava e saía por uma única rua, que passava por três oliveiras centenárias, onde o maldito bode de Don Casabianca acampava.

— Existe alguma forma de ele sofrer um acidente trágico antes de nós chegarmos? — perguntou o homem pelo telefone.

— Desculpe — respondeu Don Orsati mas aqui na Córsega algumas coisas nunca mudam.

Eles chegaram à ilha três dias depois, por um voo que saiu de Tel Aviv, fez escala em Paris e seguiu para Ajaccio. Don Orsati tinha deixado um carro à disposição no aeroporto, um Peugeot sedã cinza reluzente que Gabriel dirigiu com a típica despreocupação corsa. Foi em direção ao sul, percorrendo a costa, e então rumo ao interior, passando por vales tomados pela macchia. Quando eles chegaram às três oliveiras centenárias, o bode se ergueu ameaçador e bloqueou o

caminho. Mas rapidamente lhes deu passagem depois que Chiara disse algumas palavras tranquilizadoras em seu ouvido.

— O que você disse? — perguntou Gabriel, quando eles continuaram o percurso.

— Que você sentia muito por ter sido malvado com ele.

— Mas eu não sinto. Ele foi o agressor.

— Ele é um bode, querido.

— Ele é um terrorista.

— Como é que você pode administrar o Escritório se não consegue se entender com um bode?

— Boa pergunta — replicou ele, carrancudo.

A casa ficava pouco mais de um quilômetro depois do reduto do bode. Era pequena e mobiliada com simplicidade, com um piso claro de pedra calcária. Pinheiros-larícios sombreavam o terraço de granito pela manhã, mas, à tarde, o sol batia com força nas pedras. De dia, o tempo era frio e agradável; à noite, o vento assobiava ao passar pelas árvores. Eles as observavam oscilar enquanto tomavam vinho tinto corso diante da fogueira. D fogo queimava com um tom azul-esverdeado, por causa da madeira da macchia, e cheirava a alecrim e tomilho. Em pouco tempo, Gabriel e Chiara também adquiriram aquele aroma.

O único plano deles era não fazer quase nada. Dormiam tarde. Tomavam café da manhã na praça do vilarejo. Comiam peixe no almoço, perto do mar. Durante a tarde, se estivesse quente, havia banho de sol no terraço e, se estivesse frio, retiravam-se para o quarto simples e faziam amor até dormirem de exaustão. Shamron deixou inúmeras mensagens lamuriosas que Gabriel ignorou com alegria. Dentro de um ano, todos os seus instantes de vigília seriam consumidos pela tarefa de proteger Israel dos que desejavam destruí-la. Mas, por enquanto, havia apenas Chiara, o sol frio, o mar e o cheiro inebriante dos pinheiros e da macchia.

Nos primeiros dias, evitaram os jornais, a internet e a televisão. Mas, aos poucos, Gabriel se reconectou com um mundo de problemas que logo seriam dele. O chefe da AIEA, a agência de vigilância nuclear da ONU, previu que o Irã se tornaria uma potência do ramo dentro de um ano. No dia seguinte, apareceu no noticiário que o regime na Síria tinha transferido armas químicas para o Hezbollah. E, um dia depois, o Irmão Muçulmano que administrava o Egito foi gravado falando sobre uma nova guerra com Israel. De fato, as únicas boas notícias que Gabriel conseguiu encontrar vieram de Londres, onde Jonathan Lancaster, sobrevivente do Caso da Downing Street, designou Graham Seymour para o cargo de diretor do MI6. Gabriel ligou para ele na mesma tarde a fim de parabenizá-lo. Mas, na verdade, queria saber de Madeline.

- Ela está se dando melhor do que eu esperava.
- Onde ela está?
- Parece que um amigo lhe ofereceu um chalé perto do mar.
- É mesmo?
- Não é um procedimento muito ortodoxo — admitiu

Seymour —, mas decidimos que era um lugar tão bom quanto qualquer outro.

— Só não dê as costas para ela, Graham. O SVR tem um alcance muito grande.

Foi por causa desse grande alcance que Gabriel e Chiara mantiveram-se bastante discretos na ilha. Eles raramente saíam da casa depois de escurecer e, diversas vezes por noite, Gabriel ia ao terraço para ficar atento a movimentos no vale. Com uma semana de estadia, ele escutou o chacoalhar familiar de um Renault e, um instante depois, viu luzes acesas na casa de Keller pela primeira vez. Esperou até a tarde seguinte para aparecer sem aviso prévio. O Inglês estava usando calças brancas largas e um pulôver branco. Ele abriu uma garrafa de Sancerre e os dois beberam fora da casa, ao sol. Sancerre de tarde, tinto à noite: Gabriel podia facilmente se acostumar àquilo. Mas agora não havia mais como voltar atrás. Seu povo precisava dele. Tinha um compromisso com a história.

— Daria para melhorar um pouco o Cézanne — comentou Gabriel casualmente. — Que tal me deixar restaurá-lo enquanto estou na cidade?

— Eu gosto do Cézanne do jeito que ele está. Além disso, você veio aqui para descansar.

- Você não precisa?
- Do quê?
- De descanso.

Keller não respondeu.

- Onde você esteve, Christopher?
- Fiz uma viagem de negócios.
- Azeite de oliva ou sangue?

Keller ergueu uma sobranceira, indicando que era a segunda opção, e Gabriel balançou a cabeça em reprovação.

— Não dá para ganhar dinheiro cantando — disse Keller em voz baixa.

- Existem outras maneiras de ganhar dinheiro, sabia?
- Não quando o seu nome é Christopher Keller e você deveria estar morto. Gabriel tomou um pouco de vinho.

— Eu não incluí você na equipe porque precisava da sua ajuda — explicou ele depois de um instante. — Queria mostrar a você que há mais na vida do que matar pessoas por dinheiro.

- Você queria me restaurar? É isso que está dizendo?

— É um instinto natural.
— Algumas coisas estão além do reparo. — Keller fez uma pausa. — Além da redenção.
— Quantos homens você matou?
— Não sei. Quantos você matou?
— Para mim é diferente. Eu sou um soldado. Secreto, mas, ainda assim, um soldado. — Ele olhou para Keller, sério, por um momento. — E você também pode ser.
— Você está me oferecendo um emprego?
— Você precisaria se tornar um cidadão israelense e aprender a falar hebraico para trabalhar no Escritório.
— Eu sempre me senti meio judeu.
— Sim — disse Gabriel —, você já mencionou isso.
Keller sorriu, e caiu o silêncio. O vento da tarde começava a se intensificar.
— Existe outra possibilidade, Christopher.
— Qual?
— Você já reparou quem foi nomeado novo diretor-geral do

MI6?

Keller não respondeu.
— Eu posso falar sobre você com Graham. Ele pode lhe dar uma nova identidade. Uma nova vida.
Keller ergueu a taça de vinho na direção do vale.
— Eu tenho uma vida. Uma vida muito boa, na verdade.
— Você é um mercenário. Um criminoso.
— Eu sou um bandido de honra. Existe uma diferença.
— Como queira.
— Foi por isso que você veio à Córsega? Para me convencer a voltar para casa?
— Suponho que sim.
— Se eu deixar você restaurar o Cézanne, promete que me deixa em paz?
— Não — respondeu Gabriel.
— Então talvez seja melhor aproveitar o silêncio.

Três dias depois, Don Orsati convidou Gabriel a seu escritório para uma conversa. Não era de fato um convite que pudesse ser polidamente recusado. Era uma ordem shamroniana, gravada em pedra, inviolável.

— Que tal no horário do almoço? — perguntou Gabriel, sabendo que Orsati provavelmente estaria de bom humor naquele horário.

— Ótimo — concordou o don. Mas acrescentou, ameaçador: — Talvez seja melhor se você vier sozinho.

Gabriel saiu da casa pouco depois do meio-dia. O bode lhe deu passagem sem nenhum confronto, pois o reconheceu como um associado da linda mulher italiana. Os guardas em frente à propriedade também permitiram que ele passasse, pois Orsati avisara que o israelita era esperado. Encontrou o don em seu amplo escritório, curvado sobre os livros-razão.

— Como estão os negócios?

— Melhores do que nunca. Tenho mais pedidos do que seria possível cumprir.

Orsati não esclareceu se estava falando de sangue ou azeite. Conduziu Gabriel a uma sala de jantar; sobre a mesa, havia um banquete corso. Com portas caiadas e móveis simples, o cômodo lembrava a Gabriel a sala de jantar particular do papa no Palácio Apostólico. Havia até mesmo um crucifixo pesado de madeira na parede atrás do assento reservado para o don.

— Incomoda você? — perguntou Orsati.

— De forma nenhuma.

— Christopher me disse que você é familiarizado com igrejas católicas.

— O que mais ele disse?

Orsati franziu a testa, mas ficou em silêncio enquanto servia Gabriel com comida e vinho.

— Gostou da casa? — perguntou, por fim.

— É perfeita, Don Orsati.

— E a sua esposa está feliz aqui?

— Muito.

— Quanto tempo você pretende ficar?

— Pelo tempo em que eu for bem-vindo.

Estranhamente, o don nada respondeu.

— Será que a minha estadia já se alongou demais, Don Orsati?

— Você pode ficar aqui na ilha o tempo que quiser. — O don fez uma pausa. — Desde que não se envolva em questões que afetem os meus negócios.

— Obviamente você se refere a Keller.

— Obviamente.

— Não era minha intenção desrespeitá-lo, Don Orsati. Eu estava apenas...

— Envolvendo-se em questões que não lhe dizem respeito.

O celular do don vibrou suavemente. Ele o ignorou.

— Eu não o ajudei quando você veio para a ilha pela primeira vez em busca da garota inglesa?

— Ajudou.

— Não forneci Keller sem cobrar nada para ajudar a encontrá-la?

— Eu não teria conseguido sem ele.

— Não relevei o fato de nunca terem me oferecido parte do dinheiro que você recuperou?

— O dinheiro está na conta do presidente russo.

— Isso é o que você diz.

— Don Orsati...

Ele fez um gesto de desdém.

— Do que se trata, então? Dinheiro?

— Não — admitiu o don. — É sobre Keller.

Uma rajada atingiu as portas francesas que davam acesso ao jardim de Don Orsati. Era o libeccio, um vento do sudoeste. No inverno, normalmente trazia chuva, mas por ora o céu estava limpo.

— Aqui na Córsega — disse o don, após um momento de silêncio as nossas tradições são muito antigas. Por exemplo, um jovem nunca sonharia em propor casamento a uma mulher sem antes pedir sua mão ao pai dela. Você entende o meu ponto, Gabriel?

— Acredito que sim, Don Orsati.

— Você deveria ter falado comigo antes de conversar com Christopher sobre voltar à Inglaterra.

— Foi um erro da minha parte.

A expressão de Orsati se amenizou. Lá fora, o libeccio virou uma mesa e uma cadeira no jardim. Ele gritou algo para o alto no dialeto corso e, alguns segundos depois, um homem bigodudo com uma espingarda pendurada no ombro apareceu correndo no jardim para colocar a mobília no lugar.

— Você não sabe como o seu amigo Christopher estava quando chegou aqui do Iraque. Ele estava em frangalhos. Eu lhe dei uma casa. Uma família. Uma mulher.

— E trabalho. Bastante trabalho.

- Ele é muito bom no que faz.
- Sim, eu sei.
- Melhor do que você.
- Quem disse isso?

O don sorriu. O silêncio pairou e Gabriel aproveitou a pausa para escolher as próximas palavras com muito cuidado:

— Não é uma maneira adequada para Christopher ganhar a vida.

— “Quem mora em casa de vidro não deveria atirar pedras.”

— Eu nunca soube que era um provérbio corso.

— Todas as coisas sábias vêm da Córsega. — Orsati afastou o prato e apoiou os antebraços pesadamente na mesa. — Existe algo que você parece não compreender. Christopher é mais do que o meu melhor *taddunaghiu*. Eu o amo como um filho. E, se algum dia ele fosse embora... eu ficaria de coração partido.

— O pai biológico de Christopher acha que ele está morto.

— Não havia outra maneira.

— Como você se sentiria se os papéis fossem trocados?

Orsati não tinha resposta, então mudou de assunto:

— Você realmente acha que esse amigo seu da inteligência britânica estaria interessado em levar Christopher de volta para a Inglaterra?

— Ele seria um tolo se não o fizesse.

— Mas talvez ele se negue. E, ao discutir a questão, você pode pôr em risco a posição de Christopher aqui na Córsega.

— Eu vou fazer tudo de uma forma que não o ameace.

— Seu amigo é um homem de confiança?

— Eu confiaria minha própria vida a ele. Na verdade, já fiz isso muitas vezes.

Orsati respirou fundo, resignado. Estava prestes a dar sua bênção à proposta incomum de Gabriel quando o celular vibrou novamente. Dessa vez ele atendeu. Ouviu em silêncio por um instante, falou algumas palavras em italiano e desligou.

— Quem era? — perguntou Gabriel.

— Sua esposa — respondeu o don.

— Algo errado?

— Ela quer dar uma volta pelo vilarejo.

Gabriel começou a se levantar.

— Fique e termine seu almoço — disse Orsati. — Vou mandar dois garotos para ficarem de olho nela.

Gabriel se sentou. O libeccio estava provocando o caos no jardim. Orsati observou a cena em silêncio por um momento, triste.

— Continuo feliz por não termos precisado matá-lo, Allon.

— Garanto, Don Orsati, que o sentimento é mútuo.

O vento perseguiu Chiara pela trilha estreita, passando pelos gatos e pelas casas com as venezianas fechadas até alcançar a praça principal, onde rodopiou pelas construções e vandalizou as mesas de exposição dos vendedores. Ela foi para o mercado e encheu a cesta de palha com alguns itens para o jantar. Em seguida, sentou-se a uma mesa em uma das cafeterias e pediu um café. No centro da praça, alguns velhos jogavam boules em meio a minúsculos ciclones de poeira e, nos degraus da igreja, uma idosa vestida de preto passava um pedaço de papel azul para um garoto de cabelos castanhos bem compridos. Observando-o, Chiara sorriu com tristeza. Ela pensou em como o filho de Gabriel, Dani, seria agora se tivesse vivido até os 10 anos.

A mulher desceu a escadaria e entrou numa pequena casa torta. O garoto começou a atravessar a praça com o papel azul na mão. Para surpresa de Chiara, entrou na cafeteria onde ela estava e colocou o papel em sua mesa sem dizer uma palavra. Ela esperou o garoto partir antes de ler a única linha:

Preciso vê-la imediatamente.

Quando Chiara chegou, a signadora estava esperando à porta de sua casa. Ela sorriu, tocou-lhe a bochecha com delicadeza e conduziu-a para dentro.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou a velha.

— Tenho uma boa ideia.

— Seu marido falou de mim?

Chiara assentiu.

— Eu o avisei para não ir à cidade dos hereges, mas ele não escutou. Ele tem sorte de estar vivo.

— Ele é osso duro de roer.

— Talvez ele seja um anjo, afinal. — A senhora tocou o rosto de Chiara de novo. — E você também foi até lá, não é mesmo?

— Quem lhe disse que eu fui à Rússia?

— Você foi sem dizer ao seu marido — continuou a signadora, como se não tivesse escutado a pergunta. — Vocês ficaram juntos por algumas horas num quarto de hotel na cidade da noite. Você se lembra?

Ela sorriu, ainda tocando o rosto de Chiara. Então, afastou-lhe os cabelos.

— Devo continuar? — indagou a velha.

— Não acredito que você possa ver o passado.

— Seu marido foi casado com outra mulher antes de você — prosseguiu a signadora, como se tentasse provar que Chiara estava enganada. — Havia uma criança. Houve um incêndio. A criança morreu, mas a mulher, não. Ela ainda vive.

Chiara se afastou com um movimento brusco.

— Você o amou por muito tempo — continuou a velha —, mas ele não se casou com você por causa do luto. Ele a mandou embora, mas voltou numa cidade de água.

— Como você sabe disso?

— Ele fez uma pintura de você envolta em lençóis brancos.

— Foi um esboço — retrucou Chiara.

A mulher deu de ombros, indicando que aquilo não fazia muita diferença. Então, gesticulou na direção da mesa, onde havia um prato com água e uma vasilha de azeite ao lado de duas velas acesas.

— Não quer sentar? — perguntou ela.

— Prefiro continuar em pé.

— Por favor. Só vai levar um instante. E, então, eu saberei com certeza.

— Saberá o quê?

— Por favor — repetiu ela.

Chiara se sentou. A velha se acomodou à sua frente.

— Mergulhe o dedo no azeite. Depois, deixe três gotas caírem na água.

Chiara seguiu as instruções com relutância. Ao tocar a superfície da água, o azeite reuniu-se numa única gota. A velha teve um sobressalto e uma lágrima desceu por sua bochecha pálida.

— O que você vê? — perguntou Chiara.

A mulher segurou a mão dela.

— Seu marido está esperando na casa. Vá e diga a ele que vai ser pai de novo.

— Menino ou menina?

A signadora sorriu.

— Um de cada.

FIM

Nota do Autor

A versão da pintura Suzana e os anciãos que aparece na história não existe. Se existisse, seria uma ótima obra, assim como a que está no Museu de Belas-Artes em Reims, na França. Há de fato um edifício de calcário na rua Narkiss, em Jerusalém — aliás, vários. Mas não reside ali nenhum oficial da inteligência israelense chamado Gabriel Allon. A sede do serviço secreto de Israel não fica mais no King Saul Boulevard, em Tel Aviv. Mantive o endereço porque sempre gostei do nome. O bombardeio ao Hotel King David em 1946 é um fato histórico, embora Arthur Seymour — pai do oficial fictício do MI5, Graham Seymour — não tenha realmente presenciado a situação. Não há nenhuma exposição no Museu de Israel com os pilares do Templo de Salomão, pois nunca foi descoberta nenhuma ruína dele.

Existe um restaurante chamado Les Palmiers em Calvi, mas, até onde sei, nunca foi utilizado como ponto de encontro para dois espiões russos. A empresa Orsati Olive Oil foi inventada por mim, assim como o incidente de fogo amigo que levou Christopher Keller — que apareceu pela primeira vez em O assassino inglês — a deixar o Serviço Aéreo Especial e tornar-se um matador de aluguel na Córsega. Os que estão familiarizados com a ilha e suas ricas tradições vão notar que eu dei poderes à minha signadora fictícia que a maioria de seus colegas não professa ter.

A companhia de energia russa conhecida como Volgatek Óleo e Gás também não existe. Eu mexi nos tempos de voo da El Al entre Tel Aviv e São Petersburgo para atender às necessidades da minha operação. Os corajosos que visitam São Petersburgo no pesado inverno não devem tentar escalar a gloriosa cúpula da Catedral de Santo Isaac, pois ela fica fechada durante o tempo frio. Para constar: gosto muito do Café Nero na Bridge Street. Minhas sinceras desculpas aos hotéis Metropol, Astoria e Ritz-Carlton por executar operações de inteligência com base em suas instalações, mas tenho certeza de que não fui o primeiro.

Eu me esforcei para descrever de forma precisa a atmosfera dentro do número 10 da Downing Street, embora admita que, ao contrário de Gabriel Allon, nunca tenha passado pela barreira de segurança da Whitehall. Ao criar Jeremy Fallon, dei-lhe a ampla autoridade que o primeiro-ministro Tony Blair deu a Jonathan Powell, o chefe de gabinete verdadeiro. Tenho certeza de que a presença do brilhante e escrupuloso Powell ao lado de Lancaster teria prevenido

todo o caso sórdido retratado em A garota inglesa.

O aumento da espionagem por parte do serviço de inteligência russo contra alvos ocidentais tem sido bem documentado. Oleg Gordievsky, desertor da KGB, disse ao The Guardian recentemente que o tamanho da residência do SVR em Londres chegou ao nível da Guerra Fria. Gordievsky tem credibilidade para fazer essa declaração porque trabalhou para a KGB em Londres entre 1982 e 1985. Além disso, o MI5 chegou à mesma conclusão, então ele não está sozinho em sua avaliação. “É muito frustrante ainda ter que empregar um montante significativo de equipamento, dinheiro e pessoal para combater essa ameaça. São recursos que eu com certeza preferiria empregar para combater ameaças de terrorismo internacional”, disse o diretor-geral do MI5, Jonathan Evans.

Embora Londres ainda seja um eixo importante de atividade da inteligência russa, os Estados Unidos permanecem como o foco principal do Centro Moscovita. O FBI forneceu provas extensas desse fato em junho de 2010, quando prendeu dez espões russos que viviam no país sob disfarces não oficiais e ilegais havia muitos anos. Receosa de comprometer o tão anunciado “recomeço” nas relações com o Kremlin, a administração de Obama logo decidiu enviar os espões à Rússia como parte de uma troca de prisioneiros — a maior já realizada entre os dois países desde a Guerra Fria. Entre os espões, a mais conhecida era Anna Chapman, uma belíssima femme fatale que viveu em Londres muitos anos antes de se mudar para Nova York, trabalhando como agente imobiliária e acompanhante de festas. Desde que retornou à Rússia, Chapman apresentou um programa de TV, escreveu uma coluna no jornal e posou para a capa de uma revista de lingerie francesa. Ela também foi indicada para o conselho orientador da Guarda Jovem do partido Rússia Unida, uma organização pró-Kremlin afiliada ao partido que governa o país. Os críticos da Guarda Jovem frequentemente se referem à organização, em tons sombrios, como “Juventude Putinista”.

A maior parte da espionagem russa contra os Estados Unidos é de natureza industrial e econômica. As razões são dolorosamente óbvias: quase um quarto de século após o colapso da União Soviética, a Rússia continua sendo um país praticamente incapaz de se manter sozinho, bastante dependente de matérias-primas e, claro, de petróleo e gás. O presidente Vladimir Putin nunca manteve segredo sobre o que a energia significa para a nova Rússia. Na verdade, o Kremlin declarou em um documento de estratégia de 2003 que “o papel do país no mercado de energia global determina em grande parte sua influência geopolítica”. O governo, sabiamente, suavizou a linguagem para falar da importância do setor de energia russo, mas os objetivos permanecem os mesmos. Sem seu império e militarmente fraca, a

Rússia pretende ganhar poder no cenário mundial com petróleo e gás em vez de armas nucleares e ideologia marxista-leninista. Além disso, os gigantes estatais de energia não estão satisfeitos em operar apenas dentro da Rússia, onde a produção dessas commodities já se estabilizou. Eles passaram a adquirir ativos de upstream e downstream como parte do estratagema para se tornarem participantes reais do mercado de energia global. Em suma, a Rússia está tentando se transformar na Arábia Saudita euroasiática.

A gigante estatal russa Gazprom é a maior companhia de gás do mundo e suas receitas são a fonte de grande parte do orçamento federal anual do Kremlin. Muitas das antigas repúblicas soviéticas recebem todo o gás natural da Rússia, assim como a pequena Finlândia. Mais de quarenta por cento do produto da Alemanha vêm da Rússia; já na Áustria, a porcentagem chega a oitenta. Enquanto o avanço na tecnologia de perfuração leva mais gás ao mercado internacional, os gasodutos que ligam a Europa e a Rússia ajudam a garantir a posição dominante da Gazprom nos próximos anos. E seus muitos clientes europeus devem lembrar que a empresa operou como instrumento de repressão política em 2001, quando comprou a NTV, a única opção de transmissão nacional independente e uma feroz crítica de Putin e do Rússia Unida. Agora, a perspectiva editorial da NTV é seguramente pró-Kremlin.

Após um breve período como primeiro-ministro, Putin foi eleito para um terceiro mandato como presidente da Rússia em março de 2012. Ex-agente da KGB, encontra-se em posição para governar, pelo menos, até 2024 — período maior do que Leonid Brejnev e quase tão longo quanto o de Joseph Stálin. Obviamente, nem todos os russos apoiam seu apego ditatorial ao poder, porém cada vez mais vozes da oposição estão sendo silenciadas, às vezes de forma violenta. Em novembro de 2009, Sergei Magnitsky — advogado e contador moscovita que fez acusações de desfalque a policiais e funcionários da receita federal — morreu de repente numa prisão russa, aos 37 anos. O incidente provocou condenação e sanções dos Estados Unidos. Agora o Kremlin está de olho em Alexei Navalny, o dissidente mais proeminente e líder do movimento de protesto que varreu o país após o retorno de Putin à presidência. No momento em que escrevo esta nota, ele aguarda julgamento por acusações de desvio de dinheiro — acusações que Navalny e sua legião de apoiadores denunciaram como politicamente motivadas. Caso seja condenado, pode passar dez anos na prisão, onde não será uma ameaça a Putin e aos seus companheiros siloviki no Kremlin.

Na nova Rússia de Putin, com demasiada frequência, as penas de prisão com qualquer tipo de duração equivalem a uma sentença de morte. De acordo com as autoridades russas, 4.121 pessoas morreram

sob custódia do governo só em 2012, porém advogados pró-democracia dizem que é provável que o número real seja muito maior. Isso pode explicar por que Alexander Dolmatov, ativista pró-democrata russo, se suicidou no centro de detenção de Roterdã em janeiro de 2013. Com medo de ser preso e julgado na Rússia, ele voou para a Holanda em busca de asilo político. Quando sua solicitação foi negada, enforcou— se na cela. O governo holandês disse que o suicídio de Dolmatov não teve nada a ver com a negação do asilo. Os amigos dele no movimento de oposição não compartilham dessa opinião.

Os nomes de Magnitsky, Navalny, Dolmatov são conhecidos no Ocidente, mas existem muitos outros que já definharam nas celas das prisões russas por terem ousado erguer um cartaz de protesto ou escrever um blog criticando Vladimir Putin. Na Rússia, a intensificação do autoritarismo continua. E os gigantes do petróleo e do gás do Kremlin estão pagando a conta.

Daniel Silva, Washington, D.C., abril de 2013

Digitalização

SHEILA/EXPRESSO

